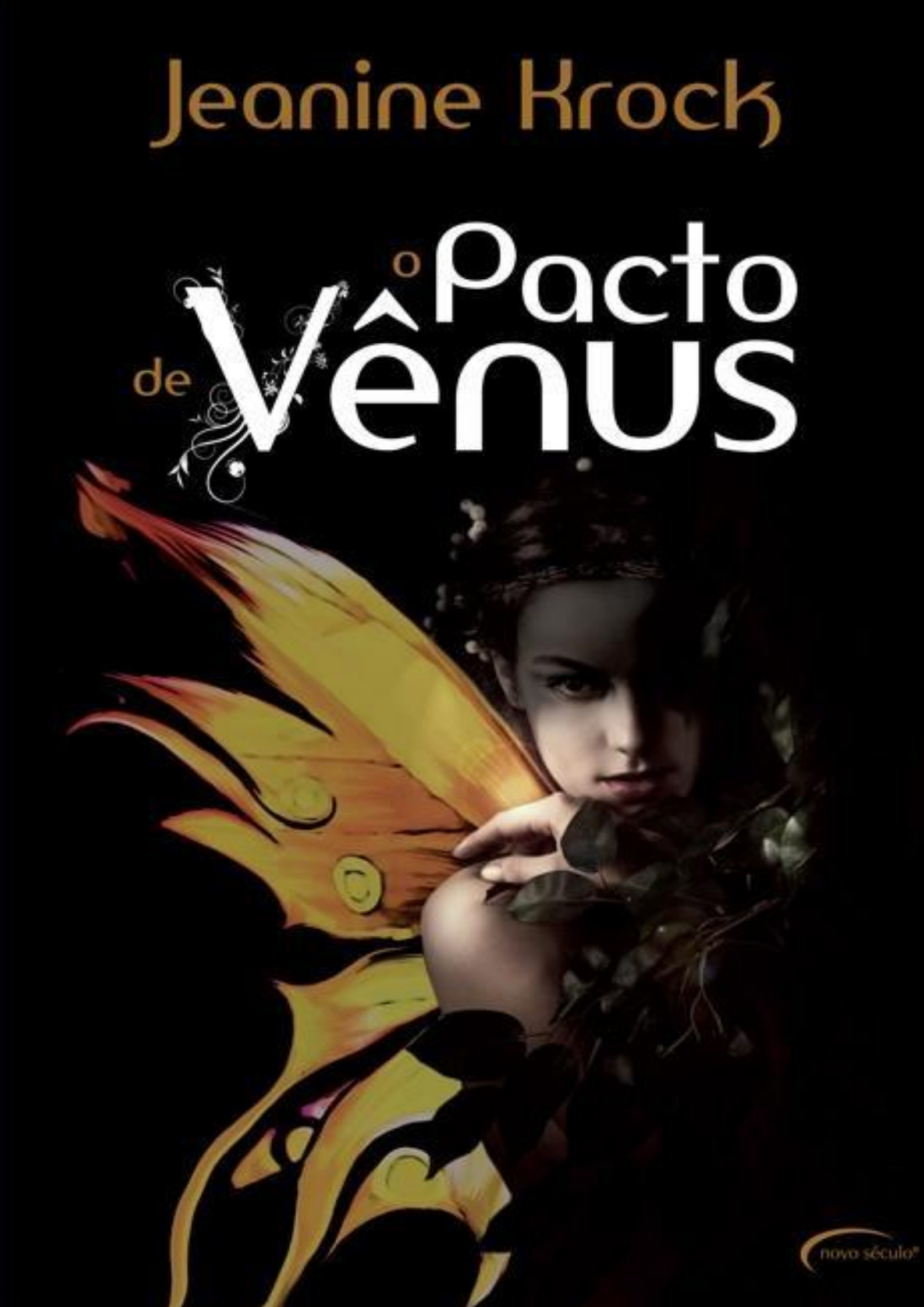
Jeanine Krock

O Pacto de Vênus



novo século

O Pacto de Vênus

Jeanine Krock

A casa de meus pais tinha uma varanda maravilhosa, envolta por roseiras, e os cômodos altos e iluminados eram revestidos com um assoalho aconchegante que rangia sob nossos pés.

O cheiro da cera de abelhas usada para a conservação dos móveis também faz parte das recordações da minha primeira infância, assim como a magia. Muito cedo aprendi a ler o pensamento alheio e frequentemente surgiam os mais espetaculares seres do além para brincar ou fazer travessuras comigo.

Atrás da casa ficava o jardim de ervas. Com seus canteiros cercados pela sebe de buxo, parecia-se mais com um labirinto aromático. Lembro-me de que nós, meninas, sempre ajudávamos a cuidar dos canteiros, e assim íamos aprendendo tudo sobre flores, ervas e plantas medicinais.

Como mamãe parecia linda quando vinha do jardim com os cabelos desgrenhados e com as mãos sujas de terra e, um pouco sem fôlego, depositava o cesto com sua colheita sobre a mesa polida da cozinha! Às vezes, nessas ocasiões, papai juntava-se a nós. Ele rodopiava mamãe, dava-lhe um beijo e depois nos erguia em seus braços fortes, dizendo:

– Amo minhas lindas mulheres!

Mas isso foi em outra vida.

Praticamente não me ocupei mais com a magia desde a morte de meus pais. A magia não pôde ajudá-los. Pelo contrário, estou convencida de que ela foi a razão pela qual eles morreram tão cedo.

Desde então, sinto que meus talentos mágicos são uma maldição. Muitas pessoas se sentem demasiadamente mal em minha presença. Elas percebem que sou diferente e me evitam. Tia Jill, que cuidou de nós quando éramos crianças, diz que isso não precisa ser necessariamente assim. Eu deveria aprender a controlar as minhas forças. Eu mesma seria a responsável por ter-me tornado uma estranha no ninho.

Aparentemente minhas irmãs não têm esse problema. Estelle é forte, autoconfiante e inteligente. Penso que domina bem a sua magia. No entanto, nunca a questionei.

Selena ama a natureza, especialmente os animais. Não consigo imaginar como os bichos sempre conseguem achar o caminho até ela. Frequentemente surgem em sua casa gatos sem rabo, cães com apenas um olho e pássaros que não conseguem voar, animais que ela acolhe. Cuida deles carinhosamente, com a ajuda de estranhas poções de ervas que ela mesma prepara, e depois os deixa novamente em liberdade.

Não sei se foi porque minhas irmãs ainda eram muito pequenas para realmente compreender a perda dos pais. Elas pareciam continuar vivendo

como se nada houvesse mudado, e eu fiquei ressentida. Desde aquele dia terrível, não conseguimos mais nos entender bem, e eu fiquei feliz por poder mudar para outra cidade por causa de meus estudos.

Selena permaneceu com Jill e a auxilia na pequena livraria. Estelle atualmente vive em Paris. Às vezes me envia um e-mail. Parece que é feliz.

É triste, mas temo que a única coisa a nos unir seja o gosto musical. Admiro as gêmeas quando, à noite, vão a um dos clubes noturnos de nossa cidade natal. Há anos tia Jill se queixa sobre essa minha tendência mórbida, como ela a define, e pede que eu sirva de exemplo para as duas e me permita um pouco de diversão.

Quando tia Jill telefonou, eu estava preparada para tudo. Há dias uma sensação desagradável de que algo de anormal estava por acontecer me atormentava, e por isso fiquei decepcionada quando ela quis saber, como de costume, o meu estado de espírito e, depois, cautelosamente perguntou:

– Nuriya, você não quer nos fazer uma visita? Já faz tanto tempo que você não vem!

– Tiazinha! O que é que você está precisando dessa vez? Que eu escreva convites para a festa anual, conserte o seu computador ou a ajude no inventário?

– Nada disso!

– Você está doente? Sua voz está meio estranha!

Jill pigarreou.

– Você sabe que há tempos sonho em fazer uma viagem aos lugares mágicos desta terra.

– E agora você ganhou na loteria e quer viajar junto com todo o clube das bruxas? – Com essa pergunta, eu pretendia confirmar uma ideia repentina surgida em minha mente, mas ela me pareceu tão absurda que precisei rir.

– Nuriya, que maravilha! Eu sabia que um dia você voltaria à magia. Selena ficará muito feliz se você puder ajudá-la a cuidar da livraria durante a minha ausência.

Será que meus dons haviam ficado tão fortes que funcionavam até através do telefone? Ou será que, nesse caso, um pequeno feitiço de minhas irmãs havia colaborado?

– Mas eu não tenho a mínima noção de todo este troço esotérico! – Até mesmo aos meus ouvidos minha voz pareceu estridente.

Tia Jill ignorou a observação pejorativa.

– Você só precisará conferir, às vezes, se está tudo em ordem. Todo o restante Selena fará. Já conversei com ela. Você verá... – acrescentou confiante – tudo correrá bem!

– Se você acha – respondi sem convicção. Mas como resposta ouvi apenas o sinal de linha do telefone.

Após o telefonema fui correndo até meu lugar preferido, à beira do rio. O banco do parque era escondido e ficava encostado em um velho teixo. A árvore era robusta, e daqui se tinha uma vista deslumbrante sobre as águas largas, que deslizavam preguiçosamente. Eram poucos os que conheciam esse lugar.

Com as pernas erguidas, o queixo apoiado sobre os joelhos, eu observava um grupo de patos mergulhando em busca de alimento, sempre atentos para não invadirem o território dos elegantes, porém agressivos, cisnes. Os patos eram meus amigos e nunca me esquecia de trazer-lhes um pouco de pão.

Titia tinha razão. Fazia uma eternidade que eu havia saído de casa. Depois do exame final, os meus poucos conhecidos haviam se espalhado pelo mundo para continuar os estudos, como eu. Meus contatos sociais limitavam-se basicamente ao bom-dia dado ao vendedor de jornais e aos telefonemas regulares com tia Jill. Com exceção de alguns encontros furtivos, praticamente não tinha vida amorosa.

Uma olhada no espelho me mostrava diariamente a razão disso – quero dizer, sem considerar a perturbação que minha presença causava nos mortais normais. Eu era pálida como um fantasma. Meu rosto era dominado por dois olhos afastados demais e uma boca definitivamente muito grande. Além disso, o meu traseiro era muito grande, tinha as mãos fortes – "atarracadas" como meu pai sempre as definia – e nem gostava de pensar nos meus cabelos vermelhos e rebeldes.

Afinal, o que me impedia de voltar? Eu me sentiria bem na casa de meus pais, sobretudo porque ainda tinha meu próprio quarto, que sempre havia sido uma fortaleza aconchegante contra tudo de ruim e inquietante. Graças à internet e ao meu novo Mac, eu poderia continuar trabalhando lá, e Selena, de qualquer forma, estaria fora a maior parte do tempo. Além disto, havia uma considerável porção de consciência pesada. No passado, Jill esteve ao meu lado como uma boa amiga, e, apesar de minhas animosidades, fez de tudo para tornar mais suportável para nós a dolorosa perda de nossos pais. Era tempo de retribuir.

Tia Jill organizou sua viagem pelo mundo tão apressadamente que já havia partido quando saí para passar o ano seguinte como gerente de uma pequena livraria.

Em vez de ser recepcionada por um táxi, fui recebida no aeroporto por um vento gelado. Como era de se esperar, Selena não havia aparecido para me buscar. Por isso, corri até o ponto e consegui alcançar o ônibus que se preparava para sair. Por sorte, não tinha muita bagagem.

Hoje pela manhã, entregara as chaves nas mãos da nova moradora do meu pequeno apartamento. Meus poucos pertences haviam sido retirados por uma transportadora no dia anterior.

Ao avistar as velhas casas geminadas em estilo enxaimel de minha cidade natal, que cuidadosamente reformadas ladeavam as ruas, senti de repente um tremor familiar na região do estômago, o que acontecia geralmente como prenúncio de acontecimentos extraordinários.

Quanto mais me aproximava do meu destino, mais evidentes ficavam as mudanças que haviam ocorrido no bairro. Árvores haviam sido plantadas e os carros estacionados, banidos para uma garagem subterrânea. Muitas lojas novas e cafeterias atraíam uma quantidade incomum de transeuntes para esse horário. Não havia dúvidas de que essa região estava na moda e, curiosamente, isso não me agradava nem um pouco. Sentia-me uma estranha, lesada em uma

lembrança de juventude, excluída e solitária. Oprimida, passava por transeuntes alegres, até que finalmente parei em frente à livraria de minha tia.

Uma luz aconchegante vinha de dentro e caía sobre os paralelepípedos da calçada. Curiosa, olhei através da janela quadriculada. Por cima dos caros livros de ilustrações ali expostos, um aviso prometia outras preciosidades no interior da loja e chamava a atenção para o sebo bem diversificado.

– Aqui também ocorreram mudanças – murmurei mal-humorada ao subir, finalmente, os três degraus de pedra que davam entrada à loja, que, em outros tempos, já estaria fechada neste horário. Mas, mal havia entrado, um aroma delicado de incenso, ervas e papel velho me arrebatou. Nem tudo havia mudado. Respirei fundo, fechei os olhos por um instante e senti que estava em casa.

Mas então notei ruídos estranhos que pareciam vir do jardim de inverno, situado na parte de trás da loja. Curiosa, contornei mesas cobertas de livros e, aparentemente sem ter sido notada pelos visitantes, passei a ser ouvinte de um evento literário. Com voz serena, Selena lia ternos poemas sobre a magia do amor e parecia um ser totalmente extraterrestre, vindo de outra dimensão.

Minha pequena e tímida irmã irradiava uma autoconfiança que até então eu só conhecia em Estelle. Enquanto tentava imaginar o que poderia ter causado essa mudança tão visível, o meu olhar deslizava sobre o público. À minha frente, estavam pelo menos trinta góticos, acocorados como corvos, concentrados na apresentação.

Com cuidado, coloquei minha bolsa de viagem no chão. O ruído fez com que uma ouvinte virasse para mim com olhar de censura.

A leitura terminou logo em seguida e os convidados aplaudiram. Alguns se puseram a caminho de suas casas, outros se espremiam diante do pequeno palco na esperança de trocar algumas palavras com a leitora.

Selena.

Sem pensar, eu havia lhe enviado uma mensagem telepática. Em meio à conversa, ela ergueu o olhar e me viu. Foi como se o mundo houvesse parado por alguns instantes e duas almas irmãs tivessem se reencontrado. A magia dançava ao redor de seus cabelos, negros como a noite, e minha irmã mais flutuava do que andava ao meu encontro, estendendo os dois braços enquanto falava com voz melodiosa:

– Bem-vinda ao lar!

– Desde quando são realizadas leituras *gruftie* aqui?

Uma visitante arregalou os olhos para mim, sem compreender.

– Que foi? – falei por entre os dentes, e pude prazerosamente observar como os demais convidados deixavam apressadamente a loja. Quando o sino de porta finalmente silenciou, virei-me novamente para Selena:

– Conversaremos amanhã às nove horas. Pontualmente! – Apanhei então minha bolsa, saí correndo e tomei o primeiro táxi até a casa da minha família.

Isso não foi gentil!

Não era a primeira vez que eu desejava que essa voz se calasse. As visões, a entrada repentina nas mentes alheias, a magia – tudo isso eu havia conseguido

reprimir e esquecer nos últimos anos. Só essa maldita essência não parava de me dar conselhos em qualquer ocasião, mesmo sem ter sido solicitada. Desde que eu consigo me lembrar, ela me acompanhava e criticava minhas decisões, mas também me consolava quando as preocupações e a solidão se tornavam grandes demais.

Quem é você? – eu havia perguntado quando criança. Excepcionalmente a voz incômoda calou-se naquela ocasião, de forma que lhe dei o primeiro nome que me veio à mente: Ninsun.

Ela parecia estar de acordo – pelo menos nunca reclamava – e invariavelmente estava ao meu lado, mesmo se algumas vezes eu tentasse ignorá-la.

Você não devia tê-la magoado desse jeito.

Mas você não viu? Selena se comportava como se estivesse aqui em casa! Eu odiava discutir com Ninsun. De alguma maneira ela sempre conseguia colocar as coisas da forma como queria e, ainda por cima, na maioria das vezes ficava com a razão!

Está com ciúmes?

Eu ignorei a objeção. *E a sua aparência! Ela espanta os clientes.*

Pareceu-me que, para o horário, havia excepcionalmente muitas pessoas na loja.

Todos loucos!

Não seja tão provinciana! Será que preciso lhe lembrar quem é que prefere usar apenas roupas escuras na esperança de se tornar invisível?

Fugi para meu velho quarto e bati a porta com raiva atrás de mim. Na minha mente, podia ouvir uma risada baixinha, mas Ninsun não disse mais nada.

Como durante toda a visita, fui recepcionada pelos odores tranquilizadores da infância e, pouco depois, bem menos agitada, deixei-me cair na cama recentemente arrumada. Logo um molho de chaves batia contra a porta da casa e, em seguida, percebi os passos leves de Selena e o ranger familiar da escada de madeira.

– Nuriya, você ainda está acordada? – perguntou, com voz suave, a minha irmã. Covardemente fiz de conta que já dormia. Os ruídos na casa silenciaram logo, mas eu ainda rolei por muito tempo na cama, sem conseguir dormir.

Selena já havia saído quando acordei na manhã seguinte. Depois de uma ducha relaxante, tirei um jeans e um blusão confortável da minha bolsa de viagem e me meti neles. Rapidamente ainda domei meus cabelos da forma habitual, trançando-os firmemente, e de meias deslizei até a cozinha inundada pela luz. Sobre a mesa, havia flores, e a geladeira estava bem abastecida. Com uma grande xícara de chá nas mãos, esperava que a torradeira fizesse as fatias crocantes saltarem, e com um canto do olho espiava curiosa o quarto de trabalho.

Lá estava a minha prancheta de desenho, já montada, ao lado do cavalete de Jill. As caixas com a mudança não podiam ser encontradas em lugar algum na casa, e mais tarde uma olhada em meu guarda-roupa confirmou a minha suspeita de que ele já continha todas as minhas roupas, empilhadas e

dependuradas de forma organizada. Como já fazia algumas semanas que a tia saíra de viagem, isso tudo só podia ser obra de Selena.

Que diabos tinha acontecido comigo ontem?

Afinal, para poder organizar minha mudança, eu havia deixado Selena sozinha com a loja por um bom tempo, e nem mesmo a informei dos dados exatos da minha chegada. Não me admira o fato de ela não ter ido me buscar, pensei envergonhada.

E agora eu encontrava a nossa casa arrumada e convidativa, como de costume, apesar dela aparentemente ocupar-se não só das vendas como também das leituras. Eu mesma não havia alertado sempre para o fato de que tais eventos eram muito importantes para o faturamento?

Excepcionalmente Ninsun não fez nenhum comentário.

Finalmente recobrei o ânimo e segui pelas ruas matutinas até a loja. Um pouco triste, abri a porta e um som familiar me saudou.

As paredes haviam sido pintadas recentemente e pequenos refletores foram embutidos no teto, o que dava a impressão de luz solar. De alguma forma, tudo parecia mais claro e mais moderno, sem que isso afetasse a atmosfera dos velhos cômodos de décadas de idade. O estoque também havia mudado. Ao invés de livros encalhados empoeirados, valiosos livros ilustrados acumulavam-se agora nos expositores e, na parte posterior da loja, descobri uma boa variedade de livros técnicos antigos. Numa sala anexa, que foi acrescentada, encontrei finalmente a loja de tia Jill assim como a tinha na lembrança. Sob o teto, pendiam ramos de ervas secas; em prateleiras corroídas por cupins, encontrei cartas de tarô, bolas de cristal enormes, pêndulos e amuletos, tudo enfileirado ao lado de estátuas grandes e pequenas de deuses com olhar sério. Quando crianças, sempre nos sentíamos especialmente bem nessa atmosfera e apreciávamos a sensação de medo ao imaginar o que estaria armazenado nos inúmeros vidros e jarros. A divisão entre a livraria moderna, que se encaixava perfeitamente na vizinhança chique, e a loja de bruxaria original foi solucionada, em minha opinião, de forma extremamente elegante. Tia Jill acompanhou o espírito da época sem precisar abrir mão de sua paixão. Eu estava impressionada.

Ao entrar no jardim de inverno iluminado onde Selena havia feito a leitura ontem vi minha irmã debruçada e concentrada sobre uma pilha de notas. Eu me preparava para tossir levemente, para me fazer notar, quando ela ergueu graciosamente a cabeça, olhou para mim sorrindo e apontou para a poltrona ao seu lado.

– Estou quase terminando! Quer um chá?

Suprimi irritada minha raiva, que fervia novamente, e me contive.

O que ela estava pensando, olhando para mim com tanta compaixão?

Aninhada confortavelmente na poltrona, eu a observava por cima da borda da minha xícara de chá. Essa criatura particularmente estranha tinha tudo o que eu desejava. Ela demonstrava autoconfiança e era, a julgar pelas mudanças na loja, muito eficiente. Além disso, ainda possuía uma aparência encantadora. Só o seu cabelo já era um sonho! Sedosamente, ele deslizava sobre seus ombros estreitos até quase alcançar a cintura. Selena era tão pálida quanto eu, mas nela

a pele clara produzia um efeito completamente etéreo e lhe dava um ar aristocrático. Suas mãos finas deslizavam agilmente sobre o teclado do laptop e, mesmo sem as linhas insinuantes de seu vestido preto, sua figura não poderia ser definida de outra forma a não ser como perfeita.

Quando Selena finalmente colocou os papéis de lado, tentei fazer minha voz soar amistosa:

– Bom dia. Você veio cedo para cá.

Aparentemente isso soara como nova censura aos seus ouvidos. Admirada, ela ergueu o olhar, mas depois disse:

–Acho que preciso me desculpar. Você não sabia da leitura e com certeza ficou surpreendida.

– Com certeza. Talvez deva familiarizar-me primeiro com as mudanças na loja, e então podemos elaborar um cronograma para as próximas semanas.

Trégua.

– Céus, Nuriya! O que é isto? – perguntou-me Selena, quando poucos dias depois entrou agitada na loja e viu uma caixa velha. Seu jeito amistoso sempre me irritava. Até agora, não tinha conseguido descobrir o que havia desencadeado essa mudança na aura de minha irmã. Senti o rubor subir ao meu rosto e retruquei de forma impertinente:

– Você não vai acreditar, mas esta caixa contém livros. Eu os consegui por um preço muito bom.

No íntimo, eu me condenava pela compra impulsiva. Simplesmente não consegui dizer "não" quando aquele homem pobre e velho me implorou para ficar com os livros. Ao menos, eu teria material de leitura por muito tempo, pois numa rápida olhada na caixa eu havia detectado alguns romances de vampiro, bastante manuseados, pelos quais eu nutria uma paixão secreta. Mas isso não deveria servir como desculpa pelo preço alto demais pago por mim. Lentamente comecei a achar que, como gerente, estava no lugar errado.

Mas eu não queria admitir tudo isso e então resmunguei:

– Além disso, quero pedir-lhe que, de agora em diante, apareça com trajes menos chamativos! As pessoas se assustam quando te veem!

Por um instante, Selena me olhou estupefata. Sem dizer uma palavra, passou a ocupar-se com o balanço mensal.

Eu revirava irritada a caixa de livros e me esforçava para não dar ouvidos aos comentários de Ninsun a respeito de meu novo ataque de hostilidade. Finalmente encontrei alguns títulos interessantes e, com eles, deixei furiosamente a loja.

Depois de ter andado por algum tempo pelas ruas, compreendi que, sem importar os reais motivos de meu humor azedo, eu precisava fazer algo para combatê-los.

Mal tinha tomado essa decisão, vi-me no pátio de uma antiga fábrica, na qual Tao, minha treinadora de artes marciais, tinha sua escola. Meu subconsciente era definitivamente mais decidido do que eu.

A expressão no rosto de Tao não mudou, mas seus olhos demonstraram alegria quando secamente me ordenou que trocasse de roupas.

Então lutei. Obstinada, mas sem chances, tentava atacá-la. Apesar de conseguir esquivar-me de seus ágeis ataques, atuava de forma rígida e desajeitada.

– Nuriya, você esqueceu tudo? – perguntou-me depois de meia hora, quando eu já me encontrava largada na esteira, suada, com o rosto vermelho e a respiração ofegante.

– É o que parece – disse com um sorriso torto, e por um instante fechei os olhos.

– Você está desequilibrada. Vá para casa e faça seus exercícios. Espero você amanhã depois do pôr do sol para treinarmos.

Com essas palavras, fui dispensada.

Capítulo 1

Os pubs estavam fechados havia muito tempo. A névoa subia do rio, alastrando-se pelas vielas da parte antiga da cidade; subitamente, ouviu-se um grito estridente. O caçador ficou imóvel, ergueu brevemente a cabeça em atitude de espreita e aspirou o ar fresco da noite, como se pudesse pressentir o medo da vítima.

Antes que a mulher pudesse gritar por socorro pela segunda vez, Kieran já estava junto dela. Ele agarrou o agressor corpulento pelo pescoço e o puxou para trás, como se ele fosse apenas um parasita incômodo.

– Corra! –, sussurrou com voz rouca. Depois de hesitar, paralisada pelo medo, ela juntou os pedaços de sua blusa rasgada sobre os seios nus e sumiu na escuridão, só se ouvindo os saltos de seus sapatos. Kieran a seguiu com o olhar, até que um ruído gorgolejante fez com que se lembrasse do estuprador que se agitava em sua mão. Enojado, deixou-o cair.

Mas o homem era persistente. Praguejando, colocou-se em pé de um salto e tentou atingir Kieran com um golpe violento.

Com uma mão, ele interceptou o soco. Sorrindo, esmagou vagarosamente a mão do agressor, até que ele, gemendo, descesse ao chão. Novamente pegou o sujeito pela gola, ergueu-o até a altura de seus olhos e fixou nele o olhar ameaçador. Kieran podia imaginar o que o homem via em seus olhos e o que o destituía de qualquer tipo de reação. Com satisfação, registrou como a cor desaparecia da face da vítima.

Ele podia sentir como seus dentes caninos cresciam e, com um movimento aparentemente suave de sua mão, obrigou a vítima a inclinar a cabeça para o lado. Há alguns dias ele não caçava, e o pulso nervoso sob a pele pálida o deixava tão excitado, que ele não conseguia mais distinguir se era o rumorejar do seu sangue ou o da vítima que abafava todos os demais sons.

Com um grunhido, enterrou seus dentes na carne macia, começou a beber avidamente e perdeu-se imediatamente no turbilhão sedutor da pulsação. O coração pulsava cada vez mais rápido, e cada vez mais apavorado bombeava o sangue precioso através da ferida aberta.

E Kieran desejava beber ainda mais, perder-se no instante proibido de pura felicidade e nele encontrar esquecimento, nem que fosse apenas por um piscar de olhos da eternidade. Mas, antes do que desejasse, o sangue corria mais devagar, o ritmo vibrante ficava mais lento, até que silenciou por completo. Decepcionado, Kieran deixou o corpo mole de sua vítima escorregar até o chão, encostou-se levemente atordoado no muro frio e limpou sua boca com as costas da mão. Há muito tempo não perdia o controle e matava dessa forma. Ele teria de se responsabilizar por isso.

Uma risada sinistra soou. Somente agora sentia a presença deles. Estavam em cinco, e o atacaram imediatamente. Kieran eliminou o primeiro adversário com um golpe preciso. Sua bota atingiu o segundo de forma tão dura no queixo,

que o ruído desagradável de um pescoço quebrado pôde nitidamente ser ouvido.

Os outros três agressores aproximaram-se juntos. Seus longos casacos de couro, inflados pelo vento, davam-lhes a aparência de heróis sujos do oeste.

Encontravam-se, agora, por cima dele.

Kieran rodopiou, agarrou o homem do meio pelos longos cabelos e o arremessou em um grande arco contra a parede da casa, fazendo-o deslizar sem vida até o chão.

Rapidamente se virou na direção dos dois outros adversários, para também imobilizá-los, quando sentiu uma espécie de raio atravessar o seu corpo, queimando-o. Por um instante, a dor que sentiu fez com que quase tropeçasse.

Uma estrela ninja afiada estava encravada no ombro de Kieran, de onde partia um ardor que literalmente corroía o seu corpo: veneno!

Por alguns instantes, seu rosto deve ter demonstrado surpresa, pois seus adversários riram satisfeitos e se atiraram sobre ele com um grunhido maldoso, sem dúvida com a intenção de desferir o golpe fatal. Mas, não sem motivo, Kieran era conhecido como um dos melhores lutadores entre os vingadores, um lendário grupo de elite que, por ordem do conselho, zelava pelo cumprimento das regras.

O treinamento realizado por séculos permitia-lhe transformar a dor em uma fonte de energias. Ele agarrou os dois com tanta determinação que os seus dedos, curvados, como perigosas garras, cravaram-se fundo em seus ombros. Ao fundir-se com as sombras da noite, tentando apagar os seus rastros para que os agressores não conseguissem segui-lo, praticamente não ouvia mais o estilhaçar de seus crânios batendo um no outro.

Mas quanto a apagar os rastros, não precisava preocupar-se, pois os membros da gangue de vampiros, que vagarosamente voltavam a si, teriam muito a fazer para esconder a sua própria presença dos mortais, que já olhavam curiosos pelas suas janelas, atraídos pelos ruídos de luta.

Ao longe, soava uma sirene de polícia quando os soldados vampiros, envoltos em sombras impenetráveis, foram levados de volta aos seus alojamentos. Lá poderiam cuidar de suas feridas.

Somente um vampiro muito poderoso possuía energia mágica o suficiente para conseguir levar, dessa forma e com segurança, dois camaradas feridos.

O veneno queimava como os fogos eternos do inferno no corpo de Kieran, enquanto ele procurava abrigo na segurança de sua casa.

Donates! Que tal passarmos a noite juntos de novo?

Kieran? Por um momento, a voz do amigo soou perplexa. Então uma risada alegre formou-se em seus pensamentos. *Viremos com prazer!*

Exausto, Kieran deixou sua cabeça latejante cair sobre os travesseiros macios de sua cama. Chamar ajuda custou-lhe praticamente as últimas reservas de força. Antes que ele perdesse a consciência, os dois vampiros já estavam à sua frente; provavelmente já estavam por perto.

Angelina emitiu um som abafado quando viu Kieran deitado em sua larga cama, no seu quarto enorme, e correu imediatamente para o vampiro gravemente ferido. Ela estendeu a mão para apanhar a perigosa arma que

estava profundamente encravada no ombro de Kieran. Mas Donates colocou-se à sua frente e disse rispidamente:

– Não toque nele!

Indignada, ela olhou para o seu companheiro:

– Ele está ferido!

– Isto eu também vejo. Mas o *shuriken* está envenenado!

– *Shuriken*?

– Donates tem razão. A estrela ninja... – Quase não se podia mais entender Kieran, e a sua respiração era ofegante. – Está se espalhando tremendamente rápido – sussurrou ele.

– Não fale! Eu vou colocar você em transe de cura e, junto com Donates, tentar neutralizar o veneno.

Para tranquilizá-lo, Angelina colocou sua mão fria sobre a testa quente de Kieran e imediatamente seus olhos se fecharam. Ele ainda gemia, depois silenciou.

– Não temos muito tempo. Donates, por favor, acenda as velas!

Ao receber o estranho convite de Kieran, Angelina imediatamente soube que algo não estava em ordem, e trouxe sua bolsa de emergência, sempre pronta, junto com algumas embalagens bem refrigeradas do melhor sangue. As velas começavam a exalar o seu aroma curador e Angelina olhou Donates interrogativamente. Ele meneou a cabeça e disse:

– Nós vamos juntos.

– Isso não é possível! Você precisa ficar aqui, caso algo dê errado.

– Nós vamos juntos, ou então não iremos!

– Você está com ciúmes? Por acaso é porque ele é um vingador?

– Isso é ridículo! – resmungou Donates, e Angelina imediatamente sabia que a sua suposição estava correta.

Donates assumiu aquela expressão determinada, deixando claro a Angelina que não estava disposto a negociar:

– Angel, nós não conhecemos este veneno. Eu jamais exporia você a este perigo! – E olhou constrangido: – E, além disso, depois de uma cura tão trabalhosa, você estaria para sempre ligada a Kieran, de uma forma especial. Você já deveria me conhecer bem o suficiente para saber que isso não me agrada. Ou ele recebe a nós dois ou a ninguém.

Kieran gemeu baixinho.

– Se ficarmos discutindo por mais muito tempo, o assunto vai se resolver sozinho! – resmungou Angelina. Ela não queria admitir que a preocupação de Donates com a sua segurança era a razão do nó na sua garganta. Como era possível que, mesmo após vinte anos, ela amasse cada vez mais esse vampiro?

Ela tossiu levemente:

– Então nós precisamos de Nik. Ele precisa nos monitorar.

Donates estava de acordo. Seus contornos reluziram como prata líquida, antes de desaparecer para buscar Nik, um vampiro muito mais jovem que, sozinho, jamais conseguiria romper a barreira mágica que protegia contra intrusos a casa de Kieran. Só os vampiros mais experientes dominavam esse

tipo de magia, e Kieran era um deles. A pele de Donates formigava de forma desagradável quando finalmente retornou com Nik.

Nik se sacudiu como um gato molhado e praguejou:

– Que feitiço horrível! É assim que se recebem os convidados? – Então viu, atônito, o vampiro inerte deitado ali. – O que foi que aconteceu com este aí?

– Ele foi envenenado. Mas nós não conhecemos este veneno e é por isto que vamos tentar curá-lo juntos. E Nicholas... Ninguém pode saber disso!

Nik ergueu as mãos de forma defensiva, enquanto dava um passo para trás:

– O que você pensa? Que eu quero morrer? Os meus lábios estão selados!

Eram apenas poucas coisas que ele respeitava. Ele, que havia crescido dentro de uma democracia no século XX, abominava a estrutura monárquica que marcava a sociedade oculta dos vampiros. Ele se perguntava, secretamente, como este Donates, tão despreocupado e alegre, podia ter amizade justamente com um sujeito tão obscuro, que provavelmente entrava em sua cova para rir.

Donates balançou satisfeito a cabeça e juntou-se a Angelina no antiquíssimo canto ritual, até que os dois médicos vampiros se fundiram em um único ser de pura energia diante dos olhos de Nik. Era visível a magia que envolvia o corpo sem vida de Kieran e que suavemente penetrava nele, até que ele pareceu brilhar em uma luz quente, de dentro para fora.

Imediatamente descobriram os minúsculos microorganismos, parecidos com vírus. Não se podia deixar de ver os agressores, verdes e brilhantes, que se multiplicavam incrivelmente rápido. Angelina estudava a sua estrutura minuciosamente. Depois de ter conseguido decifrá-la, ela e Donates começaram a prender, cuidadosamente, o veneno mortal com uma rede mágica, para finalmente neutralizá-lo.

Nik admirava o trabalho de seus amigos. Ele também possuía um notável talento no tratamento de feridas, como era comum em sua família, que gozava de uma posição de destaque entre os vampiros. Mas Angel, Angelina, merecia o apelido que tinha, pois, apesar de sua existência relativamente curta como vampira, era muito bem sucedida como médica mágica. Ele não conseguia chegar a seus pés.

No começo, Donates frequentemente a chamava carinhosamente de "minha bruxa", sem saber que, com isso, não estava nem tão longe da verdade. Logo depois da transformação de Angelina, uma fada apareceu e explicou que ela era sua sobrinha e que havia herdado os talentos mágicos de seus parentes.

Quando soube disso, Nik ficou um pouco cético. Mas se existiam vampiros, e ele mesmo havia se tornado um, porque então não poderiam existir fadas também? Hoje ele sabia que o mundo imaginário abrigava ainda muitas outras criaturas. Constatou-se que também a alma gêmea de Angelina, Donates, era dotada de poderes terapêuticos, e lá no íntimo Nik desconfiava de que entre os antepassados franceses dele também deveria ter existido uma ou outra fada.

Nik, ou Nicholas von Winterfeld, tinha muito a agradecer aos dois. Logo após a sua transformação – já há bons vinte anos, causada por um acidente – ele foi envolvido em uma perigosa luta pela liberdade das Crianças das Trevas. Nik quase não sobreviveu e até mesmo Sylvain, patriarca do clã Winterfeld, era grato a seus dois filhos vampiros, Angel e Donates, por sua rápida recuperação.

Somente aos poucos Nik começou a compreender o quão singular era a sua posição e a de seus irmãos de sangue no mundo dos vampiros. Pertencer à família dos Winterfeld não garantia apenas grande prestígio, mas também conferia poderes excepcionais.

Desses poderes fazia parte viajar através do mundo intermediário. Nik admitia que ainda não compreendia completamente o conceito desta dimensão singular. Donates tinha lhe descrito o mundo intermediário da seguinte forma:

– Imagine uma combinação de nirvana, paraíso e Walhalla, com passagem de volta restrita e pedágio caro.

Na realidade, a maioria dos seres mágicos utiliza o mundo intermediário principalmente como meio para locomover-se rapidamente. É necessária muita força para transportar objetos ou mesmo outras pessoas através do mundo intermediário. Essas viagens são reservadas, sem exceção, para as criaturas mais poderosas.

Porém, como ali o tempo não existia, era grande o perigo de alguém perder-se nas suas dimensões. Dizia-se que deuses velhos e terríveis demônios habitavam suas profundezas.

Quem fosse capaz de abrir a parede que separava os mundos era atraído por paisagens encantadoras. Prados verdejantes estendiam-se até as colinas e florestas no horizonte. O azul singular do céu refletia-se nos riachos que murmurejavam docemente. Mas, olhando atentamente, os prados eram pantanosos e tragavam todo aquele que saísse do caminho. Os leitos dos rios não transportavam água verdadeira, mas eram artérias de energia que se alimentavam dos transeuntes. Aos poderosos, que sabiam como aproveitá-la, era prometido ainda mais poder. Mas Nik não queria saber a que preço.

Ele estremecia só de pensar na sensação de desamparo que lhe acometia a cada viagem entre as dimensões, e toda vez se apressava para deixar o mundo intermediário o mais rápido possível. Mas não ficaria admirado se Kieran, nesse momento deitado diante dele e com aparência tão frágil, fizesse parte daqueles que conseguem usar as artérias de energia do mundo intermediário a seu favor.

Ele apenas desejava que esse sujeito medonho não fizesse mal a seus amigos – ou melhor, irmãos de sangue. Nem pensar o que aconteceria se Sylvain ficasse sabendo disso.

Preocupado, lançou um olhar para a cama, mas a aura do vampiro desmaiado não apresentava nenhum vestígio de impurezas. Aparentemente, Angelina e Donates estavam conseguindo controlar o problema.

Nik sorriu ao lembrar-se o quão rebelde o seu irmão vampiro era há apenas vinte anos. Ele mesmo não havia vivenciado essa fase, porque na ocasião ele, assim como Angelina, tinha acabado de transformar-se em vampiro. Mas se acreditarmos em apenas uma pequena porcentagem das atrocidades creditadas a Donates, então o rebelde solitário fez de tudo nos últimos três séculos para irritar a comunidade dos vampiros e o conselho mágico. Não era fácil colocar limites para um neto de Lilith, uma deusa das Crianças das Trevas. Principalmente porque ninguém sabia ao certo qual o poder que o clã dos Winterfeld realmente possuía. E o sábio Sylvain decidiu que assim deveria permanecer.

Somente Angelina conseguiu domar o arrogante e loiro desordeiro. Provavelmente, também foi sua ideia direcionar as energias excedentes de seu amado para um caminho mais regrado e deixá-lo trabalhar como vingador, como agente e executor do conselho dos vampiros. Conheceram Kieran, e ele se tornou professor e padrinho de Donates. Logo Kieran reconheceu o seu potencial e providenciou para que fossem dotados com os conhecimentos secretos sobre venenos e outras coisas que poderiam prejudicar os vampiros.

Em geral a formação para vingador durava muitas décadas, às vezes até séculos. Porém, graças à sua ascendência privilegiada e às habilidades relacionadas com ela, Donates pôde trabalhar desde o princípio com Kieran, o que reduziu consideravelmente o seu tempo de aprendizado.

A sensação incômoda que tinha toda vez que estava na presença de Kieran dava satisfação a Nik, por saber que estava em boa companhia. Ele ainda não havia se deparado com muitos vampiros de nascença como Kieran, principalmente porque eles levavam a fama, não sem razão, de serem solitários imprevisíveis. Mas somente Kieran possuía essa aura mortal, que provocava arrepios em Nik toda vez que ele a sentia. Sua risada sempre soava cínica, e seus pensamentos eram absolutamente impenetráveis. Nik nunca tivera a oportunidade de aproximar-se o suficiente para ler os pensamentos do perigoso guerreiro. Nem agora, estando ele deitado inerte em sua enorme cama.

Nik olhou curioso à sua volta. Era a primeira vez que tinha a oportunidade de observar uma casa de Kieran por dentro. Era até mesmo estranho que houvesse conseguido entrar. Ele nem mesmo tinha certeza se conseguiria sair sem a ajuda de Donates.

O quarto era grande o suficiente para ser transformado em um apartamento de três cômodos. Logicamente não havia janelas, e Nik sentia que se encontravam sob a terra. O ambiente era dominado pela cama. Do lado oposto, ele divisou inúmeros DVDs, CDs e – Nik sorriu – também discos de vinil. Ele mesmo tinha um carinho especial por seus LPs e singles dos anos 1980 e jurava que a qualidade de som deles era muito melhor do que de qualquer CD, apesar dos chiados eventuais. Sobre a admirável coleção, havia um enorme monitor de plasma. Achou a decoração de surpreendente bom gosto e, de repente, Kieran pareceu-lhe bem mais simpático. Esse refúgio com certeza nunca havia sentido a mão criativa de uma mulher. Por um instante, pensou em explorar o restante da casa, para descobrir se os outros cômodos também eram decorados nesse sóbrio estilo masculino. Mas, em princípio, não tinha a mínima importância para ele, concluiu com um erguer de ombros, e dirigiu sua atenção novamente para o morador.

A aparência de Kieran melhorara visivelmente. Sua pele não tinha mais aquela aparência assustadoramente cinza e, nesse intervalo de tempo, o brilho ficara mais fraco. Nik alegrou-se por haver tomado uma dose extra de sangue, que esta semana estava especialmente fresco. É novamente temporada de doação de sangue, pensou. Sem dúvida Angelina e Donates precisariam de ajuda após a cura.

Então eles voltaram. A energia mágica saiu do corpo de Kieran, dançou brevemente como uma bola luminosa sobre ele para finalmente dividir-se. Os dois curandeiros estavam agora de pé, exaustos, diante dele. Angel parecia transparente. Quando ela cambaleou, Nik saltou ao seu lado, abriu a artéria do pulso com seu dedo, transformado em garra, e ofereceu-lhe seu poderoso sangue para fortalecê-la. Donates deliciou-se primeiramente com uma das embalagens de sangue que haviam trazido, mas não recusou quando Nik lhe ofereceu seu outro braço. Após alguns goles, fechou a ferida, passando brevemente a língua sobre ela, e deixou-se cair pesadamente numa poltrona escura. Angelina, já quase recomposta, aconchegou-se em seus braços.

– Conseguimos! – sussurrou – Mas foi o veneno mais traiçoeiro que já combati!

– Sim, e levará algum tempo até Kieran recuperar-se totalmente. Estou muito preocupado com as sequelas que este ataque ainda poderá ter. Nós neutralizamos o veneno e os resquícios servirão como anticorpos, semelhantes a uma vacina, e o protegerão de um novo ataque. Depois que ele se recuperar, talvez devêssemos levar uma amostra do sangue para análise nos nossos laboratórios. De qualquer forma, o conselho precisa ser informado imediatamente – confirmou Donates.

Ergueu-se, com Angel ainda em seus braços, e disse:

– Vocês fiquem aqui. Precisamos de mais doses de sangue. Volto logo.

Angelina voltou-se para Kieran e retirou a estrela ninja, agora inofensiva para ela, da ferida aberta. Em seguida abriu uma embalagem de sangue e o segurou na boca do paciente desmaiado. Mal o líquido havia umedecido seus lábios, vieram começou a beber. Seguiram-se ainda duas embalagens. E quando Donates voltou, os três amigos também se deliciaram com o líquido fortificante.

Kieran odiava a ideia de precisar pedir ajuda a alguém. Ele, sempre que possível, evitou isso no decorrer de sua longa existência. Mas ele estava tão debilitado que não viu alternativa a não ser chamar Donates e sua amante fada. Com sua habilidade especial em tecer uma rede de pura energia, eram os únicos em quem confiava para conter o veneno. Ele era grato por não terem feito perguntas, e, enquanto a a magia penetrava o seu interior, podia sentir a dura batalha que os dois travaram pela sua vida.

Várias vezes, ele já havia pensado em por fim à sua existência sem sentido. Mas ser atacado e envenenado por um bando de sarnentos de rua – com certeza não era dessa forma que desejava morrer!

Quando finalmente recobrou os sentidos, viu como Angelina e Donates se beijavam. Com volúpia, ela envolvia o corpo de seu namorado Donates em suas longas pernas.

Ele tinha Donates em grande consideração, como companheiro e como guerreiro sem escrúpulos. Com prazer, era seu tutor durante o difícil preparo para tornar-se vingador. E, no íntimo, Kieran invejava Donates por ter encontrado a sua parceira de alma antes que sua existência houvesse afundado no tédio.

Para ele não havia perspectivas de tal sorte. Ainda antes de compreender a real amplitude de seu destino, ele havia desperdiçado, há séculos atrás, sua única chance de experimentar o amor de uma companheira. Na ocasião, ele havia seguido instintivamente sua natureza: Kieran apaixonara-se provavelmente pelo único ser mágico da região, e a tornou sua.

Nos primeiros anos de vida, os vampiros de nascença têm poucas diferenças em relação aos mortais normais da mesma idade. Somente mais tarde, por volta dos trinta anos, começa a sua transformação em seres noturnos bebedores de sangue. Mas imortais ou não, eles só podem unir-se uma vez durante a sua existência – e isso valia por toda a eternidade. Teria sido melhor se Kieran houvesse esperado até encontrar a sua verdadeira parceira de alma. Mas, na ocasião, não havia ninguém que pudesse lhe explicar as regras da sua espécie.

Como filho enjeitado, ele podia dar-se por feliz que a família de um ferreiro respeitado do reino de Dalriada o havia acolhido e sempre o tratara bem.

Seu lorde, proprietário de muitas terras em Dalriada, que hoje se chamam Argyll e estão localizadas na região oeste da Escócia, reconheceu cedo sua inteligência e seus talentos bélicos. E, apesar de muitos moradores do vilarejo olharem com desconfiança para um adolescente bastardo e órfão, logo lhe transferiu diversas tarefas. No começo eram pequenos recados, mas como Kieran sempre comprovou sua lealdade, passou a enviá-lo com frequência cada vez maior também para viagens mais longas.

Um dia Kieran voltou exausto para casa, vindo de Dunadd, um dos povoados mais importantes do reino. Chovia há vários dias e por diversas vezes fora obrigado a fazer grandes desvios com seu cavalo para evitar guerreiros de famílias inimigas. No íntimo, Kieran amaldiçoava o chefe rixoso, que frequentemente enviava pessoas para roubar o gado de outros clãs e, quando a situação ficava delicada, enviava Kieran para apaziguar os ânimos.

À medida que se aproximava de seu vale, o clima melhorava cada vez mais e, por volta da hora do almoço, o sol estava tão forte que Kieran decidiu banhar-se antes de voltar para a corte de seu senhor. Cuidadosamente embrenhou-se na floresta. Poucos conheciam aquele lago escondido, mas ele não queria correr riscos e ser surpreendido por guerreiros inimigos enquanto nadava desprotegido e sem armas nas águas.

A visão da sereia sedutora o deixou completamente enfeitiçado. Primeiro, ele viu apenas uma vasta cabeleira, como um precioso tapete sobre a superfície da água. Em seguida, ouviu um suave chapinhar no lago, e quando ela veio andando até a margem, cantarolando baixinho, encontrou diante de si uma inesquecível imagem da graça das fadas.

O seu pulso disparou, uma tensão enlouquecedora na região lombar quase fez com que gemesse alto, e só com dificuldade conseguiu suprimir a expressão de sua decepção quando a moça cobriu suas formas com uma blusa de linho e trançou o seu maravilhoso cabelo, escondendo-o embaixo de sua touca simples.

Sem ser notado, ele a seguiu até o casebre que ficava ao lado da igreja do vilarejo onde ela morava. Verificou que ali morava o padre. Kieran odiava aquele homem, que conhecia de suas missas regulares no castelo. Como ficou

sabendo mais tarde, sua sereia sedutora chamava-se Maire e estava totalmente sob influência do clérigo, seu tutor extremamente devoto. Todos na região sabiam disso. Ela também era órfã e, assim como Kieran, não tinha a menor ideia de suas origens.

O padre, diziam, nunca havia aceitado o casamento de seu amado irmão com uma viúva de que ninguém conhecia a origem. Mas Angus amava muito sua jovem esposa e era um bom pai para sua linda enteada.

Desde o princípio, o invejoso padre tentava provar o envolvimento de sua cunhada com a bruxaria, e quando os pais de Maire morreram, na tentativa de salvar o gado de uma enchente, seu único comentário foi:

– Este é o justo castigo de Deus!

Ele até acolheu misericordiosamente a linda sobrinha em sua casa, mas imediatamente determinou que ela escondesse seus longos cabelos, pois eram "do diabo". Ele a surrava diariamente para "ensinar-lhe humildade" e, desde criança, a fazia trabalhar tão arduamente que até mesmo os mais crentes entre os seguidores do novo Deus começaram a protestar. Mas ninguém ousava contradizer o padre abertamente, pois tinham medo de ser acusados de bruxaria, como já havia acontecido com algumas pessoas.

Kieran não deu atenção quando seus amigos tentaram preveni-lo de uma união com a "louca da casa paroquial". Ele estava completamente apaixonado. Por fim, o lorde concordou em autorizar a união.

Com uma expressão dura no rosto, e certamente impressionado com o dote generoso que Kieran traria, o padre concordou com a união. Mas não sem ameaçar:

– Somente um cristão verdadeiro conseguirá dominar esta filha de satã. Se você falhar, também falhará perante Deus!

Com um rosto totalmente inexpressivo, Maire deixou-se levar ao altar pelo seu noivo. Certamente ela não esperava nenhuma melhora em seu destino, uma vez que agora ela pertenceria a um dos mais temidos guerreiros do clã.

Tão promissor e sedutor era o seu corpo, tão decepcionante foi a noite de núpcias. A jovem noiva passou a noite inteira ajoelhada diante da cama de casal rezando, amedrontada, o rosário. Palavras de conforto não ajudaram e toda vez que Kieran tentava tocá-la delicadamente, para tirar-lhe o medo, ela se esquivava.

Por fim desistiu. Sob o olhar indignado de sua esposa, Kieran pegou o seu punhal afiado sem o qual nunca se deitava. Maire abriu a boca num grito mudo. Será que a garota realmente pensava que ele queria torná-la submissa dessa forma?

Tomou o punhal e cortou a palma da própria mão, e com o seu próprio sangue molhou o lençol limpo para assim simular a consumação do casamento. Depois disso, deixou o casebre sem dizer uma palavra e passou o resto da noite no monte santo. Ali o jovem guerreiro sempre encontrava a paz e a concentração de que precisava para suas tarefas e, também dessa vez, as pedras sagradas lhe trouxeram consolo e esperança.

Na manhã seguinte, os vizinhos tomaram, satisfeitos, conhecimento da mancha de sangue na cama conjugal. Mas quando no domingo seguinte Maire foi à missa na pequena igreja o padre murmurou: “Prostituta!”. Kieran teve vontade de tirar aos tapas a expressão vil do rosto do indivíduo.

Maire voltou como que petrificada para seu novo lar e, a partir desse dia, recusava-se a ir à missa. Seu marido não tinha nada contra, apesar de saber que já corriam boatos de que ele não conseguia dominar sua diabólica mulher.

A mãe de criação de Kieran observava com preocupação o desenrolar dos fatos. Ela o prevenira insistentemente sobre essa união. Não apenas porque ela pertencia aos que secretamente ainda seguiam a religião antiga, mas porque já pressentia que a moça não combinava com o sangue quente e sensual de seu filho. Mas gostava de Maire e, por procupar-se com sua segurança, deu a sua nora um punhal afiado da forjaria de seu marido, que a partir de então a jovem mulher carregava sempre consigo e também usava nos trabalhos domésticos.

Durante meses, Kieran tentou pacientemente conquistar sua confiança e talvez até um pouco de simpatia. Sempre que ele de noite estendia a mão em sua direção, mesmo que fosse apenas para acariciar os seus cabelos sedosos, a menina recuava assustada. Quando desabafou com seus irmãos, eles riram e o aconselharam com palavras rudes a tomar a mulher à força. Qualquer hora ela encontraria prazer nas suas obrigações conjugais.

Kieran não conseguia perdoar-se por ter, na sua inexperiência, seguido esse conselho. Jamais esqueceria a visão dos olhos arregalados e lábios trêmulos, que rezavam pálidos ao seu Deus. Maire suportou rígida e imóvel as suas carícias, até que ele desistiu frustrado de suas intenções. Isso não era satisfação – era tortura! Ele jurou nunca mais tocá-la.

Os meses se sucediam e Maire criou um lar aconchegante e limpo. Cuidava dele como se esperava de uma boa esposa. A paixão inicial de Kieran já havia desaparecido há muito tempo, mas sempre tratava Maire com respeito.

Com o tempo, sua esposa conseguiu criar tanta confiança de modo a não se encolher a cada vez que ele fizesse um movimento repentino; e no inverno seguinte, até permitiu que ele a puxasse para perto de si na cama, para poder aquecê-la nas noites especialmente frias.

Certo dia, ao preparar um coelho que Kieran havia trazido, ela se cortou com o punhal. A ferida logo começou a sangrar fortemente. Kieran havia percebido que suas próprias feridas saravam mais rápido quando as umedecia com sua saliva. Cautelosamente levou o dedo ferido dela até sua boca. Maire não impediu.

O gosto de seu sangue o deixou excitado. Instintivamente ele começou a sugar o dedo, até que Maire finalmente retirou a mão e a escondeu atrás de suas costas. Mas ela não recuou diante dele. No seu olhar, ele reconheceu traços de uma paixão que ele mesmo, para sua confusão, sentia. Cuidadosamente tomou-a em seus braços e, quando ela se ajustou em seu corpo firme, ousou beijá-la pela primeira vez depois de muito tempo. Ela retribuiu timidamente suas carícias e, nesse dia, ele a tornou irrevogavelmente sua.

Timidamente Kieran criou uma nova esperança.

Maire habituou-se a ir ao seu encontro na colina atrás de seu pequeno quintal, quando ele voltava de suas viagens de negócios. Apesar de admirar-se com o fato de ela conseguir saber com tanta precisão o dia e hora de seu retorno, alegrava-se por esse sinal de crescente aceitação.

E então começaram os pesadelos de Maire.

Como sempre, Kieran obrigava-se a reprimir os fantasmas de seu passado. Ele não queria lembrar o fim terrível de Maire.

Seu olhar cansado caiu sobre os dois salvadores que, totalmente alheios a tudo, trocavam carícias em seu quarto. Mesmo com toda a gratidão, ele não precisava aturar isso!

Kieran levantou-se e pigarreou:

– Este é o meu quarto!

Angel e Donates afastaram-se e Nik, que estudava admirado a coleção de CDs do vingador, fingiu um repentino acesso de tosse para esconder o seu divertimento. Imediatamente, o olhar frio de Kieran voltou-se para ele:

– O que ele está fazendo aqui?

– Nicholas faz parte da família. Sem ele não teríamos conseguido te ajudar! – A voz de Donates não soava menos ríspida do que a de seu professor.

– Penso que seria melhor vocês irem agora! – Os três imediatamente acataram sua ordem.

Angelina sorriu quando um caloroso "Sou grato a vocês!" penetrou em sua mente antes que eles tivessem retornado do mundo intermediário para suas próprias casas.

– Esse bastardo! – rosnou Donates e bateu furiosamente com o punho sobre a prateleira da lareira, que imediatamente se partiu em mil pedaços.

– Sylvain não vai ficar feliz se você destruir sua decoração – sorriu Angelina ironicamente e colocou sua mão de forma tranquilizadora sobre seu ombro. – Você sabe o que acontece quando vários vampiros alfa permanecem por muito tempo em um mesmo ambiente. No seu estado debilitado, Kieran provavelmente não confia suficientemente na sua autodisciplina para aturar vocês por mais tempo junto a ele.

– Você fala como se fôssemos animais selvagens – resmungou Nik.

– Neste exato momento, vocês realmente não parecem muito civilizados! – Não se podia ignorar o tom de reprimenda em sua voz. Tampouco o ronco vindo do peito de Donates. Seus dentes caninos começavam nitidamente a crescer, e seus olhos tornaram-se de um azul gelado, como se fossem diamantes polidos, o que sempre acontecia quando ele estava pronto para atacar.

Angelina sabia que isso era consequência da grande perda de energia durante a cura. Seu lado sombrio, normalmente reprimido com disciplina férrea, tentava dominar. Nik reagiu instintivamente. Ele era muito inexperiente para perceber o que estava acontecendo.

Com voz suave e um pouco de magia, ela tentava apaziguar os ânimos:

– Mesmo que vocês não se agarrem pelo pescoço, estariam extraindo energia valiosa um do outro. Esqueça! Kieran está sob forte pressão. Não foi isso o que ele quis dizer.

– Com toda a certeza, quis sim! – murmurou Nik. Quando encontrou seu olhar, tentou mudar de assunto: – Por que ele chamou vocês e não seus amigos vingadores?

Angelina o olhou com gratidão e puxou Donates, ainda zangado, para junto de si no sofá.

– Vampiros de nascença não são muito queridos.

– Bando de arrogantes! – resmungou Donates.

– Não mais do que você, meu amor!

Donates já ia ter um novo ataque, mas Angelina o refreou com um gesto delicado. Seu olhar suavizou-se, e ele passou carinhosamente a mão na face de Angelina antes de explicar:

– Kieran fez muitos inimigos no decorrer dos anos, e ele faz bem em não confiar em ninguém. Nem mesmo em outro vingador.

– Mas ele confia em você.

Donates ergueu uma sobrancelha:

– Você acha? Eu preferia formular assim: ele sabe que eu não tenho motivos para questionar o seu poder. Nós nos respeitamos.

– Ele consegue gerar filhos?

– Nik!

– Quero dizer, por que Kieran pode e nós não?

Angelina e Donates se olharam. Por um momento, pairou um silêncio incômodo, depois Angelina disse:

– Ninguém sabe bem ao certo. Mas vampiros de nascença como Kieran realmente podem ter seus próprios filhos.

– Que injustiça!

– Acho que não, mais me parece uma maldição. No começo, essas crianças-vampiro quase não diferem das demais. Sua transformação normalmente começa pouco antes do trigésimo ano de vida. Da mesma forma como acontece conosco, nesse período a sua estrutura genética vai mudando. Depois disso, não envelhecemos mais e somos praticamente imortais. Se isso acontecesse muito cedo, a pobre criatura estaria para sempre presa em um corpo de criança. O que eu realmente acho triste é que os pais naturais não podem criar essa criança, mas precisam entregá-la aos cuidados de outra pessoa.

– Por causa da luz do dia – presumiu Nik

Donates concordou:

– Possivelmente. E quando é chegada a hora, muitos desses vampiros de nascença morrem depois da transformação. Provavelmente porque não sabem o que acontece com eles. Ninguém pode ajudá-los.

– E por que isto?

– Não sei – admitiu Angelina e olhou interrogativamente para Donates, que meneou com a cabeça:

– Talvez realmente seja uma maldição!

– E por isso existem tão poucos vampiros de nascença – constatou Nik.

– Não só por isso. Eles apenas podem unir-se com seus iguais. Uma situação complicada.

– Imagino que principalmente para as mulheres que foram largadas! – objetou Angelina alarmada, lembrando-se do comportamento machista quase insuportável que parecia ser típico entre os vampiros de nascença.

– Há séculos ninguém mais viu uma vampira nata. Uma catástrofe, pois só podem gerar filhos entre si. Ou então com suas parentas próximas, as fadas, ou suas descendentes mortais.

– Que droga! Elas são tão inacessíveis.

– Vampiros de nascença também não gostam se lembre de seu parentesco próximo com o reino das fadas. – Angelina lançou um olhar penetrante para Nik. – Por isso, contenha sua língua!

– Por mim... – prometeu sem convicção.

– Ainda existe um problema. Gerar filhos com alguém do reino das fadas só é possível se ela ou ele tornar-se vampiro antes, e por vontade própria.

– Sempre tive um pouco de inveja deles, mas isto não parece bom!

– Tudo tem seu preço. Seus dons mágicos extraordinários não ajudam muito os vampiros de nascença em se tratando da preservação da espécie.

– No lugar deles eu transformaria filhas de fada até que eu encontrasse a certa.

Donates inclinou-se para frente:

– Ah, é! Você faria? Pense nas consequências!

– Em pouco tempo, existiriam muitos vampiros! – E no rosto de Nik via-se que ele havia compreendido.

– No princípio, muitos realmente pensavam como você. Mas isso fez com que os mortais rapidamente passassem a nos notar. Outros seres mágicos começaram a temer nosso poderio e ameaçavam com guerra. Os representantes mais prudentes do mundo mágico decidiram, então, convocar um concílio. Foram elaboradas regras rígidas para uma convivência pacífica e criou-se o Conselho. Poderosos vampiros de nascença foram nomeados "vingadores" e, desde então, são responsáveis por garantir que as determinações do Conselho também sejam seguidas. O que, obviamente, faz com que não sejam muito benquistos pelos demais vampiros. Muitos desses vampiros acham que estaríamos bem melhor se o mundo mágico assumisse o domínio.

– Certamente com eles mesmos na liderança – resmungou Angelina. – Eles definitivamente não conseguem negar o seu passado humano!

A ex-ninfa bufou com desdém.

– Bando de sedentos por poder! Os aqui presentes obviamente não se incluem nisto! – acrescentou rapidamente quando, um pouco tarde demais, lembrou que Nik e Donates também tinham sido mortais comuns.

– Quer dizer que os vampiros de nascença já constituem uma raça em extinção? – perguntou ironicamente Nik. – Deveriam ser colocados sob preservação da espécie!

Donates riu:

– Não deixe Kieran ouvir isso!

Enquanto os amigos especulavam sobre sua capacidade de procriação, o vampiro debilitado abriu a pequena geladeira que ficava diretamente ao lado de sua cama. Tirou uma dose de sangue e dirigiu-se para o grande banheiro,

logo encostado, e aqueceu o sangue sob um jato de água quente. Kieran não perdeu tempo em despejar o suco nutritivo em um copo, mas enterrou ávido os seus dentes na embalagem resistente. Depois jogou o saco vazio no lixo e entrou embaixo do chuveiro. Enquanto a água quente escorria pelo seu corpo atlético, ele investigava seu ombro ferido. A ferida já havia fechado e a tatuagem destruída, que havia sido cortada de forma deselegante pela estrela ninja, já podia ser vista tão clara e intacta como há muitos milênios. Ele a havia recebido do homem que o encontrara após sua transformação definitiva em vampiro e o familiarizara com sua nova natureza. O desenho estendia-se sobre todo o ombro e grande parte de seu braço musculoso. Lembrava um complicado nó celta em cujo centro ficava uma meia-lua deitada que, se fosse olhada através do canto do olho, parecia estar em constante movimento.

Com um pouco de pesar, ele finalmente fechou o jato de água quente que havia tirado um pouco da rigidez de seus músculos, juntou os cabelos negros que lhe caíam até os ombros com uma tira de couro, e vestiu uma calça de couro velha e uma camisa de linho preta. Subiu com passos pesados as escadas para o andar térreo.

Chegando em cima, cumprimentou sua governanta.

– Que bom que o senhor voltou. Vai ficar por muito tempo?

– Oi, Sandra! Tudo bem com a senhora? – disse, balançando discretamente a cabeça.

Kieran tinha o bem-estar de seus empregados em alto grau. Há gerações, tal família trabalhava para ele e havia se tornado uma espécie de família substituta. Ao menos, eram os únicos que realmente se alegravam em vê-lo, pensou cinicamente.

Com preocupação, ele observava há algum tempo as linhas que se aprofundavam no rosto amável dela. Algumas gotas do seu poderoso sangue em suas veias até a protegiam de doenças perigosas que ameaçavam a existência frágil dos mortais e lhe garantiam uma vida longa; mas não a tornavam imortal, e logo ele seria obrigado a levar mais uma pessoa querida para o túmulo.

Livrou-se de seu pensamento perturbador e respondeu sua pergunta:

– Sim, desta vez pretendo ficar um pouco mais.

Sandra vivia com seu marido, que cuidava do jardim e ocasionalmente servia de motorista, e sua filha de dezesseis anos na propriedade de Kieran. O casal conhecia sua condição de vida peculiar e era absolutamente leal. A filha ainda era muito nova para decidir se iria, ou não, querer trabalhar para ele no futuro. Para sua própria segurança, Kieran realizou uma pequena mas eficiente manipulação em sua memória, e, desde então, a menina não tomava sequer conhecimento de que vivia sob condições excepcionais. Naturalmente, ela não podia trazer suas amigas para casa, mas em compensação Kieran assumia generosamente as despesas para passeios em parques de diversões e outros lazeres. Além disso, os avós viviam bem perto.

– Sua filha não deveria ficar por aqui nos próximos tempos.

– Entendo. Meu marido a levará imediatamente para a casa de minha mãe na cidade.

Kieran estava convencido de que o atentado que sofrera não tinha sido coincidência, e queria evitar todo risco. Acenou com a cabeça para Sandra e desapareceu em sua biblioteca. Ligou seu *laptop* para verificar se havia alguma mensagem. Ele planejava obter informações o mais discretamente possível, e por isso desejava primeiramente saber se havia outros agentes do conselho em missão oficial na cidade. Poucos minutos após ter enviado sua mensagem codificada para o quartel-general, recebeu a resposta: Asher, seu irmão mais velho, Donates e Senthil, que raramente trabalhava para o Conselho, estavam registrados para a região. Decidiu manter a sua presença em sigilo e, em seguida, mandou uma mensagem para Asher, pedindo-lhe que, nesta noite, estivesse mais tarde no bar. Seu irmão sabia a que bar ele estava se referindo.

Capítulo 2

Donates informaria Sylvain sobre os acontecimentos da noite anterior. Sylvain, patriarca da família Winterfeld, era mais novo do que ele, mas ocupava uma cadeira no Conselho e gozava de grande influência. Havia muitos boatos quanto à sua descendência, alguns até mesmo afirmavam que ele descendia de uma filha da própria deusa. Isso fazia dele um dos vampiros mais poderosos que ainda andavam por esse mundo, e Kieran não cometia o erro de subestimar esse clã recém-formado, apesar de todos os Winterfelds levarem uma vida um pouco reclusa. Lembrou-se de que, durante alguns anos, houve um pouco de inquietação porque Sylvain não só havia aceitado um indivíduo meio obscuro como filho – obviamente falava-se de Donates –, como também dois novos membros da família haviam sido integrados sucessivamente. Kieran respeitava Sylvain e achava sua família muito simpática. Bem ao contrário de muitos outros vampiros, que procuravam sair do caminho do clã Winterfeld.

Donates era de quem mais gostava. O impetuoso vampiro loiro, com uma queda para a ousadia, havia conquistado seu coração durante o treinamento.

Treinamento era uma boa palavra-chave, pensou Kieran. Para aproveitar melhor o tempo até o encontro com Asher, decidiu visitar uma amiga mortal.

Essa mulher era especial e, desde que a conheceu, fazia visitas regulares para certificar-se de que estava bem. Fazia-lhe bem encontrar mortais que não sentiam medo dele nem estavam ávidos por tirar proveito de seu poder.

Há alguns anos atrás – na ocasião, Kieran havia finalizado os últimos trabalhos em sua enorme residência – ele vagava por ruas solitárias e se tornara testemunha de um assalto. Três sujeitos fortes importunavam uma mulher delicada, de cabelos escuros, e a encurralaram contra um muro. Aparentemente era de origem asiática, o que não agradava a seus agressores.

O que se seguiu deixou até mesmo o experiente guerreiro Kieran boquiaberto. Um dos homens ergueu o punho para bater em sua vítima. A mulher agachou-se como um raio e, aproveitando o impulso do agressor, desferiu-lhe um golpe preciso, fazendo-o voar de cabeça contra o muro, de onde deslizou inerte até o chão. O destino do segundo foi semelhante. Ele se atirou com um grito sobre ela para passar voando ao seu lado.

Nunca antes, Kieran vira em mortais movimentos elegantes como esses executados pela lutadora. Ela respirava calmamente e virou-se tranquila na intenção de neutralizar também o terceiro agressor, que ria triunfante:

– Isto é para você, sua vagabunda! – enquanto apontava uma pistola para ela.

Num piscar de olhos, Kieran estava sobre ele como uma sombra terrível, arrancou a arma do homem surpreso e o travou na intenção de matá-lo.

Seus dentes caninos já doíam e estavam ávidos pela doce recompensa, quando sentiu uma pequena mão sobre seu braço. Com grande pesar, o vingador deixou sua vítima escorregar até o chão e olhou para os dois olhos negros, cheios de compreensão.

– Obrigada!

Kieran estava perplexo por não ter conseguido ler seus pensamentos de imediato. Isso o deixou curioso.

– Não há de quê!

Ofereceu-se para acompanhá-la em segurança até sua casa.

Ela riu e retrucou com um sotaque adorável:

– Será um prazer!

Estendeu-lhe a mão e então disse séria:

– É uma honra para mim conhecê-lo! Eu sou Tao Yin.

Como ele não fez menção de se apresentar, Tao guiou seu salvador desconhecido até o prédio de uma fábrica bem próxima. Inseriu a chave em uma fechadura quase invisível na parede e as portas para um elevador de carga se abriram. Chegando em cima, Tao ofereceu-lhe um espaçoso sótão e, com um movimento casual de sua mão, fez sinal para que ele se acomodasse num enorme sofá branco.

– Imagino que não há nada que eu possa oferecer-lhe para beber, certo? – Parecia não esperar resposta, e dirigiu-se à geladeira para preparar um drinque de gin, limão e tônica para si. Kieran observava fascinado os movimentos suaves e harmônicos da mulher. Parecia que ela flutuava, e ele podia jurar que seus pés praticamente não tocavam o chão. Mas ele não conseguia sentir nem magia nem outra ligação com o além.

Por fim, ela sentou-se à sua frente sobre um cubo acolchoado. Finalmente Kieran sentiu pelo menos o acelerar do pulso de sua anfitriã e disse:

– Kieran. Eu sou Kieran, e estou muito curioso!

Um sorriso passou pelo rosto de Tao:

– Obrigada!

Ela tomou um gole de sua bebida e passou a língua em seus lábios:

– Kieran, eu sei o que... – ela parou e corou levemente enquanto se corrigia. – *quem* você é.

Ele ficou calado e ela continuou, agora um pouco nervosa:

– Lá de onde venho, da China, sempre tentamos descobrir o segredo da imortalidade. Meu pai tinha um amigo... – Ela se calou, e era possível reconhecer a dor em seu rosto claro. – Este amigo era como você. Ele confiava em nós e nossa família se preocupava, por séculos, com o seu bem-estar. Certo dia, ele não retornou mais. Imediatamente eu soube que algo terrível havia acontecido!

Kieran esperava pacientemente.

– Sempre eram as mulheres que davam continuidade às nossas tradições familiares, e todas nós tínhamos talento para a arte da luta.

Um sorriso silencioso passou pelo pensamento do vampiro. Os paralelos com a família de Sandra eram muito evidentes, só que esta possuía uma habilidade considerável no manuseio com armas, o que, à primeira vista, era difícil de acreditar por ela ser uma pessoa tão amável e materna.

– O mestre nos instruiu. Eu sinto tanto sua falta!

– Como se chamava?

– Xiao Chen.

O rosto de Kieran demonstrou pesar. Tao deixou a cabeça pender e sussurrou:

– Eu sabia! – E por entre seus cílios escuros as lágrimas brilharam.

– Tao! Ele não está mais entre nós! Mas posso oferecer-lhe minha proteção enquanto você viver nesta cidade.

Ela não tinha palavras, mas acenou com a cabeça veementemente. Por fim murmurou:

– Eu vou recompensá-lo.

E isso ela fazia, sem sobra de dúvidas. A vida de Xiao Chen era cercada por lendas. Dizia-se que era um vampiro de nascença e com certeza com o dobro da idade de Kieran. Ninguém conhecia as razões ocultas de seu desaparecimento, mas a técnica de luta de Chen vivia em Tao Yin – e essa informação ela passava sem reservas a Kieran.

A chinesa ainda morava aqui. Recentemente havia mudado com sua escola de artes marciais para o prédio de uma tecelagem que fora desativada. A área toda havia sido reformada e humanizada com áreas verdes e, onde antes as costureiras se debruçavam sobre suas máquinas, hoje designers ficavam sentados diante dos monitores de seus computadores até tarde da noite. Árvores, gramados e um solário diminuíam a austeridade exagerada da arquitetura guilhermina e os tijolos dos prédios tinham um brilho de recém-lavados à luz suave das lâmpadas antigas.

Cuidadosamente Kieran afrouxou sua proteção mental apenas o suficiente para poder perceber as criaturas noturnas, sem que ele mesmo fosse descoberto. Ele era muito bom nisso, talvez o melhor. Satisfeito, lembrava-se de quantas vezes esse talento salvara-lhe a vida. Um momento de distração, e talvez Tao e seus talentos extraordinários tivessem chamado a atenção de outros vampiros. Ele havia dado sua palavra de que isso jamais aconteceria.

Tudo estava seguro e ninguém o havia seguido. Kieran preparava-se para deixar a proteção da sombra quando uma cena que se desenrolava por trás das janelas altas da fábrica chamou sua atenção. Por uma terrível fração de segundo, pensou que tivesse de correr em auxílio de Tao, mas depois percebeu que se tratava de dois combatentes do mesmo nível travando uma competição.

Fascinado, permaneceu escondido, aproximando-se apenas o suficiente para observar melhor os vultos que rodopiavam em uma das salas fortemente iluminadas da academia.

A musculo da asiática usava toda a sua técnica para conter a adversária, que em comparação parecia delicada. Como uma pluma, ela se movia para lá e para cá, combatendo os ataques tanto com força quanto com flexibilidade.

Mas sua adversária parecia sempre adivinhar os movimentos da experiente lutadora e desenvolvia contra-ataques extremamente criativos. A partir de um determinado momento, ambas as mulheres pareciam ignorar as leis da gravidade e passavam a fazer coisas que mortais, a princípio, não conseguiriam fazer.

A desconhecida espelhava cada movimento de sua adversária e parecia que estavam emaranhadas numa dança conjunta, cuja regra misteriosa não lhes deixava alternativa a não ser segui-la.

Quando Tao erguia o braço, sua oponente o fazia também, seguindo uma coreografia misteriosa. Um golpe aqui, outro ali. Uma mão disparava para frente, e a outra já se encontrava lá.

Era a primeira vez em sua vida que Kieran observava uma luta em perfeita harmonia. Ele se deleitava com essa apresentação, como se estivesse sentado no melhor camarote a assistir à apresentação de um virtuoso *pas de deux*.

Em determinado momento, a paz invadiu as lutadoras, e elas permaneceram caladas uma diante da outra.

Tao respirava pesadamente – Kieran nunca a vira assim. A adversária desconhecida nem parecia cansada. Ria feliz e se curvava. Com o movimento, a proteção de sua cabeça se soltou, e Kieran deixou escapar uma expressão de surpresa quando uma cascata de cachos vermelhos escuros se derramou quase até sua cintura, que era extremamente fina.

Imediatamente, ela ergueu sua cabeça e olhou desconfiada em sua direção. Kieran sentiu seus finos pelos se arrepiarem. Um sinal muito nítido que já o havia salvado mais de uma vez no último instante. Mas, dessa vez, ninguém ameaçava sua vida. Era sua razão que parecia estar em perigo, tanto que esta criatura o tocava.

Ele estava como que embriagado com a visão. Seus olhos, que brilhavam como esmeraldas no seu rosto pálido, eram bem afastados, assim como ele apreciava, e eram emoldurados por cílios extremamente escuros. O arco de suas sobrancelhas dava-lhe um ar ousado, da mesma forma como seu nariz recoberto de sardas a fazia parecer malcriada.

Kieran imaginou como seria a sensação de beijar aqueles lábios macios. E ainda mais excitante era imaginar a sensação da pele delicada de seu pescoço, lá onde uma pequena artéria pulsava compassadamente! Ele desejava esconder completamente suas curvas voluptuosas, que certamente levavam qualquer homem a ter pensamentos pecaminosos.

O desejo de possuí-la, de servi-la e protegê-la dos perigos deste mundo era tão intenso que Kieran só conseguia manter o controle com muito esforço. Ele estava prestes a atirar-se sobre ela, apanhá-la e levá-la para a segurança de seu lar. Kieran imaginava se estaria enlouquecendo. Tais pensamentos lhe eram proibidos.

Sem dúvida alguma, ela deve ter sentido sua presença, e quando Tao também lançou um olhar impaciente em sua direção, voltou a se esconder.

A moça não era uma vampira. No entanto, deveria possuir alguma forma de poder, pois nitidamente havia percebido que estava sendo observada. Uma mortal comum jamais teria conseguido enfrentar Tao dessa forma, em cujas veias corriam um pouco do sangue tanto de seu antigo senhor como do de Kieran.

Mesmo sabendo que não deveria, decidiu descobrir quem ela era. Para um vingador, poderia ser de vital importância observar de perto criaturas mágicas na sua região. Ele só se mantinha há tanto tempo nesta função porque, desde o princípio, procurava seguir essa regra. Em poucos segundos, essa mulher conseguira despertar nele muito mais sentimentos, que ele considerava mortos

há muito tempo, do que qualquer outra beleza estonteante nos últimos séculos. Kieran pressentia um novo desafio, seu desejo por caçar despertava.

Na tentativa de penetrar na mente dela, teve uma desagradável surpresa. Mal havia conseguido penetrar cuidadoso e sorrateiramente, encontrou-se de repente aos pés do muro de uma fortaleza intransponível. Era como se ela houvesse deixado cair uma grade levadiça diretamente diante de seu nariz. E, apesar de ele conhecer alguns truques eficientes para transpor barreiras mentais, não conseguiu perceber mais do que um sopro de impaciência que o atingia através das grades. A impressão que tinha era de que ela nem mesmo o temia!

De longe, observou como essa criatura adorável deixava o prédio e cruzava o estacionamento. Parou diante de um carro pequeno, de formas arredondadas, e, confusa, piscava os olhos e esfregava seu nariz. *Atchim!*, espirrou subitamente tão forte, que todo seu corpo estremeceu. Para surpresa de Kieran, deu uma risadinha, entrou no carro e partiu.

Que diabinha! – pensou divertido, materializando-se em seguida nas salas de aula.

– Quem era?

– Boa noite para você também, Kieran!

Tao, sem se virar em sua direção, continuou empilhando meticulosamente os tatames. Em vez de constatar o cheiro de madeira do assoalho novo, suor e outros odores muito mais desagradáveis que os mortais normalmente exalavam, Kieran tinha a impressão de estar num bosque primaveril. Com olhos semicerrados, ele sorvia prazerosamente o aroma da ninfa ruiva, para jamais esquecê-lo.

Enquanto isso, Tao havia concluído o seu trabalho de arrumação. Kieran precisou controlar-se para não segurá-la pelos ombros e arrancar dela a resposta. Obrigou-se a recuperar a calma e então finalmente a encarou.

– E então? – perguntou e ergueu uma sobrancelha. Nem um único músculo de seu rosto revelava o quão importante a resposta era para ele. Imaginar que nunca mais encontraria esse ser misterioso fazia o seu coração frio bater mais rápido e aumentar a pressão sobre os pensamentos de Tao. Era a primeira vez que ela sentia a verdadeira força do seu poder e, tremendo, caiu de joelhos. – Kieran, por favor!

Ele se controlou.

– Tao, quem era esta moça?

– Eu prometi manter segredo e você sabe que mantenho minha palavra!

Kieran poderia ter extraído dela a resposta, violado sua memória, mas não era exatamente sua lealdade que ele tanto apreciava?

– Eu descobrirei.

Com estas palavras ele se fundiu com a escuridão.

Há dias Nuriya fazia seus exercícios de concentração e relaxamento, e ia todas as noites para meditar e treinar junto com sua treinadora e amiga, até que essa noite parecia ter recobrado sua paz interior e havia lutado tão bem como nunca antes. Enquanto abraçava Tao agradecida, sentiu subitamente os olhos dele deslizarem sobre seu corpo. Nuriya virou-se como um raio, mas o

observador havia se envolvido em sombras intransponíveis. Ainda sentia seu olhar ardente quando entrou em seu carro e disparou para casa.

Em casa encontrou Selena ansiosa por um passeio.

– Venha, vamos sair! Erik telefonou, ele está na cidade novamente e quer nos encontrar. Por favor, Nuriya, não diga não! Você precisa conhecê-lo!

– De acordo. – Nuriya surpreendeu-se por ter concordado tão espontaneamente. Nesse ínterim, ela havia ficado curiosa para conhecer o homem com quem a irmã vivia sonhando, com o olhar perdido. E por que não? Tanto quanto Nuriya sabia, ele era o primeiro grande amor de sua irmã.

– Mesmo? Então preciso avisá-lo imediatamente! – alegrou-se a irmã, que saiu pulando.

– Espere! Eu preciso tomar primeiro uma ducha, e um pouco de maquiagem também não me faria mal – acrescentou depois de um olhar crítico no espelho. – Você pode me emprestar alguma coisa? Não sei o motivo, mas hoje me sinto um pouco... demoníaca.

Selena olhou espantada para a irmã.

– Hoje eu tive a luta perfeita com Tao. Foi maravilhoso!

Selena não conseguia entender o entusiasmo da irmã pelas artes marciais, mas se isso fazia com que ela finalmente demonstrasse um pouco de alegria de viver, então estava plenamente de acordo. Ela riu e prometeu cuidar de suas sardas e de seu cabelo rebelde, se ela concordasse em acompanhá-la.

De forma sonhadora, Nuriya jogou a cabeça para trás e girava em círculos com os braços abertos.

– A luta com Tao realmente me fez bem – sussurrou, e sentiu-se leve e feliz pela primeira vez em muitos anos. Nesse instante, notou um movimento com o canto dos olhos e virou-se rapidamente. Parecia que seu coração ia sair pela boca.

Selena estava parada na porta e pigarreou:

– Nós realmente precisamos fazer alguma coisa com sua aparência! – constatou, e depois de empurrar a irmã para uma cadeira começou a manusear pente, pó compacto e batom. – Feche os olhos!

Nuriya estava feliz por poder sentar, pois repentinamente se sentia tonta e seus joelhos ameaçavam falhar. Será que realmente havia desejado que o observador misterioso tivesse entrado em seu quarto? Como se ele fosse o cavaleiro negro que quisesse raptar a sua adorada e levá-la a um castelo solitário em algum lugar nas montanhas escocesas? Isso é absurdo! Ela tentava suprimir a risadinha histérica que queria vir à tona:

– Li romances demais.

– O que você está murmurando? Fique quieta, senão não consigo passar o lápis no seu olho! – reclamou a irmã, e Nuriya obedeceu.

Na sala de treinamento de Tao, teve por um instante a sensação de já haver encontrado aquele observador misterioso há muito tempo, e de conhecê-lo bem.

A forma cuidadosa como ele tentou ler seus pensamentos lhe pareceu tão familiar, que quase havia deixado de lado toda a cautela e lhe aberto sua mente. Mas seus inúmeros treinos para autodefesa não foram em vão. Ela tinha uma boa formação.

Depois de ter conseguido ativar o escudo protetor de sua mente no último instante, pôde sentir sua frustração e, logo em seguida, seu riso de reconhecimento, que parecia acariciar sua pele acalorada como uma suave brisa.

Enquanto se afastava dele com seu pequeno carro, o estranho deixou que ela soubesse que ele não estava acostumado a ser rejeitado.

Nos veremos novamente!, ecoavam suas palavras na cabeça – e o que no primeiro momento soou como uma ameaça, parecia-lhe agora mais uma promessa maravilhosa.

– Está tudo bem, Nuriya? Você ficou pálida, de repente!

Ela se sacudiu, como se quisesse livrar-se de um pensamento desagradável, e abriu cautelosamente os olhos. Uma fada vinda dos contos olhava para ela do espelho. Os cabelos brilhavam e sobre as grossas tranças cintilavam uma infinidade de minúsculas luzes. Suas sardas haviam desaparecido. No seu lugar, ela podia admirar, com o verde profundo de seus próprios olhos, o arco audacioso de suas sobrancelhas e o brilho convidativo de seus lábios carnudos.

– Isto é algum truque mágico? – perguntou desconfiada.

Selena retrucou alegremente:

– O único truque consiste no fato de você finalmente enxergar-se assim, como você realmente é. E eu não tenho nenhuma responsabilidade sobre este... truque! – ergueu as mãos na defensiva. – Alguma coisa parece ter acontecido com você. Por acaso você está apaixonada?

Nuriya também precisou rir:

– Certamente não!

Asher estava habituado a ser requisitado por seu irmão mais novo sem grandes explicações, e também dessa vez ele se submetia de boa vontade. Chegou pontualmente ao local de encontro sugerido e procurou uma mesa num lugar estratégico, de onde conseguia divisar todo o bar.

Quando estava na cidade, o vampiro vinha frequentemente aqui durante a noite. A decoração interna do "Refúgio" lembrava-lhe Paris no final do século XIX. Um tempo do qual ele gostava de se lembrar.

Como naquela época, aqui se viam os típicos bancos forrados com couro escuro e mesas quadradas de madeira alinhadas em sua frente. De noite, elas eram cobertas com toalhas de linho engomadas e, dependendo da quantidade de fregueses, ajuntadas ou separadas pelos ágeis garçons e garçonetes. Com isso, criava-se uma atmosfera íntima para um casal apaixonado que desejasse trocar olhares à luz de velas, ou então lugar suficiente para um grupo de amigos barulhentos.

Com o decorrer dos anos, o revestimento de madeira ficara praticamente negro e os espelhos altos nas paredes tornaram-se opacos. Mas ainda eram límpidos o suficiente para refletir infinitamente os imponentes lustres de cristal que pendiam do teto. Não eram poucos os que, em sua primeira visita, constatavam que o bar era muito menor do que à primeira vista parecia.

Asher gostava de matar o tempo observando os fregueses. "Refúgio" era um nome criteriosamente escolhido, pois todos os seres do mundo fantástico tinham acesso ao lugar, desde que se ativessem às regras – e estas podiam ser

resumidas em poucas palavras: nenhuma magia que despertasse curiosidade, e nenhum ataque a mortais.

O proprietário mantinha o bar aberto vinte e quatro horas por dia, e por isso era possível encontrar, nas primeiras horas da manhã, notívagos que pareciam não se importar de, às vezes, erguer os pés para que a mulher da limpeza pudesse remover os vestígios dos outros fregueses.

Ele sabia que, na hora do almoço, homens de negócio e distintas senhoras a portar inúmeras sacolas de compras, nas quais levavam para suas casas o resultado de seus ataques às butiques exclusivas da vizinhança, vinham para almoçar. Feirantes vindos do outro lado da rua ficavam em pé diante do longo balcão. Eles se premiavam com um copinho de vinho para renovar o ânimo e, enquanto isso, lançavam mão do pão sempre fresco que era oferecido como cortesia em pequenos cestos prateados.

À tarde, o local ficava mais tranquilo, e um ar de cafeteria dominava. Senhores idosos fumavam seus charutos de sabor marcante escondidos por grandes jornais do dia; homens e mulheres curvavam suas cabeças sobre textos manuscritos e, isoladamente, via-se um ou outro lidar com um *laptop* ou com um celular.

Quando os escritórios e lojas da redondeza encerravam seu expediente, o público mudava novamente. Comentava-se que a cozinha era excelente, e muitos fregueses tomavam um drinque antes de ir para suas casas. Esse também era o motivo da visita daqueles que chegavam aqui depois de uma noite na discoteca, e assim estava o bar, como todas as noites, densamente povoado, o volume da música aumentado, o ar vibrando com a expectativa e com os divertidos flertes.

O mundo parou para Asher por um instante quando as mulheres entraram no bar. As duas não poderiam ser mais diferentes na aparência. Apesar de a menor olhar hesitante à sua volta, o seu andar sensual não denotava insegurança. No entanto, parecia que não apresentar a mínima consciência do erotismo que irradiava. Em vão, tentara conter seus cabelos, de um vermelho brilhante, prendendo-os no alto. Algumas mechas já haviam se soltado e realçavam convidativamente sua nuca levemente arqueada. Asher flagrou-se lambendo os lábios ao imaginar como seria encravar seus dentes em sua pele quase transparente.

Uma mortal atraente. E, apesar disso, era sua acompanhante que prendia sua atenção. Ela era grande e, sem sombra de dúvida, poderia ser uma modelo, tão singular eram os traços delicados de seu rosto. A cada movimento, seus cabelos, negros como a noite, dançavam com um suave embalo em torno de seus quadris estreitos. Cada fibra de seu corpo parecia clamar por amor. Era sem sombra de dúvida a atraente filha de uma fada na sua melhor idade!

Asher engolia, enquanto a esperança quase estrangulava seu coração. Nesse momento, o olhar dela o tocava através de olhos maquiados de forma sensual e escura, e sentiu uma saudade que o vampiro de quase 1.400 anos de idade há muito não sentia.

Ninfa.

Com grande esforço tentava não olhar de forma chamativa demais em sua direção.

As duas mulheres pararam brevemente e olharam em volta à procura de algo. E enquanto a vida ao seu redor parecia acordar de uma paralisia momentânea, o olhar de Asher caiu sobre seus dedos curvados como garras, que ele havia encravado profundamente na madeira de sua mesa. Com cuidado, esticou os dedos e deitou as mãos abertas sobre a mesa, respirando profundamente algumas vezes.

Tentava remediar o estrago com o mínimo possível de magia para evitar atrair atenções indesejáveis sobre si. Enquanto isso, perguntava-se se ela poderia ser a *escolhida*. A fada mais procurada do momento, predestinada para realizar a ligação entre o reino de luz das fadas e o mundo dos vampiros. Poder e riqueza acenavam para o vampiro que a transformasse numa filha da noite.

Assim que a escolhida tivesse sido encontrada, ela estaria sob a proteção dos vingadores, até que se encontrasse o seu parceiro de alma. Sem proteção, a escolhida não teria muita chance contra os inúmeros vampiros, ardentes de amor e famintos de poder, que enxameariam como morcegos ao pôr do sol a partir do instante de sua descoberta: cada um levado pela esperança de ganhá-la para si, de uma ou de outra forma.

Quando na sua rota através do céu, Vênus cruzasse com o sol pela primeira vez após 120 anos, a relação entre o reino das trevas e o da luz precisaria ser renovada. Até haveria uma segunda passagem oito anos mais tarde – mas isso não parecia interessar aos deuses.

Nenhum mortal podia lembrar-se do último acontecimento cósmico dessa natureza, mas Asher lembrava-se muito bem. E, como sempre acontecia, também agora os prenúncios indicavam temporal. Ele se questionava se esta era a razão de Kieran tê-lo chamado para esse local. Alguns vampiros machos simplesmente perdiam o controle, quando a data se aproximava. Pela primeira vez, parecia que ele também estava correndo risco de perder a razão. Provavelmente era a própria Vênus que o fazia tão suscetível ao charme excepcional dessa ninfa, pois dinheiro e poder ele possuía realmente o suficiente.

As mulheres sentaram no bar e pediram suas bebidas conversando animadamente. Logo em seguida, um grupo de licantropos entrou no local. Era raro encontrar um lobisomem sozinho. Asher, que como todos os vampiros alfa era um solitário convicto, achou bastante incômodo o bando ruidoso de jovens bem-humorados. Além disso, a ninfa sorriu tão feliz ao avistar os recém-chegados que mal conseguiu suprimir um grunhido. Por um canto do olho, observava com ar reprovador como ela se atirava nos braços de um loiro alto, que parecia não aceitar brincadeiras.

Asher tinha vontade de torcer o seu pescoço, mas de forma alguma podia provocar desentendimentos nesse lugar. Em vez disso, ele se concentrou em sua bebida, que chegava ao fim. Com isso, não notou o olhar perscrutador da mulher ruiva.

A caminho do apreciado local de encontros noturnos, onde haviam combinado o encontro com Erik, Nuriya sentiu, pela segunda vez naquele mesmo dia, um estranho formigamento sob a raiz do nariz e, somente com esforço, conseguiu evitar um espirro. Selena olhou-a preocupada:

– Você deveria ter vestido um agasalho!

– Para eu precisar carregá-lo a noite inteira? Eu acho que hoje está bastante quente e que é a minha rinite alérgica que está se manifestando.

– Para isso eu tenho um remédio maravilhoso. Lembre-me de dá-lo a você mais tarde.

– Espero que ele não seja como na última vez, quando eu ainda tinha as orelhas verdes e não podia sair para lugar algum por três dias depois do tratamento.

– Elas não estavam verdes! – protestou Selena.

– Ah, sim, estavam, e pontiagudas também!

– Um erro de principiante! Desde aquele dia, eu treinei com Estelle e melhorei bastante! De verdade, eu não vou enfeitiçá-la! – Selena fez beiço e Nuriya riu. – Tudo bem. Eu vou experimentar seu remediozinho! Mas agora chega de magia. Chegamos!

Juntas entraram no "Refúgio" e procuraram por Erik. Como sua irmã não conseguiu encontrá-lo em lugar algum, Nuriya sugeriu que eles esperassem no balcão.

Ela sentia-se um pouco desconfortável, tentando andar de forma razoavelmente elegante, apesar de seus saltos baixos. E, enquanto isso, esperava que os olhares interessados fossem dirigidos à sua irmã, e não a ela.

– Talvez eu devesse ter trazido o agasalho... – murmurou, e puxou um pouco mais para baixo a blusa emprestada, que deixava seu colo de fora. Era muito justa e também muito curta para seu gosto, mas em casa ela havia se deixado convencer por Selena de que era o complemento ideal para sua calça larga de bolsos sobrepostos, e que realçaria muito bem sua cintura fina. Aparentemente, também realçavam seus seios não muito pequenos, constatou, uma vez que já era o terceiro homem que arriscava um olhar mais demorado. Esse era o tipo de atenção que ela não fazia questão de receber.

Selena fez sinal para o *barman*, que se esforçou por preparar o seu pedido o mais rápido possível.

Nuriya sabia que Selena era muito mais tímida do que Estelle, sua irmã gêmea. Como ela conseguia parecer tão perfeita, apesar disso? Ela já estava com calor; sentia como as primeiras mechas de seus cabelos se enrolavam de forma indiscreta sobre seus ombros, e a coceirinha a deixava nervosa.

– Relaxe, irmãzinha! – A mão fria de Selena sobre seu braço teve um efeito tranquilizador imediato. Ela estava feliz por Nuriya ter vindo junto e se alegrava em finalmente poder apresentá-la a seu namorado Erik.

– Sem magia! – advertiu Nuriya com um sorriso. Recostou-se obediente e tomou um gole do seu martini, que Selena havia pedido para as duas. Seu olhar fixou-se num homem atraente, de cabelos escuros, cujo interesse sentiu assim que entraram no bar.

Imediatamente ele olhou para o lado, parecendo sentir-se flagrado. Seu cabelo curto realçava o perfil simétrico e os lábios sensuais, que o homem, no entanto, pressionava firmemente, como se algo o aborrecesse. Seu blusão marrom informal não conseguia disfarçar os ombros largos, e Nuriya poderia apostar que o resto do corpo, que infelizmente estava escondido por trás da mesa do bistro, era igualmente vistoso.

As jovens mulheres, na mesa ao lado, pareciam ser da mesma opinião, pois o encaravam como se fosse uma sobremesa especial. Nuriya esperava que ele apreciasse esse tipo de admiração. Ela mesma, no seu lugar, provavelmente teria fugido o mais rápido possível.

Uma das mulheres, cujo vestido justo realçava muito bem suas curvas femininas, levantou e ajeitou casualmente sua saia. Agora era possível ver um bom pedaço a mais de suas longas pernas. Lançou um olhar de vitória para suas amigas, como se dissesse: "Observem, é assim que se faz!", e encaminhou-se com um balançar sugestivo dos quadris na direção de sua presa masculina.

Fascinada, Nuriya observou como, chegando perto do homem, ela de repente pareceu tropeçar. Se ele não tivesse agarrado rapidamente seu braço para evitar que caísse, com certeza ela teria aterrissado em seu colo.

– Sua monstrinha! – Nuriya riu, pois o homem nem sequer havia olhado para a loira durante a ação de salvamento. Pelo contrário, um olhar para seu perfil foi suficiente para que a moça fugisse de volta para suas amigas. Depois disso, nenhuma delas sequer ousou olhar naquela direção. Nesse momento, Nuriya lamentou muito ter prescindido de seus óculos por vaidade, e por isso ter deixado escapar os detalhes de seu gestual.

– Ele não parece muito simpático! – pensou, e virou curiosa para descobrir a quem ele dirigia o olhar zangado.

Surpresa, notou que sua irmã havia levantado de um salto e ido ao encontro de um loiro, alto.

– Ninguém me disse que haveria um encontro de modelos aqui! – sussurrou levemente em pânico. Mas então compreendeu que este deveria ser o "maravilhoso Erik", com quem Selena sonhava ininterruptamente.

Os dois vieram passeando até ela em um abraço apertado e, com um sorriso conspirador que fazia aparecer uma covinha encantadora na sua face, Erik inclinou-se até ela e sussurrou:

– Eu não tenho culpa, verdade! Ela simplesmente é muito apaixonante!

– Mesmo? – Nuriya jamais teria usado esse atributo para sua irmã. Mas parecia que, nos últimos meses, havia acontecido mais do que ela imaginava.

Fazia tempo que Nuriya não lia mais os pensamentos das pessoas à sua volta. De qualquer forma, a maioria era muito entediante. Quem é que queria saber se a mulher no ponto de ônibus traía seu marido – com o irmão dele! Ou o quanto o carteiro admirava os seios da vizinha. Mas aqui se tratava da felicidade de Selena, Nuriya procurava tranquilizar-se, e simplesmente ignorava a pequena voz que lhe sussurrava que ela agia, em primeiro lugar, por curiosidade.

Com cuidado, ousou uma olhadela nos pensamentos de Erik, e neles encontrou uma ternura arrebatadora, uma admiração e um amor sincero por

Selena. Aliviada preparava-se para retirar-se quando viu algo diferente. Assustada, segurou a respiração.

– O quê...? – mas Erik olhou firmemente para ela: *Ela não faz a mínima ideia!* – alertou a voz dele em sua cabeça.

Ela não sabe que você é um lobisomem? Como você conseguiu esconder isso dela? Um pouco insegura, porque nunca antes havia encontrado alguém daquela espécie, Nuriya perguntou mais uma vez: *É isso o que você é?*

Quase desejava estar enganada. Mas Erik não a contradisse e seu suspiro silencioso parecia subir do fundo de sua alma.

Apesar de seu segredo, ela simpatizou com ele e o seu sofrimento visível a afligia. Mesmo assim, ela tinha a obrigação de proteger sua irmã, e por isso Nuriya continuou sondando: *O que você sabe a nosso respeito?*

Vocês são ninfas – e muito dotadas por sinal. Por razões que eu não consigo entender, Selena não faz ideia das habilidades que ela realmente possui e é constantemente protegida por Estelle. Sua voz agora parecia um pouco aborrecida. *E você! Você parece uma mortal comum! Era de se pensar que vocês tivessem orgulho de suas origens. Ao invés disso, vocês duas renegam sua herança. Estelle não age assim.*

E qual a relação de Estelle com tudo isso? Nuriya observou sua irmã cuidadosamente. Mas, aparentemente, ela não percebia nada dessa fervorosa conversa telepática, e aconchegava-se nos ombros de Erik com um sorriso sonhador nos lábios. Um pensamento terrível veio à sua mente: *Qual é a* sua *relação com Estelle?*

Com certeza não é aquilo que você pensa! Eu amo Selena! Erik passou nervoso as mãos nos seus cabelos loiros. *Foi Estelle quem me fez prometer que eu não revelaria a Selena minha verdadeira natureza. Por sinal, isso é terrivelmente difícil. Principalmente agora*, acrescentou, olhando pelas janelas altas, como se pudesse ver nitidamente a lua crescente em algum lugar no céu noturno.

Nuriya apenas podia imaginar a dificuldade de Erik para esconder de Selena uma parte considerável de seu ser, e ela achou cruel Estelle tê-lo obrigado a fazer essa promessa.

Principalmente nas fases de lua cheia, ele corria constantemente o risco de ser descoberto. Se, além disso, houvesse paixão envolvida, então um lobisomem podia tornar-se um amante trabalhoso, mesmo sem se transformar. Se a inexperiente Selena, em um momento desses, ficasse com medo, poderia acontecer que Erik perdesse o controle e a fera nele predominasse. Não é possível imaginar as consequências que uma perda de controle desse tipo poderia ter.

O que Estelle estava pensando? Será que ela realmente acreditava que o desconhecimento protegeria Selena de possíveis perigos?

Erik, sinto muito! Esta situação deve ser muito terrível para você. Você deveria contar a ela o quanto antes.

O alívio que ele sentia por ela poder, de certa forma, libertá-lo da promessa feita a Estelle era visível, e ele prometeu preparar sua irmã com cuidado para essa difícil conversa.

Enquanto Nuriya concedia ao casal apaixonado um pouco de tempo a sós e, perdida em pensamentos, tentava espetar a azeitona em seu copo vazio, foi novamente acometida por aquele estranho formigamento. Ela decidiu, sem falta, experimentar o novo remédio de Selena. Como se já não houvesse sido castigada o suficiente com suas sardas, agora também seu nariz certamente ficaria todo enrugado por causa desse franzir constante, pensou, divertindo-se.

Então ficou séria.

A acusação de Erik de que ela negava sua origem fez Nuriya ficar pensativa. Estava imaginando, preocupada, se seria sua culpa o fato de Estelle tentar proteger sua irmã crédula dessa forma desajeitada, quando um forte espirro a tirou de suas reflexões e logo depois inquietantes acontecimentos exigiram sua total atenção.

Depois da tentativa de aproximação explícita da loira da mesa ao lado, Asher pensava se deveria aliviar aquela mortal intrometida de alguns goles de seu sangue de aroma apetitoso. Ele sabia que o corredor dos toaletes, que servia de meio de fuga não apenas para os mortais, levava a um pequeno jardim nos fundos da casa. Lá havia diversos cantos escuros para um lanche tranquilo. Ela já começava a se erguer para seguir seu convite silencioso quando ele lembrou, a tempo, que o dono do local punia rigorosamente tais atividades em seu bar, proibindo-os de frequentar a casa. Confusa, sua vítima deixou-se cair de volta na cadeira. Asher deu um leve empurrão nos pensamentos dela e, logo em seguida, ela deixou-se acompanhar de boa vontade até sua casa por suas preocupadas amigas.

Insatisfeito porque o seu apetite havia sido aguçado e Kieran ainda não havia chegado, virou o olhar em direção ao bar apenas para testemunhar um abraço amoroso entre a fada e o lobisomem.

– Não é possível, uma fada na companhia de lobos! – resmungou por fim irritado e levantou-se para deixar o bar.

– Sente-se, Ash! – disse Kieran, empurrando-o sem piedade de volta no seu banco.

Muito antes de ter chegado ao bar, Kieran já sabia que ela estava aqui. Suas entranhas pareciam querer se contrair, e o desejo de fugir com ela para o lugar mais longínquo do mundo, onde nenhum outro homem pudesse lançar um olhar desejoso sobre seu corpo sedutor, só podia ser refreado com grande esforço.

Tampouco lhe passou despercebido o interesse da fascinante criatura pelo seu irmão, e Kieran, que tanto segundo amigos quanto inimigos não se deixava provocar por nada, teve vontade de não reprimir seus instintos masculinos primitivos. Ele precisou conter-se para não desafiar Asher imediatamente para um duelo. No seu coração, uma pequena voz arcaica pedia que ele transformasse instantaneamente em pedra todo homem que ousasse olhar para ela.

O proprietário do bar, um mortal possuidor de consideráveis dotes de magia, com certeza não seria grato a Kieran por tal atitude e o teria expulsado. Apesar de que, numa situação dessas, a proibição de frequentar a casa não faria mais sentido – uma atitude assim certamente lhe custaria a cabeça. Nenhuma

magia em público, esta era a regra suprema. Seu ânimo melhorou um pouco ao imaginar o escândalo que seria se justamente ele fosse flagrado violando essa lei. Quem o Conselho enviaria para sua execução? Seu olhar caiu sobre o irmão mais velho. Provavelmente mandariam Asher. Esse pensamento o trouxe rapidamente de volta para o presente. Kieran concentrou-se no motivo de sua presença naquele lugar

Com voz abafada, contou sobre o assalto da noite anterior. Ele omitiu, no entanto, os detalhes de seu salvamento.

– Você está me escutando? – grunhiu furioso para seu interlocutor. Asher, normalmente tão atento, havia olhado de soslaio para o bar durante toda a sua narrativa.

Era natural. A visão dessa pequena bruxa ruiva deveria despertar os instintos mais baixos em qualquer homem.

O fato de tentar puxar sua blusa um pouco mais para baixo não melhorava em nada a situação, já que esse movimento desviava seu olhar para a pele macia e branca de seu colo, que naquele mesmo instante vibrava ao rir sobre algum comentário de sua acompanhante. Kieran imaginava como seria quando ela assim estremecesse sob suas carícias. Os pelos finos ficariam eriçados e seu toque deixaria seus sentidos ainda mais sensíveis e os prepararia para aquilo que ele faria mais tarde com seu corpo. Com sua língua, o vampiro provaria sua pele salgada, afagaria suas coxas macias e sorveria seu aroma sedutor, até que seu corpo se arqueasse contra o dele, e ela implorasse que ele a possuísse completamente, penetrasse nela profundamente repetidas vezes, até que ela nunca mais pensasse em outro homem.

– Kieran?

Por um momento, olhou perplexo para seu irmão, quando este se recostou e, cruzando os braços sobre o peito, lançou-lhe um olhar de entendimento.

– Eu estava pensando! – apressou-se em dizer.

– Sei. Talvez você pudesse fazer a gentileza de me conceder novamente sua atenção. Pensei que você tivesse me pedido para vir aqui com o intuito de obter algumas informações.

– Fale! – resmungou Kieran, ao mesmo tempo que tentava continuar observando a moça com o canto dos olhos. No passado, Asher trabalhara ativamente como vingador para o Conselho, e como conselheiro sempre tinha bons contatos.

– Você não é o único que foi assaltado! Diversos agentes relatam sobre acontecimentos similares. Um vingador já é dado como desaparecido. Se você quer saber minha opinião, isso está relacionado com o pacto de Vênus.

Kieran não estava totalmente convencido.

– Mas porque fomos assaltados?

– Talvez para despistar. A escolhida, afinal, já foi encontrada? – Asher agora olhava ansioso para o bar. Sua fada tinha se afastado de sua acompanhante, acompanhada pelo lobo loiro, ao passo que esta se concentrava em tentar espetar a azeitona de sua bebida com um palito, como se quisesse a todo custo evitar olhar na direção dos dois irmãos. Não se viam os outros licantropos em lugar algum.

Kieran seguiu seu olhar e estarreceu-se. Um homem embriagado aproximava-se de "sua menina", que parecia não ter noção das fantasias que despertava nos homens do bar.

Demonstrando desejo, os olhos embaçados pelo álcool do mortal prenderam-se em suas perigosas curvas. Ele abria a boca, provavelmente para balbuciar obscenidades em seus ouvidos, quando o licantropo já pulava de forma protetora na sua frente. O proprietário do bar também se aproximou rapidamente, quando Kieran e Asher surgiram à direita e à esquerda do beberrão. Ninguém viu quando se levantaram de sua mesa. As conversas emudeceram e a música de repente pareceu muito alta.

– Posso ajudar? – A voz de Kieran denotava tédio e deboche.

Somente sua disciplina secular evitou que, naquele momento, quebrasse o pescoço daquele sujeito imundo. Por um instante, lutou com o demônio da sede de sangue, mas a razão prevaleceu e, olhando profundamente nos seus olhos, o vingador ordenou ao surpreso mortal: *Desapareça e nunca mais dirija uma palavra a estas duas mulheres sem autorização!*

Apressadamente, o homem obedeceu a essa ordem clara, como se seu perigoso adversário tivesse feito a advertência em voz alta.

A tensão em Kieran cedeu um pouco e as pessoas em volta voltaram a suas conversas, como se nada houvesse acontecido. O hospedeiro acenou brevemente com a cabeça para os dois vampiros, antes de se preocupar novamente com o bem-estar de seus fregueses.

Por um momento Nuriya olhou fixamente para seu salvador, sem dizer palavra.

– Muito obrigada! – disse finalmente, e para seu desespero sentiu como um calor desagradável lhe subisse pelo corpo. Com certeza seu rosto estava vermelho como uma chapa de metal superaquecida.

– Não há de quê! – E por não saber mais o que dizer, Kieran fez uma breve reverência e saiu andando com as pernas duras.

Ela tem cheiro de aspérula! – pensou, sonhador. "Manjar dos deuses", era assim que os mortais chamavam uma sobremesa que era temperada com essa planta. Em alguns lugares, essa plantinha da primavera cobria o solo da floresta como um tapete salpicado de branco, e Kieran sentiu-se transportado para os bosques de carvalho de sua terra natal. Ele inspirou profundamente, teve a sensação de sentir o sabor de seu doce frescor e a água juntou-se em sua boca, sem que sentisse a habitual sede por sangue. O aroma de Nuriya parecia segui-lo.

– Quem é você? – ela sussurrou, e sua voz fez com que ondas agradáveis subissem pela pele dele. Mas o vampiro resistiu à tentação de dar meia-volta, beijá-la e, ali mesmo, no meio de todos, deixar evidente a sua tomada de posse. Lembrou-se de seus talentos para a luta e, rindo para si mesmo, pensou que ela, com certeza, não permitiria tal comportamento sem apresentar resistência.

Por favor, diga-me seu nome! – pediu Nuriya, mas não recebeu resposta.

Quando já estava perdendo a esperança de ele tê-la entendido, um nome pairou em sua mente: *Kieran*.

Ele teve vontade de se morder.

– É isto o que significa "nunca despertar interesses indesejáveis"! – rosnou contrariado.

O que estava acontecendo com ele, ao permitir que a lembrança de sua intervenção permanecesse na mente dela e ainda por cima revelar-lhe seu nome? Qual era a ligação invisível que havia entre eles para que ela houvesse conseguido transpor todas as barreiras e penetrar em sua mente aparentemente sem esforço?

As duas mulheres se entreolharam e começaram a dar risadinhas.

– A testosterona está no auge hoje –, riu o seu encantador duende ruivo, com uma voz rouca que fazia arrepiar os cabelos de todos os homens presentes.

Então tomou sua irmã pelas mãos:

– Vamos embora!

– Erik! – ronronou a outra. – Você ouviu? Estamos indo.

O licantropo pareceu finalmente sair do seu transe, lançou um olhar de advertência para Kieran e Asher, e apressou-se em alcançar sua namorada.

Protetoramente, impeliu as duas mulheres na direção da rua. Kieran admirou sua coragem. Não havia dúvidas de que ao menos ele conhecia a verdadeira natureza dos sombrios anjos da guarda.

Ela olhou para ele mais uma vez. O tempo pareceu parar. Interesse brilhou em seus olhos verdes no momento em que seus olhares, por alguns segundos, se cruzaram. Então um sorriso promissor tomou conta de seus lábios, antes de ela desaparecer definitivamente na noite: *Eu sou Nuriya!*

– Meu Deus! Ela está flertando com você! – exclamou Asher, logo em seguida.

– Ela não sabe o que está fazendo! – resmungou Kieran.

– Você não está pensando em envolver-se com uma mortal, não é? O conselho não permitiria. Sem contar que a pequena não sobreviveria mais do que umas poucas semanas a um relacionamento com você!

– Asher! A moça é algo de muito especial. Eu jamais iria tocá-la! – Kieran inspirou fundo com os olhos fechados, como se desejasse segurar um traço de seu perfume estonteante. – Ela cheira a aspérula! – acrescentou sonhadoramente, e por sorte não percebeu que o irmão virava os olhos.

– Não pode ser! Somente fadas...

– Você tem razão! Lógico, é isso! Como é que não percebi logo? Ela é uma ninfa! – Kieran olhou perplexo para seu irmão e, se seu coração ainda fosse vivo, teria se quebrado naquele momento. Ele havia desperdiçado sua chance de conquistar uma fada há séculos atrás. Antes mesmo de saber que ele teria apenas aquela única chance.

– Sua acompanhante de cabelos escuros, aquela que estava com o lobisomem – riu Asher amargamente – ela é ninfa. Mas a ruiva? Nunca! Eu nem sequer consigo percebê-la.

– É melhor que você nem tenha a ideia de querer percebê-la! – resmungou Kieran. Com essa ameaça, o vampiro se fundiu com a escuridão e deixou para trás o seu perplexo irmão.

Nuriya estava muito calada a caminho de casa. Parecia que a magia havia retornado com força total em sua vida. Primeiro o seu encontro perturbador com o estranho, depois o segredo obscuro de Erik e agora o incidente no bar.

Não lhe passou despercebida a velocidade sobre-humana com que seus salvadores haviam cruzado o recinto para protegê-la do humano, que quase morreu de susto. Os dois homens tinham uma semelhança incrível, que não se resumia apenas à sua aparência. Era como se fossem da mesma espécie. Mas o que seriam? Com certeza não eram fadas. Isso Nuriya teria percebido. Kieran era envolto por uma aura de um macho arrogante, acostumado a dar ordens. Por seu comportamento mais humilde, o outro homem dava a impressão de ser inofensivo. Suas roupas o faziam parecer com um bibliotecário ou com um simpático – apesar de bem jovem – professor, e aparentemente foram escolhidas com esmero para esconder a energia fervilhante que Nuriya teve a sensação de sentir durante a curta cena. Olhando com atenção, não era possível deixar de notar que seu criador o havia dotado de forma benevolente com todos os atributos de um Adônis.

O rosto de Kieran, apesar de incrivelmente atraente, não tinha essa perfeição. Mas não foi sua boa aparência que fez com que as pessoas se voltassem para ele quando entrou no bar. Não foi seu corpo extremamente atlético que o tornou tão encantador para Nuriya. Não, ele possuía um carisma raro e rústico que fazia com que cada gesto e olhar seu se transformassem em uma promessa sussurrada. Como uma fera mortífera, ele irradiava perigo e arrogância masculina, qualidades que ela normalmente não qualificava exatamente como atraentes. Mas a mera lembrança do toque suave de seus pensamentos fazia com que seu coração batesse mais rápido. Com saudades, lembrava-se do breve momento em que seu olhar descansou promissoramente sobre ela.

Será que o encontraria novamente? Nuriya quase desejava não ter banido a magia de sua vida, e assim poder lançar um olhar ao futuro.

Na ocasião, pareceu-lhe tudo tão natural. Ela passou a odiar a magia quando nem as habilidades excepcionais de sua mãe puderam guardar seus pais de uma morte horrível.

Somente a contragosto obedecia quando Ninsun, aparentemente sua eterna consciência pesada, a intimava a aprender mais um truque novo. A desanimada aluna fazia suas lições tão impaciente que não notava a facilidade com que realizava as tarefas. Nem percebia o olhar aprovador de sua instrutora severa.

Infelizmente, ela também havia conseguido trancar o que aprendera em uma masmorra situada no mais profundo de seu consciente, até que qualquer faísca de magia estivesse escondida atrás das grossas portas, trancadas com imensas fechaduras, e ela até mesmo houvesse perdido sua aura de fada. Mesmo a leitura de pensamentos ela procurou abandonar, e não podia lembrar-se de quando havia sido a última vez em que se comunicara telepaticamente com alguém por tanto tempo como fizera há pouco, com Erik.

Lembrou-se de sua acusação. Havia realmente sido um erro negar sua herança? Será que havia abandonado suas irmãs e, sem querer, deixado elas expostas ao perigo? Nuriya desejava que Ninsun respondesse suas perguntas.

Mas sua conselheira normalmente tão tagarela só sussurrou: *A resposta está em você mesma, Nuriya!*

Capítulo 3

Depois que Erik levou as irmãs para casa, escolheu o caminho mais longo para o seu lar, através do parque da cidade, agora deserto. Era um risco, pois em tão pouco tempo antes de uma noite de lua cheia, bastava a corrida de um coelho assustado para despertar seu instinto de caça e provavelmente atrair atenções indesejáveis sobre si. Mas Erik queria pensar, e isto ele conseguia fazer melhor a céu aberto.

Hoje haviam se confirmado seus piores receios. Pela primeira vez encontrara a outra irmã de Selena e, mesmo sem o contratempo no café, estava claro que ela representaria problemas.

Qualquer lobisomem que tivesse apenas uma leve ponta de magia teria espantado o bêbado com facilidade. E ele estava certo de que os dois vampiros também sabiam disso. Mesmo assim, haviam interferido e, com isso, atraído mais atenção do que desejavam. Erik tinha algum conhecimento sobre o mundo fantástico, mas ele nunca havia se deparado com vampiros mais poderosos. Eles não carregavam as trevas como um manto protetor, como até então havia visto em outras criaturas da noite. Em vez disso, eles eram as trevas personificadas, como se de dentro deles nascesse uma fonte de sombras mortais.

Erik não sabia a quem ele deveria temer mais; ao de cabelos curtos, que mais de uma vez havia olhado penetrantemente para Selena e que, em comparação com o outro, parecia inofensivo; ou ao seu acompanhante sombrio, que se comportava em relação a Nuriya como se ela lhe pertencesse. Com certeza, essa moça representava grande aborrecimento e perigo para todos eles.

Mas como não possuía o dom de ver o futuro, ele precisava esperar o que o destino lhes preparava, e podia apenas desejar que conseguisse protegê-la da melhor forma possível. Por amor à sua doce Lena.

Enquanto se deitava na grama recém cortada e observava as estrelas, o lobo apaixonado pensava naquele dia de setembro em que havia visto Selena pela primeira vez.

As gêmeas estavam organizando uma festa de despedida para Estelle, que na semana seguinte viajaria a Paris para estudar. Christian, um conhecido mortal, o havia convencido a vir junto. Ele elevava as duas anfitriãs às alturas.

Erik, a princípio, não estava em clima de festa. Ele havia discutido com seu pai dominador, que novamente exigia que ele finalmente assumisse seu lugar na comunidade.

Mas Erik havia mudado para longe deles, naquela cidade, para poder viver entre mortais comuns – longe das políticas e intrigas de sua família. Apesar de sempre ter sido considerado um rebelde, às vezes o jovem lobo sentia falta do aconchego e da proximidade, também física, que era comum em sua família. Quando se encontravam nas inúmeras comemorações, nas festas familiares ou nos fins de semana, não passava um momento sem que não se descansasse o braço sobre o ombro de alguém, ou que houvesse um breve toque durante a conversa, ou ao menos se sentasse bem próximo a alguém. Parecia que todos

desejavam certificar-se, a todo instante, de que pertenciam ao grupo e eram aceitos.

– Se realmente quero viver aqui, então é melhor começar a fazer amizades o quanto antes! – pensou e acabou prometendo acompanhar o amigo à festa.

Enquanto desciam do carro, diante da casa das gêmeas, já pôde sentir a magia. Erik teve vontade de voltar imediatamente, mas como poderia explicar sua retirada repentina ao amigo?

E assim entrou em um jardim enfeitiçado, curioso por saber o que esperaria por ele. A casa, quase uma pequena mansão, com certeza já havia visto tempos melhores. Não era descuidada, mas com certeza um pouco de tinta e um telhado novo lhe fariam bem. Também o jardim, cercado por arbustos densos que ocultavam a propriedade de olhares curiosos dos transeuntes, parecia um pouco abandonado.

A despeito disso, tudo irradiava aconchego e bondade. Nenhum perigo o ameaçava aqui, pensou Erik, e seguiu o amigo através de uma trilha com pavimento irregular.

Ao virarem na esquina da casa, ele parou para gravar a imagem que lhe era oferecida. Entre velhas árvores frutíferas, haviam sido dependuradas lanternas de papel colorido, e debaixo delas haviam sido postas mesas cobertas com toalhas brancas, nas quais os convidados conversavam. Outros estavam de pé em pequenos grupos, rindo felizes, ou se serviam no farto bufê.

Era um dia agradável de fim de verão e o olfato apurado de Erik sorvia satisfeito o odor fino de ervas, frutas maduras e da terra quente e pesada do outono. Se ele não estivesse em sua forma humana, teria encostado a cabeça na nuca e, obedecendo a sua natureza, anunciado a todos o seu bem-estar, para então rolar-se prazerosamente na grama cortada recentemente. Mas continuou observando em redor.

Em um terraço amplo, meia dúzia de convidados dançava ao som de música suave e Erik, por um instante, acreditou nunca haver vivenciado algo tão sereno quanto essa festa de jardim. E então ele a viu.

Seria impossível diferenciar as irmãs se elas não tivessem se vestido de forma diferente. Uma trajava um longo vestido vermelho como uma rainha. O tecido macio brincava em torno de seu corpo esguio com a suave brisa da noite e oferecia um contraste forte com seus cabelos escuros, que quase alcançavam a cintura. Ela virou um pouco a cabeça e olhou em sua direção, como se sentisse sua presença.

– Essa é Estelle! – sussurrou-lhe o amigo e estalou a língua em sinal de aprovação. – A outra só usa preto. Seu nome é Selena.

Ela havia prendido seus cabelos no alto, e esse penteado realçava divinamente seu delicado pescoço branco. Erik só tinha olhos para ela. Quando, a um sinal da irmã, Selena também os olhou, ele quase não conseguiu respirar.

As duas mulheres desceram as escadas do terraço para cumprimentar os recém-chegados, e Erik não conseguia tirar o olhar dessa fascinante ninfa. Agora ele sabia de onde vinha a magia que cercava aquela casa e suas moradoras. Sem titubear, enviou uma mensagem telepática para colocar seu

coração a seus pés. Mas subitamente foi como se alguém batesse uma porta diante de seu nariz e Erik recuou ante a força desse ataque a seus sentidos.

Selena continuou sorrindo como se nada houvesse acontecido, e estendeu-lhe a mão na qual tilintavam incontáveis pulseiras prateadas.

– Oi, Christian! – cumprimentou o amigo e depois olhou interrogativamente para ele.

– Erik – conseguiu dizer e sentiu-se como um idiota quando Christian sorriu entendendo a situação. Ele não ousava tocá-la.

Selena ignorou sua perturbação e ofereceu-se para apresentar-lhe alguns amigos e mostrar-lhe a casa. Ela mantinha o olhar interessado nos lábios de Erik, como se imaginasse como seria beijá-los.

O olhar de Estelle, por sua vez, disparava fogo e suas palavras hostis ecoavam em sua mente: *Não ouse fazer mal a ela!*

Apesar dessa clara advertência, ele não saiu mais do lado de Selena e parecia que isso agradava à fada.

Erik normalmente podia confiar que as mulheres se sentissem atraídas por ele. Ele era grande, corpo atlético e seu rosto, do qual antigamente tinha raiva, quando suas tias o seguravam pelo queixo e constatavam deslumbradas que "o pequeno parece um anjo!", havia se tornado mais anguloso e masculino. Já na escola, as meninas sonhavam com seus olhos de *husky*, que piscavam sob uma vasta cabeleira loira. Mas hoje ele se sentia atrapalhado e inseguro.

Quando chegou a hora de se despedir ele conseguiu tomar coragem e perguntou:

– Podemos nos encontrar novamente?

– Já pensei que você não perguntaria!

Seus olhos faiscavam, e Erik teve vontade de tomá-la nos braços para nunca mais largá-la. Eles marcaram um encontro para o fim de semana seguinte e Erik observou como Selena voltou rapidamente para sua casa iluminada.

Preparava-se para entrar no seu carro quando Estelle surgiu como um fantasma vindo da escuridão. Ele não sentira sua aproximação antes que ela estivesse diretamente à sua frente.

– Eu sei exatamente o que você é! – sibilou para ele.

Erik virou-se perturbado, mas não conseguiu ver ninguém nas proximidades.

– O que você quer com minha irmã?

– Nada!

– Você marcou um encontro com ela! – Soou como uma acusação.

– Ela não pode decidir sozinha com quem ela deseja se encontrar? – perguntou agressivo. Mas então se conteve e passou a mão nos cabelos. – Escute, eu não quero fazer nenhum mal a ela. Pelo contrário, eu não me responsabilizo por mim se alguém porventura tentar tocar em um fio de cabelo dela!

As expressões de Estelle relaxaram um pouco. Parecia sentir a sinceridade de Erik. Ele mesmo estava surpreso com o quão sincero estava sendo.

– Como você sabe, voarei para Paris amanhã e não poderei mais protegê-la. Nossa tia confia demais nas pessoas.

Cansada encostou-se no seu carro.

– Podemos conversar? – Ele olhou inseguro ao redor.

– Não aqui.

Erik colocou seu cartão em suas mãos e disse:

– Me ligue!

Ela acenou e saiu sem nada dizer.

Pouco antes da meia noite, Erik sentiu sua presença. Ela não havia se dado ao trabalho de telefonar para marcar um encontro; em vez disso, aparecera pessoalmente. Precisou sorrir. Ela se arriscava muito em procurá-lo aqui, por assim dizer, na cova do leão. Tudo bem, "leão" não era a definição correta, pensou Erik, divertindo-se. Mas, por outro lado, assim conseguiria mais informações sobre ele.

Abriu a porta antes que ela houvesse tocado a campainha.

– Entre!

– Talvez vocês tenham se encontrado hoje por brincadeira do destino. – Estelle iniciou o diálogo depois de ter olhado curiosa em volta, analisando o seu apartamento parcamente mobiliado.

Depois contou sobre sua irmã mais velha que, desde a morte de seus pais, renegava a magia e raramente tinha contato com elas.

Depois de a barreira ter sido rompida, as palavras jorravam dela como se esperassem a oportunidade de libertar-se da apertada prisão de sua alma.

As gêmeas moravam na casa dos pais e tia Jill tentava estimular e acompanhar seus dotes mágicos o melhor que podia. Mas Jill era uma parenta por parte de pai, e não uma ninfa. Possuía um grande conhecimento sobre ervas e às vezes conseguia prever o futuro, mas pouco sabia sobre o mundo fantástico.

Estelle, como mais velha das gêmeas, sentia-se responsável por sua irmã caçula. Selena sempre havia sido mais sensível; as oscilações e pensamentos de outras pessoas, que ela também captava mas não conseguia filtrar, a amedrontavam. Por isso, Estelle começou sistematicamente a protegê-la e a expandir seu próprio escudo mental sobre ela.

– Há tempos me pergunto se não estou cometendo um erro. A princípio, eu não queria ir, apesar de sempre ter sido meu sonho ir a Paris. Mas Selena insistiu comigo diversas vezes. Por fim, aceitei que ela simplesmente precisava de mais espaço para si mesma. Mentalmente posso continuar a protegê-la – acrescentou obstinada.

Erik não interrompeu Estelle. Ele estava abalado por essas filhas de fada altamente talentosas estarem totalmente desamparadas e espontaneamente tomou sua mão:

– Não deixarei que nada aconteça a Selena! – Abriu-lhe seus pensamentos e permitiu-lhe um olhar profundo em sua alma.

Por fim, Estelle acenou e disse:

– Eu confio em você! Mas não diga a Selena o que você é. Ela não entenderia.

Erik não estava satisfeito com essa condição, mas ela insistiu e, por fim, ele concordou.

Já passava bastante da meia-noite e Erik ofereceu-se para acompanhar Estelle até sua casa. Ao se despedir, ela colocou-se na ponta dos pés, deu-lhe um beijo casual na face e sussurrou:

– Não tema! Um dia sua família respeitará sua escolha!

A ninfa leu coisas em sua alma que ele preferia manter oculto de si e do mundo.

Desde aquela noite zelava por Selena. Sua aproximação foi rápida. Selena era tudo o que se podia esperar de uma companheira, e a cada dia ele a amava mais.

Havia conversado algumas vezes com Estelle por telefone e conseguido convencê-la a afrouxar um pouco o controle mental sobre sua irmã. Ao mesmo tempo, com muito cuidado e algum sucesso, tentava fortalecer os instintos de Selena, que havia desabrochado e se tornado mais autoconfiante, e parecia ter se tornado ainda mais atraente, se é que isso era possível.

Sua promessa pesava cada dia mais sobre ele, que ansiava por confiar-lhe o segredo de seu lado escuro.

Ele passava as noites de lua cheia bem longe, nos bosques de sua família, onde sozinho caçava animais selvagens e olhava melancolicamente para a lua.

Já conseguia sentir claramente sua própria insegurança, e o olhar ferido de Selena quase lhe partia o coração quando, mais uma vez, retirava-se de sua presença por razões incompreensíveis para ela. Ele não ousava aproximar-se de sua amada. Toda vez que se beijavam, e o seu desejo crescia sob seus toques carinhosos, interrompia abruptamente o jogo amoroso e fugia com desculpas esfarrapadas. O medo de que sua paixão destruísse as barreiras mentais e Selena pudesse ver a besta adormecida que habitava nele era grande demais.

Erik já dormira com algumas mulheres e nunca tivera receio de que elas descobrissem sua verdadeira natureza. Mas perder Selena, ver o terror nos seus olhos quando o lobo existente nele erguesse sua cabeça sanguinária, esta ideia ele não podia suportar. Nuriya havia lhe aconselhado a conversar o quanto antes com sua irmã. E ele desejava que a ocasião chegasse logo.

Em vez de ir até a sua zona de caça preferida, nos bairros mais pobres de alguma metrópole para matar sua sede, Kieran decidiu viajar até Argyll, seu antigo lar. Depois dos acontecimentos de hoje, precisava de algo que lhe fosse familiar para que pudesse descobrir o que estava acontecendo com ele.

Ele amava essa terra maravilhosa na costa oeste da Escócia e sentia-se familiarizado com diversas coisas. Os moradores lutavam pela independência e por um futuro moderno e mesmo assim não queriam abrir mão de suas tradições. Tradições que, apesar de seu cunho cristão, nunca renegaram as velhas raízes pagãs. Aqui ainda havia vestígios da antiga crença de sua juventude. Apesar de já na sua época ter sido criado com um profundo temor por um deus cristão, todos os moradores de sua vila acreditavam na existência de fadas e elfos, e respeitavam essas criaturas como parte da natureza que os circundava.

Sua mãe de criação nunca conseguiu relacionar-se bem com o “novo Deus”; somente a contragosto ela ia aos domingos à pequena igreja, construída

exatamente no mesmo monte aonde sua avó, juntamente com um rebanho de seguidores de uma antiga seita, secretamente ia, como sacerdotisa, para comemorar as sagradas festas anuais.

Apesar disso, a mãe sempre o prevenira sobre as tentações e perigos do outro mundo. Que ele nunca se envolvesse com seus seres sedutores e imprevisíveis, pois somente infelicidade e sofrimento aguardavam os mortais em relações como essas.

Como ela estava certa! Não, ele precisava corrigir-se. Maire nunca fora imprevisível. Ela era frágil, dedicada e havia lido cada desejo em seus olhos, sem jamais contradizê-lo. Mas antes de ele ter conseguido compreender seu destino comum, tudo havia passado. Ela havia reconhecido nele o monstro em que realmente se transformaria somente após sua morte, e havia preferido a morte espontânea a uma vida conjunta com ele.

Algo que ele acreditava ter banido há muito tempo de sua memória atormentava-lhe a alma. Era a lembrança de um tempo de paz, quando ainda não tinha noção do que o destino havia lhe preparado, a não ser a imagem de sua fiel esposa, sempre a caminhar ao seu encontro sobre os prados do santo monte, e a aguardar impacientemente o seu retorno.

Kieran ainda podia sentir o calor de sua montaria embaixo de si quando, na ocasião, não estando mais muito longe do estábulo, mobilizou mais uma vez todas as reservas com o intuito de levar ambos para casa o mais rápido possível. Ele se lembrava da silhueta dela a esperá-lo e da saudade de um lar seguro.

E Kieran não perguntava como ela adivinhava o dia e a hora de seu retorno. Obviamente ele não ignorava seus pesadelos. Nem seu pavor de estar possuída por demônios, como supostamente sua mãe havia sido. Maire recusava-se a falar com ele sobre esse assunto. Um dia, ele começou a se transformar e Maire se culpou.

Talvez tudo houvesse começado quando Kieran provou seu sangue pela primeira vez, para limpar um pequeno corte em seu dedo. Depois disso, ela, sempre tão hábil no manejo da faca, cortava-se com frequência cada vez maior quando Kieran estava por perto.

As feridas tornavam-se cada vez mais profundas. Mas a paixão mútua que se seguia era cada vez mais irresistível e Kieran, que havia ansiado por tanto tempo pelo carinho de uma mulher, não questionava nem sua atitude nem sua estranha reação.

Pouco depois, foi a luz do sol a ofuscá-lo cada vez mais. Em seguida, também perdeu o apetite e uma inquietação estranha o induzia, com uma frequência cada vez maior, ao velho círculo de pedras, para onde já escapulia sorrateiramente quando criança, apesar de todos saberem que nada de bom poderia partir dali, pois as fadas e os duendes moravam sob os montes da redondeza.

Mas quando, agora, tentava imaginar o rosto de Maire, olhava para os olhos verdes de uma ninfa ruiva, constantemente presente em sua memória:

– Nuriya!

Suspirou e fugiu para a floresta, onde despertou a fera que havia nele e finalmente pôde sentir o chão cedendo sob suas poderosas patas.

O felino negro corria impiedosamente atrás de um veado agitado, até deixá-lo cansado; então, sedento por sangue, encravou suas presas mortais no pescoço do animal indefeso.

O sangue de animais não sustentava Kieran nem de longe tão bem quanto o de um humano, mas um vampiro de sua idade já não precisava mais beber diariamente. Não era a vontade de matar ou de torturar que ele tentava satisfazer. Era a saudade de unir-se ao seu demônio interior, no turbilhão da paixão que havia entre eles; e uma vez, e apenas uma vez, esquecer o enorme controle e a autodisciplina que regia toda a sua existência.

Vampiros são caçadores, e matar faz parte de sua natureza, mas o conselho havia estabelecido regras claras para não atrair atenções indesejáveis sobre sua espécie.

Os homens sempre se ocuparam com o sonho da vida eterna. Mas a história o havia ensinado que esse entusiasmo poderia tomar repentinamente outra direção e atrair caçadores de vampiros fanáticos para a jogada. Em um mundo globalizado, isso seria semelhante a uma catástrofe. Menos para os seres fantásticos do que para os simples mortais, que seriam os que mais sofreriam caso os poderosos deste mundo empreendessem uma guerra pela liderança. Por isso também era tão importante manter o equilíbrio das forças a todo custo, e não apenas dentro da comunidade mágica.

Kieran não era um vingador qualquer, mas um dos mais poderosos executores do conselho. Se soubessem que violara as regras, as leis do conselho não seriam mais confiáveis e ele estaria entregue às mãos de seus críticos – que não eram poucos.

Nos últimos dias, ele tinha a sensação preocupante de que lentamente perdia o controle sobre seus próprios atos. Questionava-se como conseguiria passar por essa nova prova.

– Nuriya – o vampiro deixou o nome rolar sobre sua língua como uma gota preciosa. Nuriya significava "pertencente à luz", e fadas nunca carregavam seu nome em vão. Ela lhe era proibida, e também o era para os de sua espécie. Nenhum vampiro tinha o direito de manchar essa fascinante filha da luz com a sombra de sua existência.

Depois que Kieran retomou sua forma humana, voltou à sua casa. Lá permaneceu por longo tempo deitado imóvel no chão de seu quarto escuro, observando, quase que à distância, como uma dor nunca antes sentida parecia aos poucos consumir o resto que sobrava de sua alma, até nada mais sentir, a não ser um grande vazio. Ele era quase grato por isso. Dessa forma, ficava mais fácil crer que seu inegável interesse por Nuriya não passava de uma loucura momentânea, da qual outros vampiros também pareciam às vezes padecer na época do pacto de Vênus.

Exausto, fechou seus olhos e, ao nascer do sol, caiu num sono inquieto, no qual ele sonhou pela primeira vez depois de décadas.

Por mais de uma vez, Nuriya havia encontrado o cavaleiro negro em seus sonhos. Ele parecia um ser mágico de uma época muito antiga, que se materializava toda vez em forma de um redemoinho de sombras e de vento gelado, em seu tranquilo mundo de fadas.

Com o olhar perscrutador, ele examinava sempre a orla do bosque, como se soubesse quem se escondia entre os arbustos. E exatamente tão fria quanto a água dos campos pantanosos em seu vestido, a solidão que Nuriya imaginava ler em seu rosto penetrava profundamente em sua alma. Quantas vezes esteve tentada a segui-lo quando ele dava meia-volta e desaparecia na escuridão! Às vezes ela ouvia, logo depois, o chamado de um animal solitário, a distância, e podia até jurar que era proveniente de seu sinistro caçador. Depois desses encontros noturnos, ela se sentia abatida e desanimada por vários dias.

Mas hoje tudo era diferente. Dessa vez, ela ousou sair de seu esconderijo no meio dos arbustos e também se tornou caçadora. Ela sacudiu seu pelo grosso e ergueu a cabeça para farejar, examinando o frio ar noturno. Seu coração parecia galopar de alegria quando finalmente o seguiu e sentiu o solo fofo da floresta sob suas patas.

E de repente ele estava lá, com aquele aroma agradável da presa! Ela já conseguia sentir o gosto metálico e salgado do sangue quente sobre sua língua e preparava-se para o ataque. Agora seus ouvidos rumorejavam, ela preparou o bote e... caiu.

Em pânico, acordou de seu sonho sangrento. O travesseiro estava encharcado de sangue, o líquido escorria quente do canto de sua boca. Horrorizada, apalpou para achar o abajur, acendeu a luz e apanhou o travesseiro: apenas tinta de seus cabelos recentemente tingidos. E o restante?

– Que constrangedor... – murmurou.

Pegou um lenço amarfanhado e limpou sua boca. Provavelmente também devia ter roncado! Ainda bem que não dividia sua grande cama com ninguém.

Nuriya ainda ficou por muito tempo deitada e acordada, a pensar no sombrio e misterioso estranho que, a partir de hoje, tinha um nome: Kieran!

No dia seguinte, Selena informou-a sobre seus planos para o fim de semana.

– Hoje é Beltane. Já faz mais de meio ano que Erik e eu estamos juntos e nós nunca... – O rubor subiu à sua face e não conseguiu olhar para Nuriya, enquanto continuou gaguejando – ...bem, você já sabe!

– O quê? – Num gesto teatral, Nuriya colocou suas mãos sobre o coração. – Ó céus! Ela é virgem!

– Você não está me levando a sério! – riu-se Selena, e jogou um travesseiro em sua irmã.

– Lógico que não. Agora que conheço o seu mais profundo segredo!

As irmãs brincaram de luta, até que Selena repentinamente enroscou os braços em volta da irmã e soluçou:

– Senti tanto sua falta!

Nuriya ergueu-se séria e olhou Selena nos olhos:

– O que você sabe sobre o Erik?

– Ele é o melhor, mais amável *sexiest man alive*!

– Não é isto que quero dizer. Você deve ter percebido que ele é diferente!

– Isto eu sei!

– Ele carrega a magia em seu interior!

Selena pensou um pouco e disse:

– Sim, mas ele não é maldoso!

Nuriya pensou na promessa que fez a si mesma de futuramente preocupar-se mais com suas irmãs mais novas, como deveria ter sido sua obrigação desde o princípio. Aparentemente, Selena não tinha a mínima noção da verdadeira natureza de Erik.

Ela estava surpresa por Erik não ter se aproveitado da situação. Como um homem conseguia suportar?

Era evidente que ele amava sua irmã. Na noite anterior, comportara-se de forma muito cavalheiresca, e até mesmo fingiu que os dois estranhos que se aproximaram para ajudá-la eram meros mortais. Nuriya não sabia dizer o que eram. No entanto, "mero" ou "normal" com certeza eram os últimos atributos que lhe ocorriam em relação a eles. Com saudades, lembrou-se do olhar que Kieran lhe lançara. Mas isso precisava esperar!

– O que você pretende fazer? – dirigiu-se, em vez disso, à sua irmã.

– Eu quero seduzi-lo!

– Durante Beltane! – riu Nuriya. – Mas então se cuide para que não aconteça nada além de uma noite quente.

– Ah! – Selena ficou completamente vermelha e revirou uma gaveta até segurar a caixa com preservativos na mão. – Já me preveni!

Então explicou seu plano:

– Às sextas-feiras, Erik trabalha no Hellfire, o clube gótico mais badalado de toda a região. Até hoje, nunca quis que eu o visitasse lá. Ele alega que durante o trabalho não tem tempo para mim e que não deseja passar sua folga também naquele lugar. Acredito que seja porque o clube tenha uma fama bastante ruim. Alguns amigos me contaram que eles têm uma verdadeira área sadomasoquista, com masmorras e coisas assim. Além disso, eles ainda têm uma sala VIP, que dizem ser freqüentada por figuras realmente tenebrosas. Mas eu não me importo com isso! Vou lá esta noite e vou seduzi-lo!

Uma sensação desagradável tomou conta de Nuriya enquanto ela tentava, em vão, fazer sua irmã desistir do plano. Por fim, não lhe sobrou alternativa a não ser prometer acompanhá-la. Dessa forma, ela esperava conseguir manter o olho sobre a menina.

Nuriya vestiu desconfiada o vestido que Selena havia lhe emprestado para esta noite. Era apertado e realçava seus seios mais do que ela gostaria. Além disso, ela precisaria usar sapatos muito altos para, por descuido, não pisar na barra.

– Eu simplesmente não tenho o corpo das minhas irmãs – suspirou, olhando sem convicção a sua imagem no espelho.

Mangas justas, com as pontas chegando quase até o chão, abriam-se em forma de trombetas. A cintura alta era guarnecida com um bordado fino em diferentes tons de cinza e uma cauda completava a ilusão de que a figura no espelho provinha, no mínimo, de outro século, ou de outra dimensão. Bem, pelo menos naquela noite ela estava trajada de forma apropriada, avaliou Nuriya, e esperava que, dessa vez, seus maus pressentimentos a decepcionassem.

Quando passaram pelo segurança na porta e entraram no clube, Nuriya soube imediatamente que havia sido um erro vir aqui. A casa cheirava forte a

magia perigosa. Seus cabelos estavam arrepiados e ela estava feliz por não ter nenhuma relação com aquele mundo.

Até agora! – sussurrou uma voz em sua mente. E ela sentiu como se uma capa intransponível caísse sobre sua alma e sua mente. Mesmo a aura de Selena não era mais diferente da dos outros visitantes. As duas irmãs ficaram relativamente invisíveis para o mundo mágico.

Obrigada, Ninsun! Nuriya estava feliz que sua acompanhante, por vezes tão incômoda, dessa vez também colocava sua mão protetora sobre ela, e junto com Selena pôs-se em busca de seu amado.

As irmãs desceram admiradas um corredor comprido, que parecia ter sido talhado em pedras grossas. A iluminação indireta era complementada por tochas artificiais, que colaboravam com a sensação que os visitantes tinham de terem sido transportados para um mundo que há muito não existia. Aqui e ali haviam sido embutidos, discretamente, grandes pedaços de espelho nas paredes, e Nuriya acreditou sentir algumas vezes a presença de observadores ocultos, mas não ousava usar seus sentidos mágicos.

O clube em si consistia de uma abóbada enorme com diversos bares, um café, onde a música soava numa altura agradável, e outra área destinada a amantes de estilos musicais diferenciados. Nuriya estava surpresa com a quantidade de góticos e outros fregueses, na sua maioria trajando preto, que já circulavam pelas galerias, dançavam ou estavam em grupos diante de longos balcões naquele horário – era pouco antes da meia-noite.

Até mesmo placas de direção haviam sido afixadas para facilitar a orientação. Portanto, havia outras salas onde o freguês poderia ocupar seu tempo com jogos inocentes como bilhar ou *wicked games*. Era evidente que, com este último, pretendia-se indicar a área sadomasoquista que Selena havia mencionado. Elas também encontraram uma porta que era guardada por um segurança com expressão feroz. O homem passou brevemente seu olhar perscrutador pelas irmãs e virou-se desinteressado. Evidentemente elas não lhe pareceram dignas de entrarem nas salas VIP.

Com voz impertinente, Selena virou-se sobre os calcanhares:

– Sujeito rabugento! Os outros parecem ter mais bom gosto!

Elas realmente atraíam a atenção de alguns dos presentes. Selena parecia uma sedutora sacerdotisa *wicca* com feições de Audrey Hepburn em seu longo traje completamente fechado e com as pesadas joias de prata, pensou Nuriya. Mas ela mesma também atraía olhares de admiração aqui e acolá. O decote do vestido emprestado era um pouco profundo demais para seu gosto; ela puxava nervosamente o fino tecido de gaze que cobria apenas parcialmente seus seios. Nesse gesto, ela tocou o amuleto que sua mãe havia colocado em volta de seu pescoço pouco antes de sua morte. Seu coração encheu-se de ternura. Subitamente tirou seus dedos assustada:

– Está ficando quente!

– O que?

– O amuleto de mamãe! Ele parece estranho!

Selena abaixou-se curiosa:

– Veja, parece que ele está brilhando! Oh não, as pessoas já estão olhando!

Nuriya virou-se discretamente – realmente alguns fregueses olhavam curiosos para elas. Embora fosse mais provável que a agitação de Selena houvesse atraído a atenção deles, e não o suave brilho do amuleto, Nuriya não queria correr risco. Sem pensar duas vezes, tirou sua corrente e a deixou escorregar o mais discretamente possível para dentro de sua bolsa.

O que você está fazendo? Ninsun soava abismada.

O que você acha? Estou tirando esta coisa! É para as pessoas pensarem que eu sou uma piada ambulante?

Mas é sua proteção!

Deixa de ser se toda criatura fantástica, num raio de 100 metros, for atraída pelo amuleto!

Ninsun calou por um instante. *Acho melhor vocês deixarem este local. Não gosto nada disto tudo!*

Nuriya suspirou:

– Esta fala é minha!

– O que você disse?

– Estou com sede. Venha, vamos beber alguma coisa! – desviou Nuriya. Selena acenou concordando.

Até agora, ainda não tinham encontrado Erik e o clube continuava a encher-se com figuras exóticas. Não eram poucos os que sumiam na direção das "catacumbas", e algumas vezes também a porta maciça para a sala VIP se abria de forma fantasmagórica. Decidiram procurar um lugar estratégico no bar principal. Dali, teriam uma boa visão sobre as idas e vindas no clube. Novamente Nuriya teve a sensação de estar sendo observada.

Capítulo 4

– Quem são essas mulheres? – perguntou-se Órla pouco antes de baterem à porta do escritório. A chefe do clube deixou cair as persianas para assim impedir que o visitante que entrava pudesse olhar através dos vidros espelhados.

O Hellfire era vigiado por inúmeros funcionários e por técnicas modernas de segurança, mas Órla apreciava a oportunidade de às vezes olhar do seu escritório e conferir pessoalmente se tudo estava em ordem.

Cumprimentou o visitante com sua voz extremamente grave enquanto se virava vagarosamente:

– Senthil, que bom que você voltou a frequentar o Hellfire.

Órla sentou-se na sua enorme cadeira de escritório e, com um gesto, convidou o homem a sentar-se. Flexível como uma serpente, e não menos perigoso, Senthil deslizou para a poltrona e cruzou as pernas. Com interesse, observava as valiosas telas e esculturas que enfeitavam o escritório de Órla. Sua anfitriã era conhecida por promover as belas-artes e possuir muitas obras expressivas.

À sua frente, a chefe do clube se recostava aparentemente descontraída:

– Não estão à venda!

Senthil a olhou com olhos semicerrados. Ela havia lido seus pensamentos? Certamente não era sua intenção comprar os quadros. Mesmo ele precisava reconhecer que era loucura imaginar que poderia sair incólume ao furtar uma miniatura sequer daquela coleção.

Órla nem tentava ler os pensamentos do outro. Seus mecanismos de proteção eram, no mínimo, tão bons quanto os dela e, de qualquer forma, o olhar ávido para a pintura selvagem de seu mais novo artista preferido era suficientemente claro.

Divertindo-se, sentiu o toque, leve como pluma, em suas próprias barreiras. Senthil parecia não ter mudado, sempre tentava o impossível. Os olhos escuros, os cabelos negros levemente ondulados e sua fisionomia deixavam supor uma origem no oriente próximo. Dizia-se que Senthil provinha do norte da Pérsia ou da Armênia. Mas ninguém sabia exatamente e até mesmo sua idade parecia desconhecida. Todo observador menos avisado o teria classificado como um mortal moderno, bem-vestido, por volta dos vinte e cinco anos.

Apesar de Órla ser considerada uma das vampiras mais poderosas e influentes da Europa antiga, ela preferia ter pelo menos sua escrivaninha entre ela e Senthil. Ele a fazia estremecer interiormente, e sua presença, nessa época, pouco antes passagem de Vênus, não era bom sinal.

Senthil não era um vingador, mas trabalhava ocasionalmente para o conselho. Órla até já havia requisitado seus serviços. Graças ao treinamento recebido, ele havia se tornado mais perigoso do que nunca; fora do clube, Órla jamais viraria as costas para ele espontaneamente. O vampiro tinha sede de poder e certamente não teria receio de atacar alguém, mesmo alguém como Órla, se ele pudesse ter certeza de não ser descoberto. Senthil raramente agia

pessoalmente, na maioria das vezes deixava os outros fazerem o trabalho sujo. Com certeza, abominava a necessidade de cumprir a regra não escrita de demonstrar o devido respeito a Órla por meio de uma visita enquanto se encontrasse no seu território.

Apesar destes pensamentos, sorriu amigavelmente e ofereceu uma bebida para a visita com um amplo gesto de sua mão. Em silêncio, observava como ele se servia da garrafa de champanhe gelada. Ela mesma não bebia.

– Estava sentindo falta do ambiente agradável de seu clube – adulou o vampiro com voz suave.

Tomou um gole e então continuou:

– Tenho alguns compromissos de negócio na cidade. Espero que você não tenha nada contra, ou tem?

Era uma pergunta retórica, e os dois sabiam disto.

– Eu confio que desta vez não haverá enganos.

Uma clara advertência! Na sua última visita, Senthil quase havia matado um de seus funcionários, e depois alegou tê-lo confundido com o vampiro que deveria prender por ordem do conselho. Órla se levantou. A audiência estava encerrada.

– Certamente não – garantiu Senthil, também se levantando.

A vampira sorriu de forma reconciliadora:

– É Beltane. Por que você não se diverte um pouco? Estou certo de que você aprovará a nova decoração das catacumbas.

Mal o intruso seguira seu conselho, o funcionário que havia chamado já estava aguardando.

– Steven! Senthil está na cidade. Desejo que seu pessoal não tire os olhos dele nem por um segundo! Mas você fique longe dele!

– Em ordem, *patroa*!

Às vezes Órla desejava que seu chefe de segurança usasse expressões menos grosseiras. Mas fazia pouco tempo que ele trabalhava para ela e executava suas tarefas de forma conscienciosa e confiável. No momento, havia coisas mais importantes do que formas de tratamento.

– Ele está a caminho das catacumbas. Cuide para que nada lhe falte! E, Steven... Avise-me imediatamente caso surjam dificuldades!

Um músculo pareceu se contrair no rosto deste vampiro de grande estatura. Acenou com a cabeça e desapareceu tão silenciosamente como havia vindo.

Senthil amava assistir ao joguinho sadomasoquista dos mortais. Mais prazer ainda lhe dava conquistar alguma freguesa para suga-lá, ou mesmo levar uma delas para casa. Mas isso era proibido no Hellfire, bem como a prática de qualquer tipo de magia que atraísse atenções indesejáveis.

O clube oferecia os bastidores ideais para que vampiros se encontrassem em território neutro. Para essa finalidade, Órla havia criado a sala VIP. Nenhum mortal jamais pisara nela e os seguranças especialmente treinados zelavam para que isso continuasse assim. Muitos licantropos, principalmente os mais novos, sentiam-se bem aqui e usavam a sala quando queriam um pouco de distância de suas autoritárias famílias possessivas. Ela mesma não gostava muito dessas

criaturas, apesar de até mesmo empregar uma delas, e isso era, tanto quanto sabia, estranho para um clube de vampiros. Normalmente os vampiros, seres em geral solitários, não se entendiam muito bem com os seres mutantes, que quase sempre apareciam em bandos. Mas em Hellfire todos se atinham às regras e Órla estava orgulhosa por raramente haver contratempos.

Depois da saída de Steven, Órla olhou mais uma vez para o clube através das persianas. As duas moças haviam sumido. Preocupada, passou os dedos por seus cabelos longos, loiro-esbranquiçados, e decidiu fazer pessoalmente a ronda de controle pelo clube.

Neste meio tempo, as irmãs já haviam recusado com um agradecimento a terceira oferta de drinque, e um pouco irritadas desistiram de seu posto de observação no bar. Selena ainda queria a todo custo dar uma olhada nas "catacumbas".

– Já que estou aqui, não vou perder esta oportunidade! – implorou e prometeu ir, logo em seguida, para casa com Nuriya.

Curiosas, olharam em volta. Depois de descerem uma larga escadaria de pedra em caracol, uma mulher atrativa veio ao seu encontro e perguntou delicadamente:

– Posso ajudá-las?

– Só queríamos dar uma olhada – gaguejou Selena, desconcertada.

E já ia dar meia-volta quando a mulher sorriu e disse:

– Entendo. Por aqui, por favor!

Abriu uma porta e guiou as duas para um bar parcamente mobiliado onde havia alguns assentos isolados que pareciam confortáveis, mas que, no momento, pareciam abandonados. Confusa, Nuriya olhou para as grandes paredes de vidro que permitiam a visão para outras salas.

– Não se preocupe, ninguém pode vê-las de lá. Os vidros espelhados são transparentes somente em uma direção.

– Eles não sabem que podem ser observados? – perguntou Selena horrorizada.

A mulher deu uma risadinha e tranquilizou-a:

– Naturalmente que sabem. E é por isso que vêm aqui! Se vocês desejarem um pouco mais de, digamos, intimidade, podem dispor dos *séparées*.

Mostrou a moça atrás do bar e acrescentou:

– Elisa lhes indicará o caminho, caso mais tarde tenham o desejo de participar das brincadeiras. – Então se despediu. – Desejo a vocês uma estadia agradável!

Estupefatas, as duas irmãs permaneceram na sala e olharam em volta. As janelas davam vista para três salas diferentes; duas delas pareciam vazias e quase não tinham iluminação. Na terceira, decorada como uma antiga masmorra de castelo, ocorria uma cena bizarra, que parecia vir diretamente de um filme de Hollywood.

Uma mulher vestida em estilo rococó, com espartilho apertado e uma grande saia balão, foi introduzida por uma espécie de torturador. Ele amarrou seus braços nus bem abertos em uma cruz de madeira que se encontrava no

meio da sala. O homem usava máscara e uma coleira de couro que estrangulava seu corpo roliço e moreno de forma grotesca, e não escondia sua visível ereção.

Depois de certificar-se de que as algemas estavam firmes, o homem apanhou o chicote de couro que estava preparado e começou a tocar a mulher delicadamente com movimentos precisos. As finas fitas deslizavam sobre os braços, ombros e o profundo decote da prisioneira. Gemendo, deixou sua cabeça cair para trás. Nuriya precisou admitir a contragosto que imaginar-se no lugar da mulher a excitava. Com o coração batendo forte, observava como depois de algum tempo o homem começou a desferir pequenos golpes com o chicote, e apesar de suas feições maldosas, parecia não causar dor; pelo contrário, encantava a mulher.

Ela estava tão compenetrada na cena que só percebeu o segundo homem quando Selena deixou escapar um risinho e sussurrou:

– Meu Deus, ele parece o Lestat no filme *Entrevista com o Vampiro*!

Na verdade, o recém-chegado, que estava vestido ao estilo do século XVIII, com camisa de babados, calças de seda e bengala, aproximou-se da cena com a elegância de um dândi. A mulher algemada pareceu sentir sua presença. Levantou atentamente a cabeça como se tentasse ouvir seus passos.

Com um gesto arrogante, o cavalheiro mandou o torturador se afastar, rodeou a mulher, que estava petrificada, e a observou do jeito como se vislumbra um cavalo à venda numa feira, ou se admira um presunto suculento, mas certamente não como se olha um ser humano.

Aparentemente satisfeito com o que tinha à sua frente, estendeu a mão em sua direção. Ela imediatamente esfregou-se em atitude de entrega nas mãos que lhe acariciavam o pescoço o tanto quanto lhe era possível, tendo em vista que se encontrava algemada. E então aconteceu algo que as irmãs não esperavam. Após o homem ter soltado seu espartilho e tirado suas saias, ficando a mulher vestida apenas com suas meias de seda, ele fez um sinal ao servo. Este permanecera no fundo da sala, mas havia acompanhado atenciosamente cada gesto de seu senhor; apressadamente, chegou com uma bandeja, da qual o cavalheiro tirou um instrumento cirúrgico estreito e prateado. Com essa faca, aparentemente muito afiada, ele rapidamente fez um corte de aproximadamente dois centímetros no braço esquerdo de sua vítima. Ela inspirou rapidamente, mais pela surpresa do que realmente pela dor, e depois gemeu baixinho quando, para o completo horror de Selena, ele começou a lamber o sangue que brotava. E então cortou novamente, e lambeu, e cortou, até que sua barriga, seus seios e suas coxas estavam cobertas por inúmeras feridas e quase não havia mais um único ponto de seu lindo corpo que não houvesse sido tocado por sua língua voraz.

Nuriya olhava como que enfeitiçada para o sangue que saia da primeira ferida e lambeu inconscientemente os lábios, como se quisesse reivindicar para si as poucas gotas vermelhas desse precioso néctar. Passou a acompanhar cada um de seus movimentos com crescente excitação. Apoiou-se com a mão no canto da cadeira mais próxima e, no fundo de seu ser, despertava um ritmo estimulante, que desencadeava muito mais do que as pequenas gotas de suor que se formavam na sua testa.

– Isto é repugnante!

Nuriya estremeceu como se tivesse sido atingida:

– O quê?

Selena olhou-a com indignação incontida:

– Você está gostando disto!

Saiu correndo em direção da porta. Por um momento, Nuriya olhou atordoada a irmã sair, depois a seguiu.

No escuro, atrás dela, soou uma risada baixa e rouca:

– Tragam-me essa criatura!

Do lado de fora, na frente do clube, Nuriya olhou em volta, procurando Selena. Ao vê-la dobrar a esquina de uma casa, com a cabeça erguida, seguiu-a tão rápido o quanto conseguia; amaldiçoando os saltos altos de seus sapatos novos.

Quando finalmente entrou na viela onde a irmã havia desaparecido pouco antes, foi dominada pela nítida sensação de ter sido apanhada numa terrível armadilha. Cada célula de seu corpo parecia gritar "Perigo!", enquanto Nuriya tentava avançar cuidadosamente pelo caminho parcamente iluminado.

De repente, lá estavam eles. Na sua frente, estavam dois sujeitos. Um deles segurava Selena firmemente. O outro parecia ser seu líder. Ele ria satisfeito.

Atrás de você tem mais! – advertiu Ninsun.

– Eu sei! – sibilou e contou mentalmente até três, pulou agilmente fora de seus sapatos de salto antes de, com um grito, atacar o sujeito sorridente à sua frente. Nesse instante, ela estava grata pela fenda absurdamente grande de seu vestido.

Seu chute bem dado fez a cabeça dele virar para o lado com um estalido. No mesmo momento, sentiu um movimento atrás de si, rodopiou e recebeu agachada o atacante. Indiferente do quão violento houvesse sido o seu golpe, ela conseguiu usar o seu movimento contra ele. O homem voou, fazendo um grande arco, contra a parede de uma casa.

– Sua vagabunda! – sibilou o raptor e jogou sua irmã para o lado. Ele se atirou sobre ela, e teve o mesmo destino dos agressores de antes. Nuriya esqueceu tudo à sua volta e correu para Selena. Caiu de joelhos e tomou nos braços sua irmã inconsciente. Nuriya ergueu o olhar, procurando por socorro.

– O quê...? – E estarreceu-se quando o líder, em um salto, ergueu-se com raiva, sacou uma faca e foi em sua direção como se estivesse em câmera lenta. Ela não sentiu o mortífero metal penetrar em seu corpo, mas sua razão registrara o ocorrido. Ela abaixou os olhos, viu a lâmina enterrada até o punhal em seu corpo e olhou aturdida como a mancha de sangue em seu vestido começava a alastrar-se rapidamente.

Ele me esfaqueou! – pensou espantada, e em seguida continuou: *Eu deveria fazer algo!* – Sua própria mão entrou no seu campo de visão e ela pode observar como seus dedos se fecharam em volta do punhal.

Ninsun, o que acontecerá comigo?

O que você acha?

Faça alguma coisa!

Não posso fazer nada, querida. Você precisa chamar Kieran, só ele pode te ajudar!

Kieran? Porque ele?

Agora não há tempo para discutir. Chame-o!

A respiração de Nuriya era ruidosa. Exausta, fechou seus olhos e pensou no misterioso desconhecido: *Kieran, ajude-me!*

Será que ele responderia? Seu coração dava saltos estranhos, e então veio a dor.

Estava gelada e precisa, como se a cada respiro novas lâminas perfurassem seu pulmão. Seu sofrimento crescia, fazia-se onipresente e começava a competir com o frio, como se disputassem quem a dominaria primeiro.

– Estou morrendo! – constatou Nuriya espantada e admirou-se que nem sua vida passava diante de seus olhos nem uma luz ao longe lhe prometia libertação. *Será que meu assassino terá que responder por isto?* – pensou, e: *Que pena estes terem que ser meus últimos pensamentos!* E de repente, o silêncio. Agora já sem dor e sem frio. Paz.

O grito de socorro atingiu Kieran com a força de uma poderosa explosão. Ele não estava preparado para a onda de sentimentos que se apoderaram dele em seguida. Ele sentiu como um metal frio penetrava na carne e se enterrava profundamente no coração.

Kieran! Era Nuriya que estava chamando por ele!

– Aguente firme! – sussurrou o vampiro, enquanto disparava pelo mundo intermediário.

O segundo agressor recobrava devagar sua consciência. Assustado, percebeu que Nuriya estava morrendo. Não era essa a missão que havia recebido!

Então ouviu um gemido e viu como a outra jovem mulher voltava a si.

Não importa qual das duas!

Ele tentou se recompor para ao menos entregá-la de acordo com o solicitado. Mal havia estendido a mão em direção à mortal, quando Erik se materializou diante dele na forma de um enorme lobo polar, arreganhando furiosamente os dentes. O animal não se contentou apenas com esse gesto ameaçador, mas atacou o assustado homem e os seus companheiros, que acorriam para ajudá-lo com uma fúria cada vez mais mortal. Mordia repetidas vezes enquanto se movia com uma velocidade quase inimaginável. Os olhos do lobo pareciam ter um brilho vermelho na escuridão.

Os lutadores estavam tão envolvidos em sua disputa que não notaram a chegada de dois oponentes muito mais perigosos.

Angelina e Donates dirigiam-se para o Clube quando, ao mesmo tempo, sentiram o assalto algumas ruas adiante. Angel imediatamente recitou algumas palavras mágicas para que pessoas estranhas não presenciassem a cena, e Donates estava prestes a arrancar um agressor furioso de cima do lobo, que lutava por sua vida, quando sentiu Kieran ao seu lado.

Juntos prepararam num piscar de olhos uma morte sem dor para os assaltantes.

Alguns segundos mais tarde, Kieran segurava em seus braços o corpo sem vida de Nuriya.

Nuriya, por favor, você não pode morrer! Não dessa forma!

Agoniado, o vampiro fechou os olhos. Exatamente dessa forma a filha de uma fada já estivera em seus braços. Na ocasião, Maire também estava agarrando o punhal ensanguentado de uma faca enquanto morria.

Kieran havia se sentido impotente, e não conseguiu fazer mais nada por ela, já que ainda não conhecia sua verdadeira origem e sua predestinação. E mesmo se conhecesse seu futuro, suas habilidades de vampiro não teriam estado à sua disposição naquela fatídica noite.

Mas dessa vez ele dispunha de uma chance. E jurou aproveitá-la. Então Nuriya abriu os olhos e o contemplou como se tivesse a certeza de que ele viera para lhe tirar a vida.

– Não! – sussurrou e tentava desviar do seu olhar.

– Eu não tenho opção, gatinha, você vai morrer se eu não fizer isso!

Sua resposta não fez sentido. Era ele que trazia a morte. Mas a voz familiar em sua cabeça sussurrava: *Não resista!*

Diversas vezes, ela havia amaldiçoado essa voz sabichona de sua consciência, mesmo tendo de admitir que até agora ela sempre havia sido uma conselheira fiel.

Porque devo confiar nele?

Você não precisa confiar nele. Confie simplesmente em mim! – sussurrou Ninsun.

Mas Nuriya tinha medo. Ele faria algo terrível, que não poderia mais ser desfeito. E ela sentia que ele não gostava de ter de fazê-lo.

Nenhum dos assaltantes havia sobrevivido. Rindo, Angelina colocou as mãos nos ombros de Donates.

– Posso, *darling*? – perguntou, e ele acenou afirmativamente com um sorriso. Surpreso, Kieran observou como a delicada vampira, com um estalar casual de seus dedos, fez arder em chamas os corpos dos agressores derrotados, para em seguida soprar suas cinzas ao vento.

– Oh, Donates! Eu amo isto! – Angelina admitiu sua fraqueza por cremações. Fascinado, por sua encantadora covinha, que sempre se mostrava na face pálida quando ela ria, Donates esqueceu tudo à sua volta e beijou sua amada, não se importando por estar em um sangrento campo de batalha.

Um leve gemido fez com que os dois voltassem à realidade. Agora também podiam perceber o cheiro do lobisomem, que chegava até eles. Mesmo gravemente ferido, ele lambia a mão pálida de uma moça desmaiada: Selena.

Angelina sussurrou:

– Ninfa! – e inclinou-se para a moça ferida. Donates procurou o olhar de Kieran com o intuito de obter sua permissão, para depois pegar em seus braços, com grande esforço, o rebelde lobo.

– Nos encontramos na minha casa. Cada um deve tomar um caminho diferente! – A voz do vingador não revelava nada da sua preocupação pela ninfa em seus braços.

Os três vampiros chegaram ao mesmo tempo com sua indefesa carga na casa de Kieran. A governanta veio correndo e rapidamente colocou a mão sobre a boca para abafar um grito de susto ao ver as duas meninas cobertas de sangue. Ela sabia o quão difícil era para os vampiros manterem a calma.

Vampiros menos poderosos provavelmente teriam entrado em êxtase, estimulados pelo odor metálico adocicado que pairava no ar. O homem loiro e sua amiga, que alguns dias antes haviam estado de visita na casa, pareciam tranquilos e concentrados.

Mas eram as linhas fundas que marcavam o rosto esgotado de seu patrão, que observava com preocupação. Quando havia sido a última vez que ele havia bebido? Ela se conteve. Estava certa de que Kieran jamais perderia o controle.

Por isso, esforçou-se por esconder o tremor revelador de suas mãos e disse com voz tranquila para Angelina:

– É melhor levar a menina para um dos quartos de hóspedes, e o cachorro... – ela hesitou um instante. – Este vocês podem deitar no quarto ao lado.

Kieran deixou o resto da organização com sua eficiente governanta e desceu tempestuosamente as escadas até seu quarto. Por alguns instantes, parou hesitante, mas por fim decidiu colocar Nuriya lá dentro e não em um dos quartos de hóspedes.

Cuidadosamente deitou a moça ainda inconsciente na cama e inclinou-se sobre ela. *Aspérula – o manjar dos deuses.*

Não era assim que ele havia imaginado o momento em que provaria do seu sangue. A batida de seu coração era muito fraca e irregular – se ele não agisse imediatamente, ela morreria!

Aflito, Kieran fechou rapidamente os olhos e implorou por ajuda a todos os deuses que conhecia:

– Permitam, agora, que eu faça a coisa certa!

Decidido, inclinou-se sobre o vulto imóvel de Nuriya e bruscamente rasgou ainda mais a saia já em trapos de seu vestido. Quando tocou as pálidas coxas da ninfa, sentiu-as tão macias quanto imaginava, e uma chama voraz ergueu-se em seu corpo firme como uma rocha. Os dentes caninos abriram caminho e, com um rosnado, afastou bem as pernas dela para ter melhor acesso à artéria que vinha diretamente do coração. O pulso de Nuriya era quase imperceptível e Kieran não se preocupou com o estrago que faria ao cravar-lhe os dentes, para sugar o resto de sangue que lhe restava.

A dor extraiu dela um leve gemido; em seguida, a ninfa ficou imóvel.

Depois de sorver a última gota de sangue, enquanto ouvia com medo crescente o coração de Nuriya ficar cada vez mais fraco, deitou-a cuidadosamente sobre a cama. Não havia mais vida no seu corpo quando o vingador ergueu lentamente sua mão até a boca e, com seus próprios dentes caninos, ainda bem visíveis, mordeu o próprio dedo. A ferida fechou imediatamente. Apenas uma única gota de sangue havia minado e esta Kieran depositou sobre seus lábios totalmente pálidos.

Nada aconteceu. Por um tempo dolorosamente longo, o néctar da vida ficou depositado sobre seus lábios. Kieran já acreditava que tudo estava perdido, quando finalmente sua boca se mexeu, apenas uma vez e de forma quase imperceptível, e o suco vermelho escuro desapareceu entre os lábios sem vida. Kieran depôs mais uma gota, que seguiu o mesmo caminho. Após a terceira gota, a cor de sua pele começou a se modificar vagarosamente de forma quase imperceptível. Logo a pequena ferida no dedo de Kieran não era mais suficiente

– e ele abria feridas cada vez mais profundas. O sangue pingava mais rápido na boca de Nuriya. E finalmente pareceu ouvir sua voz: *Mais!*

Ela não precisou pedir duas vezes. Kieran mordeu seu próprio lábio inferior e em seguida pressionou sua boca firmemente contra sua boca sedenta. Ela começou a sugar fracamente. Quando isso também não bastava mais, Kieran abriu seu pulso com um único movimento. Nuriya, que ficava mais forte a cada gole, passou a segurar com força o seu braço, e quando ele tentou se soltar quase não o conseguiu por estar enfraquecido pela perda de sangue. Por fim, pareceu que a fome da vampira recém-nascida estava saciada e ela caiu num sono tranquilo e profundo. Esgotado, Kieran deixou-se cair ao seu lado na cama.

Irmãozinho, você precisa de ajuda?

Asher?

Quem mais poderia ser!? Uma risada acompanhou a pergunta.

Verdade – quem mais!? Sim, um pouco de ajuda seria bom.

Chego aí num instante!

E mal a mensagem havia sido formulada, o ar brilhou por um instante no quarto de Kieran e Asher materializou-se ao lado da cama.

– Você precisa de ajuda! – constatou ao lançar um olhar sobre Nuriya, adormecida em meio a lençóis ensanguentados. Sem hesitar, ofereceu ao irmão enfraquecido seu nutritivo elixir da vida.

Depois de se fortalecer, relatou com poucas palavras o acontecido.

– Eu precisava salvá-la! – Kieran não sabia por que a aprovação de seu irmão lhe era tão importante. Era certo que, de uma forma ou de outra, ele teria de se responsabilizar perante os representantes das fadas, quando elas descobrissem que ele trouxera para a escuridão, sem consentimento e para sempre, uma de suas filhas mortais.

– Kieran, eles vão entender. Ela de qualquer forma teria morrido! – seu irmão se esforçava por encontrar palavras tranquilizadoras e olhava para Nuriya. Lá estava ela, com aparência de anjo, o rosto extremamente jovem envolto por uma massa de cabelos vermelhos. Ante esta visão Asher começava a compreender porque seu irmão aparentemente mostrava mais do que apenas interesse profissional como vingador.

A jovem mulher quase havia despertado seu interesse quando se encontraram pela primeira vez no "Refúgio". Mas agora achava que ela era digna de se cometer um pecado.

"Desde que se tenha uma queda para pequenos duendes de curvas acentuadas", pensou e admirou-se da preferência de seu irmão. A outra ninfa era bem mais do seu gosto e, só de pensar nas suas pernas longas e no seu cabelo maravilhoso, uma onda de desejo percorreu o seu corpo.

Por isso, Asher ficou chocado ao saber que ela também estava envolvida no assalto e que se encontrava igualmente ferida na casa de seu irmão.

Ele, Asher, deveria ter a obrigação de zelar pela sua segurança. Em vez disso, ela ficou exposta, totalmente indefesa ao ataque brutal de alguns mortais vadios, que precisavam dar-se por felizes pelo fato de a vingança de Asher não mais alcançá-los.

– Esses assaltos precisam ser esclarecidos o quanto antes! – Kieran o arrancou de sua autocensura.

– Mas não por você. Você está fraco demais por causa da transformação e continuará assim nos próximos dias. Além disso, essa ninfa está sob sua proteção agora e você não deveria mais perdê-la de vista até conseguirmos descobrir quem deseja sua morte.

– Você acha que os ataques às moças e a nós vingadores tem alguma relação?

– Tão perto assim do pacto de Vênus tudo é possível – ponderou Asher e pensou também no comportamento estranho de seu irmão desde que haviam encontrado as fadas. – Eu não excluiria totalmente essa possibilidade, apesar das diferentes formas de agir. Uma ninfa é fácil de ser assassinada se ela não tem ligação com a própria magia, como é o caso dela. Aparentemente, o mandante sabe mais sobre ela do que você!

Kieran concordou:

– Eu não sei praticamente nada. Só sei que ela não possui absolutamente nenhuma aura mágica, mas tem uma proteção mental excepcionalmente forte.

– Para mim, isso é um sinal claro de que sua ruivinha não carrega uma faísca de magia dentro dela ou então renega sua origem. Mas como aparentemente ela consegue comunicar-se telepaticamente com você, eu aposto na segunda opção. Vou ver se consigo mais informações – prometeu Asher a seu irmão e se recolheu novamente às sombras, até desaparecer.

Nesse meio tempo, no andar superior, a sua governanta e Angelina haviam despido a ainda inconsciente Selena e a deitado na cama macia de um dos quartos de hóspedes. Um breve exame constatou que suas feridas não eram profundas e, com exceção de uma hemorragia nasal já controlada e algumas contusões, nada lhe faltava. Com uma esponja macia, lavaram-lhe o sangue do seu rosto e fizeram curativo no seu braço ferido.

Angelina podia sentir um forte estresse na pálida ninfa. Aparentemente, os acontecimentos da noite a abalaram completamente. Enviou alguns pensamentos tranquilizadores para a moça antes de deixar o quarto junto com a governanta e fechar cuidadosamente a porta atrás de si. Ela não notou a presença do observador secreto.

Asher não conseguiu resistir à tentação. Delicadamente tocou os cabelos negros da ninfa. O vampiro tomou em suas mãos aquele esplendor de seda e enterrou nele seu rosto para absorver com deleite o seu aroma sedutor. Como todas as fadas, ela cheirava a ervas e à grama recentemente cortada. Mas essa mistura tinha ainda uma nota pessoal de solo de floresta e de virgindade, o que a tornava única e tremendamente sedutora. Por fim, suas mechas compridas deslizaram entre seus dedos e caíram de volta na cama – então ele sentiu seu olhar.

A moça o olhava com olhos arregalados.

– Silêncio, fadinha! Você não precisa ter medo – tentou acalmá-la, mas não podia negar que seu medo o excitava. Seus seios perfeitos subiam e desciam sob

o fino lençol, sua respiração era irregular e ele seria um santo se tivesse resistido à tentação de beijá-la diante da visão de seus lábios entreabertos.

Suavemente roçou sua boca, dócil e macia, que parecia gostar de seus carinhos. Asher começou a provocar com sua língua e não encontrou resistência. Encorajado, ele aprofundou seu beijo e sentiu... nada!

Decepcionado, endireitou-se. Essa fada era doce e tentadora, mas não era sua parceira de alma. Pior. Nos seus pensamentos, ele havia divisado apenas a imagem do homem loiro do bar, de quem ela nem sequer sabia se tratar de um lobisomem! Seu medo era real e ele não tinha o direito de beijá-la, ferida e indefesa como estava.

Asher sentiu-se como um canalha e literalmente fugiu do recinto. Porém, não sem antes proferir um feitiço do sono que a faria esquecer aquele incidente. Essa ninfa e aquele lobisomem eram destinados um ao outro, e para ele só restava a esperança de um dia encontrar a mulher de seus sonhos. E ela existia, disso estava absolutamente certo. Durante o beijo, ele teve a breve sensação de que havia alguém atrás da fada, um ser que falava com ele por meio dela e que era responsável pelo seu aturdimento.

Mas agora não era a hora adequada para devaneios românticos. Chamou-se, então, de volta à realidade, e começou a imaginar como poderia descobrir o mistério por trás daquela série de atentados.

Alguns quartos adiante, Donates ergueu a cabeça por um instante e ficou perscrutando os ruídos da noite. Mas não constatou nada de diferente – aparentemente ele havia se enganado. Um pouco inseguro, o vampiro olhou para o lobo polar ferido e decidiu:

– Precisamos de material para fazer curativos!

A governanta anuiu com a cabeça e saiu para buscar o que foi pedido.

Angelina olhou para seu amado:

– *Mon amour*, você poderia ser gentil e acompanhá-la?

Donates ergueu uma sobrancelha de forma inquisidora. Podia-se perceber que não lhe agradava a ideia de deixar sua fêmea sozinha com o licantropo.

– Fêmea? Suma, antes que eu mostre a meu antiquado marido do que uma *fêmea* destas é capaz! – Mas sua risada tirou qualquer resquício de acusação e Donates retirou-se com um risinho desconcertado.

Assim que ficou a sós, sentou-se ao lado do animal ferido e começou a acariciá-lo atrás das orelhas para acalmá-lo. Angelina admirou-se do quão macio e denso era aquele maravilhoso pelo cinzento. Ela nunca havia tocado em um lobisomem antes, mas estranhamente sempre acreditou que seu pelo era duro e desgrenhado. Fechou, então, os olhos e tentou fazer contato mental com o lobo:

Você precisa voltar!

O animal ergueu as orelhas.

Volte. Eu só posso ajudá-lo se você voltar para nós!

Ouviu-se um leve grunhido.

Você não precisa ter medo. Ninguém vai lhe fazer mal aqui!

O ronco ficou mais forte e, por um momento, Angelina ficou com medo de que Donates, que certamente lhe esperava atrás da porta, invadisse o quarto. Ela não ousava interromper a ligação mental feita com o lobo para alertar seu amado sobre as consequências de uma reação precipitada.

Então pôde sentir, na atmosfera, as pequenas alterações típicas que acontecem quando ocorre uma transformação. Os elementos ao redor do corpo peludo ao seu lado dançavam e rodopiavam em torno deles mesmos; pouco depois, eles começaram a envolver o animal a ponto de Angelina quase tocar a energia de sua aura azul, quase cor de gelo. O início da transformação era praticamente imperceptível, mesmo para os olhos treinados de Angelina e, subitamente, um homem, cujo corpo era tão perfeito quanto o de uma estátua de deuses antigos, encontrava-se nu sobre o travesseiro.

Surpresa, Angel segurou bruscamente a respiração. No mesmo instante, a porta se abriu e Donates estava entre os batentes, feito um anjo vingador, segurando firmemente o material para curativos em suas mãos.

– Sou uma fêmea fiel! – A vampira com ares de fada olhou com olhar maroto para seu ciumento parceiro de alma. – Venha, ajude-me a cuidar de suas feridas, por favor!

De forma tranquilizadora, colocou sua mão fria sobre a testa de Erik:

– Quem é você?

Um olho azul e outro verde olhavam para ela, e o ferido sussurrou:

– O que aconteceu com Selena?

– A ruiva?

– Esta é a irmã! – O pânico deixou seu corpo tenso e Angelina apressou-se a acalmá-lo antes que ele fizesse algo impensado.

– Não aconteceu nada a ela!

– Graças aos deuses! – Aliviado, o licantropo deitou novamente sobre os travesseiros. – Eu me chamo Erik. – murmurou quase inaudível depois de uma breve pausa.

Normalmente lobisomens, assim como todos os seres mutantes, curam-se mais rapidamente quando estão em sua forma animal. Principalmente tão perto da lua cheia como agora. Isso infelizmente não se aplicava a feridas causadas por armas de prata, que saravam lentamente se não fossem tratadas. E às vezes até acontecia de eles ficarem impossibilitados de retornar à forma humana depois da recuperação.

Angel queria poupar ele e a ninfa de cabelos escuros desse destino. A ligação íntima entre os dois já havia ficado nítida para ela no local do assalto. O lobisomem havia dado sua vida para proteger a moça.

Angel começou com seu cântico mágico e, pouco depois, suas energias a libertaram do veneno que aquelas estranhas armas haviam deixado em seu corpo. Junto com Donates, que não saía do seu lado, enfaixou as feridas de Erik, para depois colocá-lo em um profundo sono restaurador.

Capítulo 5

O jovem vampiro havia fugido em pânico ao ver a faca enterrada no peito da jovem. Ela havia lutado feito uma leoa e conhecia alguns truques admiráveis. Paul estava impressionado e já podia imaginar o que havia feito o líder perder o controle. Ele nunca aceitava mulheres autoconfiantes. Ele as amava submissas e amedrontadas – aquele porco! Mas agora ele não judiaria de mais ninguém. Nem de Paul, que por várias vezes cerrou os dentes para suportar seu deboche, apesar de que ele, nos últimos tempos, teria conseguido quebrar o pescoço daquele idiota sem grande esforço.

A transformação não havia trazido grandes mudanças no dia a dia. Mesmo antes dela, ele normalmente saía com os amigos notívagos e não se interessava por um trabalho regular. Ele lamentava que agora não podia mais embebedar-se tanto, mas em compensação as espinhas purulentas haviam sumido de seu rosto e o cabelo ralo agora tinha uma aparência cheia e um brilho saudável. Ele continuava não sendo nenhuma beleza, mas um pouco de irradiação vampiresca fazia com que algumas meninas olhassem para ele agora.

A princípio, Paul queria se afastar de sua turma. Eles não haviam notado nada de sua transformação e, desde aquela época, suas brincadeirinhas o deixavam tremendamente entediado. Mas o vampiro que o havia transformado e lhe ensinado as principais técnicas de sobrevivência insistira para que ele continuasse a sair com seus amigos. O chefe assim o desejava, e era melhor Paul fazer o que pediam, a não ser que preferisse uma segunda morte – bem mais desagradável e totalmente definitiva.

Isso ele não queria e, portanto, decidiu aceitar sua sorte. Ele não precisava fazer muita coisa, apenas espionar pessoas de vez em quando ou convencer seus comparsas a espancar alguém. Não tinha dificuldades para realizar a tarefa, e apreciava o poder que esta lhe trazia. De qualquer forma, os membros da gangue sempre estavam à procura de um motivo para espancar, e com seus novos poderes ele rapidamente fez com que aceitassem as suas sugestões. Seguindo ordens de seu mandante, ele mesmo se mantinha afastado e observava as ações a uma distância segura.

Para realizar esse trabalho, ele ganhava um bom dinheiro. Com isso, ele finalmente podia ter um apartamento próprio e sair de casa. O que também era absolutamente necessário, pois até mesmo seus pais teriam notado o sono profundo em que recentemente caía pelas manhãs, ou algum de seus irmãos teria aberto as cortinas por brincadeira. Pensar na surpresa deles caso ele se transformasse em um montinho de cinzas fazia com que um sorriso torto aflorasse no rosto de Paul.

Mas agora seu estômago roncava e decidiu procurar por um lanchinho. Era proibido caçar nas redondezas do clube Hellfire e, depois do assalto, parecia-lhe adequado atrair o mínimo possível de atenções sobre si. Os salvadores das moças e do lobisomem enlouquecido eram vampiros poderosos, disso estava certo – pensou com desdém. Paul não tinha a mínima vontade de cruzar o

caminho deles novamente. Ele apenas estranhava que mal conseguia se lembrar dos três. Ou eram dois?

Atordoado, sacudiu a cabeça. Na verdade, só conseguia se lembrar de um lobo polar enorme. Ou havia sido um cachorro?

Pensar nunca fora o seu forte, e assim desistiu de tentar se lembrar.

Faminto, o vampiro apressou-se em ir até um bairro vizinho, onde logo encontrou uma vítima apropriada – o dono de um cachorro que foi dar uma última volta com seu *poodle* vistoso. Ele atraiu o homem para dentro dos arbustos e, enquanto o animalzinho gemia assustado e puxava a guia, Paul bebia o precioso sangue.

Sentia como a tensão o deixava e, com um suspiro, libertou o confuso homem. Ele se sentiria fraco por alguns dias e provavelmente evitaria passeios noturnos no futuro, mas afora isso nada havia lhe acontecido. Paul não era um assassino e obedecia às regras da cidade.

Ainda era cedo, pouco depois da meia-noite, e decidiu ir ao Hellfire. Ele queria saber se alguém notara a tentativa de sequestro das moças.

Repentinamente, Paul sentiu um sopro gelado em sua cabeça e soltou um gemido de dor. Sem a menor chance de reação, precisou presenciar indefeso como suas lembranças dos acontecimentos da noite eram impiedosamente roubadas.

O assalto terminou tão repentinamente como havia começado, e Paul encontrou-se de quatro, tremendo no chão.

A mensagem do invasor era clara:

Você me pertence e ficará à minha disposição!

Sentiu-se usado e violentado, e começou a se perguntar em que se metera. Ele já tivera sérias dúvidas quando recebeu apressadamente a missão de sequestrar aquelas moças. Somente por acaso encontrava-se com sua turma nas redondezas. A todos os outros, o acesso ao clube era negado.

Percebeu, então, que as moças tinham algo de especial, e também lhe ficou claro que fizera bem em desaparecer o mais rápido que pôde. Paul sacudiu a cabeça para tentar livrar-se do zumbido que ouvia. Ele não sabia quem estava por trás de tudo aquilo. Mas, pela primeira vez desde que se tornara um vampiro, sentia medo. Um medo mortal.

O seu algoz estava furioso. Quer dizer que as moças haviam sido protegidas por um lobisomem e desaparecido junto com ele? Não admira que aqueles inúteis mortais, que ele eventualmente incumbia de pequenos assaltos ou furtos, também haviam desaparecido. Ele se preocuparia mais tarde com eles. Por mais que tentasse, o que ele não conseguia entender era por que o lobisomem havia aparecido justamente na figura de um *poodle*. Mas a imagem que conseguira recuperar da memória do inútil vampiro era bem clara. Que sorte ele haver recentemente equipado o bando com armas especiais! Havia mutantes demais naquela cidade para o seu gosto! De qualquer forma, a prata deixaria o animal não muito contente, pensou com um sorriso cínico. Rei dos *poodles*? Tente entender esses licantropos! E como explicaria isso a seu chefe?

Nesse momento, Donates fechou a porta do quarto de hóspedes em silêncio e seguiu Angelina até a sala.

– E agora?

Cuidadosamente encheu dois copos com o drinque especial que a governanta havia misturado e deixado preparado no balde de gelo. Ele não gostava muito de sangue frio e por isso teve uma grata surpresa ao constatar que os condimentos que haviam sido acrescentados se sobrepunham ao gosto de cobre, mas não influenciava de forma alguma o efeito fortificante da bebida.

– Delicioso! – Angelina lambeu seus lábios, após ter provado também. – Kieran sabe viver – acrescentou e lançou um olhar significativo na direção dos móveis sob medida com os quais o vingador havia decorado sua casa. – Talvez também devêssemos pensar na possibilidade de montar uma casa para nós.

– Ah, para isto tem tempo! – Constrangido, Donates tirou o cabelo comprido da frente do seu rosto. Ele sempre procurava evitar esse assunto. – O que me preocupa mais é aquela ninfa lá embaixo com Kieran!

– Ela está bem!

A voz grave atrás dela fez Angelina dar um pulo de susto. Donates imediatamente se colocou de forma protetora na frente de sua companheira. Ergueu sua sobrancelha interrogativamente e fixou um olhar ameaçador no recém-chegado, que levantou as mãos de modo conciliatório e deu um passo para trás. Internamente, Asher precisou rir. Kieran o prevenira dos ciúmes desse jovem vingador. Ele não tolerava nenhum vampiro alfa perto de sua amada e, apesar de sua curta existência, já era poderoso o suficiente para ser um adversário à altura até mesmo de Asher.

– Desculpem-me, por favor. Kieran já me contou tanto sobre vocês que tenho a sensação de já nos conhecermos. Sou Asher, irmão de Kieran.

Nesse momento, a governanta entrou trazendo novos drinques em uma bandeja. Pareceu não notar o ambiente perigoso e achar a presença de Asher totalmente normal. Pelo contrário, ela o cumprimentou amavelmente e assim confirmou, sem saber, a afirmação dele de encontrar-se naquele lugar com o consentimento de Kieran. Donates não conseguia perceber nenhum logro. Colocou uma mão sobre os ombros de Angelina e ambos os vampiros sentiram-se mais relaxados.

Asher meneou a cabeça, tomou um gole do seu copo e continuou:

– Por enquanto, Kieran quer ficar com a moça e aguardar para ver como a transformação vai se completar. Estamos receosos, pois definitivamente ela não deu esse passo por vontade própria. – Ele parecia preocupado.

– De que ela é uma ninfa não há dúvidas, mas existe algo mais. Vou voltar ao local do assalto e tentar descobrir alguma coisa. A outra moça e o... – ele titubeou um pouco, a palavra parecia não lhe agradar – lobisomem... Já voltaram a si?

– Ele acordou rapidamente neste meio tempo. Colocamos os dois em um sono restaurador. Esta noite não teremos mais notícias deles.

– Entendo! – Asher já ia em direção à porta quando parou mais uma vez. – Kieran pede que vocês fiquem aqui hoje. No subsolo, existem quartos de hóspedes seguros contra a luz do dia. Sandra poderá mostrá-los a vocês.

Os dois se entreolharam e era óbvio que discutiam seu pedido.

Você confia o suficiente em Kieran para permanecer aqui na sua casa? E como fica sua energia?

Temos reservas de sangue suficientes para tornar suportável a perda de energia causada pela proximidade de dois outros vampiros alfa. Na verdade, estou curioso para saber o que tudo isso significa. E principalmente você, como ninfa, pode ser de grande ajuda. Se você está de acordo com o convite, ma petite, *então não tenho nada contra.*

Angelina sorriu amavelmente para Asher:

– De acordo. Donates buscará algumas coisas e então podemos pernoitar aqui e cuidar dos dois.

– Perfeito! – O sorriso de Asher também era perfeito, pensou Angelina para si, esperando que Donates não adivinhasse seus pensamentos.

O irmão de Kieran havia partido e Angelina disse em voz alta:

– Ele não tem ideia de quem somos, não é verdade? Porque, então, ele teria nos oferecido os quartos à prova de luz?

– Ouvi dizer que normalmente Asher vive muito recluso. Provavelmente ouviu poucos boatos de vampiros nas últimas décadas e por isto não sabe que, neste meio tempo, Sylvain fundou uma família.

– De alguma maneira, é típico de Kieran não contar tudo nem para o próprio irmão.

– Nem ele sabe ao certo até onde chega nossa tolerância à luz. – Donates parecia satisfeito. – Eu dei uma olhada nas janelas aqui em cima. Elas têm persianas e podem ser escurecidas de maneira satisfatória. Talvez ele acredite que nos sintamos melhor sob a terra durante o dia.

Angelina riu:

– Pelo contrário! Mas isso ele não precisa obrigatoriamente saber. Mesmo assim, eu preferiria ficar no andar de cima. Assim estaremos por perto, caso o nosso casal romântico acorde mais cedo do que o esperado ou ocorram complicações.

Donates concordou e desapareceu para verificar como andavam as coisas em casa e para informar Nik sobre os mais recentes acontecimentos. Ele também precisava prevenir-se de que estavam ocorrendo algumas coisas muito estranhas.

Pouco depois, retornou com duas bolsas. Nelas havia, além de roupas limpas para Erik, algumas doses de sangue para eles mesmos, apesar de a governanta ter informado que Kieran havia generosamente oferecido seus estoques. Donates não gostava de depender de ninguém e, na suíte de hóspedes, Angelina havia descoberto uma pequena geladeira.

Fecharam cuidadosamente as janelas e em seguida acomodaram-se na sua cama confortável.

Angelina aconchegou-se em seu amado até encontrar a posição perfeita no seu ombro:

– Você por acaso sabe o que acontece quando fala comigo em francês?

O calor de sua voz no pescoço de Donates fez com que sua pele começasse a formigar e, bem fundo no seu corpo, uma chama quente começava a crepitar. *Mais oui, mon ange!*

– Mas claro, meu anjo, venha! – riu com voz rouca e debruçou-se sobre ela para provar mais do que apenas seus lábios sedutores. V*iens! Baise-moi!*

O que quase ninguém sabia era que Sylvain e suas criações raramente dormiam durante o dia. Vampiros comuns, pelo contrário, eram obrigados a procurar um esconderijo seguro ao final de cada noite, já que com o nascer do sol caíam em um sono profundo do qual só acordavam, na melhor das hipóteses, em caso de perigo, fato que, nessa situação, era de pouco valor para a maioria, pois estavam fracos e não conseguiam se proteger contra um adversário superior.

Porém, Angel e Donates podiam até ficar na luz do dia por algum tempo, se evitassem a luz solar direta. Disso nem mesmo vampiros de nascença eram capazes, e a família Winterfeld decidira manter seu pequeno segredo pelo maior tempo que conseguissem. Essa medida de segurança poderia, em algum momento, salvar a vida de um deles.

Kieran puxou uma poltrona para o lado da cama de Nuriya e deixou-se cair nela. Velas brilhavam num candelabro imponente e suas sombras dançantes realçavam ainda mais as linhas de seu rosto, marcadas pela exaustão. Via-se nitidamente a dobra vertical entre suas sobrancelhas.

Nuriya, você pode me ouvir?

Nenhuma resposta. Kieran foi tateando, aproximando-se cuidadosamente de seus pensamentos. Da muralha em sua mente, só restavam ruínas; e, por trás delas reinava o caos. Pouco a pouco, ele reconheceu o processo que todos os sentimentos dela seguiam, e nele havia até uma imagem bem clara do autor do assalto. De qualquer forma, esse problema já havia se desfeito em fumaça, graças à tendência piromaníaca de Angel.

De um jeito estranho, ele se sentia bem nas lembranças de Nuriya, e muitos caminhos e curvas na paisagem de seus pensamentos e sentimentos eram-lhe tão familiares, que parecia já ter estado ali antes.

Asher tinha razão ao supor que ela negava sua magia e sua origem. Kieran praticamente não encontrou vestígio de nenhum dos dois e supunha estarem enterrados no mais profundo de sua alma.

Ao tentar avançar mais, subitamente percebeu como ela se esforçava para bloquear seu caminho. O que será que ela tentava lhe esconder, mesmo no estado em que se encontrava? Ele teve vontade de ignorar seu tênue esforço em se proteger. Mas decidiu respeitar seu desejo e retirou-se. No último instante, ainda teve um lampejo da imagem dele, mesmo num turbilhão das mais diversas emoções. E então saiu dela.

Irritava-lhe o fato de que a mulher que estava deitava desamparada e pálida diante dele negava sua natureza até de si mesma, e ele decidiu descobrir o motivo.

Apesar de toda autodisciplina adotada, sua alma era selvagem e amava a liberdade. E agora ela estava para sempre ligada a ele, sem chance de ter um futuro ao lado de sua verdadeira alma gêmea, que provavelmente procurava por ela em algum lugar lá fora. Os sonhos e desejos que havia visto em sua alma, ele jamais conseguiria realizar. Ela ansiava por um amor profundo e romântico, e nele não havia nada disso. Seu coração já esfriara há muito tempo.

Mesmo se o vingador soubesse como fazê-lo, ele jamais poderia amá-la. Infeliz, reconheceu que ela o odiaria assim que compreendesse totalmente a dimensão de sua intervenção na noite passada.

Asher observava a viela escura perto do Hellfire a partir de um telhado das fábricas nas redondezas. Ele queria ter certeza absoluta de que não seria incomodado na investigação que faria no local do crime. O seu passado como vingador lhe seria útil nessa situação. A partir de uma sombra, seu aguçado olhar deslizou sobre o pavimento molhado pela chuva. Um grupo de jovens saía do clube. Rindo, andavam em direção de um atalho que levava à cidade. Mas quando o primeiro deles dobrou a esquina, parou tão inesperadamente que os outros o atropelaram surpresos. Emudeceram, inseguros, e olhavam para a viela escura. Algo misterioso parecia estar à espreita na sombra, e foram sensatos o suficiente para seguir sua intuição e tomar outro caminho para casa, mesmo que este fosse um pouco mais longo. Asher sorriu satisfeito. Apesar de preferir há tempos seu trabalho científico na enorme biblioteca ao serviço de vingador, ele não se esquecera de nada. Depois de um salto ousado, o vampiro aterrissou com segurança entre as casas e começou a procurar sistematicamente por pistas.

Admirado, constatou que o feitiço de Angelina disfarçara a presença dos salvadores naquele local, mas não totalmente a aura de um quarto vampiro, provavelmente muito novo, que se desvanecia. Ele deveria estar observando os acontecimentos e provavelmente fugira com a chegada dos outros vampiros. Uma decisão sábia. Mesmo um vingador só podia matar outro vampiro com a autorização expressa do conselho; mas, nesse caso, Asher não colocava sua mão no fogo que seu irmão tivesse respeitado as regras.

Asher então descobriu o lugar onde Nuriya deitara sobre o próprio sangue. O odor o deixava atordoado e ele sentia o louco desejo de ajoelhar-se e de lamber cada gota de sangue do chão. *Ninfa!*

Ele não sabia explicar como ela conseguira reduzir tanto sua aura, mesmo em seu primeiro encontro no café, a ponto de a maioria dos vampiros provavelmente nem tê-la notado. O sangue na rua também confirmava sua suposição de que a pequena devia ser especial. A intervenção salvadora de Kieran havia sido a decisão correta. Mesmo com seu irmão duvidando disso, Asher não acreditava que as fadas levantariam queixa contra ele.

Mal Asher começara a empregar um complicado truque para neutralizar a magia do sangue da fada, de modo a evitar que mais alguém se deparasse com ele, o ar começou a vibrar a alguns metros. Ele terminou a fórmula e foi até a origem daquela estranha magia. Surpreso, deparou-se somente com uma pequena bolsa, que provavelmente pertencia a uma das meninas. Com cuidado, ergueu-a e olhou o seu interior. Ao avistar o conteúdo, Asher segurou instintivamente a respiração. Do escuro da bolsa, brilhava de forma ameaçadora em sua direção um talismã mágico do mundo feérico. Asher reconheceu o amuleto imediatamente. A carteira ao lado também lhe revelava a qual das irmãs a bolsa pertencia. Apressadamente fechou novamente a bolsa e abriu um portal para voltar rapidamente através do mundo intermediário.

Kieran subiu as escadas em disparada. Ele sentia nitidamente a agitação de seu irmão. Angelina e Donates também esperavam por ele no andar superior.

– Céus, você transformou a escolhida!

Kieran deixou-se cair mudo nas grandes almofadas de um sofá. Os demais vampiros também se sentaram sem dizer nada.

Asher pigarreou e contou da aura do vampiro que provavelmente observou a luta de algum telhado. Então relatou do estranho magnetismo do sangue da ninfa, e continuou:

– Depois encontrei sua bolsa, e parecia que ela queria que eu a achasse. – Com cuidado, ergueu o valioso colar. – E dentro dela havia isto aqui!

Angelina soltou um grito de surpresa:

– Este é o amuleto de Vênus!

Kieran olhou, sem entender, para um e depois para o outro, e Angelina explicou:

– Isso significa que ele possui um poderoso feitiço de proteção que sempre é destinado às ninfas escolhidas para a realizar a ligação com o reino da escuridão. Depois que o pacto de Vênus se cumpre, o amuleto retorna, pelos próximos cem anos, ao reino feérico, para ressurgir inesperadamente em algum outro momento. Sempre que sua portadora encontra-se em perigo, ele começa a brilhar. Penso que é por isto que ela não o estava usando. No Hellfire, com certeza teria chamado a atenção das pessoas erradas para si!

– Afinal, como é que você soube que ela havia sido assaltada? – intrometeu-se Donates, dirigindo-se a Kieran.

– De alguma forma, Nuriya conseguiu fazer uma ligação telepática comigo e assim pedir ajuda.

– Você sabe o seu nome? – perguntou Asher admirado.

– Ela me disse no "Refúgio".

O irmão ficou pasmo com a revelação. Ele não se lembrava de ter ouvido mais do que um "obrigado" balbuciado pela moça depois de a terem conseguido livrá-la do bêbado. Tudo indicava que Kieran possuía uma relação muito especial com a moça.

– Ela é sua...? – Donates hesitou.

– Alma gêmea? Sinceramente, eu não sei.

Decepcionado, Asher se recostou.

– Se fosse, você saberia! – E pensava na sua recente experiência com a irmã de Nuriya.

Os dois outros vampiros se entreolharam, mas evitaram fazer qualquer comentário. Donates levara muitas décadas até descobrir que a mulher que tanto venerava não era a ele destinada. Poucas semanas depois, encontrou seu verdadeiro amor: Angel.

Angelina sorriu ao perceber seu toque, suave como pluma, em sua alma, sem o qual ela não conseguia mais imaginar sua existência. A vampira estendeu a mão em direção da valiosa joia:

– Seja como for! Ela tem de receber o amuleto de volta o mais rápido possível!

Kieran lhe entregou o amuleto e se levantou, sem antes olhar seriamente para seus convidados:

– Neste momento, Nuriya não deve saber o papel que tive em sua transformação. Se existe alguma chance de protegê-la até o momento da união, então ela precisa confiar em mim até lá.

– E depois? Com a troca de sangue entre vocês, ela se tornou criação sua – ponderou Asher. Ele também havia levantado e andava irrequieto de um lado para outro.

– Assim que tiver encontrado sua alma gêmea, ela me esquecerá.

– Você realmente tem certeza de que não estão predestinados um para o outro?

– Eu acabei de dizer que não sei! – a voz de Kieran soou impaciente. Ele estava convencido de que nunca mais conseguiria uma ninfa para si, após o suicídio de Maire, e de forma alguma queria discutir o assunto diante de seus convidados. De qualquer forma, eles já sabiam mais de sua vida particular do que ele gostaria que soubessem. A longo prazo, sempre era perigoso revelar de si mesmo mais do que o necessário. Não apenas para um vingador. Nos últimos milênios, arrependera-se mais de uma vez de ter se aberto com alguém. Não eram poucos os que, em algum momento, tentavam usar contra ele o conhecimento que tinham, e pagaram o erro com a própria vida.

Kieran havia tomado alguns por amigos. Há tempos o vampiro não era mais tão ingênuo como em seus primeiros anos. Nem mesmo no próprio irmão confiava sem reservas.

E amigos? Ele não precisava de amigos! Apesar disso, Donates conseguira entrar em sua vida. Kieran admirava-se da leveza com que o seu protegido encarava sua existência e mesmo assim realizava conscienciosamente suas tarefas como vingador. Ele esperava presenciar o dia em que Donates ou sua companheira tentassem abusar de sua confiança.

– Kieran! – Asher olhava seu irmão de forma penetrante. – Você não tem culpa pela morte de Maire! Já discutimos isto milhares de vezes! Ela se matou porque suas visões a deixavam quase louca. Visões que, com certeza, também mostraram a ela o meu futuro na escuridão.

Ela enterrou o punhal no coração porque se sentia culpada pelas transformações inquietantes que estavam ocorrendo comigo. E quando a vi moribunda à minha frente, a única coisa que me vinha à frente era o odor de seu sangue. Você entende? Me deixou com tesão e, em vez de ajudá-la, eu só queria fodê-la!

– Foi pouco antes de sua transformação. Muitos vampiros jovens no começo têm dificuldade para distinguir entre excitação sexual e sede de sangue.

– E quanto à maldição? – Ainda hoje Kieran não gostava de se lembrar da noite seguinte a do enterro de Maire. Sua mãe viera do mundo feérico e o acusara de ter matado sua filha. “Nunca”, foi assim que ela ameaçou com voz estridente o rapaz totalmente transtornado, “nunca lhe seria concedido conquistar o coração de uma alma gêmea”.

Asher olhou para seu irmão com compaixão. Estava convencido de que a maldição perderia o efeito assim que Kieran finalmente parasse de se culpar

pela morte da esposa. – Podem-se mencionar algumas qualidades desagradáveis da rainha das fadas. Injustiça não faz parte delas. Vocês dois não tinham como saber!

Kieran desejava ardentemente que seu irmão estivesse com a razão. Como em todo vampiro de nascença, em algum canto do seu coração a esperança de receber amor havia sobrevivido por muitos séculos. E aumentara após o primeiro encontro com Nuriya. E Asher ainda alimentava essa pequena chama de esperança.

Kieran cruzou os braços. Com as pernas afastadas, estava parado no meio da sala e olhava para seu irmão de forma agressiva, com os olhos semicerrados. Diante de uma cena como essa, ninguém se atreveria a provocar o vingador.

– Mesmo que o destino tenha planejado para nós um futuro em comum, ela precisa decidir por vontade própria se deseja ingressar em uma união irrevogável comigo. E isso ela jamais fará quando descobrir que eu lhe tirei a vida!

– Não foi você que lhe enfiou a faca no meio das costelas! Você simplesmente a resguardou da morte certa!

– Ah, é? E quem disse que ela está de acordo com essa alternativa?

– Como escolhida, ela não tem opção. Precisa unir-se a um vampiro, e assim se tornar uma de nós para renovar o pacto. Não foi sem razão que as fadas a predestinaram para essa tarefa.

Kieran chegou bem perto de Asher. O ar entre os dois irmãos pareceu vibrar enquanto se encaravam sinistramente.

Kieran foi o primeiro a quebrar o silêncio, rosnando:

– Basta! Eu previno vocês, não digam nada a essa ninfa!

De repente, a sala pareceu ficar pequena para os furiosos vampiros alfa. Angelina achou que era tempo de acalmar os ânimos antes que os três fizessem algo que lhes causasse, mais tarde, algum arrependimento.

Agilmente se dirigiu aos dois poderosos irmãos e depositou, de forma apaziguadora, sua mão sobre o braço de Kieran.

– Pode contar com a gente – prometeu com voz terna. Quando percebeu que tinha obtido sua atenção, continuou: – Kieran, eu gostaria de dar uma olhada em Nuriya agora.

Primeiro, pareceu que ele iria se opor. Por fim, lembrou-se de que tinha educação e abriu caminho para lhe dar passagem ao andar inferior, onde Nuriya dormia em paz.

Asher aproveitou a oportunidade e se despediu com a promessa de descobrir algo sobre quem estava por trás do assalto. Donates murmurou que precisava ver o estado de Erik. Era evidente que, naquele estado de espírito, Kieran não toleraria nenhum vampiro do sexo masculino perto de Nuriya.

Angelina entrou no quarto de Kieran e inclinou-se sobre a ninfa. Depois de hesitar por um instante, ela depôs as duas mãos sobre as têmporas da moça inconsciente. Imediatamente pôde sentir seu medo e sua inquietação.

– Quanto tempo você acha que vai levar até ela acordar? – perguntou Kieran, inquieto com a expressão no rosto de Angelina.

Ela sacudiu sua cabeça e alertou: *Aqui não! Ela provavelmente pode nos ouvir!* Depois continuou em voz alta:

– A moça é forte. Ela conseguirá! Se você quiser, venho de novo em algumas horas para ver como ela está.

De forma inaudível para a enferma, acrescentou: *Pensei que sua habilidade para esconder sua magia de nós viesse do amuleto. Mas me enganei. Mesmo quando eu a toco, sinto sua origem feérica, apenas muito fracamente.*

Kieran acenou concordando e acompanhou Angelina até a porta, depois que ela depositou cuidadosamente o amuleto de Vênus em volta do pescoço da moça inconsciente.

Novamente a sós com Nuriya, ele trocou o invólucro de sangue vazio, que pendia de um suporte de metal, por um novo. Optou por esse método de tratamento, pois se tentasse compensar sozinho sua perda de sangue, precisaria contar com uma perda enorme de suas próprias energias. Isso Kieran não queria arriscar. Principalmente agora, ele precisava de cem por cento de cada uma das habilidades de que dispunha para garantir sua segurança.

Um brinde ao banco de sangue dos Winterfeld, pensou com cinismo, para finalmente deixar-se cair na poltrona ao lado da cama de Nuriya com seu copo cheio. Com os olhos fechados, Kieran gozava a força da manhã que se aproximava.

O novo dia despertou Erik de seu sono mágico. Inquieto, ele se jogava para lá e para cá na sua cama, até que a porta foi aberta e Angelina espiou.

– Bom dia, Erik!

– Onde está Selena?

– Está dormindo aí ao lado.

Erik levantou-se de um salto, correu até a porta que Angelina havia mostrado e a escancarou. Mesmo sem a habilidade para lê-los, a vampira podia ver claramente como seus pensamentos disparavam. Ele não sabia onde estava nem como tinha chegado aqui. Mas naquele momento, importava-lhe apenas a ninfa.

Ao vê-la, a lembrança passou por sua face e, cheio de medo, inclinou-se sobre sua amada. Somente depois de certificar-se de que a ferida de Selena havia sido bem enfaixada e de que ela dormia tranquilamente, virou-se e sorriu de forma encantadora:

– Bom dia, meu anjo desconhecido!

Angelina riu:

– Não deixe meu marido ouvir isso! Donates é muito ciumento!

– Você acha? – Donates a seguira, e depositava agora, de modo dominador, o braço em volta dos seus ombros.

– Sim, *mon cher*, eu acho – sorriu e observou como Erik aproveitava a oportunidade para cobrir sua nudez.

Donates jogou-lhe uma trouxa de roupas limpas e grunhiu:

– Aí ao lado tem um banheiro. Vista-se. Precisamos conversar!

Angelina sorriu maliciosamente:

– Este lobisomem é um doce, não é mesmo? – Donates parecia querer torcer-lhe o pescoço e ela se apressou em acalmá-lo. – Querido, relaxe! Você sabe muito bem que só me interesso por você. Não há motivo para hostilizar o pobre Erik!

– Esses sujeitos estão todos atrás de você – resmungou Donates, mas no mesmo instante já precisou rir, puxando a amada para seus braços.

Com não muito mais no corpo do que um sorriso provocante, e esfregando os cabelos molhados com a toalha, Erik saiu finalmente do chuveiro e interrompeu o encontro caloroso dos dois vampiros. Educadamente, e principalmente por amor a Donates, Angelina se virou enquanto o jovem lobisomem vestia suas roupas emprestadas.

– O que aconteceu? – perguntou por sobre os ombros.

Eles lhe relataram os acontecimentos da noite passada. No que dizia respeito ao salvamento de Nuriya, fizeram Erik prometer que manteria segredo.

– Quer dizer que ela é a escolhida e o primeiro selo foi rompido. Vocês disseram que são três. E agora? – perguntou Erik, aspirando avidamente o odor do sangue Selena, que ainda pairava no ar. A noite de lua cheia estava se aproximando.

– Ela vai se recuperar!

– Não é isso que quero dizer. O que acontecerá se eles não forem almas gêmeas?

– Eles não conseguiriam viver juntos. Separados também não. E em algum momento, tentariam se matar.

Angelina deu uma gargalhada amargurada:

– Ou a família dela enviará alguém que resolva a situação antes. Melhor nem pensar nas conseqüências que isso traria sobre a sensível paz entre o mundo feérico e o mundo dos vampiros!

– Três selos... E ela pertencerá a quem romper o último? Mas isso é doentio!

– Pode parecer para alguns – meneou Donates. – Estes três selos foram criados como proteção contra uma transformação à força. Alguns vampiros esperam obter poder e influência no conselho através dessa ligação e tentam conquistar a escolhida para si. Às vezes até mesmo à força. Normalmente as escolhidas são preparadas cuidadosamente e em segredo para sua missão, e conseguem defender-se de avanços indesejáveis de vampiros ambiciosos. Temo que esse não seja o caso de Nuriya. Ela parece não possuir uma faísca de magia em si.

– Acho que você está enganado! – sorriu Angelina significativamente.

Por um instante, Donates olhou pensativamente para sua companheira, antes de sugerir – Acho que deveríamos contar tudo a Erik. O que você sabe sobre vampiros?

Alarmado, o lobisomem olhou para ele.

– Parece-me que não o suficiente. – Donates meneou com a cabeça. – Os vampiros, em sua maioria, são solitários e não têm interesse em um relacionamento mais duradouro.

Erik sorriu:

– Isto já percebi!

– Em determinados intervalos de tempo e, com consentimento do conselho, um vampiro mestre ou alfa pode transformar mortais com o intuito de fundar uma família ou um clã.

– Isto vale também para vampiras mulheres – acrescentou Angelina.

– É claro! Importante é apenas que sejam poderosos o suficiente para conseguir manter a família unida e protegê-la. Vampiros de nascença, por sua vez, parecem ansiar por companhia e estão cheios de esperança de um dia encontrar suas almas gêmeas. Aliás, sua única chance de produzir descendentes.

– Desde que sua companheira tenha o gene das fadas. Se não tiver, esta relação não produzirá filhos – completou Angelina.

Erik arregalou seus olhos de espanto:

– Você quer dizer prole, bebês, com trocas de fraldas...

Donates o interrompeu:

– Exatamente assim. E se Nuriya e Kieran por acaso não estiverem predestinados um ao outro, eles não poderão formar uma família.

– Ele não poderia tentar com outra...?

Donates meneou a cabeça com pesar.

– Cada vampiro nato pode transformar alguém apenas uma vez em sua existência. Essas são as regras.

– Isto é duro! E porque vocês acham que Kieran colocou sua felicidade em jogo por Nuriya?

– Porque ela clamou por sua ajuda – disse Angelina – e, se não me engano, porque ela é sua alma gêmea.

– Mas então tudo está perfeito!

– Será assim – sussurrou Angel –, e espero que em breve isso aconteça!

Ela acordou vagarosamente, como de um sono profundo. Levou algum tempo até que seus olhos sensíveis se acostumassem à luz difusa. Quando Nuriya ergueu a cabeça para olhar em volta, ficou surpresa com a dificuldade que isso representava. Inspirou profundamente, como se quisesse se proteger contra o que estava à sua espera lá fora. Apoiou-se sobre seus cotovelos para poder enxergar melhor.

– Ai!

Alguma coisa a estava segurando. Tinha a sensação de uma agulha de infusão. Olhou para o lado e seu temor se confirmou. Seu olhar acompanhou o percurso do tubo fino que ia da agulha, fixada com esparadrapo na dobra de seu braço, até uma embalagem quase vazia de sangue. Na sua vida, até hoje, ela não tinha achado nada mais terrível do que agulhas – e agora uma coisa dessas estava enfiada em seu braço!

Um acidente. Ela sofreu um acidente e estava num hospital.

E o sangue? Nuriya fechou novamente os olhos e as imagens voltaram. A faca, a dor e depois o sangue, muito sangue que brotava quente e livremente. Bombeado de seu corpo moribundo cada vez mais rápido por seu coração amedrontado, que lutava por sua sobrevivência, até que a paz havia chegado junto com a escuridão.

E, mesmo assim, ela agora estava deitada e viva naquela cama. Ela podia sentir o tecido liso da roupa de cama na sua pele e no ar havia um agradável odor de limpeza. Ela estava viva!

Mas bem no fundo, numa pequena porção sua alma, uma voz lhe sussurrava que ela não havia conseguido e que dera o seu último suspiro. E que a vida jamais seria como antes.

Relutante, Nuriya abriu seus olhos e ergueu-se, dessa vez com mais cuidado. O quarto não havia mudado. Aliviada, olhou em volta. Alguma coisa era estranha, mas por mais que se esforçasse não conseguia descobrir o que era. Não era a iluminação fraca. Não havia sempre iluminação de emergência nos hospitais? Mas o quarto não parecia em nada com o de um hospital. Onde ela estava? Exausta, deixou-se cair de novo nos travesseiros.

– Estes pensamentos são cansativos demais – concluiu, e pouco depois retornou para a paz segura na escuridão do sono.

Ela sentiu como alguém se inclinasse sobre ela.

– Está respirando! – A voz soou aliviada.

– É lógico que está!

– Porque ela não acorda?

– Como pode acordar no meio do dia? – A voz riu rouca. – Kieran, pare de andar tão nervoso de um lado para outro. Ela é uma ninfa, como você poderia deixá-la morrer? – Silêncio.

– O que foi que lhe fiz! Viva, por favor! Viva para mim!

Em intervalos regulares, um líquido escuro escorria através do tubo transparente. Sangue. Isso ao menos era lógico. Se alguém é agredido com uma faca, então é provável que perca muito sangue. A embalagem parecia ser nova. E estava quase cheia. Onde quer que estivesse, estavam cuidando dela. Nuriya fechou os olhos, aliviada.

– Ela já não devia estar acordando?

– Será que alguma coisa de errado aconteceu? – Duas sombras estavam curvadas sobre a cama de Nuriya.

– Isto mataria Kieran! Nunca o vi desse jeito!

– É compreensível, se pensarmos no seu destino.

– Fique quieto! Aqui não! Ela pode nos ouvir.

– Olá? – Nuriya decidiu acabar com a dúvida.

– Seja bem-vinda, ninfa!

Ela abriu os olhos cautelosamente. Ela não contava com uma resposta tão rápida.

– O que aconteceu?

– Pequena, alguém tentou te matar! – No reservado rosto da mulher à sua cama, ela só lia bondade.

– Não foi sonho?

– Não. E caso nos próximos dias você venha a duvidar da própria razão: é verdade! Um novo tempo começou para você. Mas sobre isso falaremos mais

tarde. – A estranha afagou sua mão. – Sua irmã está bem. E agora durma! – respondeu à pergunta não formulada de Nuriya.

A estranha trocou a embalagem de sangue com a segurança de uma profissional e em seguida desapareceu tão rápido quanto havia surgido.

Nuriya seguiu seu conselho. Mal fechou os olhos, começou a sonhar...

A princípio, seguia a presa com leveza através dos bosques. Mas logo um segundo batimento cardíaco juntou-se ao dela, e o caçador ao seu lado se revelou um velho companheiro. Dessa vez, ele tinha, desde o começo, um rosto: Kieran.

Ele tomou sua mão e, lado a lado, penetraram no bosque, mais para juntos terem algum tipo de experiência do que para caçar animais selvagens, como Nuriya constatou espantada. Ela parou, confusa. O homem fez a mesma coisa e lançou-lhe um sorriso encorajador.

Enquanto o mundo girava de forma vertiginosa em torno deles, apoiavam-se um no outro. Delicadamente, Kieran começou a analisar os contornos de seu rosto com a mão. Passou cuidadosamente o polegar sobre sua boca, que imediatamente se abriu, esperançosa. Encorajado por essa reação, Kieran puxou-a mais perto de si, perguntando-se se deveria ousar um beijo, quando viu a resposta em seus olhos.

Feliz, ele cedeu ao seu desejo e provou os seus lábios macios. Pouco depois, suas línguas se encontraram e começaram um jogo de provocações. Seus dentes caninos pontudos lembravam-no dolorosamente de sua verdadeira natureza e, com um gemido, obrigou-se a se controlar.

Ela pareceu sentir isso como uma provocação e abriu a camisa de Kieran, botão por botão. Quando suas unhas começaram a deixar rastros de sangue sobre seu peito, não conseguiu mais se conter. Com movimentos febris, esforçava-se para abrir os botões de seu vestido, até ficar completamente nua diante dele. Admirado, ele observou seu maravilhoso corpo e estendeu desejosamente as mãos para envolver os seios fartos.

Nuriya jogou a cabeça para trás e se deliciava com suas carícias afetuosas, até que seus joelhos finalmente cederam e, juntos, desceram ao chão macio do bosque. Esfregou-se de forma insinuante em Kieran, mas se levantou de repente, deu uma risada maliciosa e, antes que ele pudesse imaginar o que planejava, sentou-se sobre ele.

Quando Kieran sentiu sobre sua pele o calor úmido que emanava do meio de suas pernas, e quase perdeu o controle. Seu desejo era de agarrá-la imediatamente pelos redondos quadris para fazê-la sentir, aqui e agora, sua rigidez pulsante, e assim penetrar profundamente em seu corpo para possuí-la.

Em vez disso, deleitou-se com a ânsia torturante e sua boca terna, que de forma resoluta procurava através do peito e da barriga um caminho para baixo. Com um gemido, fechou os olhos e seu desejo realizou-se – a pequena diabinha sabia exatamente do que ele precisava. É lógico, fazia tempo que ela havia penetrado em seus pensamentos, da mesma forma como ele conhecia os dela antes mesmo de começarem a se formar. Entregue totalmente ao seu ritmo, não sentia mais nada a não ser seu próprio desejo, até que seu corpo começou a se contrair para o grande final.

– Minha, minha, minha! – sua alma soluçava, e seus quadris doíam quando tomou a sedutora mulher, mas resistiu à sua natureza dominante e deitou Nuriya suavemente ao seu lado.

Começou então a explorar o seu corpo. Suas mãos envolviam carinhosamente os dois seios, a língua brincava com um mamilo que se esticava ereto em sua direção, pedindo para ser mordido. O sangue cantarolava sua doce canção sob a pele delicada. Por fim, não conseguiu mais resistir à atração e começou a arranhar suavemente sua pele delicada, com seus afiados dentes caninos, que já haviam descido completamente nesse espaço de tempo. Com sua língua áspera, Kieran lambia as minúsculas gotas de sangue que surgiam. Seu suspiro entre dor e prazer o levava cada vez mais para baixo, em direção ao interior macio de suas coxas brancas. Quase se perdia no divino aroma de seu sangue, mas o cheiro de seu desejo acabou sendo mais forte. Afastou bem seus joelhos e seus dedos iam abrindo caminho até que, finalmente, submergiu na doçura de sua feminilidade. O néctar da amada era tão maravilhoso quanto seu sangue, e ele o sorveu prazerosamente, até que ela implorou com voz rouca:

– Kieran, venha para mim!

Com um grunhido animalesco, cedeu à sua súplica, para depois estarrecer imóvel, por uma breve eternidade, no calor macio e aveludado de seu corpo. Retirou-se, brincando. Seus quadris acompanhavam os movimentos dele e tentavam evitar a retirada, até que seus corpos finalmente cantavam uma mesma canção.

Quando Nuriya enroscou ardentemente suas pernas em sua volta e também seu corpo se apossou dele com um grito, o vampiro não se conteve mais e enterrou seus dentes em seu pescoço. No mesmo ritmo em que o pulso dela o elevava a esferas inimagináveis de êxtase, seu corpo bombeava o elixir da paixão de volta a ela, até que os dois pararam satisfeitos. Ofegante, Kieran ainda permaneceu imóvel na segurança de seu abraço, para depois deixar-se cair exausto no chão, ao lado de Nuriya.

– Você é real ou você é meu sonho molhado?

– O quê? – Kieran olhava perplexo no rosto da ninfa ruiva.

– Eu quero saber se eu realmente acabo de viver isso ou se foi apenas um sonho excepcionalmente bonito – perguntou mais uma vez, e um vestígio de impaciência pairava em sua voz.

– Como se eu pudesse saber! – Kieran sentou-se e olhou aturdido pelo solitário quarto de hóspedes para o qual ele havia mudado após o salvamento de Nuriya.

– Ahnn! – Impaciente, Nuriya tentava livrar-se dos lençóis revoltos e tateava desconfiada sua nuca sem qualquer ferimento. – Que loucura! – falou com o travesseiro. – Isso é típico! Só mesmo em sonho para eu experimentar esse inigualável êxtase sexual! O que talvez não seja tão mal, considerando que acabo de ser seduzida por um homem completamente estranho! – murmurou.

Nesse caso, a pergunta é quem seduziu quem, gracejou Ninsun na sua mente. *Estou abismada!*

Ah, fique quieta! Não disse a você para não me bisbilhotar em situações particulares como esta?

O acordo valia apenas para seus extremamente tediosos colegas de estudo. Isso não inclui sexo com um vampiro supertesudo.

Stefan é muito legal... – Nuriya começou a protestar. Mas então ficou pasma: *O que você quer dizer com "vampiro"?*

Visitas noturnas, caninos afiados em pescoços brancos como um cisne, sugar sangue. Isto lembra alguma coisa a você?

Não existem vampiros, Ninsun!

Quer dizer que não existem sujeitos extremamente atrativos capazes de fazer o sangue em suas artérias ferver até que você caia de joelhos diante dele e peça por misericórdia?

Isso eu não sei, mas...

Nenhum deles iria surgir justamente no seu sonho!

Exatamente! – resmungou Nuriya, e mentalmente bateu a porta na cara de Ninsun, esforçando-se por ignorar a risadinha alegre que se ouvia por trás.

Cheirava a sândalo, capim-limão e... Homem! Nuriya olhou alarmada em volta. Ela se encontrava num quarto mobiliado de forma bem masculina. Móveis sob medida de madeira escura, uma cama enorme e, como única decoração, uma televisão moderníssima e um aparelho de som, o que servia de base para suas suspeitas. No seu braço, ainda havia uma agulha.

Onde estou? Ninsun? Silêncio. Depois de uma eternidade veio a resposta:

Eu logo avisei que não era boa ideia tirar o amuleto! Agora aconteceu!

Aconteceu? Do que você está falando?

Isso eu não posso dizer, você terá de descobrir sozinha.

Estou morta?

Ninsun sussurrou: *Não posso revelar nada a você. Só lhe direi isto: confie em sua intuição e tudo ficará bem!*

E com estas palavras, pareceu que sua confidente havia se despedido definitivamente, pois Nuriya não podia mais senti-la.

– Eu devo seguir minha intuição! Tudo bem. Minha intuição me diz que devo sumir daqui o quanto antes. Onde quer que seja este "aqui"! – resmungou Nuriya.

Mordendo os dentes, tirou de forma resoluta a agulha de seu braço, e observou como uma única gota escorria até o seu pulso. Inconscientemente molhou seus lábios, mas resistiu à tentação de lamber o sangue. *Que loucura!*

Mas havia ainda mais um problema: além do amuleto, que espantosamente repousava novamente entre seus seios, ela não usava nada!

Nuriya também não conseguia se lembrar de haver tirado suas roupas. Seus pensamentos a levavam a Kieran como sendo o possível responsável pela condição em que se encontrava. As vozes não haviam afirmado que ele a salvara? Oh, não! Naquele momento, ela não queria continuar a pensar daquela maneira.

Em vez disso, ela se concentrou em se levantar. Ficou tonta após uma primeira tentativa. Na segunda, já conseguiu ficar em pé ao menos por alguns

instantes, antes que um frio inquietante tomasse conta dela, para depois tudo começar a girar.

– Vamos à terceira tentativa! Eu vou conseguir! – sussurrou decidida, deixando a cama e tateando resoluta até uma porta que ela supôs ser de um armário.

E estava certa. Depois de dar um passo firme para a frente, encontrou-se no interior de um enorme closet, que atenderia a todos os desejos de quem apreciasse ternos finos e camisas feitas sob medida.

Aqui o aroma peculiar e quase familiar era ainda mais intenso. Perdida em seus pensamentos, Nuriya vestiu uma camisa e começou a contar os ternos, até que voltou à realidade e continuou perscrutar o armário em busca de algo mais adequado. Finalmente encontrou algo. Um pouco escondido, encontrou um canto com roupas femininas. Inúmeros vestidos estavam pendurados, e nas prateleiras achavam-se, cuidadosamente empilhados, camisetas, pulôveres e roupas íntimas.

Admirada, tirou uma exótica combinação de seda e chiffon:

– Céus, quem é que usa uma coisa dessas?

À esquerda, ela reconheceu uma porta e, pouco depois, estava sob o chuveiro. Toalhas felpudas e até mesmo uma escova de dentes se encontravam à disposição.

Ao lançar um olhar no espelho, Nuriya esperava deparar-se com aparência abatida e cansada. Afinal, ela esteve doente e seus joelhos ainda davam a sensação de serem de borracha, como se não houvesse saído da cama por vários dias.

Mas, em vez do fantasma esperado, uma beldade olhava para ela. Os cachos ruivos brilhavam como nunca antes. Longos cílios, espessos e escuros, davam a seus olhos um brilho verde peculiar e até mesmo as sardas em seu nariz quase não eram mais visíveis.

Seu corpo também parecia mudado. Os seios, o traseiro mais firme e as primeiras rugas, que ela descobriu há pouco tempo, haviam sumido como que por encanto.

Ela precisava descobrir a todo custo que truque era aquele. Apressada, vestiu um jeans preto que lhe servia impressionantemente bem e uma camiseta cinza escura. Quem quer que fosse a dona dessas roupas, esta mulher tinha um corpo quase idêntico ao seu.

Nuriya então saiu de seu quarto. O corredor em que entrou confirmou que ela não estava nem em um hospital nem em um apartamento. Isso era no mínimo uma mansão. As inúmeras portas pediam para serem abertas; mas, de sonhos que tivera no passado, Nuriya sabia que dificilmente algo de bom se escondia por detrás delas. Ela resistiu à tentação e, em vez disto, subiu feito uma gata os degraus da escada, no escuro. Pouco depois, olhou com cuidado atrás da saliência de uma mureta e avistou uma sala enorme. Por detrás da parede de vidro, a noite se mostrava atraente.

Uma mulher estava sentada no enorme sofá, os olhos com expressão preocupada. Em seu colo, uma almofada havia sido torcida até se transformar numa massa informe. Sua irmã sempre fazia isso quando algo a oprimia muito.

– Lena?

A interpelada ergueu a cabeça e então gritou:

– Riya! Graças à deusa, você acordou! – As irmãs se abraçaram aliviadas. Nuriya podia ouvir como o sangue de Selena pulsava nas artérias e sorveu ávida o odor da pele quente. E precisou engolir, de tanto que sua boca se encheu de saliva de repente: sangue!

Horrorizada, empurrou sua irmã para longe de si. Esta, com um grito, caiu no sofá, olhando-a de modo confuso.

Nuriya transpirava medo. E então o desejo desceu sobre ela como um véu vermelho cor de sangue: sorrateiramente, o monstro que havia despertado para a vida aproximava-se de sua vítima indefesa, impulsionado pelo desejo de perfurar a pele de mortais para beber cada gota do sangue quente e delicioso. Já se preparava para o bote e sentia as presas mortais deslizarem para fora de seus maxilares até atingirem um tamanho imponente, quando de repente um poderoso temporal passou pela sua cabeça.

Pare!

Com um rosnar, virou-se para descobrir o motivo da interrupção. Com um pulo, Kieran estava ao seu lado. Nuriya tentava se esquivar de suas mãos de aço, usando todos os truques, mas não tinha chances contra o vampiro habituado a lutar. Por sobre sua cabeça, ele viu Selena congelada pelo medo e ordenou-lhe secamente:

– Para fora! Suma!

Após hesitar um pouco, a moça saiu da sala e fugiu na direção de Angelina e Donates.

Um frio gelado levou o véu vermelho embora. A resistência de Nuriya diminuiu e Kieran a virou cuidadosamente para si.

– Kieran! – sussurrou, aninhando-se aliviada no seu protetor. Seu odor era exatamente como o do sonho: de sândalo e de algo totalmente peculiar, selvagem e desconhecido, que a envolvia carinhosamente. Então soube de quem era o quarto onde havia despertado. A cama, os ternos, tudo tinha o seu odor. Seu coração deu alguns saltos estranhos e somente bem devagar voltou ao seu ritmo normal. Não totalmente normal, pois a proximidade do estranho, que lhe parecia tão familiar como se já o conhecesse a vida toda, a deixava nitidamente nervosa.

Capítulo 6

– O que aconteceu?

Kieran desviou-se do seu olhar inquisidor. O que é que ele poderia dizer-lhe? Que ela havia despertado como um monstro sanguinário e que a fome pela vida dos outros dominaria sua existência daqui para o frente? Ele devia confessar quem era o responsável por isso?

– Está tudo bem... – sussurrou finalmente em seus cabelos.

Nuriya libertou-se dele, que não tentou segurá-la.

– Tudo bem? – Até mesmo em seus próprios ouvidos sua voz lhe soou estridente. – Acabo de tentar morder minha irmã para sugar seu sangue como um maldito vampiro! – Um riso histérico começou a subir por ela. Vampiro?

Nesse momento, Selena voltou, seguida por Angelina, e foi direto até Nuriya. Antes de compreender o que a irmã pretendia, ela se sentiu carinhosamente abraçada e deixou-se guiar de boa vontade até o sofá.

A visão da ninfa sentada como um animal ferido ao lado de Selena despertava sentimentos estranhos em Kieran. Se ele apenas pudesse amenizar o seu sofrimento! Mas não demonstrava o seu pesar.

Quando Nuriya ergueu os olhos, viu o vampiro encostado na porta com uma expressão impenetrável. Sua postura denotava fria arrogância.

– É melhor você nos deixar a sós! – Angelina nem sequer olhou para ele. Sua voz era de quem não aceitava ser contrariada. Com raiva, cerrou os dentes. O que a amada de Donates estava pensando, usando aquele tom de voz? Ninguém lhe dava ordens – muito menos uma mulher.

Vai ter de se acostumar com isto daqui para frente, Machão! Um riso abafado passou por sua mente, e ele deu meia-volta, saindo sem nada dizer. Aparentemente não o desejavam ali.

Não passou despercebido a Angelina que, por baixo de seus longos cílios, Nuriya olhava com ansiedade atrás dele. Sentou-se sorrindo ao lado das irmãs.

– O que vocês sabem sobre sua origem?

– O que você quer dizer com isto? – perguntou Nuriya mordaz, os grandes olhos presos atentamente na vampira.

– Vocês sabem que são filhas de fada?

– Sim.

Elas não diriam nenhuma palavra a mais do que o necessário, pensou Angelina, e decidiu falar abertamente:

– Bem, isso eu sou, ou melhor, fui também. No entanto, eu não tinha a mínima noção da minha origem na ocasião. As pessoas me chamavam de bruxa, e eu gostava do meu dom de conseguir prever o futuro. Temo até que fiz um pouco de mau uso disso às vezes. Somente o meu destino eu nunca quis saber com antecedência, e por isso foi um choque enorme para mim quando tive de reconhecer que o homem por quem eu havia me apaixonado loucamente e de que era a alma gêmea era um vampiro.

– Não existem vampiros! – Nuriya tremia, e Angelina tocou de forma tranqüilizadora sua mão. Imediatamente a moça se controlou.

– Pense. Hoje em dia, ninguém mais acredita em fadas. Mas, apesar disso, sua mãe veio do reino da luz. Ela decidiu viver entre os mortais e ter duas filhas lindas e talentosas.

– Três!

Angelina agora estava confusa:

– Três?

– Eu tenho uma irmã gêmea – explicou Selena. – Estelle mudou há alguns meses para Paris.

Essa notícia complicava tudo. A moça também precisava ser protegida enquanto não se descobrissem as razões do assalto. Angelina decidiu discutir o problema o quanto antes com Donates. Talvez eles pudessem convencer Asher a manter um olho sobre a moça.

E então, para tirar um pouco o pavor de Nuriya, contou às meninas admiradas a história comum das fadas e dos vampiros:

– Existem histórias antigas que relatam que os vampiros de nascença e as fadas pertenciam originalmente ao mesmo povo, um povo de guerreiros extremamente hábeis. Durante séculos, lutaram lealmente por seus deuses. Mas em determinado momento isso não era mais suficiente para eles. Eles começaram a brigar entre si, a assaltar outros povos e, finalmente, a se deixar adorar por seus subordinados. Isso deixou o poderoso deus El irado, e ele enviou seus dois filhos para aniquilar o povo ingrato. Mas Shahar, deus do amanhecer, apaixonou-se por uma guerreira selvagem e ofereceu asilo a ela e a toda sua prole. Seu irmão gêmeo Shalim, deus do anoitecer, era temido pelos mortais por ser a chegada da noite. Ele queria provar que também podia ser dócil e igualmente pôs sua mão protetora sobre uma família de guerreiros que o adorava há algum tempo como deus de devoção. Os protegidos mostraram-se agradecidos e ofereceram aos irmãos suas filhas mais bonitas. Com elas, os dois deuses geraram muitas crianças, das quais algumas herdaram a imortalidade de seus pais. Aborrecido com a desobediência de seus filhos, El quis interferir, mas sua esposa, a deusa do amor e da luta, se contrapôs, até que ele finalmente concordou em tomar a promessa dos dois clãs de novamente viverem em paz. Por um bom tempo isso funcionou bem, até que em determinado momento houve nova briga sobre qual deus seria o mais poderoso. Um dia, os guerreiros da escuridão foram à guerra para lutar pelo deus do anoitecer, permanecendo poucos guardas para a proteção do reino. Os descendentes de Shahar, os "filhos da luz", como se denominavam, aproveitaram a oportunidade. Atacaram seus vizinhos e queimaram suas casas. Somente poucos puderam se salvar. Quando os guerreiros voltaram, nem mesmo desceram de seus cavalos exaustos: invadiram os vilarejos vizinhos para se vingarem de forma sangrenta. Como o povo da luz temia seus adversários guerreiros, mantinham suas mulheres em cavernas subterrâneas. E, na realidade, com exceção dessas mulheres, foram poucos os que sobreviveram a esse terrível ataque. Os gêmeos estavam zangados com sua prole ingrata e queriam finalmente eliminá-los, como seu pai havia sugerido. – Novamente a deusa do amor, que vocês provavelmente

conhecem com o nome de Vênus, interferiu. A guerreira que vivia nela não queria mais abdicar dos serviços dos imponentes guerreiros negros. Desde o princípio, ela havia incentivado secretamente os descendentes de seu filho Shalim. Mas, como deusa do amor, ela também tinha uma fraqueza pelos encantadores filhos de Shahar, os elfos da luz. Ela eximiu seus gêmeos inexperientes da responsabilidade por seus herdeiros malogrados e decidiu o seguinte: os elfos da escuridão poderiam alimentar-se somente do sangue de suas vítimas. Eles viveriam na escuridão e, a despeito de suas tendências sombrias, lutariam contra demônios que fizessem mal uso de sua magia. Como os elfos da luz se mantinham escondidos em florestas e em cavernas subterrâneas, teriam seu reino naquele local, e sua habilidade para lidar com plantas e animais seria usada para ajudar os homens.

As irmãs estavam mudas. Finalmente Selena pigarreou:

– Que história! Você acha que ela é verdadeira?

Angelina pensou na origem de sua família vampiresca, que não soava menos fantástica, e concordou com a cabeça:

– Ouvi essa história pela primeira vez ainda quando menina. Naquela época, eu a considerava apenas uma maravilhosa historinha de ninar. Agora eu, assim como a maioria das fadas, acredito que nela se encontra a origem da hostilidade entre nós e os vampiros de nascença.

– Donates também é um vampiro de nascença, ou não se perguntam essas coisas?

– Para mim você pode perguntar tudo o que quiser! – riu Angelina. Depois ficou séria e uma sombra de orgulho pôde ser notada em sua voz, quando explicou – O sangue em nossas artérias é um tanto mais velho. Nós somos descendentes de Lilith, os mortais nos conhecem pelo nome de "bruxas da noite". Mas isso eu conto para vocês em outra oportunidade.

Enquanto isso Nuriya, perdida em pensamentos, observava sua irmã. O talento extraordinário para a cura de animais doentes e o "polegar verde" de alguma forma faziam de Selena um protótipo dos elfos da luz. Ela não tinha dúvidas quanto à veracidade da história de Angelina.

– Então as fadas e os vampiros de nascença não são assim tão diferentes? Mas como é que me tornei... – Nuriya hesitou um pouco antes de continuar – um vampiro?

Angelina relatou às irmãs, horrorizadas, sobre o assalto nas proximidades do clube Hellfire, e como eles haviam chegado lá e trazido as moças em segurança.

– Não consigo me lembrar de nada! – gemeu Nuriya.

– Você havia perdido muito sangue. Sem nossa intervenção você teria morrido ali na rua.

Isso naturalmente era apenas meia verdade.

Angelina suprimiu a grande parte que cabia a Kieran no salvamento, e o grande risco que ele assumiu com tudo isso, assim como os segredos do pacto de Vênus. Angelina achou que Nuriya ficaria sabendo cedo o suficiente do tamanho da responsabilidade que estava depositada sobre seus delicados

ombros, e deveria aprender da forma mais despreocupada possível a controlar tanto suas novas forças quanto as antigas.

A vampira se inclinou para a frente ao dizer:

– Você não precisa ter medo. Não é necessário matar para se alimentar. Isso foi assim antigamente, mas hoje somos mais civilizados. Em situações normais, alguns goles são totalmente suficientes, e os doadores não precisam sofrer com isso. Os mortais estão sob nossa proteção, e matar é totalmente proibido pelo conselho, e severamente punido! Aliás, uma embalagem de sangue também serve, da mesma forma que... – e agora Angelina sorria maliciosamente – beber de uma vítima voluntária tem um encanto todo especial. Mas isso você descobrirá sozinha em breve!

Ela se levantou e estendeu a mão na direção de Nuriya.

– Basta para hoje! Você precisa descansar.

De repente Nuriya se sentia exausta, suas pálpebras estavam pesadas. Desconfiada, olhou para Angelina. Ela riu:

– Sou curandeira. O que você está sentindo no momento realmente é culpa minha. Amanhã você já estará bem melhor!

As palavras de Nuriya já eram ininteligíveis quando se virou mais uma vez para a irmã no momento em que alcançava a porta:

– Você sabia de tudo isto, não é?

Selena olhou desconcertada para o chão e fez que sim com a cabeça:

– Erik já me contou a maior parte.

A última coisa que Nuriya registrou naquela noite foi a voz suave da curandeira em sua mente: *Sua irmã precisa administrar sua própria sorte. Confie nos seus sentimentos!*

Na noite seguinte, ela realmente acordou restabelecida e animada. Nuriya sentiu sua irmã nos quartos de cima. Selena parecia nervosa e aborrecida. Do lado de fora da casa, parecia haver uma discussão.

Vá embora! – piava alguém nervoso.

– Por quê? Este é meu lugar! Vá embora você!

– Mas eu cheguei primeiro...! – O resto da briga sumiu sob gorjeios agudos e um bater de asas descontrolado, e Nuriya de repente se conscientizou que havia sido testemunha de um conflito entre dois melros.

Vozes de animais? Oh, céus! O que ainda está por vir?

Confusa, fugiu para baixo do chuveiro e, em seguida, vestiu um vestido leve de verão que havia encontrado no armário. Na frente do espelho, ela prendeu os cabelos compridos com um nó firme. Novamente lhe pareceu que algum maquilador misterioso havia feito seu trabalho. Até mesmo os cílios pareciam ter ficado mais longos nas últimas horas. Como uma cortina grossa, eles pousavam sobre sua pele branco-creme quando Nuriya baixava suas pálpebras. O verde vibrante de seus olhos provocava uma leve tontura se ela prolongasse o olhar no espelho. Essa transformação tinha seu preço, e Nuriya tinha medo da conta.

Ninsun?

O que posso fazer por você, querida?

Quero que você me ajude a disfarçar minha presença, assim como você fez no Hellfire.

Você quer impressioná-los! Uma risadinha borbulhava na mente de Nuriya.

Impressionar? Não, mas preciso saber o que está acontecendo comigo. Nuriya quase pensou ouvir o modo como Ninsun analisava os prós e os contras. Então seu espírito protetor decidiu: *De acordo! Mas logo você dominará esse truque simples sozinha.*

No mesmo instante percebeu como toda sua presença foi relativamente neutralizada. Ela se sentia como se estivesse descendo rápido demais dentro de um elevador; depois, a pressão em seus ouvidos sumiu e Nuriya se pôs a caminho.

Ela estava prestes a colocar silenciosamente seu pé no primeiro degrau, quando seu nariz começou a coçar e ela teve a sensação de não estar mais sozinha. Nuriya ficou estática e espreitou. Nada. Mesmo quando olhou em volta não conseguiu ver ninguém.

– Boa noite!

Seu coração deu um pequeno pulo de susto. Kieran!

– O que você faz vadiando aqui na escuridão? – perguntou tentando dar um tom irritado à sua voz.

– Estava esperando por você! – E com um sorriso conspirador, que fez seus joelhos amolecerem, o vampiro pegou a mão de Nuriya. – Venha! Vamos sair antes que os outros percebam que você acordou!

Hesitando, estendeu-lhe a mão direita.

– É hora da sua primeira caçada.

– É realmente verdade? –Temerosa, olhou para ele. Por um instante pensou ver pesar e dor em seu rosto, mas logo depois os traços escuros e marcantes eram novamente tão frios e ilegíveis como antes.

– Você sabe a resposta.

Angustiada, Nuriya fez que sim com a cabeça.

– Angelina já lhe disse que não precisamos matar para nos alimentar. Se você desejar, o seu doador sentirá satisfação ou até mesmo prazer. Importante apenas é que os mortais não se prejudiquem nem se lembrem do que aconteceu com eles.

Examinou Nuriya com o olhar.

– Mas o que eu estou falando? Você está visivelmente com fome, vamos embora.

Uma leveza estranha tomou conta de Nuriya, e ela precisou fechar os olhos porque tudo parecia girar à sua volta. Quando, depois de algum tempo, piscou cuidadosamente, as paisagens passavam rapidamente sob seus pés e o vento arrastava seus cabelos, mas o cheiro familiar de Kieran e o calor de seu corpo musculoso lhe transmitiam a sensação de segurança.

Juntos viajaram através do tempo e do espaço para finalmente se encontrarem nas gargantas formadas pelas altas paredes das casas de uma grande cidade.

Antes de deixá-la sair de seus braços, Kieran sussurrou:

– Você sente o bater de um coração naquela direção?

– Como é que eu posso ouvir algo tão silencioso como o bater de um coração com todo este barulho?

– Relaxe e deixe de lado todas as interferências. Você precisa aterrar seu corpo, da mesma forma como você o faria antes de uma luta. Sim, exatamente assim! – elogiou Kieran ao perceber como os ombros de Nuriya cederam e sua energia se unia em uma bola giratória de luz e magia. – E agora tente de novo.

Ela espreitou na noite, até que realmente conseguiu perceber um murmúrio rítmico. Depois de um momento de concentração intensiva, ele se tornou tão nítido, que era como se ela estivesse pressionando sua orelha diretamente sobre o peito do mortal.

Bem perto dali, um coração forte bombeava regularmente grandes quantidades de sangue através de um corpo robusto.

– Aí está ele! – A resposta de Nuriya era pouco mais do que um sopro.

– Não esqueça, alguns goles são totalmente suficientes. – Ele a tomou pelos ombros e lhe deu um suave impulso. – Estarei com você, caso precise de mim!

Nuriya não precisava de ajuda! Ela ouvia mais do que apenas um único bater de coração. Mas um bem próximo a atraía, e de cabeça erguida a vampira aceitou o seu convite.

A caça começou no instante em que ela virou em uma rua escura e suja. Um pouco adiante, havia um homem enorme. O altão endireitou-se e olhou para um monte escuro que estava a seus pés. A mão direita agarrava uma faca ensangüentada e Nuriya olhava fascinada como uma gota escorria pelo fio, ficava mais rápida, parecia congelar por um momento na ponta da faca para depois cair no asfalto empoeirado. O ruído do choque soou em seus ouvidos como um tiro de largada. Nuriya movimentava-se sem fazer ruído; com cuidado e preocupada em não ferir seus pés descalços na calçada coberta de lixo e sujeira, deslizava aproximando-se cada vez mais. O vestido claro de verão e seus cabelos vermelhos brilhantes pareciam deslocados naquele lugar sombrio.

– Ei, gorila!

O homem virou-se feito um raio e começou a atacar. Nas lutas como mortal, Nuriya já tinha uma reação excepcionalmente rápida a ataques.

Parecia-lhe que ele se movia em câmera lenta. Ela viu o punho fechado aproximar-se e teve todo o tempo do mundo para desviar. Ela revidou o golpe com um leve erguer de sua mão, e ele voou em um grande arco contra a parede da casa mais próxima.

Mas não era tão fácil assim subjugar o assassino. Furioso, pôs-se novamente em pé e começou um segundo ataque, que Nuriya revidou de forma igualmente hábil. Estudando-se mutuamente, os dois combatentes em desigualdade giravam em torno um do outro.

Você quer brincar ou beber dele? Kieran parecia divertir-se.

Furiosa, virou-se para seu mestre, enquanto se defendia do novo ataque.

Você deveria dar ao pobre sujeito uma chance de chegar mais perto de você! Porém com essa ideia Kieran sentiu o estranho desejo de quebrar imediatamente o pescoço do mortal com as próprias mãos.

Ah! Tudo bem! Agora Nuriya parecia divertir-se. Inesperadamente ela parou e o atraiu:

– Venha até mim! – Um arrepio quente desceu pelas costas de Kieran e inconscientemente ele deu um passo à frente. Maldição! O que é que ele havia feito?

O atacante parou estupefato e pareceu enxergar pela primeira vez sua adversária. Seu olhar desceu por seus seios fartos, registrou a cintura estreita e se fixou por um momento longo e desagradável no seu colo, antes de se aproximar com alguns passos de Nuriya, tomá-la e pressioná-la contra a parede da casa. Uma mão amassava de forma grotesca seu seio, e com a outra ele ergueu a borda de seu vestido. Seu hálito podre passava por ela e Nuriya jurou fazer o sujeito pagar por isso.

Ela obrigou-se a retomar a calma e expirou lentamente.

Isso fez com que ela emitisse um chiado gutural que fez os cabelos de Kieran se arrepiarem. Ele desejou que fosse o seu corpo que estivesse pressionando a ninfa impiedosamente contra a parede áspera da casa, e tinha algumas fantasias bem definidas sobre o desenrolar dos acontecimentos.

Mas Nuriya agarrou os cabelos de seu agressor como se estivesse aguardando ansiosamente pelo seu beijo.

Ele riu.

Com um safanão, virou a cabeça dele para o lado. O estalo que houve na sua vértebra cervical não pareceu muito saudável.

Suas presas encontraram rapidamente o delicioso elixir, e ávida bebeu de sua primeira vítima. Seu coração bombeava ininterruptamente sangue em sua boca bem aberta, e a jovem vampira deixou-se levar pelo turbilhão vertiginoso de êxtase.

Chega!

Ninsun e ela própria pareciam ter dado o alerta ao mesmo tempo. Contrariada, Nuriya soltou sua vítima e fechou a ferida com um toque de língua.

– Ninsun, o que é que você entende de desejo? – murmurou aborrecida e virou-se para Kieran, que lhe tomou o assassino inconsciente de suas mãos e o deixou deslizar cuidadosamente ao lado de sua vítima no chão. À distância, ouviam-se as sirenes.

– A justiça dos mortais cuidará de seu castigo! – Kieran estendeu a mão a Nuriya – Venha, pequena fada! Precisamos ir antes que a polícia chegue.

Envolta num redemoinho de névoa, perdeu novamente toda noção de realidade, e logo depois percebeu que estava na casa de Kieran, onde dois vampiros, um lobisomem e sua irmã olhavam espantados para ela. Seu acompanhante misterioso havia desaparecido.

– Como você fez isto? – perguntou Selena depois de um instante, com os olhos arregalados. – Você apareceu aqui do nada!

– Não faço ideia!

Donates pigarreou:

– Parece que ela viajou pelo mundo intermediário.

Selena olhou perplexa para Erik, que ergueu os ombros, e Angelina explicou:

– Isto é uma espécie de corredor entre as dimensões. Podemos viajar por ele e, dessa forma, vencer grandes distâncias em pouco tempo. Mas isso exige muita energia e não é de todo desprovido de perigos.

Virou-se para Nuriya:

– Você já sabia fazer isso antes?

Nuriya sabia muito bem o que ela queria dizer com "antes". Mas não queria se lembrar dos acontecimentos dramáticos dos dias passados e retrucou.

– Kieran me trouxe. Do que vocês estavam falando?

– Eu quero ir para casa e amanhã abrir a loja como de costume – explicou Selena, e Nuriya olhou para ela agradecida. – Erik diz que é muito perigoso. Os criminosos podem tentar de novo. Mas ele também não quer vir junto – amuou.

Será que Erik ainda não havia contado à sua irmã sobre sua origem? *Você precisa contar-lhe!* Nuriya intimou Erik com o olhar. O lobisomem estremeceu. Sua voz era como um suave toque em sua mente. Nunca alguém havia soado tão sedutor em sua mente.

E se ela não entender?

Ela ama você! Dê-lhe uma chance!

Erik coçou nervoso atrás de sua orelha direita. De repente, deixou o braço cair e olhou para suas mãos com a testa franzida. As unhas haviam crescido, pareciam garras. Nem sempre era possível controlar o lobisomem. Ele respirou profundamente algumas vezes até que seu coração se acalmou.

– Venha, Lena, nós vamos discutir isso com calma!

Carinhosamente, colocou o braço em volta de sua namorada e a acompanhou.

Donates se levantou e começou a andar inquieto de um lado para outro:

– Onde diabos está Kieran?

Angelina tossiu levemente e Donates continuou apressado:

– Nuriya, as espantosas mudanças de suas condições de vida exigem que você tenha alguém que a ajude a adaptar-se a este novo mundo. Nós nos sentimos responsáveis por você e queremos ajudá-la a ver sua transformação como uma oportunidade. Mas há algo que não compreendemos. O assalto, por exemplo, mas também o fato curioso de que não conseguimos percebê-la. – Frustrado, Donates olhou para Nuriya, como se de qualquer forma não esperasse nenhuma resposta.

Ela sorriu:

– No que diz respeito ao assalto, eu também não sei de nada. Por isso me preocupo tanto quanto vocês. Preocupo-me principalmente com minha irmã Estelle que ainda não sabe de nada do que está acontecendo. O fato de vocês não conseguirem me perceber não está relacionado com vocês. Eu recebo um pouco de ajuda.

– Mas como... – Donates ergueu-se admirado.

– Isso também me interessaria! – O ar brilhou e Kieran materializou-se na sala como um guerreiro negro. Sua voz causava pequenos calafrios no corpo de Nuriya.

Ela precisava espirrar de novo, o que achava muito bobo. Aborrecida, pegou o lenço que Kieran lhe oferecia. Depois, ergueu rebelde o queixo:

– Este é meu segredo!

Um riso pareceu passar pelos lábios de Kieran. Mas aparentemente ela havia se enganado, pois em seguida falou totalmente sem emoções:

– Como você quiser! Com sua irmã você não precisa se preocupar. Asher vai vigiá-la.

Nesse momento, Selena e Erik voltaram.

– Vou levar Lena para casa e ficarei com ela. Amanhã à noite, eu preciso resolver alguns compromissos urgentes com a família e agradeceria a ajuda.

– Nós cuidaremos disto! – acenou Kieran.

– Esperem! Vou com vocês! – Nuriya quis se juntar aos dois.

Kieran cortou-lhe o caminho.

– Você fica aqui! – ordenou.

– Como? Não acredito! – Nuriya tentou em vão passar por ele. Finalmente olhou abismada para cima, no seu rosto arrogante. Dessa vez, ela não havia se enganado. Ele sorria! Ela tinha vontade de bater os pés ou então de lhe dar um chute dolorido na canela.

Angelina achou que era hora de interferir. Com voz calma, disse:

– Nuriya, por favor, estamos convencidos de que o ataque era destinado a você. Em nenhum lugar, você estará mais segura do que na casa de Kieran. Ninguém entra aqui sem convite.

– Sem dizer que também jamais alguém ousaria! – rosnou Donates.

Então, Nuriya havia classificado seu anfitrião corretamente. Até mesmo seus iguais o consideravam perigoso! Cautelosamente deu alguns passos para trás.

– Você não ajuda muito, Donates! – A voz de Kieran soou cortante. Então fez algo totalmente inesperado. Pegou Nuriya, jogou-a sobre os ombros e com passos largos começou a descer as escadas.

– Seu homem de Neandertal! – xingou assustada e conseguiu recuperar o controle ainda a tempo para não bater furiosa em suas costas. Que degradante!

Seus amigos olhavam os dois, boquiabertos.

– Há esperança! – sorriu Angelina finalmente e empurrou Selena, aturdida, até a porta. – Não se preocupe. Cão que late, não morde!

Então começou a rir histericamente, piscou para Erik e disse por cima dos ombros:

– Ainda nos veremos!

Donates rolou os olhos.

– Você é tola, meu anjo! – Rindo, ela aninhou-se no seu amado. – Vamos embora. No momento, não precisam de nós!

Kieran sentia os vampiros deixarem sua casa e uma ansiedade familiar tocou seu coração. Os dois irradiavam uma cumplicidade que somente parceiros de alma possuíam.

– Deixe-me descer, seu troglodita! – A voz enraivecida de Nuriya tirou-o de seus pensamentos. Ela estava cansada de ficar dependurada feito um saco de

batatas sobre o ombro de Kieran, enquanto ele parecia ter esquecido que ela existia.

Com um suspiro profundo, Kieran a colocou cautelosamente sobre seus pés. Assim, tão perto dele, Nuriya esqueceu todos os xingamentos que há pouco ainda estavam na ponta de sua língua.

Sem fôlego, olhou para seu raptor. Seus lábios tremeram levemente de indignação, e isso era mais do que Kieran podia suportar. Sem hesitar, puxou-a para si e fez o que o tempo todo tinha vontade de fazer. Ele a beijou.

Surpresa, Nuriya ficou estática. Mas lentamente algo dentro dela derretia. Inclinou-se sem resistência contra ele e abriu seus lábios para retribuir seu beijo. Seu sangue pareceu levantar ondas violentas, e o mundo à sua volta perdeu o sentido.

Tanto maior foi seu choque quando subitamente se sentiu empurrada e Kieran se afastou dela. Ao contrário dela, parecia que ele não havia sentido nada neste beijo fantástico. Com voz fria, informou que ela poderia se mover livremente; mas que não deveria sair da casa.

– Vejo você amanhã à noite!

Com essas palavras desapareceu.

Ninsun!

Sim, minha senhora! – soou ríspida.

Desculpe! Não queria ofendê-la.

Nuriya sabia o quanto Ninsun odiava receber ordens, e principalmente agora ela precisava dessa aliada.

Tudo bem, entendo que você está furiosa. A voz de Ninsun era conciliadora.

O sujeito ficou louco? Primeiro me beija como se para ele não houvesse nada mais importante na face da terra, e de repente esta hostilidade. O que ele está pensando, mantendo-me prisioneira aqui?

Quem pode entender os homens! Ninsun ria baixinho. *Na sua atual situação, você não tem chances contra outros vampiros, e ninguém sabe por que vocês foram atacadas. E também há um vampiro envolvido na história.*

Um vampiro? Disso não estou sabendo! De repente, as lágrimas dificultaram a visão e Nuriya deixou-se cair na cama. *Ninsun, por que fizeram isso comigo? Eu não quero ser vampiro!* – soluçava. *Este homem... foi terrível!*

Eu tive a impressão que você achou divertido castigar o sujeito!

Isto é que é o terrível: eu achei divertido!

Ao pensar no sangue quente, delicioso em sua boca, ela teve ânsia.

Tornei-me um monstro!

Nuriya sentou-se e assou ruidosamente o nariz. A amiga invisível sempre conseguia acalmá-la. *Ele é muito poderoso, estou certa? O que eu devo achar de Kieran? Às vezes ele se porta como um bom amigo e professor, e em seguida frio como um bloco de gelo... E agora esse beijo!*

Esses vampiros bonitões são todos seres impenetráveis! E Kieran é um dos exemplares mais gostosos que vi nos últimos séculos.

Quer dizer que você também acha ele atraente? – fungou Nuriya. *O que ele quer de mim, então?*

Confie em seus sentimentos! Então tudo ficará bem.

Obrigada. Esse conselho recebo a toda hora! Mas o que acontece se eu nem sequer sei o que devo sentir? Desanimada, deixou-se cair novamente no travesseiro e olhou para o teto.

Quando você clamou por ajuda ele veio, não veio? A risada borbulhante de Ninsun acompanhou Nuriya no seu profundo sono diurno.

Kieran permanecia imóvel na porta, observando a moça adormecida. De vez em quando, uma mecha de sua farta cabeleira ruiva tremia na corrente de ar de sua respiração e dançava sobre seu rosto delicado. Às vezes, algum cabelo isolado parecia atrapalhar. Quando isso acontecia, ela enrugava o nariz, como se estivesse prestes a espirrar. Como Nuriya parecia jovem e frágil – nada parecida como uma criatura de seu mundo. O que havia feito com ela?

Apesar da melancolia em que se encontrava, o vampiro permitiu-se um sorriso ao se lembrar dos olhos faiscantes de Muriya durante a luta do dia anterior. Ela era uma guerreira.

E então sua expressão fechou-se novamente. Nunca ele esqueceria da imagem dela deitada na rua... moribunda.

Ele precisava descobrir quem estava por trás do ataque!

Kieran permitiu-se uma última olhada e depois atravessou a fronteira para o mundo intermediário.

Quando o vingador voltou para casa, já estava anoitecendo. O mundo vampiresco estava nervoso. Procurava-se febrilmente pela escolhida e muitos dos vampiros homens mais jovens alegavam já poder senti-la. Sem dúvida, eram atraídos pela promessa de grande poder que receberiam com a união com essa ninfa especial.

Kieran levava muito a sério a ameaça que havia, apesar de saber que todo vampiro que tivesse algum resquício de sentimento de autopreservação não ousaria transformar uma ninfa contra sua vontade.

Na realidade, a maioria desejava ardentemente que o destino determinasse que a escolhida fosse sua alma gêmea. Ninguém desejava sentir a vingança da família dela ou ser perseguido por Kieran pelo sacrilégio da transformação. A despeito dos riscos, parecia que toda vez, por ocasião passagem de Vênus, seus companheiros vampirescos do sexo masculino perdiam a razão.

Que ironia do destino, pois ele era o justamente o vingador que há séculos punia delitos dessa espécie por ordem do conselho. Quem será que eles enviariam para liquidá-lo? Uma coisa era certa: as fadas pediriam sua cabeça – pela transformação forçada de Nuriya.

Mas até chegar a esse ponto, ele continuaria realizando seu trabalho, e havia boatos que ele ainda precisava conferir. Secretamente, dizia-se que a aliança negra contra a renovação do pacto de Vênus estava fortalecida e que havia planos concretos para perturbar a sensível paz.

O vingador não se admirou quando um de seus informantes lhe mencionou o nome de Senthil nesse contexto. Mas se admirou da existência de suspeitas de que uma representante dos interesses das fadas estava fazendo jogo duplo: Órla, a representante local do conselho e proprietária do Clube Hellfire. Nuriya

definitivamente havia entrado na cova do leão, já que Senthil também estava na cidade. Supostamente a negócios.

O mundo feérico, por sua vez, parecia prender a respiração e aguardar tenso, de uma distância segura, o desenrolar dos acontecimentos. Isso também preocupava Kieran, que se perguntava o que elas estariam tramando. Elas se denominavam "representantes da luz", mas isso não queria de forma alguma dizer que suas almas eram puras e livres de qualquer maldade. Pelo contrário, muitas eram extremamente astutas e tinham grande prazer na desgraça alheia.

Feliz, na noite seguinte Nuriya tirou do armário um vestido longo em linho, de corte fino e em tons verdes que lhe eram bastante favoráveis. Quem quer que tenha deixado aquele guarda roupa, ela certamente devia a essa desconhecida um agradecimento pelo bom gosto.

Uma voz tímida na sua alma desejava que Kieran a raptasse também hoje para que passeassem juntos. Por isso, ela havia escolhido um vestido que fizesse o verde de seus olhos brilhar de um modo ainda mais intenso.

Sem grandes cuidados, prendeu o seu cabelo. Não importava o quanto tentasse domar o seu penteado, os cachos sedosos se soltavam num instante e lhe davam a aparência de noiva do vento. O que ultimamente até lhe agradava. Ela se sentia exatamente como se tivesse entrado em uma tempestade, tivesse sido jogada de um lado para outro por uma forte rajada de vento e finalmente largada, completamente descabelada e sem fôlego, antes que a próxima rajada de vento viesse e a jogasse em uma direção totalmente diferente.

Era hora de recobrar o controle sobre os acontecimentos.

Não havia ninguém na área social no andar de cima. Perdida em seus pensamentos, Nuriya enterrou os dedos dos pés no tapete grosso e felpudo, ergueu um pouco seu vestido e saiu dançando em direção às janelas altas, totalmente abertas.

Como havia desejado, a noite era excepcionalmente amena para início de maio, e Nuriya sorriu satisfeita. Ela deliciou-se com a sensação da brisa suave passando quente sobre sua pele. Nunca antes seus sentidos estiveram tão aguçados quanto nesse momento. Os ruídos da cidade chegavam até ela. Um gato miava, uma criança chorava baixinho, até adormecer, e em algum lugar ouvia-se o farfalhar de uma seda, quando uma mulher vestiu seu vestido para ir à ópera.

– Uma noite maravilhosa!

Ela deu um salto com o susto e foi segurada por braços fortes.

– Diabo!

– Não tudo isso, seria honra demais! – Kieran parecia divertir-se. – Vejo que já se vestiu apropriadamente. Vamos dar um passeio pelo campo!

Havia tanta coisa desconhecida na sua nova existência. Será que o vampiro ameaçador estaria disposto a revelar ao menos alguns desses segredos para ela? Nuriya tomou coragem. – Eu vou com você. Mas só se você responder minhas perguntas!

Assustada com sua ousadia, manteve o olhar fixo na ponta dos sapatos dele e esperava pela sua resposta sem respirar.

– *Mylady!*

Curiosa, Nuriya olhou para ele. Kieran se curvava com uma expressão impenetrável e lhe estendia seu braço. Apenas um músculo no canto da boca parecia se contrair.

Ela riu do charme antiquado desse gesto.

– Está bem. Vamos então!

Será que ele a beijaria novamente? Ao pensar em suas carícias ficou tonta. Instintivamente agarrou sua mão grande e quente, e imediatamente sentiu o turbilhão enevoado que já se tornava familiar, e por precaução fechou os olhos.

Quando sentiu novamente terra firme sob seus pés, reconheceu surpresa uma paisagem de contos de fadas, que, imersa na luz prateada do luar, parecia totalmente irreal. Atentamente deu alguns passos, parou um instante durante o movimento e então jogou os braços para o ar, rindo de alegria. Descalça, a ninfa dançava sobre o prado noturno.

Kieran não queria mais tirar seu olhar de suas curvas suaves, de suas pernas longas e esguias, e de seus cabelos vermelhos luminosos, que haviam se livrado do nó e envolviam sua cabeça como uma auréola de fogo.

Finalmente, Nuriya parou sem fôlego, seus olhos brilhavam de alegria. – Esta é a coisa mais bonita que eu já vivenciei! Quem quer que você realmente seja, hoje é o meu gênio bom, e eu sou grata a você!

Talvez tivesse sido este o instante em que o vampiro perdeu para sempre o seu coração.

– Minha pátria. – A voz de Kieran soou um pouco embaçada e ele pigarreou. – Que bom que você gosta! – Ele lamentava não ter motivo para tomá-la novamente nos braços. – Venha, sente-se!

Sua excêntrica mudança de humor deixava Nuriya confusa, mas mesmo assim acatou sua ordem e subiu numa pedra lisa, que ainda irradiava o calor do dia, e sentou-se ao seu lado.

E então Kieran lhe contou sobre o mundo dos vampiros, suas regras totalmente próprias e seus perigos. Também contou sobre a paz delicada entre as fadas e seu povo. Assim como Angelina, ele não mencionou o pacto de Vênus e o papel que Muriya desempenhava nele.

– Provavelmente o seu amuleto chamou a atenção de alguns inimigos das fadas. – Kieran não ousava tocar no pingente, com medo de que ele brilhasse, por considerá-lo um inimigo.

Nuriya tateou até encontrar o metal frio sobre sua pele.

– Minha mãe me deu esse amuleto antes de... – seus dedos se contraíram ao continuar – partir novamente para uma viagem! Ela queria me explicar o seu significado na volta. Mas isso nunca chegou a acontecer.

Kieran podia ver nitidamente em sua mente a grande dor da menininha quando ela perdeu seus pais. Suavemente tomou suas mãos e disse:

– Prometa-me que você nunca mais vai tirá-lo!

– Mas às vezes ele fica quente e até brilha no escuro!

Kieran repetiu a suspeita de Angelina:

– E foi por isto que você o tirou no clube?

– O que eu deveria fazer? Já estava chamando a atenção das pessoas.

– Se alguém viu isso... Então esse pode ter sido o motivo do assalto! O Clube pertence a Órla, a representante local do conselho, e serve de ponto de encontro para vampiros e seres mutantes.

Agora Nuriya sabia por que havia se sentido tão estranha naquele lugar. A presença de criaturas mágicas sempre a deixava insegura. Ela se perguntava o motivo pelo qual Ninsun não a havia prevenido, mas depois se lembrou que seu espírito protetor havia sido totalmente contra a visita ao Clube.

– É por isso que Erik trabalha lá?

– Possivelmente! Não é normal ele viver tão longe de sua família. Licantropos normalmente precisam de contato constante com seus semelhantes. – Kieran decidiu estudar novamente o lobisomem. Mesmo não acreditando que Erik tivesse algum envolvimento com o atentado, ele poderia ter observado algo de importante.

Decidiu fazer em breve uma visita ao Clube para obter mais informações. Não lhe agradava a ideia de precisar usar Nuriya como isca. Mas se justificou:

– As regras exigem que cada vampiro novato se apresente ao representante local do conselho. Seria um erro deixar Órla aborrecida!

– Isto não é arriscado? – Nuriya já considerava Kieran muito sexy, mas agora, quando um riso caloroso fez seus olhos brilharem pela primeira vez, ela quase não conseguia respirar.

– Não se eu acompanhá-la!

Tudo bem... Mesmo deuses sexualmente atraentes não eram perfeitos. *Este aqui é insuportavelmente arrogante*, passou pela sua cabeça.

Ele agora ria abertamente, como se tivesse lido seus pensamentos. Levantou-se e disse:

– Ainda quero te mostrar uma coisa!

O tempo ao seu redor parecia ter parado. Até mesmo os passarinhos pareciam segurar apreensivos a respiração. Fascinada, observou como a atmosfera em volta de Kieran se modificava e seu corpo se dissolvia em bilhões de partículas que rodopiavam, para logo em seguida tomar a forma de um grande gato selvagem. Receosa, Nuriya olhava as enormes presas do animal até que ele, finalmente, lambeu delicadamente seu rosto com sua enorme língua vermelha. “Isto faz cócegas!”, queria queixar-se rindo, mas o que saiu foi apenas um ronronar estranho.

– Venha! – chamou Kieran, e desapareceu com alguns saltos no bosque.

Ela não tinha ideia de como esse truque funcionava, mas quando o seguiu agilmente não lhe importava mais. Suas patas fortes se firmavam no solo macio enquanto seguia em disparada pela trilha estreita. Finalmente, ela quase o havia alcançado.

Lá em cima estava o magnífico animal, esperando à beira de uma clareira por sua graciosa companheira. Como ela era linda! Seus pelos na cor do ouro derretido, com seus desenhos delicados e lisos como a seda, envolviam o corpo perfeito da gata selvagem, ávida por viver. Parecia que Nuriya finalmente se tornara *una* consigo mesma. Kieran havia esperado essa criatura maravilhosa por um milênio inteiro. A pantera a cutucou com seu focinho e continuou correndo. Ela se mantinha sempre ao seu lado, até alcançarem um rio, beberem

sedentos a água fresca e continuarem correndo colina acima até as velhas pedras.

Sem fôlego, Nuriya retornou à sua forma humana e se recostou em uma árvore. Kieran estava tão perto dela que podia sentir nitidamente o calor de seu corpo. No fundo de seus olhos, Nuriya reconhecia a fera perigosa que estava à espreita, e segurou apreensiva a respiração.

Devagar, ele se inclinou sobre ela sem interromper, nem por um segundo, o contato pelos olhos. Com um gemido, que pouco tinha de humano, ele finalmente cedeu à tentação.

Seu beijo pareceu a Nuriya como uma libertação. Como se estivesse tomando posse, colocou suas mãos na nuca de Kieran e o puxou ainda mais para perto de si. Os beijos foram se tornando mais delicados, mas seu corpo não deixava dúvidas do quanto a desejava.

– Por favor! – sussurrou rouca e inclinou sua cabeça para o lado. Não foi necessário insistir. O seu odor peculiar o enfeitiçava e nada mais poderia impedir o vampiro de provar de seu "manjar dos deuses" preferido. As perigosas presas de Kieran baixaram sobre sua nuca e Nuriya colocou as pernas em volta de sua cintura para estar ainda mais perto dele. A árvore na qual estava encostada parecia refletir seus sentimentos. Um fluxo excitante de energia viva a inundava, até que pequenas estrelas dançavam no canto de seus olhos – e dessa forma ela passava a Kieran aquilo que recebia da natureza. Um círculo divino de experiências sensuais.

Quando ele se afastou dela rápido demais, Nuriya soltou um som de decepção que lembrava tanto o gemido de um gato indignado que Kieran precisou rir.

Rosnando, agora era sua vez de se inclinar sobre o pescoço desprotegido de Kieran, e seus dentes logo acharam o que tão ardentemente desejava. Quando o sangue quente escorreu por sua garganta, Nuriya não sentiu mais nenhuma aversão a essa essência da vida, e deleitando-se, quase meditativa, apreciava cada momento em que o vampiro temível se tornava uma vítima indefesa de seu desejo em suas mãos.

Encantada, deixou-se levar pela segunda vez pelo turbilhão da sede de sangue para finalmente encontrar-se deitada sobre Kieran na grama alta, ofegante e totalmente exausta. Este acariciava suavemente seus cabelos úmidos e sussurrava de forma quase inaudível:

– O segundo selo! Gatinha, o que foi que eu fiz?!

O resto da noite ela passou sozinha na enorme casa de Kieran. Ele a havia levado para casa e se despedido logo em seguida, com pressa, como se o ocorrido nada significasse para ele. Será que ele possuía algum sentimento, afinal?

Algumas semanas antes, ela não teria acreditado ser possível sentir-se ainda mais solitária. Mas era exatamente o que acontecia depois de sua transformação. Se ela pudesse ao menos se aconselhar com Angelina! Ela não era uma ninfa também? Com certeza poderia dar valiosos conselhos de como adequar-se melhor a esta sua nova existência tão perturbadora. Mas a curandeira também a havia abandonado.

Selena. Nuriya olhou para o relógio: já passava bastante da meia noite. Com certeza, sua irmã já dormia há muito tempo nos braços de Erik. Mas então seu olhar viu a lua cheia que estava no alto do céu. Não, com certeza hoje não era possível contar com Erik! Já estendia sua mão na direção do telefone quando lembrou as palavras de Angelina: "Sua irmã tem de enfrentar seu próprio destino. Confie nos seus sentimentos!"

Também dessa vez, ela precisaria resolver seus problemas sozinha.

Em muitos aspectos, Kieran havia se tornado vago em suas explicações. Havia algo que o vampiro lhe omitia, disso ela estava certa. Por que outro motivo, então, ele sempre se esquivava de forma engenhosa de sua pergunta sobre a posição dele no mundo dos vampiros?

Triste, ela se atirou no sofá e zapeou entre os canais via satélite. A tela enorme era sensacional, o programa noturno menos. Finalmente encontrou um canal de música e aumentou o volume no máximo, até que o chão sob seus pés pareceu vibrar. Para alguma coisa sua prisão deveria servir, pensou.

Capítulo 7

Amar Sin já perambulava como vampiro nato nesta terra desde o princípio dos tempos. Uns diziam que ele era Namtar, filho de Sin, o deus sumério da lua, e também um demônio enviado pela deusa do submundo para trazer a morte à humanidade. Outros alegavam que ele era Adapa, o primeiro corajoso que tentara roubar para a raça humana a imortalidade dos deuses.

A maioria das mulheres que tinham a felicidade de agradar a Sin não dava importância às especulações sobre sua origem. Depois de conhecê-lo, falavam apenas de sua pele, lisa e fresca como o mármore, de seu rosto, tão simétrico que até mesmo os deuses ficavam com inveja ao vê-lo, e de seu corpo, cujos movimentos insinuantes eram capazes de seduzir o próprio pecado. E talvez fosse esta a razão de seu nome: Sin – pecado.

Mas o poderoso vampiro raramente era visto, e por isso a maior parte da comunidade mágica considerava sua existência uma lenda.

Mas para Kieran não havia dúvidas, pois Sin o havia acolhido quando, há muito tempo atrás, andava sem rumo durante a noite, entregue indefeso à violência de sua transformação. Foi ele quem o familiarizou com suas novas forças e necessidades.

Sin reconheceu o grande potencial de seu protegido e abriu a visão do jovem vampiro para a magia especial da noite, mas também para os seus perigos. Ele o treinou em antiquíssimas técnicas de lutas, há muito esquecidas, e em práticas mágicas. Mas o seu mérito principal foi acompanhar Kieran até que este estivesse preparado para aceitar o seu destino.

Depois de algum tempo, parecia ficar cada vez mais difícil os dois guerreiros das trevas permanecerem juntos por muito tempo. Os treinos de luta tornavam-se cada vez mais agressivos e, certo dia, Kieran feriu tanto o seu professor que este, levado pelo impulso, quase invocou os poderes do submundo para protegê-lo. Sin recolheu-se, satisfeito por ter preparado o seu protegido para suas missões.

Kieran ficou furioso e sentiu-se ferido quando o vampiro, que passara a considerar um amigo, o deixou sem uma palavra de despedida.

Pouco depois, no entanto, ele encontrou outros vampiros, e constatou que ele também não tolerava por mais do que apenas algumas horas a companhia deles, começando a entender por que Sin havia se recolhido.

Mesmo assim, permanecia o sentimento de ter sido abandonado novamente. Seus pais o entregaram para ser criado por estranhos, sua mulher preferiu o suicídio a uma união com ele, e agora era novamente abandonado pelo único ser que ele já havia considerado um amigo.

Em pouco tempo, ele se tornou um terrível arruaceiro e, em mais de uma ocasião na sua juventude, Kieran quase havia matado, sem razão, um rival. Como um lobo alfa, ele jamais aceitaria por muito tempo a proximidade de outras criaturas noturnas. E parecia que ninguém conseguia dominá-lo. Por

isso, a maioria dos vampiros, natos ou transformados, preferiam sair de seu caminho. Um futuro solitário e interminável estendia-se à sua frente.

Foi Órla que lhe sugeriu tirar proveito da situação e trabalhar como vingador para o conselho. Grato pela sugestão, Kieran abraçou a oportunidade e, em pouco tempo, tornou-se um dos melhores na sua área. Raramente encontrou o seu sábio professor nos séculos seguintes. Normalmente isso acontecia apenas quando este lhe transmitia missões especiais do conselho. O relacionamento entre eles, antes marcado pela confiança, havia esfriado visivelmente, e Sin sempre parecia distante.

A caminho do Clube Hellfire, Kieran ouviu a voz familiar atrás de si e virou-se mudo de surpresa. Um homem alto surgiu da sombra, e mesmo agora Kieran só conseguia enxergá-lo graças aos seus treinados olhos de vingador experiente. Podia-se pensar que era devido à roupa escura. Mas Sin não se escondia na escuridão. Ele era a própria escuridão!

– Kieran!

O sentimento que vibrava com esta única palavra quase o obrigou a cair de joelhos. Será que outrora Sin também se afeiçoara a ele e também sentira saudades?

– Onde está a ninfa? – O vampiro mais velho parecia preocupado e Kieran se sentia quase como o aluno de antigamente ao responder:

– Ela está sendo bem protegida.

– É mesmo? Quer dizer que o solitário Kieran encontrou aliados! – Parecia que Sin sorria. – Você escolheu bem! Donates é jovem, mas é exatamente o parceiro certo para este empreendimento perigoso.

Kieran não questionava de onde Sin sabia todas essas coisas. Ninguém sobrevivia por uma eternidade sem informar-se minuciosamente sobre os acontecimentos deste mundo.

– Kieran, você está apostando alto ao esconder a verdade da moça.

– O prêmio justifica qualquer risco! – revidou Kieran agitado. – A paz precisa ser preservada!

– Perigos aguardam vocês no Clube. Tome cuidado! – Com estas palavras, o poderoso demônio fundiu-se de forma incomparável com as sombras ao seu redor. – Confio em você!

Com este aviso na mente, Kieran subiu pensativo os degraus para o Hellfire, e nem sequer lançou um olhar para os porteiros ao passar pelas pessoas que esperavam. Também não notou o olhar irado que o atingiu.

O vingador queria afastar qualquer suspeita de que ele pudesse estar envolvido com a transformação da filha de fada. Por isso, ela deveria chegar ao Clube em companhia dos vampiros Winterfeld, Donates e Angel.

No princípio da noite, ele informou Nuriya sobre o programa previsto para esta noite. Achou que ela ficaria feliz por ter a oportunidade de deixar a casa por algumas horas, e ficou surpreso por ela ter reagido com indiferença.

Da mesma forma que ela não havia sido feliz em sua vida anterior, parecia não conseguir ajustar-se à sua nova existência. Kieran sentia-se impotente, e isso realmente não lhe agradava. Os humores de ninfas transformadas eram

totalmente desconhecidos a ele. Calado, acompanhou Nuriya até a casa de sua irmã.

E então Selena também se mostrou teimosa. Insistia em acompanhar a irmã. Por fim, Erik acalmou os ânimos ao ponderar que a magia era proibida no Hellfire, e que Órla jamais permitiria que algo acontecesse a seus convidados. Se ela tivesse sabido do ataque às irmãs, com certeza teria tomado providências para a segurança de sua cidade.

– Órla não ficará sabendo de nada! – resmungou Kieran, pois sabia muito bem que não seria fácil manter oculto dela sua participação na transformação de Nuriya. Por fim, ele cedeu e permitiu que Selena acompanhasse sua irmã. De qualquer forma, no Clube ele vigiaria todos os envolvidos. Com uma ordem ríspida para Nuriya não usar o amuleto em hipótese alguma de forma visível, ele desapareceu.

– O que é que ele tem contra mim? – Nuriya olhava com o olhar vazio para o infinito. Os outros se entreolhavam embaraçados.

– Ele apenas se preocupa com você! – Angelina suspirou e em seguida bateu palmas. – Nicholas, você não pode ir assim ao Hellfire. É um clube gótico!

Nik fez um gesto defensivo:

– Fique tranquila. Não esqueci os anos 1980!

Donates riu.

– Venha, vamos para a sala. Trouxe alguns DVDs razoáveis. As damas precisam de um pouco de espaço.

Erik seguiu os novos amigos com um sorriso no rosto. Hoje eles pareciam muito *grufties* para seu gosto, e ele estava feliz por ter vestido sua calça de couro e uma camisa preta.

Angelina estudou os armários das moças e concluiu:

– Lena, você consegue se virar sozinha. Mas você, Nuriya, já vi que precisa de um pouco de ajuda!

Dizendo isso, puxou a ninfa para a frente de seu guarda-roupa e riu:

– Não tome isso como ofensa pessoal, mas ao vestir-se dessa maneira você parece pretender, a todo custo, evitar que algum homem a perceba! – Olhou para Nuriya e percebeu lágrimas nos seus olhos.

– É isto, não é mesmo? Você não se aceita!

Nuriya sacudiu a cabeça.

– Mas é o que acontece, ninguém se interessa por mim. Não importa como eu me visto! No máximo, eles dão risada do meu cabelo vermelho ou então... – hesitou e depois pôs para fora – do meu traseiro grande!

Angelina puxou Nuriya carinhosamente em seus braços.

– Suas irmãs são exatamente a imagem da sua mãe? – Nuriya concordou com a cabeça. – E você sempre quis ser como sua mãe? – Um movimento mais forte.

– Ah, minha pequena! Nós duas nunca seremos modelos! E daí? Você é a encarnação da sensualidade! E se Donates não fosse minha alma gêmea eu até poderia ficar um pouco enciumada!

– Você não está falando sério!

– Ah, está sim. Ela pode virar uma fera se desconfia que estou olhando para outra mulher! – Donates havia voltado e colocou delicadamente sua mão sobre os ombros de Angelina. – Confie nela! Angel tem razão. Já conheci muitas mulheres e sei onde encontrar as qualidades.

Angelina emitiu um som que ficava entre um resmungo e um rosnar. Rindo, Donates continuou:

– Nuriya, você é um diamante não lapidado... E Angel tem o talento de fazer as joias brilharem.

Angelina agitou as mãos como se quisesse se livrar de um inseto incômodo e disse:

– Obrigado por ter nos lembrado de seu passado agitado! Você pode se retirar –Donates saiu rindo.

– Muito bem. O que eu visto?

– Qual é sua cor preferida?

– Verde! – a resposta veio como um relâmpago.

– Verde? Esqueça! Seria o mesmo que tatuar "ninfa" na sua testa. A fada hoje sou eu. Não saia daí! – com estas palavras seus contornos se desfizeram e ela desapareceu.

Selena colocou curiosa a cabeça pela porta.

– Está pronta?

– Não vai mais demorar muito! – Angel materializou-se novamente, dependurou dois vestidos na porta do armário e deixou cair um saco com sapatos no chão.

Ela tomou um modelo preto esvoaçante do cabide e disse:

– Experimente este aqui!

Quando Nuriya ficou de calcinha e sutiã de algodão na sua frente, Angelina gemeu:

– Já imaginava!

Meteu a mão na bolsa que havia trazido e de lá sacou uma pecaminosa combinação em renda, incluindo meias pretas apropriadas, e jogou a lingerie para Nuriya com um olhar sugestivo na direção da porta do banheiro.

O vestido serviu como se houvesse sido feito sob medida para ela; e talvez realmente houvesse, pensou Nuriya depois de ter registrado com olhos arregalados a transformação milagrosa de sua figura no novo invólucro.

O amuleto estava totalmente coberto, mesmo assim ela se sentia um tanto nua. Um olhar no espelho confirmou suas suspeitas. Ela usava uma névoa de nada – mas era lindo! Cuidadosamente calçou os sapatos altos e, para sua surpresa, constatou que eram muito confortáveis.

No andar de baixo, os homens reclamavam e perguntavam impacientes se elas finalmente estavam prontas. Angelina então entrou flutuando num vestido verde maravilhoso.

Nuriya admirou-se:

– Se alguma vez existiu uma fada rainha, então esta é você!

– Cuidado... Nossa rainha não tolera concorrentes – sussurrou Angel, e Nuriya teve a desagradável sensação de que ela não estava brincando.

Kieran havia enviado dois carros. Nik, que penteou seus longos cabelos de maneira realmente selvagem e, além de uma quantidade considerável de piercings, exibia uma grande tatuagem de dragão, devia acompanhar Nuriya esta noite. Os outros seguiriam no outro carro.

– Isto é loucura! – disse Nuriya, quando ele lhe abriu a porta com cortesia. – Com certeza somos os únicos convidados que chegamos aqui numa carroça de luxo! – O olhar crítico de um grupo de góticos parecia confirmar suas suspeitas. Mas então um terceiro carro encostou silenciosamente. Três mulheres com pernas esguias desceram e, dando risadinhas, passaram com seus saltos altos pelo porteiro carrancudo. Com a boca aberta, Nuriya as seguiu com o olhar.

– Órla deveria escolher melhor seus convidados! – resmungou Donates, que não gostava de ver sua amada confrontada com vampirinhas baratas.

– "Baratas" com certeza não são! – ronronou Angelina, que havia lido seus pensamentos sem dificuldades, e enganchou-se em seu braço. – Venha, pago uma rodada de champanhe para vocês! – falou em voz alta e seguiu apressada pelo longo corredor até o bar principal.

Nik tomou a mão de Nuriya para tranquilizá-la.

– Não tirarei os olhos de você! – sussurrou e, para quem estivesse observando o seu gesto, este pareceu possessivo o suficiente para que se mantivessem afastados. – Eles pensarão que você é uma mortal comum. Não se deixe provocar caso alguém faça uma observação de mau gosto! Vampiros junkies não tem boa reputação.

Os vampiros abriram mão de uma visita à sala VIP, exclusiva para os de sua espécie, para não deixar as ninfas sozinhas.

Haviam combinado que pelo menos um vampiro sempre estaria ao lado de Nuriya. Depois de terem se acomodado no bar, Donates encomendou drinques para todos. Nik contava histórias dos tempos de sua transformação e enquanto isso flertava tão intensamente com Nuriya que ela alertou rindo:

– Mais uma palavra e eu caio de joelhos bem aqui na sua frente, seu grande guru gótico!

Angelina riu:

– Bem que ele gostaria de ser um! Mas na época *eu* era bem mais "descolada"!

– Isto é o que você acha! – rosnou Nik. – Só Donates era realmente bacana. Também, ele era cantor de um dos grupos mais requisitados de Londres!

– Mesmo? Como se chamava o grupo?

– Raped Children.

– Já ouvi falar deles!

Não ouviu mais a resposta de Nik, porque sua atenção já estava presa por outra coisa. Na galeria notou um vulto que parecia olhar diretamente para ela. Tudo nessa mulher estranha era exótico. Ela não era apenas muito grande, seu rosto era dominado por olhos muito enviesados, e o esquerdo parecia estar mais alto e brilhava de forma doentia. Nuriya achou que o vestido prateado havia sido uma péssima escolha. Quase não se destacava de sua estranha cor de pele e realçava sua silhueta de forma desvantajosa. Seu único ornamento eram

seus cabelos loiro esbranquiçados, sem dúvida alguma fantásticos. Chegavam praticamente até os joelhos e envolviam generosamente o corpo magro.

Angelina seguiu o seu olhar e sussurrou:

– Esta é Órla, a representante local do conselho superior dos vampiros e uma mulher muito perigosa!

– Ela é uma fada! – balbuciou Nuriya. Não notou o olhar espantado de seus acompanhantes.

Depois de Donates certificar-se de que nada aconteceria a seus amigos aqui, à vista de todo mundo, ele saiu para dar um giro pelo clube. Fingindo tédio vagueou em direção às catacumbas, pois sabia que Kieran estava observando a sala VIP. Com seus sentidos aguçados examinou as diferentes "celas", nas quais podia sentir mortais satisfazendo suas paixões em jogos sadomasoquistas. Não havia vampiros entre eles.

Finalmente lançou um olhar também no bar dos *voyeurs*, onde Nuriya e Selena haviam estado, antes de terem deixado o clube apressadamente. Ao abrir a porta, Donates já sabia que havia um vampiro poderoso naquele lugar. Vagarosamente caminhou até as grandes paredes de vidro, mas neste horário não havia muito o que ver.

– Senthil – fingiu-se surpreso – nem sabia que você estava na cidade!

O homem depôs o seu copo e levantou-se.

– Ora vejam, um jovem colega! – Ele ria maliciosamente. – Você já enjoou de sua noiva fada para ficar espiando por estes lados?

O fato da expressão de Donates não ter se alterado com esta ofensa explícita dizia muito a favor dele.

– Senthil, o que é que você sabe sobre o amor! – riu e acenou para o vingador perplexo. – Tenha ainda uma noite agradável!

Quando voltou para seus amigos, o clube havia se enchido visivelmente. A música doía nos ouvidos sensíveis dos vampiros. Por sorte aqui no bar o volume não estava tão alto.

Seu olhar caiu sobre Nuriya.

– O que foi?

– O amuleto! – Imediatamente Donates inclinou-se sobre ela, e para qualquer um que estivesse observando parecia que ele queria beijá-la. Ela estava criando boa reputação neste lugar! Depois que tudo houvesse passado, a comunidade mágica inteira a consideraria uma vagabunda. Mas Nuriya seguia as regras, e sussurrou:

– Está esquentando!

– Fique bem calma! Ninguém deve vê-lo. – E para que todos pudessem ouvir acrescentou – Público desagradável esta noite! – enquanto piscava para animá-la.

– Espero que ele não esteja falando de mim! – Kieran fez uma reverência diante de Angelina.

Ela sorriu e lhe estendeu respeitosamente a mão para o beijo:

– Kieran! Posso lhe apresentar meus amigos?

Nuriya sabia que deveria fingir que não se conheciam. O fingimento de Kieran era perfeito. Ele parecia tão distante e frio, como se realmente nunca houvessem se encontrado antes. Triste pensou que suas lembranças das carícias provavelmente eram igualmente enganosas como seu sorriso naquele momento.

Ela não fazia ideia do esforço de Kieran para não agredir Donates, que na sua opinião estava próximo demais da ninfa.

Nik podia imaginar a inquietação de Kieran e decidiu jogar um pouco mais de lenha na fogueira. Tomou a mão de Nuriya.

– É hora de cumprimentarmos a vampira-mestre da cidade.

– Eu os acompanho! – resmungou Kieran.

Nik ria por dentro. Mesmo que aquele vampiro conseguisse esconder seus sentimentos de forma realmente admirável, para Nik era evidente que Kieran tinha um interesse nítido por aquela ninfa. Ele conhecia os sinais. Afinal, ele tinha oportunidade suficiente de observar Donates quando este lutava com o seu ciúme.

Se ao menos o vingador aceitasse isso! Em vez disso, acompanhou Nuriya em silêncio até a entrada comum da área VIP e do escritório de Órla.

O segurança cortou-lhe o caminho:

– Mortais não podem entrar aqui!

E então cometeu o erro de olhar diretamente para Kieran.

Vai me impedir de entrar?

– Mas... – gaguejou o homem e começou a tremer levemente. A lembrança de vampiros que antes dele haviam ousado contrariar o vingador foi suficiente para fazê-lo abrir caminho rapidamente. De repente a perspectiva de férias prolongadas lhe pareceu muito tentadora.

– Entrem!

O chefe da segurança apareceu e fez sinal para que os visitantes entrassem. Sem dizer nada, tomou sua posição ao lado da porta.

Órla já estava observando os vampiros Winterfeld e sua acompanhante mortal através de seus vidros espelhados por um bom tempo. Surpresa, reparou como Kieran, que ela considerava um dos vingadores mais enigmáticos, havia se juntado ao pequeno grupo. Que aliança estranha!

Por isso estava curiosa para saber o que o jovem Nik e Kieran lhe trariam, e olhava os três atentamente através de seus olhos irregulares. Com um gesto de mão convidou seus visitantes a se sentarem. Em nenhum deles podia-se sentir a aura vampiresca, e Órla concluiu aborrecida que isso deveria ser obra de Kieran. A moça lhe parecia familiar, mas seu rosto ficava indefinido de uma forma peculiar. Desconfiada, olhou para Kieran. Obviamente o vingador demonstrava descontração, quase que inocência. Por causa disso, mas também por causa dos outros dois visitantes, optou por ser cortês e cautelosa:

– Bem-vindo ao Hellfire! O que posso fazer por vocês?

Olhava ansiosa para Kieran e surpreendeu-se quando Nik respondeu educadamente no seu lugar:

– Muito obrigado pela sua hospitalidade! Como certamente você já sabe, moro há alguns dias com dois membros de minha família – ele fez um gesto

vago na direção dos vidros espelhados escondidos atrás das persianas – em nossa enorme residência!

Órla juntou a ponta dos dedos e olhou ansiosa para ele. Qualquer vampiro de alguma família menos poderosa precisaria contar com punições severas se ousasse deixar passar mais de uma semana antes de visitá-la.

Nik cruzou as pernas de forma descontraída e ficou em silêncio por um instante antes de finalmente mencionar Nuriya, que olhava para Órla com olhos arregalados. Prosseguiu:

– Nós temos uma hóspede. Nuriya está sob proteção especial de Sylvain.

Com isso ficava claro que Órla não poderia fazer perguntas sobre a origem ou sobre as intenções de Nuriya. Quem estivesse sob a proteção do chefe da família Winterfeld certamente se encontrava acima de qualquer suspeita.

– A propósito, sua família mortal também vive aqui – acrescentou de forma casual.

A proteção havia sido estendida sobre toda a família. Mas Nik não foi tão longe a ponto de incluir Erik na sua relação de protegidos. O lobisomem podia cuidar de si mesmo.

– Muito bem! – Órla levantou-se e as visitas foram dispensadas. – Kieran? Uma palavrinha!

Somente com grande esforço o vingador conseguiu suprimir seu riso, mas seu rosto não expressava mais do que um interesse cortês. Seria um erro ter Órla como inimiga.

Nuriya ateve-se ao combinado e ficou muda. Ela ainda permitiu um último olhar da vampira-mestre em seu rosto assustado, insinuou uma reverência e saiu calada junto com Nik. Na verdade estava mais do que apavorada – o amuleto esquentara tanto nesses poucos minutos que ela não estranharia se o tecido fino de seu vestido se incendiasse a qualquer instante.

Repleto de expectativas, Kieran olhava para a vampira loira, que ainda tentava lembrar-se de onde conhecia a tímida acompanhante de Nik.

Droga, o esbranquiçado véu que protegia sua mente não se dissipava, e ela estava certa de que por detrás dele se escondiam informações importantes. Finalmente ela se recompôs e, depois de Nik fechar com cuidado a porta do escritório atrás de si, perguntou a Kieran:

– Tem alguma novidade sobre a escolhida?

Ele escolheu suas palavras com cuidado:

– Existem boatos de que a ninfa se encontra nesta região.

Ela decidiu agir mais diretamente:

– Desde quando você tem contato com o clã Winterfeld?

– Sou padrinho de Donates. Ele é um vingador extremamente talentoso! – sorriu Kieran.

– Muito bem. – Órla estava visivelmente descontente. – Espero que não haja complicações e que logo encontrem a escolhida e sua alma gêmea. Não temos mais muito tempo!

Kieran concordou.

Órla colocou sua mão sobre os ombros dele com uma intimidade rara. Ele sentiu um frio cortante penetrar até o fundo de seus ossos, o que o fez se perguntar, não pela primeira vez, o que Órla realmente era.

– Kieran, tenho o terrível pressentimento de que este ano de Vênus nos trará perigos terríveis. Desejo sinceramente que você saia ileso disto tudo!

Ela se virou, dispensando-o. Enquanto retornava ao clube, o vampiro tentava descobrir se alguma ameaça se escondia por trás das palavras de Órla.

Ele só encontrou o lobisomem e sua namorada no bar. Erik lhe informou que os outros estavam andando pelo clube.

No tempo em que esteve no escritório de Órla, Nuriya teve medo de que a proprietária do clube pudesse ver através de seu disfarce, apesar do apoio mágico de Ninsun, e provavelmente também de Kieran.

– Se dependesse de mim, todos nós passaríamos longe dessa pessoa sombria. Mas ninguém pede minha opinião! – resmungava Nuriya.

Irritada, soprou uma mecha de cabelo do seu rosto, apanhou a carta de bebidas e começou a abanar-se com movimentos nervosos:

– Provavelmente meu penteado também está todo solto – pensou aborrecida. De qualquer maneira, desejava aparecer assim desarrumada diante de Kieran. Nuriya decidiu passar alguns minutos sozinha. Mas para isso ela precisava primeiramente livrar-se de seus guarda-costas vampirescos.

Brincalhona, inclinou-se para Nik e sussurrou:

– Eu gostaria de conversar sobre alguns assuntos de mulher com Angelina. Você não tem nada contra, não é mesmo?

Estranhando que ela houvesse perguntado uma coisa destas, concordou.

– Angelina, eu precisava... – Nuriya olhou constrangida.

A curandeira sorriu:

– Em alguns dias, isso também terá passado! Mas espere, vou com você!

Nuriya previu isso. Assim enganchou o braço em Angelina e acenou feliz para Nik. Mal chegaram na pista de dança, Nuriya puxou a manga de Angelina:

– Kieran! Ele está me chamando.

Angelina olhou em volta, e não conseguiu ver o vingador em nenhum lugar. Mas como há tempos desconfiava que entre os dois havia alguma ligação especial, não estranhou muito. Era típico de Kieran usar sua magia naquele lugar para envolver Nuriya, apesar da proibição. Por isso apenas sorriu e disse:

– Não faça bobagens! – e sumiu na névoa que envolvia a pista de dança à sua frente.

Nuriya estava feliz porque o truque para despistá-la funcionou, e se pôs a caminho do andar de cima. Lá havia várias áreas de descanso. Fora surpreendentemente fácil enganar os dois.

Durante o seu passeio pelo Hellfire, deliciava-se com os olhares interessados de alguns convidados e pela primeira vez sentia-se bem em sua nova pele. O vestido parecia fazer milagres. Começou a flertar com um homem loiro e atraente – certamente um mortal, mas muito simpático, pensava Nuriya feliz – quando inesperadamente alguém lhe dirigiu a palavra:

– Isto foi muito habilidoso!

Ela se virou assustada. Próximo demais, estava um estranho cuja natureza vampiresca só conseguia sentir muito vagamente. Nuriya não se atrevia a examinar sua aura mais detalhadamente, pois temia revelar mais de si do que lhe seria conveniente. Mesmo sem o calor alarmante de seu amuleto, sentia que aquele vampiro era extremamente perigoso.

Os cabelos pretos curtos, sua figura atlética e o terno sob medida teriam feito com que aquele homem fizesse sucesso em qualquer andar de diretoria. Ali no clube, no entanto, parecia deslocado.

Cautelosamente, deu um passo para trás.

– Olá!

Nuriya não sabia o quanto ele havia escutado e de maneira alguma queria revelar mais do que o necessário. Provavelmente ele a considerava uma vampira excêntrica e fácil. Nik havia lhe contado sobre estes mortais dispostos a arriscar suas vidas para se tornarem imortais. Com um pouco de sorte eles recebiam prazer e realização, pelo menos por algum tempo. Provavelmente nenhum deles tinha sido transformado ainda.

– Minha amiga é muito pegajosa!

– Mas agora nós temos um pouco de sossego. – O estranho tomou Nuriya pelo cotovelo, guiou-a pelos degraus que subiam e a empurrou para os travesseiros de um conjunto de sofás num canto afastado.

– Sente-se!

Ela obedeceu.

– Não faz tempo que você faz estas coisas. – O homem a olhava atentamente, enquanto passava delicadamente com um dedo sobre o seu pescoço. Nuriya tinha dificuldade para se concentrar.

– Vejo que você está entendendo o que espero de você! – riu, lançando um olhar descarado aos seus seios. – Mas isto virá depois!

Ela se sentia envolvida por um calor agradável. Sua respiração acelerava e o tremor impaciente na sua barriga era um sinal claro de sua excitação. Sentiu como a mão dele na sua nuca a puxava mais para perto e empurrava sua cabeça para o lado. Ele era rude, mas certamente a única coisa que desejava era sentir seus dentes. Isto não estava certo! *Kieran!*

– Olá, Senthil!

O homem à sua frente ergueu bruscamente a cabeça. Kieran estava sobre eles como um anjo vingador.

Venha imediatamente para cá!

Nuriya seguiu como que em transe a ordem.

Com um gesto de mão casual, ele a empurrou para trás de si, de forma que encobria quase que completamente o seu corpo.

Senthil ergueu-se insinuante, e parecia pronto para o bote.

– Ah, o celta! Vingador de todas as damas em perigo!

Kieran disse em tom de desaprovação.

– Cale a boca, bárbaro!

Senthil ria:

– Eu, um bárbaro? Quando meus antepassados já mandavam seus exploradores para a Europa, vocês ainda viviam em árvores!

– Você não conhece nada sobre nossa cultura! E... – Kieran acrescentou maliciosamente – Chegou tarde de novo! Esta pequena nos pertence.

Senthil o olhou cheio de ódio e desprezo. Ele sabia quando estava derrotado e que não tinha como combater um vampiro nato, fato que aceitava com bastante dificuldade, pois aquele ainda lhe era especialmente repugnante.

– Se soubesse que você já tinha ordenhado esta vagabunda não a teria tocado nem com uma luva! Como poderia saber que o "grande Kieran" utiliza os serviços de putas. – Ele expeliu suas palavras cheias de desdém e fundiu-se com a escuridão antes que elas se dissipassem.

Nuriya tremia. O que havia acontecido com ela para comportar-se desavergonhadamente daquela maneira? Levou alguns instantes até que conseguisse falar novamente. Quando quis abrir a boca para agradecer pelo seu salvamento, Kieran se adiantou.

– O que estava fazendo aqui sozinha com aquele homem?

Indignada ela o fulminou:

– Nada! Nem sequer o conheço!

– Não era o que estava parecendo!

– Eu não preciso me justificar. Deixe-me em paz e preocupe-se com seus próprios assuntos!

– Você é meu assunto e deveria ter cuidado com o tipo de gente de quem se aproxima – Kieran estava furioso e chocado, pois justamente Senthil quase havia conseguido desonrar Nuriya, apesar de toda a cautela. Somente com muito esforço conseguiu autocontrole suficiente para deixá-lo partir sem castigo. Nem quis pensar nas consequências, caso o astuto vampiro tivesse conseguido beber o sangue dela e, dessa forma, desvendado o segredo de sua origem.

E ainda havia mais uma coisa que o atormentava. Não foi suficiente enviar Nik para salvá-la? Afinal era ele o seu acompanhante oficial.

Mas, quando ouviu o grito de socorro de Nuriya, Kieran quase entrou em pânico e correu para o seu lado sem parar para pensar. Agora não seria mais possível manter em segredo o seu interesse por ela. Qual vampiro ainda ousaria disputar a mão da escolhida?

– Falo com quem eu quiser! – O tom histérico na voz de Nuriya interrompeu as suas autocondenações. Ela o fuzilava com o olhar agressivo.

– Ah, é? Então porque você pede ajuda?

A voz de Kieran soava fria e distante como sempre. Para ele, o contratempo parecia não passar de um aborrecimento, pensou Nuriya irritada, enquanto ele a arrastava ao seu lado até chegarem diante da sua irmã assustada.

– Selena, voltem imediatamente para casa!

– O que ele pensa que é?!

Nuriya esfregava seu braço dolorido; as marcas dos dedos onde Kieran havia segurado firme para guiá-la através do clube eram bem visíveis. Irritada, andava na sala de um lado para outro.

– Se você tem a intenção de marcar uma trilha no chão com os seus pés, pelo menos tire o tapete. Mamãe o trouxe do Afeganistão. – Selena havia

empurrado a mão tranqüilizadora de Erik para o lado e se levantado. As irmãs se olharam mudas por um instante.

– Não foi bonito de sua parte enganar o Nik e a mim – falou Angelina, quebrando o silêncio. Nuriya finalmente deixou-se cair com raiva numa poltrona e murmurou uma desculpa. Não era possível saber se ela se referia à manobra no clube ou ao forro do chão.

Ela ainda se lembrava bem do momento em que seus pais haviam desenrolado o exótico tapete. A trama colorida parecia esconder uma infinidade de segredos. Ele passava a sensação de ser macio e valioso, e as três meninas gostavam de sentar-se nele. Quando acompanhavam com seus pequenos dedos as linhas entrelaçadas, elas inventavam as histórias mais exóticas.

– Kieran é arrogante! – resmungou.

– Isto ele é.

– Ele é presunçoso e não dá a mínima bola para o sentimento dos outros! Não quero saber dele!

Angel tomou sua mão.

– Não pode ser assim tão grave!

– Acho que ela tem razão! – Nik olhava pela porta. – Ninguém gosta de ser tratado dessa forma! Nem mesmo por um vingador!

– Um o quê? – Nuriya olhou confusa para os amigos. – O que exatamente é um "vingador"? – perguntou cautelosamente. Angelina rolou os olhos e Nik saiu rapidamente.

– É um agente secreto que trabalha para o conselho!

– Um James Bond vampiresco com licença para matar? – Ela pretendia fazer uma piada.

– Exatamente. Seria bom que sua vida particular não fosse discutida em público! – disse Donates e lançou um olhar zangado para a porta onde Nik havia sumido. – Pode ser que algum dia a sua vida dependa disto.

Então olhou séria para ela.

– Senthil é um cara muito desagradável, e acredito que ele ficou muito atraído por você. Acho mais seguro retornar à casa de Kieran.

Nuriya lembrou horrorizada a facilidade com que o estranho havia conseguido influenciá-la. Sem dúvida aquele vampiro era perigoso. Mas, da mesma forma, lembrou-se de que seguia, sem titubear, as ordens de Kieran. Ninguém podia ter o poder de dominá-la daquela maneira:

– Não volto lá de jeito nenhum! – e era óbvio que ela não estaria aberta a argumentos.

Angelina interferiu:

– Há algo contra de ficarmos hoje com vocês na sua casa?

Selena sacudiu imediatamente a cabeça. Ela concordava em passar a noite, junto com a irmã, naquele local.

Nuriya murmurou:

– Por mim – e olhou para o relógio –, vou dormir!

O ar à sua volta pareceu vibrar, e a ninfa desapareceu.

– Quem ensinou isso a ela? – perguntou Erik espantado – Pensei que vocês só soubessem fazer isso depois de alguns anos?

– Ela provavelmente nem conhece direito ainda os próprios poderes. – Angelina riu dos rostos perplexos à sua volta – Essa ninfa é a escolhida e possui forças extraordinárias. Só precisa aceitar a sua natureza!

Nuriya estava sentada em sua cama, perdida em pensamentos.

Pelo amor de deus, estou tão tensa que nem consigo mais me lembrar de como cheguei aqui no meu quarto!

Revirou os seus CDs e constatou aborrecida que não conseguia achar justamente a música de que mais gostava para seus exercícios de relaxamento. É lógico! A última vez que o escutara foi para aproveitar o ar límpido das primeiras horas da manhã, quando treinou no terraço, ao som de música suave, diversas posições de luta. Isso foi há apenas uma semana e, contudo parecia ter sido em outra vida.

Se tomasse cuidado, os outros nem perceberiam que ela descera novamente para buscar o CD na sala de música. Ela não queria encontrar mais ninguém naquele dia.

Com cuidado para não fazer barulho, apertou a maçaneta da velha porta e deslizou através da abertura estreita para dentro da sala. Ela podia reconhecer nitidamente o piano de cauda preto, apesar da luz do luar quase não penetrar. Silenciosamente deu a volta nele e achou imediatamente o que procurava. Ao voltar ouviu a voz de Nik na sala de estar ao lado:

– Kieran a transformou? Então por sua causa ele sacrificou sua única chance de tomar por companheira o amor de sua vida!

Erik revidou:

– Eu sei. É injusto que em suas vidas os vampiros de nascença só possam realizar uma transformação. Além disso, ele ainda precisa protegê-la até o dia do pacto. Isso é duplamente triste!

– Se quiser saber minha opinião... – começou Nik pensativo, mas interrompeu o que dizia, por causa de um estranho barulho – Quieto, você ouviu este ruído?

Os passos dos dois se afastaram. Nuriya aproveitou a oportunidade e subiu novamente para o seu quarto.

Agora tinha certeza de que as lembranças do assalto e de suas consequências imediatas não a estavam enganando. Kieran a havia transformado. Ela ainda se lembrava muito bem do seu rosto infeliz pouco antes de dar-lhe de seu sangue para beber. Desesperada, recordava: as lições durante a caçada, as vivências nas florestas de sua terra natal – tudo por causa de uma consciência pesada, da noção de dever?

Podia imaginar a situação de Kieran! Há séculos ele procurava por sua alma gêmea, e então ele salvou a vida de uma completa estranha, perdendo com isso definitivamente qualquer esperança de redenção!

"Que foi que eu fiz!" – pensou Kieran, na noite seguinte, ao despertar e depois de sentir sensações que nunca tivera. E agora a ninfa também entendia o significado de suas palavras e também o seu jeito reservado e brusco. Ele se arrependia de ter aberto irrefletidamente mão de sua sorte para salvar a vida

dela. Kieran devia odiá-la! Triste, ela decidiu de, no futuro, sair do seu caminho, para não tornar a sua tarefa ainda mais difícil.

Capítulo 8

Kieran não teve muito tempo para se arrepender de sua atitude impensada e do tom de voz duro que havia usado com Nuriya. Mal ela tinha ido embora, Órla surgiu ao seu lado:

– Ela é a escolhida, não é?

– Você acha?

– Não dá para senti-la – e o olhou de forma inquisidora.

– Você é a especialista em questões de fadas! – resmungou ele. Mas Kieran lembrou-se de seus modos e acrescentou mais amistoso – Você tem razão. E seria realmente bom se sua alma gêmea fosse encontrada logo. Ela desperta ambições perigosas.

Com isso, ele se despediu e deixou o Hellfire.

Ele devia ser castigado. O risco de aparecer com Nuriya naquele lugar havia sido grande – e que proveito trouxe? Nenhum. O papel de Órla naquele jogo era incerto; além disso, ele devia ter previsto que Senthil ficaria interessado na ninfa assim que a visse na companhia dos amigos de Kieran.

Ele se sentia nitidamente fora de forma. Um erro como o dessa noite nunca poderia ter lhe acontecido. Mas sempre que estava perto de Nuriya sua razão parecia parar de funcionar.

Ele já estava caminhando há um bom tempo pela cidade quando sentiu os vampiros perto dele. Parou e espreitou os ruídos da noite.

– Você não vai entregar ninguém ao vingador!

– Quem é que vai me impedir? Você?

Kieran ouviu a risada grave de uma mulher e escondeu-se na escuridão, não muito longe dos briguentos.

Ele viu cinco vampiros, todos completamente vestidos de preto. Seus rostos estavam envoltos em um pano parecido com um turbante, que deixava aparecer somente seus olhos brilhantes, sedentos por luta, na fraca luz que iluminava a rua. Kieran já sabia que alguns vampiros formaram um grupo de resistência denominado "sicários", conforme a palavra latina para faca – *sica*. Eles lutavam principalmente com punhais e outras lâminas afiadas, exatamente como seus antepassados.

Na frente deles, encontrava-se uma lutadora de pele escura. Kieran conhecia a mulher e presumiu que ela estava do lado dos sicários. Tesfaya não gostava da paz entre os mundos da luz e das trevas, e ficaria feliz se os vampiros recebessem de volta o seu poder. A revolta da lutadora brilhante era causada por seu ódio contra um elfo que a manteve presa como escrava por vários séculos, antes que finalmente conseguisse fugir com a ajuda de um salvador desconhecido.

– O mestre de vocês enviou seus cachorrinhos de estimação para buscar a ovelha negra? – provocou, saltitando em volta de seus adversários.

– Bruxa maldita!

Com essas palavras, o líder se atirou sobre ela. A mulher parecia estar somente esperando por isto. Sorrindo, pegou o seu braço, e com um giro o lançou sobre seu ombro esquerdo, inclinando-se sobre o espantado lutador. Na sua mão apareceu um punhal brilhante, que ela rapidamente enterrou em seu coração.

Ela rodopiou, desviando-se habilmente de dois outros agressores, fazendo com que os homens se chocassem e caíssem.

Como sempre, Kieran estava fascinado com a beleza macabra de uma luta mortal.

Tranquila, Tesfaya virou-se para o próximo atacante, dobrou levemente os joelhos para tomar impulso para cima e atingir o peito dele primeiramente com o seu pé, e depois com a arma fatal.

O quinto vampiro aproximou-se pelas suas costas. Tesfaya deu um salto para trás, virou rapidamente e arremessou uma faca, retirada de sua manga, atingindo com precisão fatal o alvo.

Os vampiros caídos haviam se recuperado. Com um grande salto, ela escapou por um triz do ataque deles, quando mais cinco sicários surgiram prontos para a luta.

Kieran achou que era hora de interferir e, sorrindo, cortou o caminho dos recém-chegados. Todos hesitaram surpresos por um breve momento. Tempo suficiente para o vingador rodopiar e decapitar três deles com sua espada.

Com raiva, o quarto vampiro sacou uma estrela ninja – certamente envenenada – e a lançou sobre Kieran. Ele apanhou a arma no ar e a atirou habilmente de volta, rápido demais para que seu adversário pudesse desviar a tempo. Gemendo, este caiu ao chão.

Com um movimento de braço, Kieran lançou sem dificuldade o último atacante para longe. O pobre vampiro aterrissou nas pontas de ferro de uma cerca e não se mexeu mais.

Satisfeito, Kieran olhou em volta e fez a arma em sua mão desaparecer inexplicavelmente. Normalmente ele evitava usar sua magia quando lutava, pois valorizava uma disputa de igual para igual e, além disto, não gostava de revelar demais seus dons. Mas ele observou como a amazona também conseguira neutralizar seus adversários e queria evitar que ela lhe escapasse. O vingador tinha algumas perguntas e parecia que ela conhecia as respostas.

– Tesfaya!

A lutadora rodopiou pronta para o ataque, o reconheceu e sorriu.

– Olá, vingador, por acaso lhe devo alguma coisa? – disse, continuando na defensiva, como se esperasse que Kieran também fosse atacá-la a qualquer instante.

– Relaxe! Eu não quero nada de você. Quer dizer... – Kieran piscou para ela – De alguma forma tive a impressão que, de certo modo, você estava à minha procura.

– Não estava!

Agora Kieran sorria:

– Eu ouvi bem o que esse pobre coitado falou. O que você não deve me revelar? – indagou, empurrando o vampiro à sua frente com a ponta do sapato.

– Você ficou olhando o tempo todo e não me ajudou? – Tesfaya se fez de indignada. Depois riu – Kieran, você sabe como tratar as mulheres! Pois bem, eu vou lhe contar, mas não aqui. Venha!

Dizendo isso, quis entrar no mundo intermediário. Kieran a segurou pelo braço:

– O que você pretende fazer com eles? – apontava para os vampiros largados no chão.

Tesfaya olhou interrogativamente para ele.

Kieran ergueu os ombros e assumiu um olhar inofensivo.

– Eles queriam me matar, não queriam?

– Era a impressão que davam.

– Então eu tenho o direito de revidar? – perguntou cuidadosamente e estendeu a mão para apanhar seu punhal. Não havia dúvidas de que ela pretendia retirar os corações dos adversários mortos antes que eles se recuperassem e pudessem fugir. Um método muito usado no círculo dos vampiros para se livrar de companheiros indesejáveis. Ninguém era realmente imortal e, uma vez sem o coração, nem mesmo o corpo de um vampiro podia se regenerar rápido o suficiente para protegê-lo a tempo do poder fatal do dia vindouro.

Kieran fez uma reverência elegante.

– Olho por olho...! Será um prazer para mim! – Ele estalou os dedos e os vultos inertes a seus pés se incendiaram, até que o vento que Kieran chamou levou os últimos restos de cinzas.

A seguir devolveu-lhe a faca de arremesso, ainda suja com um pouco de sangue.

– Como você fez isto? – perguntou Tesfaya com olhos bem abertos e limpou a arma com sua manga antes de deixá-la sumir dentro dela.

– Um trato. Você guarda meus segredos e eu também não revelo os seus! – Ele colocou sua mão sobre os ombros dela e, antes que ela pudesse responder, a amazona estava na casa dele.

Os dois vampiros não disseram nada enquanto Kieran buscava uma embalagem de sangue na geladeira e lhe indicava o micro-ondas.

– Obrigada. Vou tomá-lo assim.

Tesfaya apanhou a embalagem com jeito, rasgou a ponta e tomou um gole. Sua voz não parecia muito firme quando disse:

– Não quero saber nada sobre você. O que eu vi basta por enquanto, vingador!

Ela nunca tivera contato com uma magia como a dele sendo usada com tanta facilidade, e quando viu Kieran deitado nos travesseiros, parecendo relaxado, temeu-o mais do que nunca.

Teve um arrepio ao lembrar-se de sua faca. Ela simplesmente havia saído do corpo de sua vítima e aparecido na mão de Kieran! Será que ele neutralizaria uma testemunha de seu poder? A vampira não desejava nada mais além de sumir imediatamente.

Esqueça!

Kieran parecia se divertir e Tesfaya precisou constatar chocada que não conseguia se mover nem desaparecer no mundo intermediário.

– Sente-se e me conte o que lhe oprime!

– Nada!

Ela bem que gostaria de sentar-se, mas não conseguiu por sentir-se como se estivesse colada ao chão. Sentiu, então, um formigamento desagradável e não ousou olhar para baixo, receando descobrir quais eram os monstros que lhe subiam pelas pernas.

Kieran ergueu interrogativamente uma sobrancelha e tocou bem de leve em seus pensamentos, mas o toque a queimava como fogo e fez lágrimas brotarem em seus olhos.

– E então?

– Tudo bem, eu vou lhe contar – disse por fim, rangendo os dentes. Imediatamente a dor cedeu. Mas ela continuava sentindo nitidamente a ameaça pairando sobre ela.

– Os sicários querem impedir o pacto de Vênus e desencadear uma guerra entre nós e as fadas.

– Isto não é novidade! – disse Kieran secamente. – Quem está por trás desses ataques?

– Não faço ideia. Eles não confiam mais em mim porque não aprovo os seus métodos. Além disso, passei a acreditar que é necessário um balanço entre luz e trevas para manter a Terra em equilíbrio. Os mortais são destrutivos o suficiente para mandar a todos nós para o inferno, se não tomarmos cuidado.

O vingador parecia cético, mas ficou em silêncio.

– *Mon dieu*, Kieran! Posso não ser um elfo negro com uma tradição milenar, pois fui criada, e não nascida, mas posso pensar e, acredite-me, passei muito tempo fazendo isso nos últimos séculos!

Ao ouvir a expressão "elfo negro", Kieran tremeu por dentro. Como todo vampiro nato, ele também não gostava quando alguém mencionasse seu parentesco com os elfos da luz ou com as fadas. Era muito grande a desconfiança que reinava há milênios entre os dois povos.

– Você só tem a ganhar se me disser a verdade. – Ele deu um passo na sua direção, e calafrios gelados desciam pelas suas costas quando ela olhou em seu rosto sério. A embalagem quase caiu de suas mãos trêmulas. Cuidadosamente, ela colocou o saco plástico vazio sobre a mesa.

– Tesfaya, eu preciso saber quem é o cabeça do complô!

Ela enterrou o rosto em suas mãos e silenciou. Pacientemente Kieran olhava seus dedos finos da cor de ébano e esperava. Cedo ou tarde, todos haviam lhe contado aquilo que desejava saber. Não havia razão para usar violência. Isso não era digno dele e além do mais criava inimigos desnecessários. Ele não poderia deixar Tesfaya continuar vivendo depois disso. Mas Kieran só matava quando não via alternativa.

Por fim ela olhou para cima e disse:

– Anvea.

Kieran suspirou.

Anvea era uma fada de guerra com sede de sangue, que às vezes parecia se cansar de ficar sentada com seus colegas em algum lugar no mundo intermediário à espera de que os mortais se lembrassem dela. Sempre que se entediava, retornava. Isso podia ser devido ao seu caráter, pois era conhecida como mãe da briga e da discórdia.

– E o que ela planeja desta vez? – resmungou ele.

– Não sei. Você sabe tão bem quanto eu que ela não precisa de motivos para causar uma desgraça.

– O que você sabe?

– Não muita coisa. Parece que ela prometeu algo a Senthil, caso ele conseguisse manter a escolhida prisioneira até a passagem de Vênus, evitando assim, o pacto.

Senthil. Um calafrio desagradável desceu pelas costas de Kieran e seus dedos repuxavam. Ele tinha vontade de arrancar de dentro de Tesfaya as palavras que ela soltava aos poucos em voz baixa.

– É para ele matar a escolhida?

– Nunca se falou nisso, mas tenho certeza de que ele também tem seus próprios planos. Senthil encontrou há algum tempo anotações sobre ritos mágicos, elixires e fórmulas mágicas, e desde então treina esses rituais negros. Não faço ideia do que ele planeja!

Kieran sorriu maldosamente:

– Poder. Alguém como Senthil não quer nada mais além de poder e influência!

– Juro que se eu o soubesse, eu lhe diria!

Kieran faria tudo para salvar Nuriya. Por isso ele foi contra o seu código de honra e penetrou na mente de Tesfaya, seguiu a trilha sinuosa de suas lembranças até ter certeza de que ela falava a verdade e que não havia omitido nada. O que ele viu também despertou sua compaixão para com a desterrada, e por isso lhe ofereceu um de seus quartos de hóspedes subterrâneos.

Nos últimos tempos, sua casa estava quase se tornado um hotel. Sua governanta provavelmente iria pedir uma ajudante em breve, caso continuasse assim. Apesar de ela raramente precisar cozinhar para seus hóspedes, considerou Kieran, divertindo-se a despeito de seu humor infernal.

– Aqui você estará segura, desde que você se atenha às regras!

Tesfaya odiava receber ordens. Foi isso que fez com que ela começasse a questionar as ideias de Senthil e seus guerreiros da resistência. Apesar disso, ela não se opôs a Kieran, afinal sabia muito bem que do lado de fora os capangas de Senthil esperavam por ela. E o vingador não tinha mais motivos para deixá-la viver depois que havia lhe contado tudo o que ele queria saber.

Ergueu-se cansada.

– Obrigada, Kieran. Você é bem simpático... para um vampiro nato! – acrescentou sorrindo levemente.

Nuriya não conseguia dormir. Mesmo durante seus exercícios de meditação, as palavras que havia escutado não saíam de sua cabeça. Ela não podia continuar impondo sua presença indesejável a Kieran, e precisava libertar-se o quanto antes.

A caça aos mortais não lhe dava prazer, mas precisava admitir que era necessário aprimorar sua técnica. Nem sempre ela poderia fazer uso de embalagens de sangue, bem menos nojentas. Decidiu treinar a caça ainda naquela noite. Assim como uma vampira habilidosa, desejava saber como atordoar suas vítimas, beber uma pequena quantidade de sangue e depois – se necessário – só deixar nelas a lembrança agradável de um encontro erótico. Já que ela saqueava as pessoas, não havia razão para não fazê-lo da forma mais agradável possível.

Silenciosamente esgueirou-se da casa. O feitiço que Ninsun havia colocado sobre ela ainda parecia agir, pois seus protetores vampiros não notaram o seu sumiço.

Enquanto passeava pelas ruas à procura de uma vítima adequada, mantinha-se escondida nas sombras, fora do alcance da iluminação das ruas ou de reclames luminosos.

Mas não era tão fácil encontrar alguém. Os transeuntes normalmente passavam em pequenos grupos de dois ou mais, como se adivinhassem que hoje um perigo especial os aguardava. Numa ocasião Nuriya pensou ter encontrado sua vítima, mas no último instante um homem entrou no parque levando seu cachorro para o último passeio da noite.

Desanimada, recuou e estava prestes a desistir de seu intento quando percebeu ruídos muito estranhos nas proximidades. Curiosa, aproximou-se e, com a ajuda de sua visão noturna extraordinária, pôde observar de seu esconderijo uma luta fantástica atrás de alguns latões de lixo.

Uma vampira de pele escura, extremamente ágil, lutava sozinha contra uma meia dúzia de homens vestidos de preto. Parecia que de cada poro dos lutadores emanava magia como um pó brilhante que envolvia a cena em uma luz irreal.

De repente, Nuriya sentiu novamente aquela vontade ridícula de espirrar. Tapou o nariz com esforço para não se delatar por causa de um ruído imprevisto. Ela começara a suspeitar que sua reação estranha era desencadeada por Kieran, mas provavelmente devia ter desenvolvido alguma alergia à magia vampiresca. *Que ótimo! Nuriya, a espirradora. Meus adversários vão se matar de rir antes que eu possa liquidá-los com minha magia negra*, pensou, enervada, e voltou novamente sua atenção para os combatentes.

A amazona parecia estar certa de conseguir vencer a disputa. Nuriya admirava o seu estilo de luta e decidiu voltar a treinar o quanto antes.

Então apareceram novos atacantes como se viessem do nada. Quando outro homem surgiu das sombras, segurou nervosa a respiração. Também estava vestido de preto, mas só pela sua postura já se diferenciava dos demais. Era como se carregasse a palavra "arrogância" tatuada na testa. Nuriya o reconheceu imediatamente: Kieran.

Ela nunca o havia visto assim.

Kieran não era pequeno. Mesmo assim lutava com leveza e agilidade, como se seguisse uma coreografia secreta, feito um dançarino. Seus movimentos eram pensados e vigorosos, o corpo arqueado como uma pena. Não é de se estranhar que em poucos instantes ele dominou os adversários.

Dirigiu-se então à amazona. Apesar de Nuriya esforçar-se para escutar o que estavam falando, não conseguia entendê-los. Também não era preciso, pois era visível que os dois se conheciam bem. A voz grave de Kieran chegava até ela e fazia com que ondas quentes de paixão percorressem pela sua pele. Mas sua risada não era para ela; era destinada à estranha que estava com ele e que nesse instante colocava de forma familiar sua mão sobre o seu braço. Nuriya fugiu silenciosamente na noite.

Chegando a um bairro mais tranquilo da cidade, Nuriya encostou-se em um muro áspero e gozou a sensação dos tijolos frios nas suas costas. Então era isso que Kieran fazia quando não estava com ela. Salvar beldades de pernas esguias que pareciam plenamente em condições de se protegerem sozinhas.

E ela, por sua vez, representava apenas um peso para ele. O que era ela, senão uma fada pequena e roliça cuja vida ele salvara por compaixão e que agora estaria para sempre entre ele e a sua felicidade? Nem mesmo caçar sozinha ela sabia!

E ainda por cima agora com os olhos inchados pelo choro! Nuriya procurava nervosa por um lenço quando percebeu o bater de um coração bem próximo a ela. Assustada, parou por um instante e espreitou.

Ouviam-se claramente os passos de alguém que voltava tarde da noite para casa.

Rapidamente entrou pelo portão à sua esquerda e no fim da rua viu um jovem rapaz virar a esquina e vir diretamente em sua direção. Essa era sua chance!

Nuriya caminhou em sua direção com um jogo insinuante de quadris. Quando estava a apenas alguns metros de distância, olhou fundo em seus olhos.

O homem tinha quase trinta anos e uma aparência bastante simpática. Ela se perguntava se realmente deveria beber o sangue dele, mas depois concluiu que ele certamente era mais limpo do que o assassino que Kieran havia escolhido para ela como sua primeira vítima.

Nuriya apertou os olhos com raiva. Não preciso de Kieran!

Nesse intervalo o homem já estava a uma distância de apenas um braço, e ela pediu:

– Venha até mim!

Imediatamente ele parou e olhou confuso para ela. Talvez sua ordem tivesse sido um pouco ríspida. Com um gesto impaciente limpou seus olhos molhados, esforçou-se em assumir um sorriso sedutor e atraiu com voz rouca:

– Venha!

O homem obedeceu.

A vampira estendeu as mãos em sua direção e passou seus dedos frios no rosto dele. Os tocos da barba que nascia arranhavam sua mão delicada, o que a fez lembrar-se das carícias de Kieran.

Esse pensamente excitou Nuriya, e o aroma do sangue pulsando fez com que ela esquecesse tudo à sua volta. Com um grunhido, pôs-se na frente do homem e colocou a mão na nuca da vítima, para abaixá-lo até ela.

O turbilhão da sede de sangue envolveu-a, e Nuriya enterrou seus dentes profundamente no seu pescoço. Agora só lhe interessavam o líquido quente molhar-lhe a língua e a respiração forte do homem em seus braços. Puxou-o mais para perto, ao que ele respondeu com um gemido, antes de passar a mão pela sua cintura e com a outra acariciar delicadamente o seu cabelo. Uma boa escolha. Ele cheirava um pouco a fumaça e vinho. Sua irradiação masculina era intensa e muito tentadora, e agora se somava ainda ao odor do desejo sexual. Pressionada bem junto ao homem, podia sentir nitidamente sua ereção.

Mas havia bebido o suficiente e seu pulso já começava a ficar mais lento. Decepcionada, ela o soltou, lambeu mais uma vez afetuosamente as pequenas marcas que seus dentes haviam deixado no seu pescoço, e com um pouco de pesar passou sua mão no seu rosto. Suavemente roçou seus pensamentos, e depois de ter se certificado de que ele não se lembraria de nada, Nuriya dispensou o jovem homem na noite.

Com tristeza, observava como sua vítima seguia com passos incertos o seu caminho de casa, para seu mundo normal e tranquilo, como se nada houvesse acontecido. Nesse instante percebeu que este não era mais o seu mundo. Mas de qualquer forma sua caçada de hoje havia sido um sucesso, e ela estava pronta para um futuro sem seu poderoso protetor.

Quando finalmente se virou para ir embora, um estranho estava diante dela e bloqueava o seu caminho. O susto a fez ficar imóvel e seus pensamentos pararam. O olhar de Nuriya subiu como que hipnotizada pela longa fileira de botões de um casaco de couro e, por fim, ela olhava no rosto mais excitante que já havia visto.

Não havia dúvidas de que Kieran era atraente, e a visão dele sempre causava uma revolução entre as borboletas que atualmente passaram a morar em seu ventre, mas aqui estava um anjo.

Um anjo escuro das trevas, sem dúvidas. Os mensageiros celestiais que ela conhecia eram totalmente diferentes. Eram bochechudos, com olhos azuis e pele rosada e naturalmente tinham de ter asas com penas brancas.

Esse anjo não tinha nada disto. Seu cabelo brilhava como ébano e a pele parecia fria como o mais fino mármore. Mas o rosto de feições nobres parecia deformado por cicatrizes. Somente depois de um olhar mais prolongado, Nuriya reconheceu o padrão complicado de um desenho que parecia vivo e que, quanto mais olhava, mais a fascinava. Nada de afetuoso emanava daquele homem diante dela, mesmo assim ela não sentia medo.

– Você aprendeu muita coisa nesse pouco tempo, Nuriya!

Irritada, olhou para ele.

– De onde você sabe o meu nome?

Em vez de responder-lhe, colocou a mão sobre os seus ombros e disse:

– É hora de você aceitar o seu destino.

– Porque todos falam que eu devo aceitar um destino do qual eu nada sei?

Com raiva, Nuriya se desvencilhou de sua mão e deu um passo para trás.

– Diabos, qual é o meu destino?

Parecia que um tremor passava pelo corpo dele e um instante depois Nuriya descobriu admirada que ele ria. Sua voz grave a levou como uma onda gigantesca.

– Como pude deixar de ver isso? As mulheres da sua geração não querem mais obedecer, elas querem ser convencidas. Pois bem, se você vier comigo, eu lhe mostrarei o que as deusas do destino planejaram para você.

Nuriya não tinha vontade de conhecer as ideias malucas de qualquer deusa.

– Em nenhuma época as mulheres queriam obedecer cegamente! – murmurou. Ela não acreditava no destino, somente na força da própria vontade. Certamente ela não havia demonstrado isso nos últimos anos, e provavelmente era bem feito para ela se agora outros tentavam determinar sua vida: primeiro Kieran, depois aquele repugnante Senthil, e agora esse aqui!

Mas ela não tornaria o trabalho deles tão fácil. *Minha transformação não se resumiu apenas a uma mudança de alimentação*, refletiu. Toda a sua personalidade havia sido envolvida. De repente ficou-lhe claro que havia mudado muito nos últimos dias.

Sentia-se mais autoconfiante e achava muito agradável a lembrança dos olhares de aprovação dos homens no clube. Ao que tudo indica, sua vítima de hoje havia apreciado o encontro e achado ela desejável. E o que havia de mal se houvesse um pouco de magia na jogada? Era a sua magia que envolvia seu corpo como infinitas chamas, sempre prontas a desencadear um incêndio.

Nuriya sorriu e estendeu a mão para o estranho. Anjo ou não, ela estaria atenta.

– Confiarei em você, por enquanto!

– Não sou um anjo!

Aparentemente ele havia lido os seus pensamentos.

Nuriya franziu o rosto:

– Quem é você?

Sin.

– Sin... como pecado?

Ela achou que o nome combinava bem com ele.

– Eu a conheço desde o seu nascimento neste mundo, pequena fada! Ninsun pode confirmar isso.

Ele conhecia o seu espírito protetor?

Ninsun?

Sin me pediu para vigiar você. Uma tarefa não muito fácil ultimamente, se posso me permitir a observação. Ninsun parecia feliz, como se lhe agradasse o novo caminho que Nuriya trilhava.

Lamento...

Não precisa se lamentar, querida! Eu sempre gostei de estar ao seu lado!

Isto quer dizer que você vai me deixar? – perguntou Nuriya amedrontada.

Só se você quiser!

Nunca!

Sin colocou uma mão sobre o ombro de Nuriya:

– Lamento interromper esta conversa tão agradável. Infelizmente eu preciso ir. Continuaremos nossa conversa mais tarde.

– Isto é apenas uma desculpa para não me dizer a verdade – protestou Nuriya.

Sin riu amargurado:

– Eu gostaria que fosse assim tão simples! Vou levá-la para casa agora. Prometa que nunca mais vai fugir sozinha! Você tem inimigos poderosos, e do seu futuro depende mais do que apenas o seu bem-estar!

Com essas palavras, ele descreveu um círculo com sua mão e Nuriya estava novamente na sua casa.

Eu voltarei! – ecoou a voz dele na sua mente, e ela não sabia se isso era uma promessa ou uma ameaça. *Até lá obedeça às instruções de Kieran!*

Nuriya calou-se em sinal de rebeldia. Ela não queria ter mais contato com o vingador do que ele aparentemente com ela.

Prometa!

– Sim, droga, eu prometo! – exclamou por fim com raiva, enquanto olhava diretamente no rosto assustado de sua irmã.

Ótimo. Quando for chegada a hora você saberá o que fazer!

– Céus, Nuriya! Onde você se meteu? Procuramos você por toda parte!

Angelina aproximou-se um passo e a cheirou.

– Ela esteve caçando! – a voz da vampira era de censura.

– Como podemos protegê-la se você faz o que bem quer?

Nuriya rolou os olhos.

– Minha mãe não conseguiria ter sido mais galinha choca do que um bando de vampiros! Eu me saí muito bem sozinha. Mas não se preocupem, serei comportada e obediente daqui para frente. Sin me fez prometer isso!

Donates parou no meio do movimento:

– A quem você prometeu?

Curiosa, olhava para os rostos assombrados à sua volta. Nuriya notou que sua irmã não sabia de quem se estava falando. Os vampiros, pelo contrário, pareciam impressionados com sua declaração.

– O que aconteceu? – Donates agora estava bem perto dela e Nuriya teve uma noção do poder e da magia que este vampiro possuía. O medo descia por suas costas e parecia paralisar suas pernas, que queriam fugir. Até agora o seu sorriso juvenil e a forma carinhosa com que tratava Angelina fizeram ela acreditar que ele era um tipo mais maleável, até mesmo inofensivo, em comparação com Kieran. Agora seus olhos azuis de aço estavam fixos nela, até que começou a tremer descontroladamente pelo corpo todo, e cada pensamento paralisava em sua mente devido à dor alucinante.

– Donates, pare imediatamente com isto! – a voz normalmente amistosa de Angelina tinha um som estridente, e ela ergueu a mão como se com este gesto quisesse por um fim à ação do vampiro furioso.

Para alívio de Nuriya, ela realmente o conseguiu depois de alguns segundos intermináveis de espera. Livre do seu olhar, sucumbiu sem forças e começou a chorar baixinho.

Donates passou a mão por seus longos cabelos.

– Ela precisa entender urgentemente que isto aqui não é uma brincadeira!

Selena, que até agora acompanhava muda a cena que se desenrolava à sua frente, interferiu.

– Como podemos entender o que está acontecendo se ninguém nos diz a verdade? – perguntou indignada.

Carinhosamente ajudou sua irmã a se erguer e a guiou até uma poltrona. Selena sentou-se no encosto e acariciou as costas de Nuriya para acalmá-la.

Os demais também se sentaram. Só Erik permaneceu em pé perto de Selena. Sua fada amada o enchia com grande orgulho. Ela não tinha consciência de quanta coragem era necessária para falar dessa maneira com um vampiro poderoso. Possuía a coragem de uma filha soberana do reino da luz, e a cada dia aprendia a confiar mais em seus instintos.

Donates pigarreou e notava-se o seu esforço para falar em tom conciliador quando perguntou:

– Então você encontrou Sin?

Nuriya disse que sim com a cabeça, procurou por um lenço e secou seus olhos. Manchas vermelhas de sangue molharam o tecido. Por um tempo não conseguiu desviar o olhar delas. Depois se controlou e contou hesitante como havia se esgueirado da casa para provar a si mesma e a todos os outros que não precisava de Kieran. Omitiu a parte em que o tinha visto. Com voz baixa, a jovem vampira relatou sobre sua primeira caçada. Somente quando terminou, ergueu o olhar e, por um momento, acreditou ver reconhecimento nos olhos de Donates.

– E depois? – perguntou com voz imparcial.

Não é nem um pingo melhor do que Kieran! – pensou Nuriya infeliz, e revirava o lenço na mão como normalmente só Selena fazia. Obediente, relatou como Sin surgira e lhe contara que a conhecia desde o seu nascimento. Nuriya não mencionou Ninsun, pois seria como se estivesse traindo uma velha amiga. Como recompensa sentiu um sopro quente e suave nas suas faces e percebeu como os seus músculos lentamente relaxavam.

– Ele queria me explicar o que está acontecendo comigo, mas parece que mudou de ideia e, de repente, eu estava aqui entre vocês! – encerrou a história.

Donates escolheu cuidadosamente as palavras:

– Você precisa saber que praticamente nenhum de nós encontrou Sin. Alguns acham que sua existência não passa de lenda, outros o consideram um demônio. Uma coisa é certa. Não importa o que você tenha lhe prometido, é bom você cumprir a promessa!

Nuriya olhou para Donates com os olhos arregalados:

– Podemos enxergar pelo lado positivo – objetou Angelina. – Se ela está sob sua proteção pessoal, será tremendamente difícil causar-lhe algum mal.

– Ou então ela precisa urgentemente desta proteção! – ponderou Erik.

– Muito bem – resmungou Donates – a princípio isso seria tarefa de Kieran, mas vou lhe contar o que sei. Mas isto não é nem de longe tudo, pois nós – apontou para Angelina – entramos nesta história por acaso.

Depois de lhe contar sobre a história do tratado de paz entre o reino das fadas e os vampiros, Nuriya ficou calada por um bom tempo.

– Mas isso não pode ser tudo – disse por fim. – Não quero dizer agora sobre o quão arcaica eu acho a ideia de simplesmente alguém ser escolhida, incondicionalmente, para realizar um ritual com uma suposta alma gêmea que unirá os dois eternamente, e aqui eu quero dizer "eternamente" no sentido literal! Sem falar da ideia absurda que supostamente eu sou essa infeliz escolhida! Mas quem é a minha "alma gêmea"?

Silêncio desconcertante.

– O que há? Vocês sabem!

– Nós acreditamos que Kieran é sua alma gêmea.

Nuriya soltou uma risada estridente:

– Kieran...? Não percebem que ele me odeia? Não foi falado agora há pouco sobre uma "força de atração irresistível" e de "amor à primeira vista"? Isso parece piada! Sei que foi Kieran que me salvou depois do assalto, mas desde o princípio ele se sentiu infeliz com esta decisão.

Enquanto falava, parecia estrangular o lenço que segurava. Nuriya precisou rir contra sua vontade ao pensar nisso, mas sua voz mostrou-se amarga quando disse:

– Porque ele simplesmente não me deixou morrer? Aí fora existem milhares que amariam participar deste teatro se o prêmio fosse um petisco tão saboroso quanto Kieran. Ele não sente absolutamente nada por mim, e eu... – soluçou – eu o odeio!

Ninguém argumentou. Como é que poderiam explicar o que se passava com Kieran; parecia que ele mesmo não sabia.

E com esse silêncio confirmaram-se os temores de Nuriya: o homem com quem passaria o resto da eternidade, de acordo com seus amigos, a detestava.

– Pessoal, tenho más notícias! – disse Nik, materializou-se na sala. – Andei investigando e descobri o vampiro que presenciou o ataque às ninfas. Até que é um sujeito bem bacana.

Lembrou-se satisfeito de como fora fácil convencer Paul a lhe contar tudo, depois dele neutralizar o feitiço do esquecimento de Angelina. Também não havia razão para penalizar o pobre coitado, pois nem mesmo tinha participado diretamente do ataque. Por fim, admitiu ter ficado feliz por sua vergonhosa covardia, quando mais tarde observou a distância como os três vampiros mataram sem esforço os seus comparsas, como se fossem insetos incômodos, para em seguida queimá-los até as cinzas. Ele assegurou que não queria morrer novamente.

– Ele acha que foi um vampiro poderoso que deu a ordem de sequestro. Seu ajudante mandou apenas um bando de rua relativamente inofensivo cumprir a missão porque seu chefe achou que vocês fossem mortais comuns quando observou Nuriya no bar dos *voyeurs* no Clube Hellfire. Com certeza ainda está se perguntando onde os sujeitos foram parar e não deve ter conseguido tirar muito de Paul. Sua mente estava totalmente caótica.

Nik olhou sorrindo para as irmãs.

– O que é que duas criaturas tão doces estavam procurando no bar, afinal? – Ele parecia não sentir o clima tenso na sala, mas aparentemente também não esperava resposta e continuou – O mandante agora sabe quem você é. O

cavalheirismo de Kieran já se espalhou. Além disso, parece que o chefe de segurança do Hellfire está envolvido no negócio junto com com o tal cara. Órla descobriu que ele escutava as conversas em seu escritório e as passava para a frente. Isso o bom sujeito não faz mais – acrescentou satisfeito. – Infelizmente não pôde ser convencido a revelar quem era o seu chefe. Penso que de alguma forma isso depõe a favor dele. Mas praticamente não existem dúvidas de que Senthil está por trás de tudo. Ele foi visto naquela noite, na mesma hora que vocês duas. No que diz respeito ao ataque às duas meninas, Órla encontra-se fora de suspeita. Mas ela pode ser tremendamente cruel. Ver uma língua azulada em uma cabeça decepada não é uma cena bonita, isto eu lhes garanto!

Um som de ânsia partiu de Nuriya. Ela segurou a mão na frente da boca e saiu correndo da sala, seguida por sua irmã.

– Desempenho fantástico! – resmungou Donates, e parecia desejar destino semelhante para Nik.

– Como assim, o que está acontecendo por aqui?

– Nós estávamos justamente tentando tirar da ninfa o medo de seu futuro. Nisso constatamos que ela sabe do papel de Kieran na sua transformação e está convencida de que ele a odeia por ter perdido sua liberdade por causa dela – falou Donates, frustrado.

– Ah! – Nik lembrou-se desconcertado da conversa que tivera com Erik naqueles aposentos. Será que Nuriya havia escutado? Olhou para o lobisomem, que ergueu somente uma sobrancelha e permaneceu em silêncio.

– Vocês têm algo a me dizer? – perguntou Donates de forma ríspida.

Erik começou a coçar atrás de sua orelha. Murmurou que iria dar uma olhada nas moças e desapareceu.

Nik prosseguiu apressadamente:

– Ainda não contei tudo. Órla manda dizer que espera por Nuriya amanhã à noite no clube para apresentá-la oficialmente como a escolhida. Falta pouco menos de uma semana para a passagem de Vênus, e até lá a ligação precisa estar estabelecida. Como é exatamente este ritual? – perguntou curioso.

– O pacto com o reino da luz só é renovado após ter ocorrido a troca de sangue entre a escolhida e o seu parceiro por três vezes. Na terceira vez a ninfa precisa ser a primeira a morder sua alma gêmea. Isso prova que ela está se unindo a ele por vontade própria.

– Isto é tudo?

Donates parecia desconfortável.

– Não exatamente. A terceira troca... – pigarreou – normalmente envolve atividades sexuais que não se dão em esfera tão privada como a maioria provavelmente o deseja.

– Ai santo Deus… Na frente de todos? – Nik parecia atônito. – Que constrangedor!

– Não, não na frente de todas as pessoas, mas você pode estar certo de que nessa cerimônia os principais representantes das fadas e dos vampiros estarão escondidos em algum lugar nas sombras para não perderem nada.

– Isto eu não sabia – falou Angelina chocada, e chegou mais perto de Donates, buscando proteção. – Eles também estavam nos observando?

Donates sorriu malicioso:

– E eu poderia jurar que a ideia lhe agradava. – Habilmente se desviou do cotovelo de Angelina e, com a mão, enviou-lhe um beijo. Ela riu.

Nik rolou os olhos. Definitivamente o assanhamento de seus irmãos de sangue às vezes lhe dava nos nervos.

– Não existe algum feitiço do amor ou coisa parecida? – perguntou.

– Nem pense nisto. Se a união não for por vontade própria, isso significa guerra! Já houve uma vez em que os parentes de uma ninfa contrataram um vingador para restaurar a honra de sua filha.

– Se Nuriya ouvir isso, esta ligação jamais de realizará – prognosticou Nik sombriamente.

Donates foi em sua direção de forma ameaçadora:

– Desta vez você tem razão, mas eu lhe previno: se ela souber disto por meio de você, vai se arrepender de algum dia ter nascido com uma língua!

Nik engoliu em seco. A ameaça de Donates era séria e dessa vez Angelina não veio em seu socorro. Ele apenas concordou com a cabeça e perguntou cautelosamente após uma pausa:

– Vocês não acham que Kieran deveria estar junto quando fôssemos ao clube?

– Vou cuidar para que ele não se esqueça de sua responsabilidade – resmungou Donates, e sumiu na noite junto com Angelina.

– Isto quer dizer que eu vou fazer o papel de cão de guarda – murmurou Nik. Na realidade, estava feliz por ter saído assim, ileso. Jamais poderia ter acontecido de uma vampira tão jovem ter escapado dele sem que ele percebesse. Mas não era fácil avaliar as forças de Nuriya. Afinal de contas, nem mesmo ela parecia saber muito a respeito.

Capítulo 9

Com desaprovação, Kieran observava como as botas do visitante deixavam marcas nítidas na estampa de seu tapete:

– Pelo amor de Deus, Sin, pare de ficar andando! Este é um tapete persa de oitocentos anos de idade!

– Alguém já lhe disse que este modelo nunca foi capaz de voar? Porque você não compra algo mais novo?

Kieran apenas rolou os olhos e o sorriso desapareceu do rosto de Sin:

– Você tem certeza de que Senthil e Anvea estão juntos neste negócio?

– Não tenho razões para duvidar das palavras de Tesfaya.

Sin inclinou sua cabeça e espreitou a noite:

– Nós vamos receber visitas!

Kieran retrucou:

– Dificilmente, a não ser que... Donates! O que traz você até mim?

O vampiro loiro apareceu do nada e se sacudiu como um gato que sem querer pisou em algo nojento.

– Kieran, você chama isso de convite? Seu feitiço protetor dá a sensação de que se está andando em chumbo fervente, para em seguida receber uma ducha de água gelada quando se entra na sua casa.

Uma risada sonora ecoou e uma voz grave disse:

– Esse vingador não se tornou obrigatoriamente conhecido por sua hospitalidade!

Donates virou-se e somente agora notava o segundo homem que vinha em sua direção. Os cabelos negros chegavam praticamente até uma mão abaixo da gola do casaco longo do estranho. Em volta do pescoço, ele usava um amuleto grande em forma de foice, preso em um cordão de couro, e o mesmo desenho Donates encontrou no brinco. À primeira vista, o sujeito podia ser classificado como um típico frequentador do Hellfire. O que o diferenciava nitidamente daqueles mortais, além da magia que o envolvia perigosamente depois que ele a deixou correr solta, era a sua tatuagem, que cobria o lado esquerdo do rosto do estranho com linhas finas, desde o maxilar até a testa, e parecia estar constante e misteriosamente em movimento, como se fosse um ser vivo. Somente após olhar pela segunda vez, Donates descobriu a luz prateada nos olhos interessados dirigidos a ele.

O estranho parecia ter saído de um filme de Hollywood, e era envolto por uma aura como Donates nunca havia sentido antes. Logo percebeu que essa magia era de um poder antiquíssimo.

– Você deve ser Donates. Já faz tempo que não encontro ninguém de sua família – constatou. – Como vai Sylvain?

Donates não tinha vontade de falar sobre o bem-estar do chefe de sua família, e permaneceu calado. Apesar disso, o homem estendeu sua mão para cumprimentá-lo, e Kieran pigarreou quando percebeu a hesitação compreensível de Donates.

– Este é Sin – apresentou o estranho e sua voz carregava uma advertência clara para Donates não recusar levianamente a amizade oferecida por seu convidado sombrio.

Donates sabia estar diante do misterioso protetor de todos os vingadores e apertou sua mão, preparado para tudo. Por isso admirou-se tanto ao sentir apenas um aperto de mão firme e frio, e não o esperado assalto de seus pensamentos e sentimentos.

Os olhos de Sin espelhavam compreensão quando disse:

– Deve ser algo importante que traz até aqui.

Donates lançou um olhar de interrogação para Kieran e, quando este acenou, disse:

– Parece que agora sabemos quem está por trás do ataque às ninfas.

– Quem? – perguntou Kieran olhando impaciente para Donates.

– Senthil, aparentemente se encontraram no Hellfire. – Donates preferiu omitir os detalhes do encontro, pois podia imaginar que Kieran não ficaria entusiasmado em saber que sua alma gêmea estava frequentando bares para *voyeurs*. De qualquer forma, as moças provavelmente foram lá por acaso ou entraram apenas por mera curiosidade.

Antes que os dois outros vampiros pudessem dizer alguma coisa, continuou:

– Parece que ele não percebeu quem tinha à sua frente.

– Não é de se admirar – observou Sin –, elas conseguem disfarçar admiravelmente seus poderes mágicos.

Kieran lhe lançou um olhar inquisidor. O que Sin sabia sobre as irmãs? Mas por aquele momento deixou o assunto quieto, enquanto Donates pressupunha:

– Provavelmente Senthil queria apenas divertir-se um pouco depois que as duas lhe deram um belo fora. Todos sabem que ele odeia ser rejeitado por uma mulher bonita.

Kieran soltou um grunhido que não tinha nada de humano, e o pobre mensageiro acrescentou apressadamente:

– Aparentemente existem motivos diferentes para esses ataques.

As unhas de Kieran se encravavam fundo na palma de suas mãos e ele parecia não notar que o sangue já pingava no chão.

Sin lhe lançou um olhar preocupado:

– Talvez vários motivos, mas apenas um suspeito: Senthil!

– Lamento, mas ainda não é tudo!

Donates então contou sobre os planos de Órla para apresentar, na próxima noite, a escolhida no clube. Kieran ficou pálido e deixou-se cair na poltrona ao seu lado.

Sin pigarreou:

– Kieran, você não deveria deixá-la sozinha amanhã.

– Nuriya não faz questão da minha presença. Isso ela deixou bem claro.

O vampiro deu uma risada amarga.

– Eu fracassei. Até agora não consegui conquistar sua confiança, e ela nunca me aceitará como parceiro para a cerimônia. Não somos predestinados um para o outro!

Sin assustou-se em ver a reação forte de seu protegido. Será que os sentimentos de culpa absurdos, que ele tinha por sentir-se responsável pela morte de sua primeira mulher, ainda o atormentavam?

Com cuidado perguntou:

– Porque ela o evita?

– Penso que é óbvio – respondeu Kieran – eu liguei para sempre a ninfa secular a mim, tirei-lhe a chance de achar sua verdadeira alma gêmea e ela me odeia por isso.

Surpreso, Donates olhava para ele. Até agora ele havia considerado o comportamento de Kieran como uma estratégia, mesmo que duvidosa, para manter Nuriya a salvo das atenções de outros vampiros, e assim dar-lhe a chance de se familiarizar com sua nova vida.

Devido aos acontecimentos dos últimos dias, o guerreiro misterioso, e professor paciente, havia se tornado seu amigo, mas às vezes Donates simplesmente não conseguia compreender os seus pensamentos. Ele estava prestes a explicar o que Nuriya efetivamente sentia por ele quando Sin telepaticamente alertou:

Não lhe diga nada! Ele precisa senti-lo por si. Se os dois não se encontrarem por convicção própria, o pacto não durará.

Então você também acha que eles são almas gêmeas?

Eu sei que são!

A risada de Sin ainda ecoou na mente de Donates por um tempo, mesmo depois de chegar à casa das ninfas.

Senthil levantou-se e deu a volta em sua escrivaninha de mogno antigo.

– Demoraram. Vocês a pegaram?

O vampiro à sua frente caiu de joelhos, inclinou a cabeça em sinal de reverência para depois erguer o olhar para o seu mandante.

– Lamento, general. Tesfaya escapou!

Com um movimento impaciente de mão, Senthil ordenou que ele se erguesse:

– Como isso aconteceu?

– Ela não estava só... O vingador...

– Prejuízos?

– Dez de nossos melhores soldados, general.

– Dez... – repetiu o mandante com voz baixa, parecendo falar sozinho, e virou o rosto como se sentisse dor. O oficial ousou respirar aliviado, quando Senthil de repente o pegou pelo pescoço e o ergueu até que seus pés não tocassem mais o chão.

– Uma amazona e um único vingador – e vocês não conseguem dar conta! Sabe o que fazemos há séculos com fracassados como você no meu país?

O oficial gemeu quando gritos de criaturas torturadas inundaram sua mente. Por fim implorou por misericórdia.

Enojado, Senthil o lançou longe. Com um grito, o homem bateu na parede revestida de madeira, escorregou por ela e ficou deitado, atordoado.

– Você tem sorte, o destino está a nosso favor, e por isto lhe darei uma última chance para consertar o seu erro.

Deu-lhe instruções claras e dispensou seu oficial com a advertência de não falhar mais.

No começo Senthil só se interessara por Nuriya por razões eróticas. Um bom gole de sangue fresco e um pouco de diversão na cama era tudo o que desejava dela. A moça era bonita o suficiente para lhe agradar, e seu interesse voyeurístico no joguinho sadomasoquista sangrento nas catacumbas do Hellfire havia sido promissor. Ele havia sentido claramente o cheiro de sua excitação. Ele jamais teria imaginado que ela era mais do que uma mortal comum.

Um mensageiro tinha acabado de trazer-lhe a novidade.

Convencer o chefe da segurança do clube da ideia de independência dos vampiros havia sido rápido e fácil, mas o sujeito a princípio resistira bastante à ideia de espionar sua patroa. Mas como todo mundo, ele também tinha o seu preço, imaginou Senthil. E nesse caso não era uma questão de poder, mas sim uma tentativa de proteger a amada: a moça havia sido transformada contra as ordens de Órla, e mais tarde ele teve medo das consequências.

Pena que sua traição havia sido descoberta tão rapidamente. Órla com certeza fervia de raiva, e talvez imaginasse quem poderia estar por trás daquilo. Aparentemente o seu espião não havia dado com a língua nos dentes, caso contrário ela já estaria há tempos no encalço de Senthil. De qualquer forma, era bom ele sair de seu caminho por algum tempo. Generosamente, Senthil decidiu oferecer um emprego nos sicários para a namorada do chefe da segurança, pois a gratidão formava os mais fieis seguidores – e as mais submissas companheiras de cama.

As deusas do destino estavam a seu favor. Sorriu satisfeito. A pequena ruiva, cuja honra Kieran defendeu tão cavalheirescamente no Hellfire, não era apenas uma ninfa. Ela era a escolhida! Isto também explicava por que escapara daqueles mortais idiotas que deveriam capturá-la para ele.

Ele não conseguia compreender a razão pela qual o presunçoso guerreiro celta permitia que ela continuasse morando com a irmã. Talvez Kieran achasse que apenas seu nome fosse suficiente para garantir a sua segurança.

– Ah, sim! O destino realmente está a meu favor, tudo se encaixa perfeitamente! – sussurrou Senthil. Ele estava decidido a aproveitar a sua chance.

Muito satisfeito consigo mesmo, decidiu reanimar-se com uma apetitosa mortal que já esperava inconsciente em seus aposentos, quando apareceu uma visita extremamente indesejável.

– Parece-me que você não está conseguindo progredir conforme deveria. Temos apenas alguns dias! – Anvea foi ameaçadoramente em sua direção.

Senthil não se lembrava quando foi a última vez que viu a poderosa fada fora de seu palácio. Normalmente ela enviava uma de suas detestáveis filhas, que faziam jus a seus repugnantes nomes: Mentira, Praga e Desentendimento.

Mas nenhuma delas era capaz de criar em poucos segundos uma atmosfera tão opressora quanto a própria mãe. Ao contrário de tudo o que se dizia, ela não era feia. Seu perfil grego, anguloso, talvez não estivesse mais na moda, mas com suas curvas suntuosas e seus longos cabelos negros, que lhe chegavam até os quadris e faziam lembrar sua mãe, uma deusa da noite, ela correspondia

completamente à percepção que Senthil tinha de uma mulher desejável. Lembrou-se de que os antigos cronistas a tinham descrito como repulsiva. Provavelmente porque cultivassem outras preferências sexuais. Os lábios de Senthil esboçaram um sorriso sensual. Ele às vezes também tinha prazer com garotos. E concordava que as mulheres tinham de ser submissas aos homens. Mas sua interpretação do papel feminino não se resumia apenas à cozinha e à criação de filhos.

Anvea deve ter lido em seu rosto um lampejo da excitação que este pensamento despertava nele, pois soltou um silvo que fez com que até mesmo o vampiro perverso se esquivasse.

– Anvea – começou Senthil, tentando dar um tom submisso à sua voz – o destino está do nosso lado. A escolhida foi encontrada e será apresentada amanhã. Sequestrá-la será brincadeira de criança.

– Mesmo? – a voz dela queimava como ácido clorídrico na sua pele. Senthil torcia-se de dor e a fada sorria satisfeita. – Não esqueça o nosso trato. Você boicota o pacto e eu devolvo a paz à sua terra natal e descanso às almas da sua família.

As imagens de tortura e morte em sua amada terra natal passavam terrivelmente devagar pela mente de Senthil, até ele achar que nunca mais conseguiria expulsar os gritos das vítimas de suas lembranças. Quando finalmente conseguiu respirar novamente, sussurrou rouco:

– Não esqueça o poder do vingador. Você me prometeu.

– É isto o que realmente quer, não é mesmo? Lar, família, suas companheiras, tudo isto não tem importância alguma para você. Você apenas quer o poder.

– Não é verdade! E você sabe disto. Meu povo já sofreu por muito tempo e é hora da paz retornar à sua terra.

– Se está tão ansioso para roubar as forças de Kieran, então porque tentou envenená-lo?

Senthil se questionava como aquela fada medonha sabia daquilo. Procurando demonstrar indiferença, ergueu os ombros:

– Não era para ele morrer. Pelo menos não imediatamente. Eu tenho o antídoto, que o teria mantido vivo pelo tempo suficiente. Eu deveria saber que este veneno não prestava. Afinal, a receita veio de um elfo!

– Você precisará pensar em algo próprio, então – disse a fada, rindo.

– Não se preocupe, pois farei isso. Mas quando eu sequestrar a escolhida todos estarão atrás de mim. A maioria dos vampiros e as fadas também. Como posso me proteger deles sem a sua magia? Senthil olhou para Anvea com astúcia.

– Está bem. Para mim não faz diferença. Se você a apanhar antes do pacto, então receberá sua recompensa. Mas não esqueça: eu a quero viva!

– Você pode confiar em mim. Farei tudo para dar à escuridão o que lhe é de direito!

– Confiar? Como vocês são ridículos! – A fada deu uma risada estridente. – É melhor você cumprir sua promessa, senão não haverá Deus que tenha misericórdia de você!

Depois desse encontro, Senthil não se sentia mais tão confiante quanto ele gostaria. Mesmo assim, era possível. Ele malograria o pacto e dominaria o mundo das trevas com seu exército sicário, graças ao poder de Kieran. E Anvea lhe será grata caso ele decida poupar a sua pobre vida.

– Esqueça! – Nuriya vociferava. – De forma alguma deixarei que me exibam como uma égua de reprodução!

– Mas é apenas um vestido – sua irmã ousou interferir.

– Caso tenha esquecido, acabo de perder minha vida. Agora devo me relacionar com um vampiro totalmente desconhecido para renovar este pacto e salvar o mundo! Talvez não possa fazer nada contra o que determinaram para mim, e eu tenha mesmo de ir hoje até lá para me apresentar como um cordeiro de sacrifício de primeira classe. Mas quero ser amaldiçoada se permitir que me amarrem um laço bonito para ir ao matadouro!

– Ela tem razão!

Nuriya ergueu a cabeça e olhou no espelho. Kieran estava diretamente atrás dela. Admirava-se de como ele havia conseguido parecer ainda mais desejável. Como sempre vestido todo de preto, irradiava a autoconfiança tranquila de um antigo soberano. Mas ao olhar para ele, toda a esperança que havia nela morreu. Mármore tinha mais sentimentos do que aquele homem, que apenas conhecia o cálculo gelado, e jamais desperdiçaria um único pensamento afetuoso com ela.

Um orgulho estranho preenchia Kieran ao olhar para a ninfa. Sua Nuriya. Com valentia, ela encarava o seu triste destino e enfrentava corajosamente aquele desafio.

Mas seu perfume também desencadeava outros sentimentos nele e fazia com que cada um dos escudos que ele havia colocado ao redor de sua alma se despedaçasse no chão.

Ele gostaria de tomar a pequena lutadora em seus braços naquele momento e derramar o seu coração aos seus pés. Mas um olhar em seu rosto frio lhe confirmava novamente o que a ninfa achava dele.

Para não se denunciar, virou rapidamente e com voz dura passou a dar ordens para garantir melhor a segurança da escolhida.

Os olhos de Nuriya se encheram de lágrimas. Se ao menos ele a odiasse... Mas não, ela lhe era totalmente indiferente!

– Isso deve servir! – ela apanhou uma calça preta confortável e um top para combinar. – Por mim, podem fazer qualquer coisa com meu cabelo. Cortem ou tinjam de verde. Só peço que façam este pesadelo acabar logo!

Pouco depois entrou no Hellfire ladeada por seus dois protetores, Kieran e Donates. O clube ainda estava fechado para visitantes normais naquele início de noite. Mas a julgar pelo som que chegava até eles, já estava relativamente lotado. O coração de Nuriya parecia chegar-lhe à boca.

Diretamente atrás do trio vinham Erik e Selena. Por fim chegava Angelina, enganchada de forma descontraída no braço de Nik.

Por longo tempo discutiu-se se Selena, como única mortal, também deveria vir, mas Kieran estava convencido de que seria um grande erro deixá-la desprotegida em casa.

Por cima da grande pista de dança, Nuriya parou e olhou para baixo. Além das dançarinas em suas gaiolas de ferro, ninguém mais dançava ao som alto daquela música. Os convidados estavam conversando de pé em pequenos grupos, como em um coquetel. Nuriya tinha a sensação de estar olhando para um mar noturno, em cujas ondas escuras se refletiam luzes misteriosas.

A atmosfera estava tão carregada que ela teria caído de joelhos se Kieran não a tivesse apoiado discretamente. Cada um apresentava uma aura de cor diferente. Alguns pareciam sumir em sombras negras, outros pareciam estar ladeados por línguas de fogo, e outros, ainda, estavam submersos em uma luz azul-gelo ou verde-mar. A impressão que se tinha era de que o equipamento de luzes do clube estava desgovernado, e isso fazia seu coração bater cada vez mais rápido.

Concentre-se em sua respiração! A voz tranquila de sua protetora Ninsun penetrava através do caos e por um instante Nuriya se agarrou a ela como se estivesse se afogando.

Você vai conseguir, gatinha!

Era Kieran na sua mente? Olhou-o interrogativamente, mas parecia que ele nem notava sua presença. Nuriya endireitou os ombros e olhou novamente em volta. Agora também reconhecia claramente um grande grupo de fadas, cuja aura arco-íris a fazia lembrar sua amada mãe. Seu povo. Ela não envergonharia seu povo! Inspirou fundo, e este ruído bastou para fazer todas as conversas silenciarem. Até mesmo a música parou em um último acorde e todos ergueram o olhar para ela.

Nuriya ergueu seu queixo um pouco mais, expirou cuidadosamente e começou a descer as escadas. Agora estava feliz por ter se deixado convencer no último minuto a usar os sapatos altos, pois a cada passo sentia-se mais orgulhosa e desejável.

Um sorriso silencioso brincava ao redor dos lábios de Kieran. Apenas com sua aparição, Nuriya havia enfeitiçado aquele bando de monstros. Sua postura testemunhava autoconfiança e nobreza. Um olhar para o público confirmou-lhe que a entrada havia sido um sucesso. Donates acenou para ele. A multidão abria-se à sua frente, e o pequeno grupo caminhava soberanamente ao encontro de Órla.

Subitamente Nuriya recordou o que a proprietária do clube lhe lembrava. Órla realmente se assemelhava àquele pequeno e terrível peixe voraz: Uma piranha. Nuriya se esforçou para suprimir rapidamente a risada histérica que subia por ela. Um som ofegante escapou por seus lábios apertados, e ela recebeu um olhar severo de Kieran. Será que ele havia adivinhado os seus pensamentos?

Sem perceber nada, a anfitriã os recepcionou com um habitual sorriso frio e os levou até o palco. Enquanto isso, sussurrava irritada para Kieran:

– Eu não consigo percebê-la! O que é esta moça? Ninfa, bruxa ou vampira?

– Ela é a escolhida.

Órla teve vontade de bater em Kieran por causa de seu tom de voz. Há tempo que ela suspeitava que o vingador possuía mais que apenas interesse

profissional pela moça. Decidiu que esse jogo também poderia ser controlado por dois jogadores:

– Muito bem. Então nós ainda continuamos à procura de sua alma gêmea. O bando lá embaixo ficará feliz.

Um raio quente de ciúmes passou através de Kieran. Apesar disso, inclinou brevemente a cabeça em sinal de concordância antes de tomar Nuriya pelo cotovelo e acompanhá-la até seu lugar.

Órla sorriu, ciente do que estava acontecendo. No fundo, estava grata por ter conseguido ao menos algumas informações sobre Nuriya. Dirigiu-se então ao público, que aguardava ansioso:

– Sua mãe viveu como conselheira na corte do reino da luz, e a fada rainha ficou muito desolada quando sua confidente íntima não retornou mais do reino dos mortais. – Um burburinho passou pela multidão e os expectadores se aproximaram interessados. – Seu pai era um mortal. Mas tudo indica que em suas veias também corria sangue de elfos. Certo é que essa relação gerou um ser extraordinário. É um grande prazer para mim lhes apresentar a escolhida: Nuriya!

– Preste atenção, daqui a pouco eu terei de levantar e eles vão examinar os meus dentes – sussurrou Nuriya para Donates.

– Eu ficaria surpreso se alguém se interessasse pelos seus dentes, se existem tantas outras partes atraentes do corpo para serem admiradas – devolveu Donates, sorrindo.

– Macho!

Antes que Donates pudesse lhe responder, ouviram Órla dizer:

– Você poderia me dar o prazer de vir até aqui?

– Não falei? – retrucou Nuriya por entre os dentes e levantou-se com um sorriso artificial.

Órla aguardava ansiosa com a mão estendida, mas a ninfa ignorou aquele gentil gesto. Quando estava ao lado de sua anfitriã, resmungou por entre os dentes com um sorriso:

– Se este show embaraçoso não terminar logo, vocês podem esquecer toda a cerimônia de Vênus.

Aquela mortal tinha vontade própria, constatou Órla surpresa, apesar de aparentemente não haver nem uma centelha de magia em suas curvas opulentas. Essa constatação a deixou desnorteada por um momento. Mas rapidamente retomou o controle sobre si e anunciou:

– Saúdem comigo Lady Nuriya, a escolhida! – começou a aplaudir e, enquanto o público delirava, Órla sussurrou para Nuriya:

– Agora é sua vez! – dizendo isso, colocou com um sorriso maldoso o microfone na mão da moça surpresa.

Nuriya estava se sentindo fora de qualquer normalidade. Já falara algumas vezes para um grupo de estudantes, mas nunca para um público tão exótico. Sua língua parecia estar presa ao céu da boca. Mas não era exatamente isso o que Órla queria? Era para ela passar vergonha depois do grandioso anúncio. *Mylady...* Sinceramente! Que besteira!

Ninsun, torça por mim!

E*stou com você, pequena*, sussurrou-lhe o espírito protetor, e Nuriya começou a falar com clareza:

– Há apenas algumas horas fiquei sabendo do importante papel que me cabe nesta vida, e quero agradecer por sua confiança! – Desceu o olhar em sinal de humildade. – Certamente é desnecessário mencionar o orgulho que sinto da minha origem. Mesmo assim é exatamente isso que desejo enfatizar hoje. Ainda que eu esteja destinada a passar o meu futuro na escuridão, jamais esquecerei quem são os meus antepassados.

As representantes do mundo feérico que estavam presentes tomaram conhecimento dessa observação com muita benevolência, e Nuriya continuou corajosa:

– Minha encantadora mãe e meu pai morreram juntos como vítimas de um atentado suicida. Há pouco tempo minha irmã e eu fomos assaltadas nas proximidades deste clube. – Ela lançou um olhar rápido para Órla. A vampira apertava os maxilares com raiva. Nuriya permitiu-se um leve sorriso, seu olhar voltou para o público e ela registrou a expectativa em seus rostos.

– Nunca acreditei em acasos. Por isso eu hoje juro diante de vocês e de todos os deuses: quem quer que tenha sido o mandante desses ataques, um dia precisará se responsabilizar por eles! – Surgiu um leve desconforto e Nuriya apressou-se em continuar.

– Além disso – ela pareceu ruborizar – seria bom se minha alma gêmea finalmente se apresentasse para a santa cerimônia.

Quando depois disso se despediu com uma reverência desajeitada, algumas pessoas do público sorriam maliciosamente por causa de sua aparente audácia. A maioria dos expectadores, no entanto, aplaudia em sinal de aprovação.

– Será que estou num concurso de miss de terceira categoria? – resmungou para Kieran, que junto com Donates a buscava no palco.

– Fique quieta!

Magoada, Nuriya seguiu os vampiros até um conjunto de sofás e deixou-se cair em um deles.

– Isso foi muito bom! – elogiou Angelina.

– Isso foi muito estúpido! – Kieran imitou o tom de voz tão sarcasticamente que Donates rangeu os dentes.

– Você está ciente de que acaba de fazer uma declaração de guerra?

– E daí? Não sou a escolhida?

– Ah, naturalmente! E futuramente você também determinará o destino deste mundo! – Com os olhos semicerrados, Kieran inclinou-se até que seu rosto estivesse apenas a uma mão de distância do dela. Sua vontade era de beijá-la. A cada segundo, aproximava-se mais profundamente por sua fada briguenta.

Nuriya, por sua vez, sentia naquele momento apenas o desejo urgente de lhe destruir o nariz. Ela também se inclinou para a frente e olhou sem medo nos seus olhos:

– Eu me sujeitei para não colocar em risco o pacto de Vênus. Mas se o entendi direito, no futuro ocuparei uma posição não insignificante no seu mundo. Você realmente acredita que eu abriria mão de usar a minha influência

depois do sacrifício que acabo de fazer? Entendo aos poucos por que há resistência contra esse pacto. Vocês são um bando de elite. Os vampiros me consideram uma fada inofensiva e sem cérebro. E se um cavaleiro negro não vier logo de suas fileiras, galopando em seu escuro cavalo, e me aceitar como sua alma gêmea, então em alguns dias valerei menos que os cinco litros de sangue que correm em minhas artérias! – Ergueu-se furiosa. – Posso ser "apenas" a filha de uma fada com um mortal. Mas não pense que aquelas pessoas que estão lá fora podem brincar comigo ou com qualquer um da minha família!

Furiosa, inclinou-se para frente. Pela primeira vez na vida estava realmente disposta a fazer uso de seus reprimidos poderes mágicos.

Quando, porém, reconheceu o reflexo de sua paixão no fundo dos olhos dele, parecia que de um instante para o outro não havia nada mais importante que o desejo de sentir os seus lábios sobre sua boca. Já erguia ansiosamente a mão para acariciar o rosto de Kieran quando o temporal nos olhos dele se desfez, e o vingador tornou-se novamente o guerreiro sem alma que ela tanto odiava. Um piscar de olhos depois, seus contornos fundiram-se com a escuridão e ele havia sumido.

Nós temos um pequeno problema. Asher não poderia ter se manifestado em momento mais inoportuno. A saudade de um único toque carinhoso de sua amada queimava como o fogo do inferno sob a pele de Kieran, que sentira claramente a sua simpatia para com ele e não desejava nada mais do que finalmente mostrar-lhe o quanto a respeitava e desejava. Apesar disso, o vampiro não hesitou e atravessou imediatamente a barreira para o mundo intermediário.

Bem disfarçado no meio do público, Senthil observava com um sorriso satisfeito a sua saída.

Donates, tome conta dela! – foi a mensagem de Kieran para o amigo antes de desaparecer totalmente.

O que quer que houvesse motivado o seu irmão, deveria ser importante, pois ele jamais pedia ajuda facilmente. E apesar de nas últimas décadas ter passado mais tempo em sua biblioteca do que no mundo, estava plenamente em condições de resolver seus problemas sozinho.

Os mais diversos temores lhe ocorriam enquanto disparava pelo mundo intermediário. Será que alguém havia descoberto a existência de uma terceira irmã fada ou será que sua insensata irmã Vivianne, que também morava em Paris, arrumara encrenca novamente?

Um sorriso torto deformou o rosto de Kieran quando este se lembrou de quantas vezes Vivianne já o havia convencido a participar dos feitos mais impossíveis. No ano passado ela até mesmo havia conseguido convencê-lo, no último minuto, a subir na passarela como substituto de um modelo para que sua agência não desagradasse a um cliente importante. Kieran ficou abismado quando o mandaram sair só de roupas íntimas, e havia jurado nunca mais fazer algo tão constrangedor. Na próxima vez, viu-se participando de um show

usando um kilt. Ele simplesmente não conseguia negar nada à sua agitada Vivianne.

E também não contava com a cena com que por fim se deparou quando entrou no apartamento parisiense de Asher. Vivianne estava deitada sem vida na cama.

– O que aconteceu?

– Eu a encontrei assim.

Veneno. Kieran conseguia sentir nitidamente o cheiro da beberagem fatal que há pouco tempo quase o havia aniquilado, se os dois curandeiros não tivessem chegado a tempo para ajudá-lo. Era tarde demais para chamar os dois. Vivianne estava morrendo. Por isso fez a única coisa possível: rasgou seu braço até a altura do cotovelo com brutal violência e deixou seu sangue escorrer na boca entreaberta de Vivianne.

O que nós fizemos para despertar vossa ira? Mas, como sempre, os deuses permaneceram calados também daquela vez.

Após minutos intermináveis de medo, sua intervenção começou a mostrar resultados. Vivianne engolia cada vez mais rápido, e por fim até mesmo segurou fracamente sua mão, para absorver mais dos anticorpos de cura que o seu sangue havia criado contra o veneno fatal. Finalmente ele se soltou com o que lhe restava de suas forças e caiu exausto no chão. Imediatamente Asher estava ao seu lado, e alimentava o salvador pálido com seu próprio sangue.

Kieran devia ter adormecido por uns instantes. Pensou ouvir a voz de Nuriya em sua mente e acordou sobressaltado. Tenso, o vampiro escutou dentro de si, mas tudo permanecia quieto. Não se atrevia a tomar a iniciativa de fazer contato com a ninfa. A lembrança do olhar de rejeição que ela lhe lançara pouco antes de saírem para o Hellfire ainda estava muito nítida. Mas então por que pensou ter visto simpatia e até mesmo desejo em seu rosto delicado por um momento maravilhoso depois de sua apresentação? Convenceu-se de que era apenas esperança, e tentou desviar todo pensamento dela. Agora tinha de se preocupar com coisas mais importantes do que sua saudade por uma ninfa.

Ao seu lado estava Vivianne, desmaiada. Asher havia desaparecido.

Kieran se erguia com esforço quando o irmão chegou, trazendo duas embalagens repletas de sangue.

– Beba! Por sorte recebi uma remessa ontem – dizendo isso, jogou uma embalagem para Kieran. A outra, prendeu a uma agulha de infusão que já estava no braço de Vivianne. Então, abriu a válvula.

O coração de Kieran se contraiu dolorosamente com a visão de sua irmã pálida. Há apenas alguns dias Nuriya lutava exatamente da mesma forma por sua sobrevivência. Não se deu ao trabalho, então, de esquentar seu drinque. Rasgou a embalagem e com uns poucos goles a esvaziou. Asher o seguiu do quarto até a cozinha americana do apartamento e observou como Kieran tirava outro litro da geladeira e o engolia avidamente. Com o pé, o irmão de Kieran puxou uma banqueta e apoiou-se sobre o balcão, ansioso por finalmente contar sua história.

– Normalmente eu me encontro com Vivianne quando estou na cidade. Mas, para não despertar atenções sobre ela, disse que por ora não tinha tempo

para vê-la. Por sorte, estamos em uma temporada de desfiles de moda e ela tem muito serviço. Você a conhece!

– Ela ama a sua profissão, e a palavra "não" não existe no seu vocabulário! – E agora ela estava pálida, presa a uma agulha de infusão. Seu estômago se contraiu. *Quem quer que tenha feito isto pagará com sua própria vida*, jurou Kieran para si mesmo. – Continue! – resmungou.

– Eu não me preocupei muito quando assim mesmo ela entrou em contato e disse que algo estranho estava acontecendo, e que eu precisava passar sem falta na agência depois do fim do expediente. Eu fui para lá por volta de dez horas, conforme combinamos. Tudo estava escuro. Notei imediatamente a aura de vampiros que deviam ter transitado pelas proximidades um pouco antes.

– Quantos? – perguntou Kieran rispidamente.

– Três, talvez quatro. Não muito velhos, nem vampiros natos.

Kieran precisou rir a contragosto. Seu irmão tinha uma queda para histórias cheias de rodeios e de floreios, mas era um observador aguçado e, se necessário, ainda um vingador de primeira categoria.

– Quase não pude mais sentir Vivianne. – O vampiro engoliu quando se lembrou do pequeno vulto no capacho de seu escritório. – Por isto eu chamei você. Dois ataques contra nossa família em tão pouco tempo. Isto não pode ser coincidência.

– É tudo culpa minha! Eles querem impedir a renovação do pacto de Vênus – disse Kieran, passando preocupadamente a mão por seus cabelos.

– Atacando você e Vivianne? – perguntou Asher irritado. – Ninguém sabe que Vi é vampira de nascença e também nossa irmã!

– Nem precisam. Nosso relacionamento amigável não é segredo e eles estão tentando, por todos os meios, impedir-me de realizar o ritual com a escolhida!

– Como?! – Asher quase pulou de sua banqueta e encarou Kieran mudo por um momento. – Então Nuriya é mesmo sua alma gêmea! – concluiu admirado. – Quem mais sabe disso?

– Não faço ideia. No começo nem eu mesmo quis acreditar – Kieran admitiu. – Mas os sinais são claros demais. Eu sou o único que, desde o começo, consegui me comunicar mentalmente com ela a qualquer hora, e ainda consigo. Apesar dela se rebelar veementemente contra a própria magia!

– E isto ainda admira você? Depois de uma transformação tão tumultuada?

– Mas o que devia ter feito? Jamais poderia deixá-la morrer. Ela é minha alma gêmea e nós sonhamos juntos – Kieran pensava nos encontros eróticos com Nuriya que tivera em seus sonhos.

– Pela sua cara, posso imaginar que sonhos são esses! – Asher deu-se ares de indignação decorosa. Depois riu e bateu de forma amistosa no ombro do irmão mais novo. – Lógico, o mestre vingador pesca a escolhida para si. Parabéns, irmãozinho!

– Não é assim tão fácil. Nuriya me odeia.

– Como você pode achar isso? Eu me lembro que, já no primeiro encontro, ela flertou com você.

– A transformação... – disse Kieran sem emoção. – Ela se recusa a aceitar o seu destino. E depois tivemos uma briga porque ela flertou com um mortal! – acrescentou indignado.

Asher se esforçava para disfarçar o riso que se formava, e perguntou pressionando:

– E depois?

– Depois ela quis sumir com Senthil num canto escuro do Hellfire.

– Senthil? – Asher ficou instantaneamente sério. – Isto é sério. Você tem certeza de que ela o acompanhou por vontade própria?

Kieran praguejou, pegou uma garrafa com uísque escocês e tomou um grande gole.

– Acha que isto vai ajudá-lo? – perguntou Asher baixinho.

– Não sei! – e com esta resposta Kieran se referia à primeira pergunta de seu irmão. – Ontem tinha certeza absoluta e me comportei como um perfeito idiota! Tinha esperanças de conseguir conquistar Nuriya com delicadeza.

Tomou mais um grande gole. O vampiro precisaria esvaziar vários barris para poder sentir o efeito do álcool por pouco mais do que alguns momentos. Mas a queimação da "água da vida" dourada de sua terra natal lhe trazia consolo.

– Parece que minha razão para de funcionar sempre que estou perto dela. Quebramos o segundo selo – admitiu finalmente com voz baixa.

– Oh!

– Isso é tudo que você consegue dizer? – Kieran despejou mais um copo e resmungou – Estraguei absolutamente tudo!

– O que você estragou? – indagou Vivianne, parada na porta, olhando interrogativamente para seus irmãos.

– Vi, volte para a cama!

Ignorando a ordem, Vivianne entrou cambaleando na cozinha. Seu olhar ainda estava embaçado e quase errou o alvo quando estendeu a mão para pegar uma nova embalagem de sangue. De forma um tanto grosseira, meteu os dentes na embalagem de plástico e começou a beber.

– Agora me sinto melhor!

Desajeitada, jogou a embalagem vazia junto com as outras que já estavam na pia.

Kieran soava de novo como o temido vingador quando olhou de forma severa para a irmã:

– Quem atacou você?

Vivianne deixou sua cabeça pender.

– Eu não sei. Durante o dia inteiro, tive uma sensação estranha, e por isso liguei para Asher. Eu queria pedir para ele me buscar, embora Asher tenha deixado bem claro que não queria me ver – disse, lançando um olhar de censura para o irmão.

– Para sua própria proteção! – objetou Asher.

– Isso não deu muito certo, não é mesmo?

Kieran interferiu e pegou no braço de sua irmã:

– Vivianne, há duas semanas fui atacado sem motivo aparente por cinco sicários, que desejavam me matar com uma arma letal. Tente se lembrar, por favor! O que lhe pareceu tão estranho para você pedir a ajuda de Asher?

– Até de noite tudo estava totalmente normal, mas depois senti que a agência estava sendo observada por vampiros. A princípio, tinha planejado mandar meus funcionários para casa e depois me ocupar com os sujeitos, mas... – ela sorriu para Asher – depois lembrei que meu querido irmão estava na cidade e sempre me apregoava para não ser tão leviana.

– Como se alguma vez você tivesse me dado ouvidos! – rosnou Asher.

– Sempre, meu docinho! – riu Vivianne. – Mas falando sério – minha secretária tinha sido a última a sair do escritório, e de repente eles estavam diante de mim. Três vampiros, todos vestidos iguais e aparentemente terríveis. E antes que eu pudesse fazer alguma coisa, um quarto vampiro apareceu e me enterrou uma injeção no ombro. Depois disso não me lembro de mais nada.

– Eles não disseram nada?

– Não! Os sujeitos não disseram nem uma palavra. Foram muito rápidos, e vocês sabem que não posso proteger a agência com feitiços. Fotógrafos e designers muitas vezes são bastante sensíveis e toda forma de feitiço protetor pode causar desconforto a seres mortais. Para isso, teria de desistir de alguns de meus melhores clientes.

– Você não precisa realmente trabalhar! – ponderou Asher.

Vivianne cravou indignada as mãos na cintura:

– Esqueça! Eu gosto deste trabalho e não é todo mundo que tem vontade de mofar numa biblioteca!

– Vocês dois, parem já com de brigar – disse Kieran, olhando aborrecido para os dois.

Estranhamente rápido, Vivianne largou sua postura de briga e lançou um sorriso melado para Kieran:

– Queridíssimo irmãozinho, você ainda não respondeu minha pergunta.

– Que pergunta? – perguntou, tentando parecer inocente.

– Eu quero saber – disse, aproximando-se um pouco – o que você aprontou dessa vez!

Kieran enviou desesperado uma oração aos deuses, como sempre sem receber resposta, quando Vivianne enfiou um dedo pontudo em sua barriga e perguntou mais uma vez:

– O que você fez?

Asher, sentindo compaixão pelo irmão, respondeu por ele:

– Ele transformou a escolhida, quebrou sem querer o segundo selo e em seguida aborreceu tanto a ninfa, que ela provavelmente o odiará até o fim de seus dias.

– Você fez *o quê*?!

Os dois irmãos se encaravam mudos, e dessa vez foi Asher que tentava intermediar os dois vampiros briguentos.

– Nuriya teria morrido por causa de sua forte hemorragia se eu não tivesse interferido. Ela foi agredida por estranhos – tentou explicar.

Para grande surpresa dos dois irmãos, Vivianne jogou sua cabeça para trás e riu tanto que lágrimas vermelhas de sangue começaram a escorrer por suas faces.

– Quebrou sem querer o selo! – disse ofegante, tomando a garrafa semivazia de uísque da mão de Kieran e a colocando ostensivamente de volta no armário. – Você está doido. Esta garrafa custa 120 euros! – disse em tom de censura, mas piscando os olhos. – Meu querido e ingênuo irmãozinho, ninguém salva a vida de uma ninfa e depois quebra assim, simplesmente, o selo! As deusas do destino têm suas mãos na jogada. Nisto você pode apostar! A moça é sexy, você daria sua vida por ela e ninguém deve ousar tocá-la, estou certa? – A vampira ignorou o olhar consternado de Kieran. – Quem quer que seja a felizarda, ela é sua alma gêmea.

– Ele mesmo já chegou a essa conclusão – observou Asher sem acrescentar muito.

– Encontre-a! Ela está esperando ansiosa por você em algum lugar lá fora!

– Com certeza não está! – resmungou Kieran e olhou para o relógio. – Além disso, ela deve estar muito ocupada agora, pois Órla organizou uma pequena festa para apresentar oficialmente a escolhida – acrescentou com azedume.

Mas Kieran descobriria em breve que não era bem isso o que estava acontecendo.

Capítulo 10

Nuriya teve vontade de gritar de decepção quando o objeto de seu desejo literalmente se desfez no ar. Ela tinha certeza de ter percebido em Kieran o mesmo sentimento que sentia e que fazia seu coração bater mais rápido.

E no momento em que cogitou a possibilidade de beijo dele, seu rosto assumiu novamente uma expressão de frieza. Jurou descobrir que mistério Kieran lhe estava escondendo. Mas ela tinha uma missão a cumprir naquele lugar e não havia tempo para pensar sobre o seu comportamento estranho.

– Provavelmente o meu papel exige que eu me misture entre o povo. Com certeza vocês entendem que não preciso de testemunhas para este constrangimento – disse, levantando-se rígida.

Angelina, para quem a tristeza de Nuriya depois da partida brusca de Kieran não passou despercebida, e que também não conseguia entender o que se passava pela cabeça do vingador para ofender a moça daquela maneira, piscou e sussurrou-lhe:

– É uma boa ideia. Mas por favor não confie em ninguém!

Nuriya foi até a pista de dança sob os olhos atentos de seus amigos, onde os demais convidados aproveitavam a noite, riam, conversavam e dançavam ao som da música que novamente retumbava das caixas. Aparentemente, os últimos lançamentos que sua irmãzinha gostava de escutar também eram apreciados pelos vampiros e demônios. Naquele momento, o clube havia sido aberto para o público mortal e Nuriya olhava admirada.

– Se há algumas semanas alguém houvesse me dito que o mundo mágico era tão apaixonado pelo gótico e pela música eletrônica melancólica, provavelmente eu teria me matado de tanto rir – confessou a Nik, que havia surgido ao seu lado.

– Aqui eles não chamam a atenção! Você vê aquelas pessoas lá atrás? – disse, apontando para um homem muito magro que observava as pessoas dançando encostado em uma balustrada. Com seu casaco de veludo puído e seu calção de seda, parecia ter visitado seu alfaiate pela última vez pouco antes da Revolução Francesa.

– O que você acha, mortal ou imortal?

Nesse momento, o homem se virou e Nuriya piscou irritada ao descobrir as orelhas pontudas que apareciam por baixo de seus cabelos grisalhos desgrenhados.

– Morto há trezentos anos? – Nuriya inclinou a cabeça como se estivesse pensando. – Ou já faz 350 anos!

– Nem tanto. E ela?

– Aquela morena, com as asas esquisitas? Esta eu diria que tem no máximo vinte anos, e é bem mortal.

Nik riu tão alto que alguns convidados se viraram para ele, e por fim disse zombeteiro:

– A candidata tem zero pontos!

Nuriya olhou interrogativamente para Erik, que havia se aproximado e também sorria abertamente. Ele inclinou-se sobre a ninfa e sussurrou:

– Há pessoas que conseguem esconder a própria aura – disse, e bateu no ombro de Nik, desaparecendo com as palavras. – Você que o diga!

– Tudo bem, o sujeito que parece ter acabado de sair do seu túmulo é um mortal.

Nuriya não queria arriscar abrir os seus sentidos para conferir a afirmação de Nik, e por isso apenas concordou com a cabeça.

– Mas a moça deve ter por volta de quinhentos anos – e fez um brinde na direção da mulher, rindo – Oi, Lisa! Quando você voltou de Nova York? – A mulher, interpelada dessa forma, se aproximou, lançando um olhar lânguido para Nik. Agora Nuriya podia sentir as trevas que a envolviam, e instintivamente deu um passo para trás.

– Não precisa ter medo dela, afinal você não pretende comer a escolhida, não é mesmo?

Lisa arregalou os olhos:

– Lógico que não! Seus cabelos ruivos são tão lindos!

Nik passou delicadamente a mão em uma das asas da moça que, vistas de perto, pareciam ser de couro brilhante.

– Elas cresceram um pouco, ou estou enganado? – bajulou.

Nuriya teve a impressão de que os dois se conheciam um pouco mais intimamente, pois a asa começou a tremer levemente sob o seu toque e as pupilas de Lisa ganharam um brilho vermelho exótico, quando ela olhou fundo nos olhos do jovem vampiro e perguntou com voz infantil:

– Você gosta delas? – Sem esperar resposta, exclamou feliz – Oh, estão tocando minha música favorita! – e saiu correndo. Pouco antes da pista de dança, virou-se mais uma vez e acenou alegremente para Nuriya, antes de sumir definitivamente no meio da multidão.

– É sua namorada?

– Claro que não! Ela é filha de dragão e é jovem demais – explicou Nik, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. – Além disso, o pai dela é muito bravo.

– E ele obviamente também é um dragão – suspirou Nuriya.

– No começo tudo é um pouco sufocante – concordou Nik – mas você se acostumará logo! Céus, lá estão Jeanne e Shamina. Então Sylvain não pode estar longe! – Em vão tentou atrair a atenção das duas mulheres. – Espere aqui, volto já. Você precisa conhecer minha família!

Por um tempo ela simplesmente ficou observando os dançarinos e batendo o pé ao ritmo da música. A intervalos regulares, olhava em volta à procura de Kieran. Sentia-se bastante cansada por causa do esforço para esconder sua natureza vampiresca, e bastante satisfeita por Nik ainda não ter retornado. Quem será que ele iria lhe apresentar em seguida? Um demônio?

Obrigada, Ninsun! Sem você eu não suportaria tudo isto. Ela sentiu o sorriso em sua mente e por um instante fechou os olhos para saborear a paz. Quando os abriu novamente, um estranho estava à sua frente:

– Você precisa vir rápido. Algo terrível aconteceu!

Nuriya olhou em volta à procura de seus amigos, mas nesse momento começava um tumulto muito grande, pois o bufê estava sendo aberto. Ela ainda conseguiu ver como Angelina estava simplesmente sendo empurrada pela multidão.

– O que aconteceu? – perguntou inquieta. O homem se virou como se quisesse certificar-se de que ninguém pudesse ouvi-los e então sussurrou – Kieran foi atacado e está gravemente ferido.

– Onde estão os outros? – perguntou Nuriya nervosa, procurando pelos demais.

– Donates disse para não contarmos nada a ninguém. Ele me pediu que a levasse até ele.

Kieran! Em seu temor enviou uma mensagem telepática. Em vão tentou fazer contato com ele. *Kieran! O que aconteceu?* Não recebeu resposta, e parecia que o vingador a mantinha afastada de propósito. Provavelmente estava mais ferido do que imaginara, e tentava protegê-la de sua dor. Não tinha alternativa, precisava ir imediatamente até ele!

Nuriya estava terrivelmente dividida entre o seu desejo de que Kieran realmente pudesse estar precisando de sua ajuda e sua enorme desconfiança com relação àquele estranho. Alguma coisa nele lhe parecia familiar, apesar da certeza de nunca tê-lo visto antes. Mas se ele sabia dessa ligação especial entre o vingador e ela, então ele só poderia ter ficado sabendo através de Kieran ou de um de seus amigos. Ela precisava assumir o risco e confiar nele.

Nuriya, você não deve fazer isto! Ninsun parecia nervosa.

O estranho pressionava:

– Por favor, ele está morrendo!

Eu preciso arriscar. Se Kieran morrer, minha vida não terá mais sentido!

Nuriya deixou-se guiar até um corredor onde o seu acompanhante abriu habilmente um portal para o mundo intermediário e a levou consigo. Até agora ela não dominava esse método de viajar, que não era de todo desprovido de perigos. A maioria dos vampiros levava décadas até conseguir aprender direito. Para alguns o acesso ficava eternamente inacessível. Com um calafrio lembrou-se da advertência de Kieran para nunca arriscar-se indo longe demais nas paisagens tentadoras do mundo intermediário. Era muito fácil perder-se e nunca mais encontrar o caminho para este mundo, havia explicado o vingador.

Mal ela havia deixado o lado de cá para trás, sentiu uma tontura e percebeu a armadilha. Mas era tarde. Inconsciente, a ninfa caiu nos braços de seu raptor, que pouco depois a jogou de modo rude sobre uma cama simples no seu castelo, longe de qualquer civilização.

Era muito desgastante assumir a aparência de outra pessoa, e consumia uma quantidade considerável de energia dos poucos vampiros que dominavam aquele truque. Transportar sua refém através do mundo intermediário também não havia sido um trabalho fácil para Senthil. Mesmo assim ele sorria satisfeito. Foi muito fácil enganar aquela ninfa inexperiente. Não era de se estranhar, já que não conseguia descobrir nenhum sinal de magia nela. Provavelmente aquele ser imprestável não herdou muita coisa de sua mãe.

Ele se perguntava quem poderia ter assassinado os pais de Nuriya. Talvez essa pessoa também estivesse interessada na morte da fada e ficaria grata a ele. Mas por enquanto ele ainda precisava dessa fêmea imbecil.

Com desprezo, Senthil a empurrou com o pé e sorriu satisfeito ao imaginar que naquele exato momento Kieran provavelmente estaria em Paris, lamentando a morte de sua prostituta Vivianne.

O odiado vingador ficaria sabendo cedo o suficiente o quanto ele havia falhado dessa vez, e o mundo vampiresco saberia em breve que ele, Senthil, era o verdadeiro senhor das trevas.

Deu então mais um chute na moça desmaiada e seu gemido leve despertou o seu desejo no mesmo instante. Mas ele precisaria ter um pouco mais de paciência. Que doce tortura!

Infelizmente Anvea deixou bem claro que desejava a moça com vida. Nada havia sido combinado quanto a ele se divertir um pouco com ela antes de entregá-la, de forma que Senthil partiu do pressuposto que tais detalhes não interessavam à fada demoníaca.

Mas infelizmente não havia tempo para isso agora, e por ora se contentou com uma das vítimas inertes que mantinha prisioneiras em seu castelo. Essa forma de beber sangue lhe agradava muito mais do que as repugnantes embalagens plásticas. Fortalecido, retornou ao clube e depois de algum tempo notou que os amigos da escolhida já procuravam por ela. Com um sorriso inocente, enfrentou o olhar examinador de Donates, de quem por magia protegia sua verdadeira identidade.

– General? – O chefe dos sicários olhava inseguro para ele.

– Aqui não! – sibilou Senthil, retirando-se discretamente para um canto escuro.

– Tudo correu muito bem. Aplicamos o veneno e provavelmente ela já está morta a essa hora.

– Provavelmente? O que você quer dizer com isto?

– Alguém veio ajudá-la antes que pudéssemos ter certeza absoluta.

– Kieran?

– Não, o outro. Ele a levou para o seu apartamento. Não pudemos segui-lo até lá. Você não nos avisou que o sujeito domina feitiços protetores tão diabólicos.

– Talvez porque eu não teria problemas com eles! – Senthil bufou com desdém, mas no íntimo estava satisfeito. Para ele era indiferente se Vivianne sobrevivesse ou não. Sua estratégia inteligente mostrava os primeiros resultados. De qualquer forma Kieran ficaria morrendo de raiva. Senthil previa que isso faria com que até mesmo um vingador frio e calculista como este se tornasse descuidado.

Deu uns tapinhas nas costas do lutador:

– Pelo menos desta vez o seu pessoal sobreviveu. Isto já é algum sucesso! – O desprezo gotejava feito veneno de cada uma de suas palavras. – Você pode ir agora – e com estas palavras se virou, deixando o outro furioso para trás. O líder dos sicários odiava ser tratado como um vassalo e jurou que um dia Senthil se arrependeria dessa sua arrogância.

Quando Kieran soube do desaparecimento de Nuriya, qualquer eventual pista já havia sido destruída milhares de vezes pela magia dos convidados desinformados da festa no Hellfire.

– O que aconteceu? – Só a sua voz já deveria ser suficiente para fazer Donates petrificar feito um bloco de gelo. O vampiro loiro resistiu à vontade de obedecer ao seu instinto de fuga; em vez disso, olhou diretamente para o rosto inexpressivo de Kieran e respondeu – Você foi atraído para longe e aqui começou uma espécie de caos estranho. Tenho que dizer que Nuriya também não colaborou muito!

– Uma encenação para nos enganar?

– Com certeza. E não acredito que Órla tenha alguma participação nisso.

– Muito obrigada! – a voz grave da dona do clube fez os dois homens se virarem.

– Quero falar com você, Kieran. Agora!

Ele conhecia Órla há bastante tempo para saber que a dona do clube odiava quando o seu território não era respeitado. E decididamente aqui estavam acontecendo coisas que uma vampira mestre não poderia tolerar.

– Vamos ao seu escritório – ele sugeriu, esforçando-se para mostrar um sorriso amigável.

Quando Donates quis segui-los, ele o deteve.

– Você e seus amigos são meus hóspedes hoje. Acompanhe os outros até minha casa. Eu virei em seguida!

Isto com certeza não foi um pedido e Donates o entendeu. No momento a casa de Kieran era o lugar mais seguro para todos.

– Depois de você – disse Kieran educadamente, seguindo Órla em silêncio até que os dois estivessem sentados nas confortáveis poltronas do escritório dela e o vampiro que lhes servira um drinque houvesse fechado cuidadosamente a porta atrás de si.

O vingador uniu a ponta dos dedos e olhou calmamente para Órla:

– O que posso fazer por você?

– Quero lhe confiar um segredo: nós já nos conhecemos há tanto tempo que considero você um amigo – disse com um sorriso cansado.

Kieran concordou com a cabeça. Depois de todos aqueles anos, também sentia certa amizade por Órla, que, assim como ele, era temida e evitada pela maioria dos vampiros.

– Não faço ideia do que está acontecendo por aqui, mas eu seria grata se você pudesse compartilhar comigo o que você sabe – continuou a vampira.

Kieran sentia que seu pedido era sincero. Mas até onde ele poderia confiar nela? Ele conhecia o seu poder. E também notara a sua influência, que às vezes fazia valer no conselho. Mas na realidade ninguém sabia dizer exatamente quem ou o que ela era. Kieran sentia forças incomuns atrás da fachada despretensiosa. Ela não era um elfo noturno como o vingador, pois isso ele teria percebido. Mesmo assim, ele duvidava de que ela fosse apenas uma fada transformada.

Ele confiou em sua intuição quando finalmente resolveu atender ao seu pedido:

– Começou quando há alguns dias atrás Nuriya foi atacada perto do seu clube. Ela pediu por socorro, e quando nós chegamos a única chance de salvá-la foi por meio de uma transformação. Eu não podia imaginar que ela fosse a escolhida! – hesitou, acrescentando em seguida – E também não havia nenhum indício de que a sua alma gêmea já havia sido encontrada.

Órla o olhou surpreso:

– Quem é ela, e como ela pôde simplesmente desaparecer?

Kieran ignorou a primeira parte da pergunta:

– Depois da transformação, ela naturalmente estava sob minha proteção. Tentei conquistar sua confiança, mas desde o princípio ela me odiou por tê-la transformado em uma de nós. A pequena tem vontade própria e agora parece que fugiu à sua responsabilidade como escolhida.

A ideia de que Nuriya realmente houvesse fugido dele doía-lhe tanto, que só com muito esforço Kieran conseguia manter a máscara de fria indiferença.

– Se você tivesse me dito, eu jamais teria encenado a cerimônia de hoje. E, além disso, ela não possui um pingo de magia!

Era visível que Órla não estava satisfeita com as breves informações que tinha obtido dele, mas ele não estava disposto a responder a outras perguntas.

– É tarde e nesta noite não podemos mais fazer muita coisa. Se houver novidades, sabe onde me encontrar.

Kieran sabia que, no seu quarto de hóspedes seguro contra luz, Tesfaya já estava dormindo há tempos o seu sono diurno profundo e desprovido de sonhos. Por isso não se deu ao trabalho de informar a sua presença aos seus amigos que esperavam ansiosos por ele.

Ao entrar na sala, todos os olhares se dirigiram para ele. Erik puxou Selena para perto de si, Donates e Nik aproximaram-se de Angelina. A noite deixou todos esgotados, e do lado de fora o sol já estava nascendo. Kieran, ainda enfraquecido pela perda de sangue, sentia-se cansado e irritado.

– Por que vocês estão me olhando deste jeito? – quis saber. – Nuriya fugiu debaixo de nossos olhos. Devemos respeitar sua decisão! – e com isso ele se virou e desceu as escadas para seus aposentos privativos.

– Ele está falando a sério? – perguntou Selena por fim. – Nuriya jamais desapareceria assim simplesmente, sem ao menos me dizer algo! Ela foi raptada! – e erguendo-se com um salto. – Por favor, vocês precisam fazer alguma coisa!"

Donates também se levantou:

– Eu não tenho muita certeza. Ela estava com bastante raiva de Kieran. Talvez ela apenas necessite de um pouco de distância. Mesmo assim eu dou razão ao que você disse: não podemos excluir totalmente a possibilidade de um complô.

Colocou a mão de forma tranquilizadora no ombro de Selena:

– Não podemos fazer muita coisa hoje. O sol nos enfraquece e muito provavelmente qualquer sequestrador estará totalmente impossibilitado de agir durante o dia. Nessas circunstâncias, infelizmente é muito difícil de localizá-los.

Ele pensava em Senthil e esperava não estar subestimando a capacidade daquele perigoso vampiro.

– Sugiro que todos nós descansemos agora. Vou falar mais uma vez com Kieran nesta noite – prometeu.

Kieran jogou-se sobre sua cama. No travesseiro ainda havia o cheiro de ervas frescas da floresta. O seu cheiro. Nuriya.

Ela precisava odiá-lo muito para simplesmente ir embora. Será que não percebia nem um pouco a forte ligação que existia entre eles? Mas se ele fosse sincero consigo mesmo, precisava admitir que não havia sido ela que o rejeitara.

Kieran se lembrou de seus olhares, o sorriso tímido e a confiança sincera com que havia retribuído suas carícias apaixonadas naquela noite maravilhosa nas florestas de sua terra natal. Que encantador o som da sua risada enquanto dançava sobre o prado noturno!

E de repente lembrou-se de mais uma coisa. De sua voz, que tinha soado temerosa e preocupada através de sua mente enquanto estava a descansar no apartamento de seu irmão! E se ele não tivesse apenas imaginado sua voz? Kieran endireitou-se e olhou para a escuridão. Talvez Nuriya realmente o tivesse chamado, como já o tinha feito antes quando estava em perigo. E ele a ignorou, ocupado demais com o seu ciúme!

Senthil! É lógico. O vampiro astuto mandou atacar Vivianne porque sabia exatamente que Kieran iria apressar-se em socorrê-la. E ele tinha aproveitado aquela oportunidade para raptar a moça. Kieran só podia desejar que Senthil não soubesse de sua verdadeira relação com Nuriya, e que estivesse apenas ávido pela recompensa que Anvea supostamente colocara sobre a cabeça da escolhida.

Nuriya! Desesperado enviou uma mensagem telepática para ela. Mas tudo permaneceu em silêncio – somente o leve zumbido do cosmo infinito preenchia sua mente.

Um espasmo nervoso no canto do olho de Kieran começou a incomodar quando este imaginou o que Senthil talvez pudesse ter feito à ninfa naquele meio tempo.

Ele precisava pensar. Para onde aquele louco poderia ter levado Nuriya? Para as montanhas intransitáveis de sua terra natal? Era improvável, seria o primeiro lugar onde alguém iria procurá-lo. E Kieran estava certo de que ele seria procurado. Todo vampiro que desse um pouco de valor à paz momentânea, e certamente muitos habitantes do mundo feérico iniciariam uma caçada ao sequestrador assim que soubessem daquele feito inacreditável. Não se pode simplesmente carregar a escolhida e sair ileso. Senthil devia estar realmente completamente louco se acreditasse nisso.

Mas qual o papel de Anvea? Só havia uma pessoa que poderia responder a essa pergunta: *Sin!*

– Já não era sem tempo! – resmungou a voz grave do poderoso vampiro quando ele apareceu nos aposentos de Kieran. – A propósito, Donates tem razão. Um feitiço protetor realmente desagradável este que você colocou sobre sua casa.

– E você não estaria aqui se eu não houvesse convidado – revidou Kieran.

Sin estava de pernas afastadas e de braços cruzados sorrindo na sua frente. A tatuagem no seu rosto permanecia imóvel, como se estivesse de tocaia. Ele ergueu as mãos em sinal de paz quando Kieran ergueu-se de um salto e com raiva deu um passo em sua direção.

– Relaxe! Vou descobrir quais as suas intenções. Você contou tudo a Órla?

– Lógico que não! Quem me garante que ela também não tem a sua mão nesse negócio?

A risada de Sin surpreendeu Kieran e fez descer um arrepio pelas suas costas:

– Não acredito nisso. Se a paz entre os mundos for quebrada, ela terá de voltar à corte de sua fada rainha. E, acredite em mim: esta é a última coisa que ela deseja!

– Por quê? – perguntou Kieran. Mas então entendeu. – Ela nunca foi um vampiro. Ela é uma *leanan sidhe*, uma fada bebedora de sangue! – e olhou surpreso para Sin. – Mas o que ela faz aqui?

– É uma história muito longa.

– Mas por que ela não reconheceu Nuriya como a escolhida?

– Isso é culpa minha. Eu queria dar a vocês um pouco de tempo antes de tudo se oficializar.

Kieran se perguntava como seu amigo e mestre havia conseguido manipular aquela poderosa fada. Sin tinha razão: nem tudo pode ser dito. Além disso, no momento havia coisas mais importantes para se fazer.

Ao se despedir, Sin o preveniu:

– Não faça nada antes que eu volte. Senthil é um verme nojento, mas ele possui um instinto de sobrevivência admirável.

– Este também não irá ajudá-lo! – jurou Kieran enquanto Sin se fundia com as sombras.

– Dormiu o suficiente, sua pequena vagabunda! – Senthil ria e fez Nuriya ficar de pé.

– Como se sente uma bonequinha de açúcar assim sozinha em uma masmorra escura? Sua mãezinha não preparou você para isto, não é mesmo? Vocês só são adestradas para nos enganar e nos jogar na desgraça, para que a corte das fadas mais uma vez possa se divertir com a estupidez dos vampiros.

Ele a pegou grosseiramente pelos cabelos e virou sua cabeça para trás. Nuriya podia sentir nitidamente a baba pingando de seus longos dentes caninos. *Repugnante*, pensou.

– Mas isso vai acabar logo. Quando eu tiver terminado, você vai me implorar de joelhos para dar fim à sua vida.

Senthil divertia-se com o seu aparente pavor. Talvez ele não pudesse matar a escolhida, mas ninguém o havia proibido de atormentá-la. O vampiro queria ter tempo para gozar o seu medo, antes de tomar aquilo que era seu direito natural como homem.

– Seu formidável protetor já está à sua procura, bonequinha. E se ele realmente for tão esperto para encontrá-la aqui, os meus guerreiros estarão à espera do celta e lhe prepararão uma surpresa agradável!

Nuriya abriu os olhos chocada. Até agora no seu íntimo ela realmente havia confiado que, com a ajuda de Ninsun, Kieran a encontraria e a libertaria. Mas agora ela não desejava nada mais ardentemente do que protegê-lo das artimanhas de Senthil.

E assim fez algo inacreditável. Pela primeira vez na vida, ela conseguiu manter Ninsun completamente fora de sua mente. Ninguém poderia ficar sabendo onde o sequestrador a mantinha prisioneira. Ela não deveria ajudar a atrair Kieran para a armadilha. Era o mínimo que podia fazer por quem salvara sua vida.

Senthil interpretou corretamente a expressão de seu rosto. A pequena realmente tinha uma afinidade secreta pelo celta. Perfeito! Se Kieran também tivesse algum sentimento por aquela fada, então ele poderia causar-lhe sofrimento ainda maior do que apenas ferir o seu orgulho por ter falhado como protetor da escolhida. Essa perspectiva o excitava tanto que ele, com um sorriso malicioso, apertou Nuriya contra a rocha fria.

Seus pulsos doíam com a força com que ele a segurava e, cheia de nojo, sentia sua outra mão penetrar por baixo de sua blusa e tatear ávida à procura de seus seios. Ela tentava inutilmente livrar-se de seu abraço, mas sua resistência parecia excitá-lo, fazendo-o aproximar-se com mais vontade.

Resignada entregou-se ao seu destino. Ela reconheceu, sem esperança de salvação, que estava entregue aos ataques dele, pois o vampiro era muito mais forte que ela. Aparentemente ele apreciava sua resistência e era apenas uma questão de tempo quando ele iria violentá-la ou matá-la. Provavelmente planejava ambos.

De repente Nuriya ficou completamente mole nos braços de Senthil e parecia com vontade de desmaiar. Senthil assustou-se: será que ele a matara sem querer? Estes mortais podiam ser tão sensíveis, e ela era só metade fada.

Não, ela ainda estava viva. Seu coração batia como o de um passarinho assustado. Com raiva bateu no seu rosto.

– Não brinque comigo! Muitas já pagaram com a vida por causa disso!

Nuriya teve vontade de chorar, mas se lembrou do vermelho traidor de suas lágrimas e virou seu rosto para o lado. O sequestrador deu-lhe um forte safanão, e ela caiu de volta na cama rústica. Uma pessoa normal com certeza teria quebrado alguns ossos com a pancada dura, mas seu carrasco pareceu não registrar o fato.

Sin não estava feliz por precisar procurar pela fada Anvea. Ela era bastante geniosa e não gostava muito da irmã dele. Antigamente as duas eram veneradas como grandes guerreiras, mas sua irmã também era responsável por questões amorosas e havia caído nas graças do irmão de Anvea – alguns até mesmo diziam que era sua amante. Além disto, Vênus é o símbolo astral de sua irmã, e na atual situação isso não prometia nada de bom.

Portanto não era de se admirar que, quando ele entrou na sua sala, Anvea gritou furiosa:

– Sin! Você se atreve a vir aqui? Saia imediatamente da minha casa!

– Eu amaria fazer isso, mas antes você deveria me dizer que desgraça está tramando agora.

– O que você quer dizer com isto? – perguntou com uma expressão astuta enquanto ajeitava o seu corpo imenso sobre uma espreguiçadeira bem acolchoada.

Sin observava interessado a sua imodéstia. Encostou-se contra uma coluna de mármore, cruzou os braços e decidiu lisonjeá-la.

– Você cresceu! – constatou. Anvea sempre crescia quando conseguia semear discórdia.

– Não é mesmo? – perguntou e passava satisfeita a mão sobre seus quadris.

– Não me diga que você tramou este plano astuto para impedir o pacto.

A fada pareceu crescer um pouco mais e respondeu orgulhosa:

– Ah! sim, foi ideia minha! – Deu uma risadinha, esfregando as mãos. – Será uma guerra bem sangrenta entre o reino da luz e das trevas! – Riu novamente – Sangrento! Isto é bom!

Sin suprimiu um suspiro e, em vez disso, lançou-lhe um grande sorriso.

– Muito bom! Mas me diga o que você pretende fazer com a escolhida quando você a tiver apanhado?

– Mas Senthil já a... – assustada levou a mão à boca e olhou para Sin com olhos enormes. – Isso eu não podia ter revelado!

– Não se preocupe, ele mesmo já está espalhando para todo mundo sua habilidade para pegar a moça. – Quando Sin viu o olhar furioso de Anvea ainda acrescentou – E ele alega que em breve regerá o mundo das trevas e se tornará um deus da guerra!

Nada disso era verdade, mas a reação da fada lhe confirmou sua estratégia. Furiosa, ela se ergueu e gritava:

– Este verme! Como ele ousa?

– Ele é realmente ingrato – adulou Sin.

– Mortal ou não, esta raça humana está completamente destinada ao fracasso, não acha?

Sin ignorou sua pergunta.

– Porque você se envolveu com ele?

– Ah, você sabe. Eu fico entediada muito rapidamente.

– Como você pode ficar entediada com essas terríveis guerras que os mortais fazem entre si? – admirou-se Sin, observando fascinado como a expressão de Anvea passava de raiva cruel para triste autocomiseração.

– Eles agora possuem esta terrível técnica. Telefones, televisão, vídeo! E ninguém mais diz a verdade sobre suas guerras. Os mortais agem como se na guerra não houvesse nem derramamento de sangue, nem mortos ou dor. – Indignada, abanava sua mão carnuda.

– Isto não é bonito! – admitiu Sin.

– Então me lembre de que neste ano ocorreria o pacto de Vênus – bufou com desdém ao pronunciar esta palavra e o fuzilou com o olhar. Com certeza pensava na irmã dele. – Eu achei bem atraente a ideia de trazer um pouco de emoção para esta história toda. Uma paz assim é muito monótona. Você sabia...

– e abaixou a voz para um sussurro confidencial, aproximando-se ainda mais – que Senthil odeia todas as fadas?

– Mesmo? – Sin agora também se inclinou e estava curioso para saber quais segredos ela iria lhe revelar.

– Oh, sim. E isto já há quase dois mil anos!

Sin estava surpreso, pois não sabia que Senthil era tão velho. Uma negligência perigosa! Sinceramente interessado olhava para Anvea e esperava que ela continuasse o seu relato.

A fada sorriu satisfeita. Ela detinha toda a atenção dele. Cuidadosamente arrumou seu vestido de corte clássico, bebeu de uma taça enorme e por fim continuou com um insinuante abrir de olhos:

– Quando Senthil era jovem e ainda mortal, encontrou uma linda ninfa. Ele era o filho mais velho de um importante príncipe de um clã, e a moça somente a filha adotiva de uma família pobre. Essa gente tinha, sem dúvida, a necessidade de agradecer aos deuses por seus sete filhos e não conseguiram deixar o pobre bebê rejeitado à mercê de seu destino, como qualquer outro o teria feito. – Emocionada, limpou uma pequena lágrima no canto do olho. Anvea podia ser cruel, mas ela mesma era mãe e tinha uma fraqueza por crianças. A fada percebeu que os pensamentos de Sin estavam se desviando e apressou-se em continuar. – Senthil apaixonou-se pela jovem mulher e, para espanto de seus pais, pediu a sua mão. A família dela, principalmente seus irmãos, queria obrigá-la a aceitar aquela união. Mas ela havia encontrado sua alma gêmea durante a noite, e não queria saber de outro amor além daquele. Por ter rejeitado sua mão, Senthil ficou furioso e tomou à força aquilo que acreditava ser seu por direito. Depois disso, espancou a moça quase até a morte e a largou no pequeno bosque para onde ele a havia atraído para o encontro. Os parentes dela do mundo feérico a encontraram moribunda e juraram vingança eterna para o filho do príncipe. Seu admirador secreto era um vampiro muito jovem e, quando na noite seguinte soube da morte de seu único amor, desafiou o assassino da moça, matou-o, e pela manhã entrou na luz. Não sem antes deixar um "presente" muito especial para Senthil: a imortalidade.

Anvea ergueu o olhar. Uma sombra parecia passar sobre seu rosto, e de repente Sin suspeitou que de alguma forma ela não foi passiva no desenrolar daquela história. Mas sua voz não revelou nada quando continuou:

– A família da fada violada jurou que Senthil jamais encontraria sua alma gêmea. Eles mataram seus parentes mortais e espalharam a lembrança de seu povo pelos quatro ventos.

Sin quase sentiu compaixão por Senthil. A existência de um vampiro era marcada pela solidão. Por essa razão, a maioria dos vampiros transformados sentia uma ligação especial com os descendentes de sua família, e normalmente a protegiam. A vingança do povo feérico, tomando-lhe sua identidade familiar e cultural, havia sido realmente cruel.

Sin lembrou-se novamente de sua missão e disse:

–Sua história é muito bonita! Mas você realmente quer desencadear uma guerra entre os mundos só para que este ingrato tenha a sua vingança?

– Lógico que não! – Anvea olhou para trás desconfiada, depois sussurrou – Minha mãe jamais me perdoaria por isso!

Sin conteve um sorriso. Ele conhecia a mãe de Anvea bem o suficiente para saber que praticamente não havia ninguém no mundo mágico que não a temesse.

– Você está numa grande enrascada – disse ele confidencialmente.

A fada fez uma careta como se fosse chorar a qualquer instante, e Sin continuou apressadamente:

– Tenho uma ideia. Você me permite?

Os mortais que ouviam Anvea chorar ficavam surdos ou loucos. Era frequente Sin ter dor de cabeça por vários dias quando tinha o desprazer de precisar aturar suas lamentações e queixas, e por isso ficou feliz quando ela o intimou esperançosa:

– Fale!

– Você podia ajudar um pouco a pequena fada. Assim ela teria condições de vencer Senthil.

Anvea olhou para ele interessada.

Apressadamente continuou:

– Na verdade sei por fontes seguras que Kieran, o famoso vingador, é sua alma gêmea, e que o segundo selo já foi quebrado.

– Quer dizer que ela já é uma filha das trevas há algum tempo? – Sin concordou com a cabeça.

– Senthil não mencionou nada disso! – ela retrucou em tom de acusação.

– Ele não é exatamente conhecido por sua honestidade – Sin deu-lhe a pensar.

– Estou vendo. Oh, não! Ele comanda os sicários!

Sin sabia que Anvea havia se juntado a um grupo de terroristas bem treinados capazes de destruir qualquer país em pouquíssimo tempo. Ela ultimamente ocupava com frequência o seu tempo com esse tipo de joguinhos.

– Desde quando sicários são vampiros? – perguntou desconfiado.

– Foi ideia de Senthil. Ele recrutou novos vampiros. Loucura, não é mesmo? – ela ria nervosamente e Sin desconfiava que isso ainda lhe traria uma porção de aborrecimentos. – Estes jovens têm a eternidade diante de si, e mesmo assim querem tudo aqui e agora! A propósito, a maioria deles machucou bastante o seu Kieran, ou talvez até o tenham matado. Eu gosto daquele homem – sorriu a temida fada guerreira, mostrando uma fileira de dentes pontiagudos, cada um deles afiado como uma navalha e letal.

– Você também iria gostar de sua alma gêmea. Ela é uma lutadora talentosa!

Anvea ergueu-se e Sin também se levantou.

– Estou certa de que o melhor vencerá, você concorda? – perguntou para Sin e colocou com intimidade a mão sobre o seu braço. – Cedo ou tarde era de se esperar uma disputa séria entre os dois vampiros alfa. Kieran encontrará uma solução para o problema! – Ele estava dispensado.

Brilhante! Isso significava que ela exigia neutralidade da parte dele. Sin sabia que não fazia sentido negociar com Anvea. O tempo pressionava, e assim curvou educadamente a cabeça. Ele se perguntava quando aqueles elfos

arrogantes finalmente entenderiam que não eram o centro do universo e que não podiam simplesmente ficar dando ordens.

Quando já estava bem longe de sua mansão, ouviu a voz divertida de Anvea em sua mente:

– Ah, mas nós somos os mais interessantes. Pergunte aos mortais porque eles ainda lêem as nossas histórias! – Ela ria. – Caso você queira saber onde Senthil escondeu a moça, pergunte a Kieran. Ele conhece muito bem a região.

Sin enviou a imagem de uma reverência elegante para a fada e secretamente se propôs a nunca cometer o erro de subestimar Anvea.

Ninsun, onde ela está?

Não sei!

Encantado, Sin observava como Ninsun tomava forma diante dele. Ele quase não conseguia respirar, como sempre acontecia quando tinha diante de si a visão de sua graciosa acompanhante. Seus olhos brilhavam como estrelas e seus lábios eram tão vermelhos e doces como cerejas maduras, que faziam com que todos os que os vissem quisessem experimentá-los, pensou Sin com saudades, e precisou rir-se de suas comparações triviais. Com certeza ele não havia nascido para ser poeta.

– Eu gostei! – ela o cumprimentou delicadamente, envolveu carinhosamente sua cintura com seus braços e olhou para o rosto familiar. – Nuriya me trancou para fora! – sussurrou e suas orelhas pontudas tremiam nervosas.

Sin a puxou mais para perto. Nesse momento, sua vontade era de beijá-la, e saboreava cada instante dessa proximidade.

– Você exerce má influência sobre mim! – suspirou por fim frustrado e soltou-se delicadamente de seu abraço.

Já fazia uma eternidade que aquele ser sedutor o acompanhava, e ele havia se habituado a vê-la como boa amiga e companheira confiável. Mas ele não era nenhum santo, e ela sabia ser uma sedutora habilidosa. Nem era necessário que Ninsun tomasse a forma que aquele que estava à sua frente desejava, e ela parecia conhecer exatamente os desejos secretos de Sin. Mas naquele momento ela se apresentava diante dele com sua aparência real, o que não diminuía em nada sua atração. Muito pelo contrário.

Com pesar, Sin voltou de seus devaneios:

– Como Nuriya conseguiu excluir você de seus pensamentos?

– Não faço ideia. – Uma dobra perpendicular surgiu entre suas sobrancelhas. – Nunca a considerei ingrata!

– Você lhe ensinou muita coisa nos últimos anos, Ninsun. Sua protegida parece estar aprendendo a voar.

– Se fosse apenas isso. Ela ainda não está pronta para realmente aceitar a sua magia, e parece que não quer mais saber de Kieran. E nem a culpo por isso, depois que ele a tratou tão mal – resmungou Ninsun em tom de acusação.

– Ele é pouco cooperativo, admito.

– Pouco cooperativo? Isso ainda é pouco. Esse vampiro é um sujeito sem coração que não sabe nem o que é bom para ele!

– Ninsun!

– Já estou me calando! Ele também tem os seus lados positivos. Seu traseiro redondinho é incomparável, sem dúvida alguma! – riu-se e sumiu num redemoinho com as cores do arco-íris.

– Chega! – resmungou Sin e surpreendeu-se com o acesso de ciúme que havia sentido com suas palavras. "Traseiro redondinho"... Desde quando Ninsun valorizava esse tipo de detalhe? Como está a terceira irmã?

Estelle? Ela não sabe de nada!

Uma risada alegre envolveu carinhosamente os seus pensamentos, e imediatamente ele se sentiu melhor.

Eu tenho um palpite de onde Senthil poderia tê-la levado. Mas eu ainda preciso conversar com Kieran sobre isso.

Então se apresse! Ele não vai mais esperar por muito tempo! – advertiu Ninsun.

Sin lembrou-se que o tempo para ele provavelmente havia decorrido de forma diferente do que neste mundo. *Que horas são?* – perguntou insistente, e Ninsun confirmou seus receios. Aqui o sol já havia se posto há uma hora.

– Finalmente! – Kieran andava impaciente de um lado para outro. Seus amigos também olhavam apreensivos para Sin, que como sempre havia aparecido de forma inesperada e misteriosa a partir das sombras.

– Onde está Nuriya?

– Há um castelo escocês... – começou Sin quando Kieran o agarrou pelos ombros.

– Ela está lá? Na minha própria terra! – disse indignado, dando um passo para trás. O primeiro impulso de Kieran foi sair imediatamente através do mundo intermediário até onde Nuriya estava. Mas isso teria sido um pouco precipitado. Sua terra era grande e havia mais de um castelo.

– Com certeza Senthil armou algumas armadilhas desagradáveis – observou Sin friamente enquanto deslizava o olhar sobre Donates e sua família. Lembrou-se a tempo de também incluir Erik e Selena naquela advertência. Ninsun sorria, e Sin tinha a sensação de uma maravilhosa manhã de verão na sua mente. *Meu Deus, você quer me deixar louco?*

Talvez mais tarde! – provocou atrevida. Dessa vez ele pensou ter sentido os lábios dela na sua boca e segurou surpreso a respiração.

– O que há com você? – Kieran olhava interrogativamente para o rosto sonhador de seu professor e Sin se esforçava em focar totalmente sua atenção no problema que estava diante deles.

Eles traçaram a estratégia. Kieran conhecia alguns castelos e ruínas abandonadas que podiam servir perfeitamente de esconderijo, e Sin contou dos sicários, que provavelmente estavam de tocaia em algum lugar próximo ao refúgio de Senthil, e deveria, ser fácil sentir sua presença.

Kieran pensou um pouco e então decidiu:

– Asher prometeu proteger Estelle de ataques. Vocês, Winterfeld, cuidam de Selena. Erik...

– Eu vou com você.

Kieran olhou para ele interrogativamente.

– Se qualquer contato mágico for interrompido, talvez você possa precisar do faro de um lobo. Além disso, Senthil espera apenas por vampiros, e isso pode ser uma vantagem para nós.

– Você está bem consciente de que isso é muito perigoso? – Kieran estava surpreso. Ele nunca havia contado com uma oferta daquele tipo, principalmente porque licantropos e vampiros nem sempre foram os melhores amigos.

O lobisomem lançou um olhar para sua amada e sorriu:

– Vou fazê-lo por Selena. Não conseguiria mais olhar em seus olhos se eu não fizesse de tudo para salvar sua irmã!

Kieran estudou o olhar da irmã de Nuriya e neles viu aprovação. Selena estava nitidamente orgulhosa de seu amado. O vampiro estendeu sua mão para Erik e disse:

– Muito obrigado! Eu aceito sua oferta!

– Eu acho que sei onde Senthil mantém a moça prisioneira!

– Você conhece o seu esconderijo? – surpreendeu-se Kieran, bastante irritado por ter avaliado mal as habilidades de Tesfaya. Aparentemente ela possuía talento mágico suficiente para desfazer o lacre que fora colocado sobre o seu quarto sem que ninguém percebesse. Kieran não podia se permitir outro descuido desse tipo se quisesse salvar Nuriya.

Ela sorriu satisfeita, como se houvesse ouvido seus pensamentos:

– Eu já estive lá. Senthil protegeu muito bem o castelo e o reformou para servir de quartel-general. Os sicários foram treinados lá. Além de névoa, carneiros e um vento gelado, não há muito nesta região que possa atrapalhar a concentração dos recrutas.

Ela estremeceu ao pensar nas paisagens solitárias do norte escocês. Para a vampira, que havia passado a juventude nas planícies da África, era inconcebível como alguém conseguia instalar-se em uma região tão inóspita.

O som de um telefone os interrompeu e todos olharam surpresos para Sin, que apressadamente tirou um celular do bolso interno de seu longo casaco e o atendeu com um seco “Sim?”.

Enquanto ouvia o que a pessoa dizia, sua expressão se tornou séria. Por fim apertou com raiva um botão e deixou o telefone sumir novamente no bolso.

– Kieran, você sabe onde me encontrar! – disse, sumindo logo em seguida.

– Você se esqueceu de me dar o seu número! – resmungou o vingador, perguntando-se desde quando seus semelhantes andavam pelo mundo carregando celulares.

Então olhou para Tesfaya e perguntou:

– Você pode me descrever o caminho até o esconderijo?

– Não, mas levarei vocês até lá!

Kieran refletiu. Era um grande risco confiar em uma ex-parceira de Senthil. Facilmente isso também poderia ser uma armadilha. Mas ele continuava sem encontrar nenhum vestígio de falsidade em suas palavras e Donates confirmou sua impressão, acenando quase que imperceptivelmente com a cabeça. A alternativa de vasculhar as montanhas da Escócia por conta própria em busca de sinais da presença de vampiros tomaria tempo demais.

Por fim, disse:

– Obrigado, Tesfaya. Sua oferta a dignifica. Só precisamos ainda esclarecer como Erik chegará lá rapidamente e sem perder energia.

O lobisomem riu:

– Quanto a isso não se preocupe! – disse, despedindo-se de Selena com um beijo. Em seguida abriu um portal com um gesto casual de sua mão. – Depois de vocês! – convidou os vampiros admirados e os seguiu através do mundo intermediário.

– Uau! – Angelina deixou escapar. – Você imaginava que seres mutantes possuíam este dom?

Donates passou a mão por seus longos cabelos.

– Neste aqui eu acredito! – piscou para Selena – Você apanhou um belo exemplar! Não o deixe escapar!

A ninfa riu:

– Neste meio tempo, também já constatei isto. E sabe de uma coisa? – Em tom de confidência se inclinou para frente. – Que os deuses tenham compaixão daquele que se atrever a encostar um dedo em Erik. Eu com certeza não terei!

Capítulo 11

Nuriya estava em completa escuridão, deitada no seu calabouço. Sem qualquer fonte de luz, por menor que fosse, nem mesmo seu dom adquirido de enxergar de noite, adquirido recentemente, nada lhe ajudava. Ela conseguia ouvir claramente as perninhas de um besouro arranhando o chão arenoso perto dela e, em algum lugar mais para trás, o ruído de água pingando. Isso lhe deu uma ideia. Nas suas costas, ela sentia a pedra fria e esculpida. Mas como era o resto de sua cela? Haveria alguma saída? A vampira tateou o chão à procura de pedrinhas para atirá-las e, com o auxílio do eco, descobrir o tamanho aproximado da saída. Rapidamente juntou um punhado.

A primeira pedra não foi muito longe e caiu na areia. A segunda bateu contra uma parede e Nuriya calculou que estivesse a três metros de distância. As outras pedrinhas também ofereceram informações e logo ela conseguiu orientar-se um pouco. Sua cela não era muito grande, talvez três metros por cinco, e aparentemente não muito alta. Cuidadosamente ela tateou as paredes até encontrar uma porta. Nuriya ergueu o punho e bateu nela, mas era como se estivesse batendo contra a parede de pedras. A porta era feita de madeira maciça e não deixava nenhum som escapar da cela. Sentou-se novamente sobre sua cama, infeliz. Será que era por isso que tinha sido tão fácil expulsar Ninsun de seus pensamentos? Por que naquele lugar, presa naquelas profundezas, não conseguia alcançar ninguém?

Sentiu então a força do sol diminuir, em algum lugar lá fora, e o dia terminar. Renovou suas esperanças. Ainda se passariam muitas décadas até que conseguisse mover-se tão livremente na luz do dia como Kieran, ele lhe havia explicado. Talvez por isso algum sistema de alerta interno a protegia, como a todos os vampiros, de sair sob a fatal luz do sol. Ela se lembrava exatamente de sua conversa noturna nas pedras pré-históricas de sua terra. Com sensibilidade, Kieran tentara tirar-lhe o medo de um futuro desconhecido. Agora Nuriya conseguia entender por que ele omitiu o papel que teve durante a transformação, e principalmente qual seria sua função no futuro. Ele desejava dar-lhe tempo para entender os seus sentimentos antes de ser confrontada com a total extensão de seu destino.

Talvez nem Kieran soubesse que eram destinados um ao outro. Mas refletindo sobre suas perturbadoras variações de humor, Nuriya admirou-se ao perceber que não lhe era assim tão indiferente. E ela não dispunha de muito mais tempo antes que Senthil voltasse. Decidida, endireitou-se e começou a despertar, no fundo de sua alma, as forças que deveriam protegê-la contra aquele sequestrador repugnante.

Bem perto dali, Senthil acordou alguns instantes mais tarde. Com certeza Kieran não estava mais longe. O odiado vingador já deveria sentir-se como o brilhante herói que libertaria a escolhida das garras do malvado e, além de tudo, em sua própria terra.

Desde a sua transformação, Kieran, que tinha a metade de sua idade, havia sido um espinho em sua carne. Pouco antes, quase havia conseguido ser reconhecido como vingador pelo conselho. Mas então aquele menino completamente imaturo apareceu e arruinou todos os seus maravilhosos planos. Ele o odiava por sua origem, pelos seus talentos mágicos e principalmente pela amabilidade condescendente com que sempre o deixara vencer todas as competições, apesar de todo o mundo saber que Kieran era o melhor. Mas nada disso o ajudaria, jurou Senthil. Durante séculos, tivera tempo para aperfeiçoar o feitiço que acabaria com a vida daquele celta. O vampiro riu satisfeito e ergueu-se para controlar os vigias, que estavam dispostos em torno do castelo. Sua tropa infelizmente não era mais tão grande quanto no começo, mas os guerreiros estavam empolgados para assumir com ele o poder em uma nova ordem mundial.

– Dormiu bem, general? – Na opinião de Senthil, o vampiro de roupas escuras o cumprimentou com intimidade demais. Mas generosamente ignorou o fato, pois ainda precisava do homem.

– Estão todos a postos?

– Eu tenho homens na entrada do vale e alguns no alto das montanhas. Dois estão vigiando o lago e atentos a possíveis atividades mágicas na região. Todos os demais estão à nossa disposição no castelo.

– Muito bom. Quero ser imediatamente informado se Kieran aparecer em algum lugar. Envolvam-no em uma luta, mas não o matem. Este prazer eu mesmo quero ter."

– Até agora não há sinais de que ele esteja nas proximidades.

Senthil olhou irritado para o céu noturno. Onde estava aquele celta? Será que desistiu e que não tinha mais interesse em salvar a moça?

Kieran e seus acompanhantes viajaram através do mundo intermediário até as paisagens montanhosas da Escócia. Admirado, o lobisomem olhava à sua volta.

– Isso é Argyll! Conheço bem a região! Parentes distantes moram aqui bem perto – disse, olhando interrogativamente para Kieran. – Você assume às vezes formas bem diferentes, hein?

Seu companheiro encostou-se em uma pedra alta e íngreme e riu.

– Você não sabia disto? Alguns vampiros muito velhos e quase todos os vampiros de nascença podem transformar-se em animais.

– Oh, não. Então você é provavelmente a diabólica pantera de minhas histórias de ninar! – suspirou Erik.

O vampiro sorriu e admitiu:

– É possível. Esta é minha terra natal.

– Mas não estamos nas montanhas escocesas – constatou Erik com um olhar inquisidor para Tesfaya.

– Brilhante observação, pequeno lobisomem! – ela retrucou no lugar do vingador e lançou um olhar desdenhoso para Erik. Então se virou sorrindo:

– Kieran, o que você pretende fazer?

– Tesfaya, ouça-me bem! Erik é um amigo leal e eu não tolero observações depreciativas sobre sua origem. Entendeu?

Ao dizer essas palavras, Kieran não alterou sua postura descontraída nem elevou a voz, mas a vampira ficou completamente pálida e respondeu com voz trêmula:

– Não quis ofender. Por favor, desculpe minha observação, Erik!

Os pelos do lobisomem também haviam se arrepiado com as palavras de Kieran e, pela primeira vez, perguntava-se quanto poder aquele vampiro realmente possuía. Com um sorriso, aceitou as desculpas de Tesfaya e olhou interrogativamente para Kieran.

– Estão vendo aquele chalé lá atrás? Lá vocês dois podem se alimentar. Não sabemos quando haverá novamente oportunidade para isso. Eu ainda preciso resolver um assunto, e depois podemos continuar viajando para o norte.

Tesfaya e Erik desceram a colina em direção à casinha coberta com palha que estava entre carvalhos altos na borda da floresta. Erik estava preparado para tudo quando cuidadosamente pegou na maçaneta, mas só um leve formigamento em sua mão revelava a magia com que Kieran certamente protegia seu modesto refúgio de visitantes indesejáveis. O interior cheirava um pouco a pó, mas de resto o local parecia arrumado e limpo. O aroma quente de sangue humano pairava no ar e Erik se perguntava quem, daquele lugar, estaria cuidando da casa para o vampiro.

Mas naquele momento o chalé estava vazio. Ele consistia de um único ambiente, dominado por uma enorme cama de madeira com dossel. Na lareira, era possível assar metade de um boi. Na frente dela, havia um sofá feio e florido, mas que parecia confortável, e à esquerda da porta de entrada, para surpresa de Erik, havia, além de uma mesa com quatro cadeiras velhas, uma cozinha completamente equipada. Parecia que era utilizada. Seu nariz sensível revelou-lhe que, no fogão, algo havia sido cozinhado há pouco tempo. Ao lado da pia ouviu um ronco baixo. Curioso, Erik abriu a porta do armário de madeira e achou uma geladeira, que estava satisfatoriamente abastecida com alimentos e algumas embalagens de sangue. Tesfaya, que até aquele momento não pronunciara uma única palavra, estendeu seu braço e pegou uma das embalagens de sangue, abriu-a com seus dentes pontudos e bebeu avidamente o líquido nutritivo. Atirou-se depois sobre o sofá e resmungou:

– Eu gostaria de saber onde está Kieran. Será que ele pensa que conseguiremos entrar no castelo de Senthil em cinco minutos?

Erik também se perguntava a mesma coisa, mas sua lealdade o fez engolir qualquer comentário, e pôs-se a saquear calado a geladeira, esperando impacientemente pela volta do vampiro.

Enquanto isso Kieran foi rapidamente até as pedras mágicas do outro lado do vale. Na beira da clareira examinou mais uma vez a atmosfera ao redor, para confirmar se realmente não havia ninguém por perto. lembrou-se, então, de tempos passados.

Sua mãe ali o trouxera no dia em que completou vinte e um anos, e tirara do oco do galho de uma árvore velha um jarro no qual se encontrava um pacote comprido enrolado em panos de linho. Quando sua mãe afastou o pano embebido em cera, Kieran não conseguiu acreditar em seus próprios olhos. A espada que ela lhe entregava era trabalhada artisticamente. Quando ele a tomou

em suas mãos, parecia que o metal precioso irradiava uma suave luz. Cuidadosamente Kieran passou a mão sobre o trabalho de marchetaria que enfeitava o castão preto. O sol e a lua haviam sido incrustados em marfim e ouro. Dois minúsculos diamantes pareciam simbolizar a estrela da manhã e da tarde. Um desenho em filigrana feito de inúmeras linhas entrelaçadas, semelhantes aos ornamentos celtas e que ele admirara no castelo de seu suserano, enfeitava a lâmina. A arma era perfeitamente balanceada, mas Kieran se perguntava como lutar com uma arma daquelas. Ela era muito mais curta do que todas as que fizera, até aquele momento, na oficina de seu pai. Mas nos séculos seguintes ele não apenas aprendeu a lidar com ela, como constatou que ninguém além dele podia tocar na espada. Em uma ocasião, um habilidoso batedor de carteira a tentou roubar, mas rapidamente pulou para trás gritando de dor. Chorando, segurava sua mão queimada para o alto, marcada com o desenho do cabo da espada, e gritava:

– Bruxaria! O homem é um bruxo!

Uma acusação pesada para aquela época. Kieran não precisava temer o mortal, mas sempre tentava não despertar atenção sobre si, e assim não colocar em risco outros vampiros menos poderosos. Passou então a vigiar a espada com maior zelo e ela sempre lhe prestou bons serviços.

– Mãe, onde você conseguiu esta arma? – perguntou o jovem Kieran admirado, e arregalou ainda mais os olhos quando viu as moedas de ouro polido no jarro de barro. Ela então contou ao filho como o encontrara, ainda bebê, numa noite fria de outono no caminho do vilarejo para sua casa, como se o desconhecido que deixara o cesto no qual ele dormia enrolado soubesse exatamente que naquela noite ela voltaria para casa tarde da noite. A espada, ela encontrara na manhã seguinte, junto com uma moeda de ouro, sobre o banco que ficava ao lado do fogo no seu pequeno chalé; deduziu, então, que aquela era a recompensa por ter acolhido, sem hesitar, a criança em seu humilde lar. Seu quarto filho tinha morrido no dia anterior, apenas três meses depois de seu nascimento, e por isso ainda possuía leite suficiente para o seu filho adotivo. A arma especial, ela escondeu de seu marido no oco de uma árvore. Ele com certeza teria tentado vendê-la. Mas o ouro ela lhe mostrou, e ele lhe permitiu que criasse a estranha criança junto com os próprios filhos. Daquele dia em diante, a cada manhã em que se completava mais um ano em que achara a criança, encontrava uma nova moeda de ouro sobre o banco do fogão. Mas em vez de gastar o dinheiro, resolveu escondê-lo. De qualquer forma a família vivia bem. O gado se multiplicava e engordava, a colheita sempre era excepcionalmente abundante, as crianças eram saudáveis e os trabalhos de forjaria de seu marido eram tão bons que ele passou a receber regularmente pedidos do lorde e de outras famílias abastadas da região.

Kieran entrou no círculo de pedras. Costumava ir regularmente àquele lugar antes de batalhas importantes para sentir-se em paz e assim limpar a mente. Naquele momento, porém, foi-lhe especialmente difícil conquistar o sangue frio e o distanciamento necessários, sem os quais dificilmente conseguiria salvar Nuriya. Com grande reverência, segurou a espada com as

duas mãos para o alto, como se quisesse oferecê-la ao céu, que se estendia sobre ele, e pensava nos inúmeros adversários por ele derrotados. Kieran não sabia como funcionava, mas mal havia fechado os olhos e teve a sensação de que as pedras giravam ao seu redor. O vento começou a soprar, no esforço de arrastá-lo às vezes para um lado, às vezes para o outro, até que um redemoinho se formou, carregando todas as suas dúvidas e receios para as alturas. Então beijou a lâmina fria e sussurrou:

– Poupe os inocentes e sirva a paz!

Em seguida colocou a arma sob seu longo casaco de couro, na bainha feita especialmente para ela, e voltou para seus companheiros.

Ignorando seus olhares curiosos, dirigiu-se a Erik:

– Ouça, eu não tenho ideia do que nos espera. Dependendo das circunstâncias, você terá de se defender sozinho. Ainda é tempo de voltar atrás, caso mude de ideia.

O lobisomem olhou para ele espantado:

– Naturalmente vou com você!

– Pois bem. Se houver luta, fique de fora. Com os sicários não se brinca. Eles desenvolveram um veneno especial que poderia ter sido fatal até para mim.

Incrédula, Tesfaya olhou para ele:

– Você tomou a beberagem e sobreviveu?

– O que você sabe a respeito? – a voz de Kieran soava dura e, num piscar de olhos, ele estava bem próximo, atrás da vampira. Ela começou a tremer.

– Não muita coisa. Senthil trabalhou uma eternidade para aperfeiçoar a receita.

– Aparentemente não é tão boa como ele supõe. – Kieran voltou para Erik. Tesfaya não precisava saber quão pouco faltou para ele ser liquidado por aquela poção. O lobisomem irradiava uma paz decidida.

Kieran balançou satisfeito a cabeça e com sua unha rasgou uma veia de seu pulso. Segurou a ferida sangrando diante de Erik. Sabia muito bem que, em circunstâncias normais, o lobisomem jamais o beberia espontaneamente, por receio de ligar-se a ele para sempre. Ele valorizava muito sua confiança e sua dedicação pelas fadas irmãs.

Ávido, ele sorveu o aroma do sangue vampiresco e não conseguiu negar o caçador que dormitava nele. Quando olhou Kieran penetrantemente por um momento, como para certificar-se de sua sinceridade, suas pupilas ficaram estreitas e verticais. Pareceu estar satisfeito com o que leu no rosto do vampiro, e finalmente se inclinou sobre o pulso deste. Mas em vez de enterrar seus dentes na carne macia, como seria de sua natureza, lambeu vagarosamente com sua língua áspera o sangue vermelho escuro de uma ferida que já começava a se fechar.

Kieran valorizava bastante aquela visível demonstração de autocontrole, e estava convencido de que Erik seria um companheiro de batalha confiável.

– Agora você deve estar imune contra o veneno.

Erik tinha a sensação de que diversas coisas haviam se passado com ele. Assim que sentiu o sangue de Kieran na sua língua, uma chama estranha correu pela sua espinha e se espalhou como um raio por todo o corpo. Ele possuía

sentidos excepcionalmente bem desenvolvidos, mesmo para um lobisomem, e não apenas seus irmãos temiam os reflexos e a força de Erik. Nunca fora inferior a ninguém nas lutas que eram habituais entre seus semelhantes. Agora ele sentia mais intensamente o vento sobre a sua pele, e a terra sob seus pés parecia vibrar com a diversidade de vidas nela. Como nunca, o aroma das plantas primaveris e do distante mar salgado estimulavam o olfato de Erik. A paisagem encantadora brilhava na luz prateada da luz minguante.

Kieran olhava o jovem lobisomem compreensivo.

–Você se acostumará a isto. Em alguns dias tudo ficará mais ameno também.

Os três guerreiros aproximavam-se cautelosamente do vale bem no solitário norte da ilha britânica, para onde Tesfaya os guiara através do mundo intermediário. Havia um acesso não muito largo e que podia ser facilmente vigiado. Os picos que o ladeava eram cobertos apenas por liquens e musgos. A névoa pairava sobre o lago e estendia seus braços pela pequena floresta nas suas margens. As árvores pareciam encolher-se sob as rochas. Seus galhos estendiam-se como que em sinal de reclamação na direção da grandiosa fortificação, que reinava sombria, como a morte, sobre o silencioso vale. Parecia que toda alma vivente tinha fugido daquele lugar.

Era ali que Senthil mantinha a ninfa prisioneira.

– Ouçam, vocês dois! – sussurrou Tesfaya, depois de ter se virado diversas vezes. – Mais à frente fica a nascente deste riacho que vocês veem correr ali. Do lado, atrás de uma rocha, bem escondida, fica a entrada para o sistema de cavernas, pelo qual poderemos entrar despercebidos no castelo.

– Como sabe disso? – perguntou Kieran, desconfiado.

– Eu já usei várias vezes este caminho para entrar e sair despercebida. Eu o conheço bem.

– Por que você não usou o mundo intermediário...?

Tesfaya interrompeu Erik com rispidez:

– Pense! Senthil teria percebido qualquer atividade mágica e todas as outras saídas estão lacradas. Até hoje ninguém conseguiu romper estes lacres.

Quando Erik se preparava para responder com raiva, Kieran ergueu a mão de forma conciliatória. Imediatamente o lobisomem se calou.

Tesfaya sorriu e continuou:

– Entrarei agora na caverna. Se tudo estiver em ordem, darei um sinal para vocês.

– E no que está pensando? – perguntou Erik.

Eles combinaram de evitar, ao máximo, qualquer tipo de contato mental ou magia.

– Colocarei uma pedra na nascente para que, por um instante, o riacho seque. Este será o sinal!

Kieran a olhou penetrantemente e Tesfaya esperou até que Kieran perscrutasse seus pensamentos. Mas nada sentiu. Quando o vingador finalmente acenou, seguiu aliviada em direção à nascente.

– Você confia nela?

– Não confio em ninguém, mas ela diz a verdade. Acredite-me, sei quando tenho um mentiroso diante de mim. Venha, nós vamos atravessar o riacho e subir naquele carvalho velho do outro lado. Parece-me um bom ponto de observação.

Erik sorriu:

– Confiar é bom... – e silenciou por um instante, inclinando a cabeça. – Você ouviu isto? – Mas a pergunta era desnecessária, pois Kieran escutava com concentração os ruídos na floresta. Ouvia-se um farfalhar baixinho. As pupilas de Erik se dilataram surpresas quando encontrou Nuriya deitada sem vida entre duas enormes pedras. Seus lábios estavam rasgados, um olho estava tão inchado que não abria, como se alguém tivesse batido nela, e o sangue pingava do canto de sua boca. Diante da cena, Kieran teve a sensação de alguém lhe enfiara um punhal no peito. Soltou um chiado perigoso e quis se lançar sobre ela, mas Erik segurou o vampiro.

– Eu não consigo senti-la!

– Ninguém consegue! – Kieran tentou se soltar.

– Mas você consegue, Kieran! – A voz de Erik era tão penetrante que ele parou.

Era verdade, Kieran sempre pôde senti-la, mesmo no Hellfire. E agora ele via a moça deitada à sua frente, mas ela estava estranhamente distante dele.

– Você acha que é uma armadilha?

Aliviado, Erik soltou a manga do vampiro. Mas então a moça gemeu e sussurrou:

– Kieran, por favor!

Nada mais pôde segurá-lo. Ele se atirou para frente e, no mesmo momento, soube que havia sido um erro. Kieran ainda não tinha chegado até Nuriya quando seus contornos se desfizeram e o chão sob seus pés cedeu. Indignado, Erik observou como o vingador afundava no solo. Antes que a estranha abertura mágica pudesse se fechar novamente, Erik invocou a imagem de um lobo polar e se transformou rapidamente em um. Não havia tempo para pensar sobre a velocidade da transformação de sua fisionomia e, com um enorme salto, pulou atrás de Kieran.

Erik sentiu um zumbido estranho em seus ouvidos e inesperadamente viu-se em uma enorme caverna subterrânea. As paredes eram cobertas de cristais. Uma pequena fonte jorrava no centro sobre pedras lisas. A água brilhava nos mais diversos tons de verde, que se refletiam milhares de vezes nos cristais e mergulhavam a caverna numa luz irreal, quase fantasmagórica. Na frente deles, havia uma gruta iluminada por incontáveis luzes vibrantes, que cobriam um trono adornado ricamente com tecidos preciosos. Na frente da gruta, eles viam seres estranhos sentados sobre as rochas, de pé em grupos ou acomodados confortavelmente sobre travesseiros macios. Poucos eram homens. De repente todos se calaram e se curvaram diante da mulher que repentinamente surgiu. Seus cabelos eram tão longos e loiros quanto os de Órla. Mas essas eram as únicas semelhanças. A simetria do rosto daquela mulher era perfeita; seu corpo, extremamente atraente, e se a fada-vampiro era detentora de uma poderosa irradiação, então só poderiam, agora, estar diante mesmo de uma rainha.

– Que temos aqui?

Uma fada apressou-se até o seu lado e pareceu cochichar algo no ouvido da soberana. Depois disso, olhou penetrantemente para seus dois convidados e disse com voz grave e baixa:

– Venha para cá, vampiro. E pode trazer o seu cachorrinho de estimação!

Erik emitiu um ruído rouco, que imediatamente foi revidado por um silvo inamistoso das fadas. Assustado, o lobisomem abaixou suas orelhas e aproximou-se mais de Kieran. O vampiro encontrou sem hesitar o olhar avaliador da rainha. Eles se encararam por alguns segundos e parecia que naquele momento todos os demais pararam de respirar. Os olhos verde-mar da fada pareciam dois redemoinhos intermináveis, como se quisessem atrair a alma dele com o seu encanto. Sua cor lembrou Kieran de Nuriya, e ele resistiu à tentação de se deixar levar pela atração exercida sobre seus embotados sentidos. Ele estava furioso com essa tentativa da rainha de enfeitiçá-lo. A despeito de ter decidido tornar a permanência deles no seu reino o mais breve possível para poder continuar procurando por Nuriya, atendeu a sua ordem e se aproximou.

– Então deseja libertar a escolhida? – Ela se sentou elegantemente no trono e avaliou seu convidado com o olhar. – Isto é tudo que o mundo das trevas enviou para libertá-la? Um vampiro e um... – ela sorriu – lobo?

Kieran não se deixou provocar e respondeu friamente:

– Ninguém nos enviou.

– E porque ele está aqui? – disse, apontando com desdém para Erik.

– Ele pode fazer o que achar certo, pois não pertence ao reino das sombras.

– Isso é evidente! – rosnou e parecia que, sob seu rosto, escondia-se um ser bem diferente, bem menos atrativo.

Erik transmutou-se tão rapidamente de um enorme lobo branco para a forma humana, que as fadas que estavam por perto ficaram espantadas e deram um passo para trás. A contragosto Kieran sorriu quando, logo a seguir, o clima ficou sensivelmente mais leve. Isoladamente, ouviam-se risadinhas e expressões de aprovação, principalmente dos membros femininos da corte, que se aproximavam com curiosidade, pois sabiam valorizar muito bem a visão de um homem atraente e nu. Erik nem notou o interesse delas, e sua voz ainda não lhe obedecia completamente, soando como o rosnar de um animal perigoso:

– Eu o acompanho a pedido de Selena.

Mais uma vez a fachada falsa do espírito da terra oscilou, e Erik pôde entrever orelhas pontudas e verdes.

Kieran sabia que naquele local o tempo seguia outras leis. Por isso pressionou:

– O que deseja? Temos coisas mais importantes a fazer do que responder a suas perguntas!

Furiosa, a fada se ergueu e não havia mais dúvida de que ela realmente era verde da cabeça aos pés. Dentes caninos afiados se tornaram visíveis quando ela rosnou:

– A pergunta seria o que você quer!

Satisfeita porque Kieran hesitava em responder, continuou:

– O que é? Ouro, diamantes, poder? Você já não tem poder suficiente, vingador?

Ela cuspiu a última palavra como se fosse uma erva amarga.

Quando Kieran ergueu seus olhos, suas pupilas pareciam um redemoinho retumbante de prata derretida e, por um instante, pareceu que o vampiro iria se atirar sobre ela. Ele já fora ofendido diversas vezes. Na realidade raramente alguém lhe demonstrava simpatia ou até mesmo reconhecimento por seu trabalho. Mas até hoje ninguém, nem mesmo seus adversários mais terríveis, o tinham acusado de ganância. Parecia que um furacão estava se formando, e o vento quente do deserto agitava os vestidos das fadas, despenteava seus cabelos e fazia com que Erik, chocado, tentasse respirar. Mas Kieran permanecia como um demônio vingador totalmente inalterado no meio dos acontecimentos.

– Quem é você?

A fada rainha tinha dificuldade em elevar sua voz acima dos estrondos, e Erik pensou ouvir uma leve insegurança. Imediatamente a tempestade se acalmou e nada mais lembrava aquele estranho fenômeno quando Kieran respondeu:

– Nuriya me pertence e ninguém, nem mesmo os deuses, colocarão a mão sobre aquilo que é meu!

Um sorriso desdenhoso desenhou-se no canto da boca da fada.

– Quer dizer que você reivindica a mão da escolhida? Verá que não se pode simplesmente possuir uma ninfa. Se ela não aceitá-lo, vampiro, então você me pertencerá!

– Concordo... se você deixar Erik partir! – exigiu Kieran.

Não lhe importava o que aconteceria com ele se Nuriya não sobrevivesse àquela aventura. Se ela o rejeitasse, sua vida de nada valeria. Kieran não queria imaginar o seu futuro sem a pequena fada.

A corte à sua volta bradava, indignada, e claramente se ouvia como sibilavam:

– Como ele ousa fazer exigências?

A rainha olhou penetrantemente para Kieran, depois para Erik. O que quer que ela houvesse lido em seus rostos, pareceu satisfazê-la.

– Tudo bem. Erik fica livre. Ele não prejudicou Selena até agora, e não o fará no futuro – acrescentou em tom de ameaça.

De repente ela estava bem perto, atrás de Kieran, e rapidamente apanhou sua espada e a segurou contra o pescoço do vingador. O vampiro ficou paralisado. Até agora ninguém além dele tinha conseguido tocar a arma sem sofrer algum dano. E agora aquela bruxa verde segurava a lâmina mortal contra sua garganta com intenções bem claras.

– De onde roubou isto? – perguntou a fada.

– Ela me pertence! – Kieran sequer ousava engolir. Qualquer ferimento com esta espada representaria seu fim. Sempre que ela experimentara o gosto do sangue, liquidara com precisão cada um de seus adversários. Esta também era a razão por que ele só usava a arma fatal quando o conselho lhe dava ordem para execução.

– Não pode ser! A não ser que...

A fada emudeceu por um momento, e então pressionou a lâmina com mais força ainda contra a garganta do vingador. A qualquer instante o metal frio poderia ferir sua pele.

– De onde vem esta espada?

Erik queria ajudar Kieran, mas o vingador o impediu com um único olhar. Ele não conseguia compreender o que estava realmente acontecendo.

– Eu não gosto de me repetir. – A expressão do rosto de Kieran tornou-se ainda mais fria, se é que isto era possível. – Foi minha mãe que manteve esta espada escondida por vinte e um verões, antes de me entregá-la.

A fada abanou o ar com sua mão livre, como se quisesse se livrar de insetos inoportunos.

– Esqueça os mortais!

Kieran se calou.

Sua voz demonstrava incredulidade quando pouco depois sussurrou, rouca:

– Você realmente não faz ideia de onde ela vem e o que representa, não é mesmo?

E com estas palavras, a fada abaixou a lâmina mortal e deu um passo para trás.

Kieran estendeu sua mão e a poderosa fada rainha devolveu-lhe com cuidado a espada, como se tivesse medo de se ferir. Enquanto isso sibilava:

– Assunto encerrado. Isso é problema seu! Você a transformou, não é mesmo? Posso sentir o cheiro dela em você. Nuriya é especial e você jamais deveria tê-la transformado sem que ela consentisse!

– Você teria preferido que ela morresse? – Kieran olhou furioso para ela, enquanto deixava a espada sumir propositalmente lenta sob o seu casaco.

O olhar da poderosa fada ficou mais suave quando sussurrou:

– Ela então teria retornado para nós!

Este momento de fraqueza durou pouco. Ela soltou uma risada tão estridente, que até mesmo sua corte se assustou.

– Não importa, o conselho decidiu que, nesta situação excepcional, devemos nos manter neutras, mas ninguém pode nos proibir de lhes apresentar o misterioso mundo subterrâneo de nosso reino, certo? Veja você mesmo, vampiro!

E com um movimento agitado de sua mão criou uma janela na rocha. Atrás dela estendia-se uma paisagem misteriosa. Colinas amenas de um verde intenso, florestas e lagos brilhantes descortinavam-se diante deles, parecendo estar mergulhados na luz suave do sol poente. No horizonte Kieran reconheceu a silhueta escura de um castelo. A rainha apontou para ele:

– Nesse castelo Senthil mantém a escolhida prisioneira.

Ela pediu que uma fada de cabelos escuros se aproximasse e lhe sussurrou algo no ouvido. A fada balançou a cabeça e fez sinal para que os dois a seguissem.

– Belinda os acompanhará até lá. Depois vocês estarão à mercê de si mesmos.

Os dois guerreiros estavam muito admirados sobre a mudança de direção dos acontecimentos, mas de boa vontade deixaram a sala do trono. Quando Kieran e Erik se viraram, a fada rainha sussurrou silenciosamente:

– Por tempo demais ignorei os acontecimentos do mundo mágico. Que os deuses não castiguem vocês por causa da minha ignorância!

Eles seguiram Belinda através de um corredor mal iluminado, até que a fada parou subitamente e lançou um olhar zangado para Erik.

– Selena não deve aprovar que você se exiba assim de maneira tão provocante diante de toda a corte – e dizendo isso, enfiou a mão na rocha e tirou um jeans preto, botas e uma camiseta com os dizeres "Fadas tem orelhas esquisitas!", que atirou para o lobisomem estupefato.

–Vista-se! – intimou-o, desviando educadamente o olhar.

Kieran deu uma gargalhada:

– Eu acho suas orelhas uma gracinha!

O gelo estava quebrado. A expressão de Belinda se iluminou e ela guiou os dois por caminhos sinuosos através de seu mundo misterioso até os pés do castelo, que se erguia sombrio e ameaçador diante deles. Chegando ali, descreveu um círculo no ar com sua mão esquerda e um corredor escuro surgiu, de onde emanava o cheiro de mofo de paredes velhas.

– Infelizmente não posso mais acompanhá-los a partir daqui!

Ela abraçou Erik apressadamente e sussurrou:

– Há um amuleto em seu bolso. Se você o colocar no pescoço, vai se tornar invisível, desde que não se mexa. Boa sorte!

Dizendo isso, virou-se e voltou rapidamente para a proteção da floresta.

Enquanto se apressava para alcançar Kieran, que já tinha desaparecido no corredor escuro, os dedos de Erik envolviam o estranho presente que fora dado pela fada. Parecia que ele irradiava um calor familiar e o aroma de terra de sua querida Selena. Naquele momento, Erik teve certeza de que iriam conseguir libertar Nuriya.

Capítulo 12

Nuriya estava apreensiva em sua prisão. Já fazia bastante tempo que o sol não estava mais no céu, e isso ela conseguia sentir apesar das grossas paredes que a circundavam. Senthil poderia voltar a qualquer instante, mas quando ele surgiu diante dela, vindo do nada, ainda assim ela se assustou.

O vampiro acendeu algumas tochas com um estalar de dedos e ela viu que sua suposição, no que dizia respeito às características de sua cela, estava certa.

Ele sorriu friamente e ficou parado próximo demais dela.

– Céus, você está fedendo! Será que vocês mortais não conseguem controlar suas funções fisiológicas? – e, enojado, deu um passo para trás.

Nuriya se esforçava para esconder seu triunfo. Ela havia rolado na palha podre e em seguida se esforçado para intensificar o cheiro. O olfato dos vampiros funcionava muito bem, mesmo não sendo tão eficiente quanto o dos lobisomens. Com seu cheiro forte, ela pretendia manter o sequestrador longe de si. Ela o examinava. Será que ele perceberia a magia?

– Está esperando pelo seu brilhante herói? Não se preocupe, ele virá, e eu estou muito bem preparado para recebê-lo.

Ela sentia a respiração dele no seu pescoço e precisava se controlar com todas as forças para não estremecer.

– O que você quer dizer com isso? – Sua tentativa de criar discretamente um pouco mais de distância entre ela e seu sequestrador foi bruscamente interrompida pela rocha fria nas suas costas. Para sua grande decepção, parecia que ele não se incomodava mais com o seu cheiro.

– Uma surpresa agradável aguarda pelo celta quando ele entrar neste castelo para libertar você. Um feitiço que algumas fadas usam para paralisar seus prisioneiros vampiros e tornar seus métodos de tortura o mais eficaz possível. Kieran poderá assistir como nos divertiremos um pouco, antes que eu o mate – disse Senthil, enquanto deslizava as duas mãos sobre seus seios, ronronando de prazer.

Por entre os dentes Nuriya sibilou:

– Por que as fadas fariam uma coisa dessas?

– Elas não sabem nada sobre isso. Elas, como posso dizer, *perderam* o feitiço!

– Mas o que você deseja de Kieran?

– Isso você ainda saberá – riu Senthil, claramente feliz com sua tentativa inútil de se livrar de sua mão forte.

– Diabos, como ela fede! Tire as mãos dela! – e abominação soava daquela impassível voz de mulher, e mesmo assim Nuriya estava grata por ouvi-la. Senthil a soltou imediatamente e se virou.

–O que você tem com isto, Alida?

– Muita coisa, diria eu – retrucou furiosa a vampira. – Você desperdiça o seu tempo aqui com uma mortal enquanto três estranhos penetram despercebidos no castelo!

Senthil agarrou Nuriya mais uma vez com rudeza e sorriu satisfeito.

– Ah, maravilha! Seu vingador finalmente se digna a aparecer! – e dizendo isso a empurrou através da porta da prisão. – Levem-na até a torre e cuidem para que esteja limpa para a cerimônia! Não há quem aguente esse fedor.

Nuriya caiu e, na queda, cortou seus lábios na ponta de uma rocha. Rapidamente passou a língua sobre a ferida, esperando que Senthil estivesse ocupado demais para sentir o cheiro diferente de seu sangue. Por sorte a ferida se fechou imediatamente. Nuriya engoliu rapidamente a minúscula gota de sangue e olhou para cima.

À sua esquerda e à sua direita estavam dois homens enormes, que pareciam muito assustadores em suas roupas pretas de guerra. Sem demonstrar qualquer sentimento, pegaram Nuriya pelos braços e a colocaram em pé. A ninfa mal conseguia acompanhá-los e cada vez que ela tropeçava nos infinitos degraus lisos, seus dois acompanhantes simplesmente a erguiam para colocá-la novamente em pé sobre no próximo degrau. Eles conversavam por sobre sua cabeça como se Nuriya não estivesse ali.

– Não sei por que o mestre faz tudo isso por causa deste saco de sangue – resmungou um deles aborrecido.

– Ele me ameaçou com a morte pela luz do sol se alguém encostar a mão nela – confirmou o outro admirado.

– Como se alguém fosse se interessar por uma coisa dessas!

O vampiro a sacudiu enojado. Nuriya olhou para o homem à sua direita, que acabara de falar. Sob o turbante, apareciam algumas mechas longas e ruivas, e se o canto de sua boca não estivesse tão deformado por conta do desprezo, seria até mesmo possível dizer que tinha boa aparência.

– É loucura imaginar que ela seja a escolhida! Se eu penso na última moça, aí sim eu poderia ter fraquejado. Que mulher!

– É verdade. Mas por que você deseja uma alma gêmea, se existem tantas mortais se oferecendo? Admito que elas não duram muito, mas ouvi dizer que almas gêmeas são terrivelmente ciumentas e fieis até a morte. Isto não parece muito tentador.

O vampiro ruivo riu e os dois homens fizeram algumas observações grosseiras sobre suas preferências sexuais.

– Dizem que o vingador tem um interesse especial por ela.

A voz do vampiro era carregada de raiva.

– Com ele, eu ainda tenho uma conta a acertar! – disse com um gesto distraído e encostou sem perceber a mão no rosto. Somente agora Nuriya via que lhe faltava o olho esquerdo. Uma cicatriz feia e vermelha deformava o seu rosto que, apesar disso, continuava atraente.

Nesse momento, seus dois acompanhantes pararam diante de uma porta blindada que o loiro abriu com um empurrão. Ele deu algumas instruções numa língua totalmente incompreensível para Nuriya, antes de empurrá-la para dentro do recinto e bater a porta atrás dela.

A mulher que Senthil chamara de Alida chegou a tempo para poupar Nuriya de outras intimidades. Agora ela a observava penetrantemente, enrugou rapidamente seu nariz e lhe fez um sinal claro para que mantivesse distância. Nuriya observava os movimentos de Alida enquanto ela deixava a água entrar

na banheira e arrumava uma pilha de roupas pretas e até mesmo toalhas. Sem dúvida alguma, ela também era uma vampira e, como seus colegas, também usava calças largas, uma camisa lisa e um turbante. Aparentemente este era o uniforme deles, e de repente se lembrou de que os vampiros que lutaram contra Kieran e a amazona tinham aparência semelhante.

– Tire suas roupas! – ordenou a vampira, arrancando-a de seus pensamentos.

Nuriya obedeceu e pouco depois estava nua diante de uma banheira antiga, onde o vapor da água quente e essências aromáticas a chamavam. A estranha a examinava com desdém e depois riu satisfeita:

– Você é gorda! Senthil gosta que suas mulheres sejam magras e tenham pernas esguias!

Nuriya olhava para a banheira e se esforçava para não deixar transparecer o quanto esta observação a feria. As velhas dúvidas corroíam novamente sua autoestima e por um instante abalaram a segurança que adquirira recentemente. Mas o reflexo no espelho comprovava que ela não precisaria envergonhar-se de seu corpo, e o brilho do desejo nos olhos de Kieran, quando ele a seduziu nas campinas de sua terra natal, eram prova clara disso! Ou será que ele também preferia modelos anoréxicas e só havia se envolvido com ela por razões táticas? Não. Talvez Kieran não a amasse, mas o vingador não podia negar que a desejava. E se Senthil tivesse outras preferências, melhor para ela. Sorrindo, testou a temperatura da água com o dedão do pé, para depois deslizar aliviada em seu interior. Se ela se mantivesse atenta, provavelmente logo encontraria uma oportunidade para fugir. Senthil lhe pareceu extremamente presunçoso e isso era uma excelente condição para ele cometer um erro a qualquer momento.

Enfim torceu para que seu humilde feitiço também intensificasse o aroma dos sais de banho. Ela pretendia continuar irritando o nariz sensível dos seqüestradores e com isso disfarçar o poder de seu sangue. Se fosse bem-sucedida, no momento decisivo ela teria o elemento surpresa ao seu lado.

Enquanto Nuriya estava na banheira e tentava descobrir discretamente possíveis caminhos de fuga, sob o olhar examinador de uma vampira, Kieran e Erik tateavam através de um túnel escuro na rocha bem abaixo dela.

Sem demora os dois tinham atravessado as cavernas naturais e, à luz da lanterna de Kieran, descobriram rapidamente o corredor que levava até o castelo. Este parecia ter sido escavado na montanha por mãos humanas e dotado com degraus rasos.

– Finalmente vocês chegaram. Pensei que não viessem mais! – Tesfaya soava impaciente.

– Ouvimos um ruído e resolvemos averiguar – explicou Kieran, que havia decidido omitir de Tesfaya a ajuda da fada rainha.

Erik murmurou alguma coisa sobre caçada de coelhos e a vampira lhe lançou um olhar desdenhoso. Aparentemente se passaram apenas alguns poucos minutos desde que ela havia dado o sinal combinado, e por isso deixou o assunto morrer.

– A partir daqui não podemos mais usar luz – sussurrou. – Através de uma porta lá em cima chegaremos a uma passagem secreta que une os quartos da torre. Senthil mora lá e gosta de ter seus prisioneiros sempre por perto, principalmente prisioneiros do sexo feminino.

Um rugido perigoso subiu pela garganta de Kieran. Ele tinha vontade de sair correndo para matar o odiado adversário naquele mesmo instante. Erik colocou a mão sobre o seu braço para tentar acalmá-lo e, não pela primeira vez, admirou-se da forte reação de Kieran, que parecia esquecer tudo o que acontecia à sua volta sempre que algo estivesse ameaçando sua amada Nuriya. Aparentemente bastava apenas o olhar de outro homem na direção dela para ele perder o controle. Não era a situação ideal para um vampiro e com certeza uma experiência totalmente nova para o vingador. Erik lançou um olhar fuzilante para Tesfaya.

Kieran domou sua inquietação interior e pensou na passagem secreta. Ele sabia que, em caso de cerco, a família do senhor do castelo normalmente se abrigava na torre, onde estaria mais segura. Mas, no caso do castelo ser tomado, os moradores poderiam fugir através de uma segunda escada que conduzia a espécie de andar intermediário. Os acessos frequentemente se encontravam na lareira ou ficavam escondidos atrás de cortinas. A última opção era a mais apreciada e não raro também era usada em tempos de paz para encontros secretos ou relacionamentos amorosos. Kieran se lembrava de uma ou de outra ocasião em que ele mesmo usara aquele caminho para encontrar-se com uma dama em seus aposentos. Logicamente ele podia viajar através do mundo intermediário, mas isso implicava um risco relativamente grande de ser acusado de magia. Alguns mortais ficariam desconfiados – e, além disso, Kieran amava o desafio de alcançar seus objetivos sem o uso das habilidades especiais de um vampiro.

Obviamente não na situação atual. Ele não estava nem um pouco feliz em depender da ajuda de uma antiga confidente de Senthil, e quanto mais se aproximava do castelo, mais forte ficava o seu receio de que ambos caminhavam diretamente para uma armadilha. Seu sexto sentido para perigos nunca o havia traído. Mas Kieran não via outra possibilidade de chegar despercebido perto de Nuriya sem colocar em risco a vida de sua amada. Ele sabia, por conta dos encontros anteriores, que o sequestrador não hesitaria em matá-la.

Tesfaya virou-se novamente:

– Erik, à sua esquerda há uma corda estendida. Você pode se guiar por ela.

– Muito obrigado!

Na escuridão absoluta ela não conseguiu ver seu sorriso de desdém. Erik sabia muito bem que, na falta de qualquer fonte de luz, os vampiros não conseguiam enxergar nada e precisavam usar seus outros sentidos. Mas o olfato de um lobisomem era muito superior ao deles. Ele podia ouvir nitidamente a água que escorria à esquerda e à direita pela parede de rocha, assim como sentir suficientemente forte o cheiro da corda mencionada para poder se orientar por ela sem precisar tocá-la.

Calados, os três escalavam os degraus cada vez mais íngremes até o castelo, até que alcançaram uma porta pesada. Tesfaya tirou uma chave grande do bolso e abriu cuidadosamente a fechadura bem lubrificada. A porta abriu sem fazer ruído.

Atrás dela havia uma escada de pedra cinza, empoeirada e mal iluminada. Aparentemente pequenas frestas imperceptíveis na parede permitiam que o ar penetrasse no corredor. A luz prateada do luar, que entrava através das frestas, era suficiente para os invasores se orientarem.

Kieran gostava cada vez menos da situação. O corredor era estreito e tão baixo que ele só conseguia subir a escada curvando o corpo. Se o inimigo os descobrisse aqui, eles não conseguiriam nem se defender direito. A contragosto, e apesar de todas essas dúvidas, ele seguia Tesfaya e estava grato por Erik subir calado os degraus atrás dele. Mesmo sem contato mental, sabia que a situação lhe agradava tão pouco quanto a ele.

Num patamar da escada a sua guia finalmente parou e apontou para uma porta estreita. Kieran pôde reconhecer claramente o lacre com que Senthil havia protegido o seu quarto: por cima da passagem, reluzia fracamente um nó mágico.

A vampira sussurrou:

– Eu conheço este lacre.

Ela não vacilou e imediatamente começou a desfazer o complicado feitiço de linhas verdes brilhantes.

Algo está errado! – pensou Kieran. *Mas o quê?*

De repente ele sabia! Tesfaya tinha fugido de Senthil e ele havia enviado em vão os seus sicários mortais atrás dela. Jamais este vampiro experiente deixaria inalterados os seus lacres depois de um acontecimento tão inaudito.

– Uma armadilha! – Kieran sibilou e ergueu sua mão na tentativa de abrir um portal para o mundo intermediário quando inesperadamente surgiu uma dúzia dos guardas de Senthil.

Erik, que chegou àquela conclusão praticamente no mesmo instante que Kieran, conseguiu se salvar rapidamente, ajeitando-se num sulco estreito. Com presença de espírito, arrancou o amuleto feérico de seu bolso e o colocou em volta do pescoço. Na esperança que o feitiço de Belinda fosse forte o suficiente para escondê-lo, permaneceu imóvel e testemunhou como Tesfaya e Kieran capitularam. Eles foram atacados com kry – cristais afiados como lâminas de barbear, que eram disparadas através do ar e penetravam em suas vítimas, como se uma tempestade de granizo houvesse sido desencadeada. Erik tentava se lembrar do que sabia a respeito daquela arma especialmente traiçoeira, o que não era muito, pois quase não havia alguém que tenha sobrevivido a um ataque daquele tipo e poucas pessoas sabiam fabricá-la. Os cristais eram excelentes para transportar uma energia fatal que se desdobrava apenas no corpo da vítima e reduzia fortemente sua capacidade de regeneração. Receberam esse nome por conta das fortes dores que provocam. Erik queria fechar seus ouvidos, tão altos eram os gritos de dor de Tesfaya.

Senthil passou pela porta e olhou em volta. Com dois passos, aproximou-se da vampira e a nocauteou.

– Cale a boca!

Com a ponta de sua bota, virou de costas o corpo.

– Penso que você fez por merecer um lugar muito especial no nosso ritual!

Ele se virou. Kieran estava deitado, mudo, sobre uma poça de sangue que aumentava rapidamente. Sangue que ele precisava urgentemente para a cura de suas feridas. Senthil inclinou-se diante dele:

– Tão calado? Sempre o orgulhoso vingador! Mas logo você rastejará diante de mim, suplicando por salvação. Isso eu prometo!

Segurando a respiração, Erik observava como um cristal, expelido pelo corpo de Kieran, chegava até a superfície da pele e saltava com um leve tilintar pelos degraus de pedra. Imediatamente a ferida feia sobre seu coração começou a fechar e suas pálpebras tremiam, como se ele estivesse acordando de um desmaio profundo.

Senthil também o havia visto:

– Não é preciso se apressar tanto com a cura, vingador!

O tom carregado de raiva assustou Erik. O sequestrador estava esperando por Kieran. Provavelmente queria muito mais do que apenas impedir o pacto de Vênus.

Naquele momento Senthil ergueu a cabeça e olhou diretamente nos olhos de Erik. O suor frio brotou na testa do lobisomem e ele juntou todas suas forças mentais para resistir ao seu instinto natural de fuga. Um único movimento representaria a morte certa.

O vampiro murmurou alguma coisa e virou-se novamente para Kieran. Erik ficou aliviado até que viu como Senthil pegou uma seringa e injetou um soro azul em Kieran. Depois de poucos segundos o processo de cicatrização parou e parecia que toda vida se retirava do vampiro ferido.

Satisfeito, Senthil ergueu-se e latiu:

– Levem os dois para a sala do altar!

Dizendo isso, ele desapareceu e seus guerreiros negros se apressaram em executar sua ordem.

Erik ficou sozinho com a pergunta de como poderia libertar seus dois amigos. Ele não desperdiçou nenhum pensamento com o destino de Tesfaya.

Capítulo 13

Você conseguiu pegá-lo? – Alida serpenteou até perto de Senthil à maneira típica dela. Ele acenou satisfeito.

– Lógico! O vingador se considera invencível, mas foi exatamente como eu previ: ele não contava com os cristais. Eles o perfuraram antes que conseguisse fugir para o mundo intermediário ou pudesse armar seu escudo protetor. O soro se encarregou do resto. Ele não nos escapará.

– E Tesfaya?

– Os sicários estão cuidando dela para que não esteja tão esvaída em sangue para o sacrifício. Você preparou tudo para o ritual?

– O que você pensa? É lógico que sim! – Alida hesitou um pouco antes de perguntar baixinho – Você tem certeza de que funcionará?

– Tudo tem seu preço, mas nós temos o valor exigido. O que pode dar errado? – sorriu Senthil zangado, e omitiu da vampira que logo não haveria mais lugar para ela em seus planos. Uma vez que ele estivesse no poder, Alida apenas estaria em seu caminho. A vampira ambiciosa não hesitou em delatar os planos de fuga de Tesfaya para tomar sua posição na guarda pessoal de Senthil, e parecia acreditar que as poucas noites que passara com ele lhe assegurariam um lugar ao seu lado. Ela era astuta, como todas as mulheres.

O primeiro amor de sua vida também não reconheceu quanta graça lhe havia sido concedida quando ele, como filho único e sucessor de seu poderoso pai, perdeu-se tanto em seu entusiasmo juvenil a ponto de confessar sua simpatia por ela. Como se fosse ontem, ele via seus longos cabelos loiros, que sedutoramente acariciavam seus quadris cheios, e o azul profundo no qual ele desejava mergulhar toda vez que ele surgia sob os cílios espessos de seus olhos amendoados. As pessoas evitavam a criança adotiva e diziam que era endemoninhada. Mas ele era um príncipe e não tinha medo dela.

Mas, em vez de se demonstrar grata pela graça recebida, ela o rejeitou e quis casar com um homem simples do povo. Naturalmente era seu dever matar a vassala ingrata. Ninguém se colocava contra seu futuro soberano e permanecia impune.

Senthil continuava não aceitando contradições nem perguntas críticas, e Alida o atormentava regularmente com as duas coisas. Exigia outras qualidades de sua rainha, que precisaria ser delicada, intocável e disposta a servi-lo. Ele a moldaria e lhe ensinaria os segredos das verdadeiras qualidades sexuais. Seus subordinados deveriam invejá-lo por sua beleza única! Até aquele momento, ainda não tinha encontrado uma mulher assim.

Com raiva, virou-se sobre os calcanhares. Ele não tinha tempo para questionamentos e desceu rapidamente os corredores escuros em direção ao grande salão onde em breve selaria seu pacto com o demônio.

Alida o seguiu bem de perto. A facilidade com que ele estava disposto a sacrificar Tesfaya, sua ex-amante, para realizar seus planos ambiciosos a inquietava. De qualquer forma, se ela não era realista o suficiente para reconhecer que não era o seu charme que causava esta mudança de ideia, pelo

menos o comportamento bruto de Senthil na cama deveria ter-lhe servido de alerta suficiente. Na noite da fuga de Tesfaya, o vampiro apareceu em seus aposentos e a tomou sem aviso algum. Nem uma palavra, nem um gesto carinhoso, apenas desejo por satisfação o impulsionava, enquanto ele a forçava brutalmente a submeter-se à sua vontade. As dores nem mesmo foram o pior. Nunca Alida esperara o ódio e o desprezo com que Senthil a penalizou depois de finalmente tê-la penetrado. Os próximos encontros também sempre foram marcados por sua exigência por domínio absoluto.

Mas que opção tinha? Vendida ainda menina pela própria mãe como escrava para um poderoso feiticeiro, ela recebera, assim como todos os outros serviçais, o beijo de imortalidade de seu senhor. Quando ele quebrou um pacto infeliz com o mundo das trevas e foi eliminado por conta disso, ela e Tesfaya passaram a ser propriedade de Senthil. No princípio isso lhes pareceu vontade dos deuses. Mas Tesfaya logo compreendera que tinha caído numa escravidão ainda pior e ainda tivera a audácia de tentar uma fuga. Por causa disso, ela seria definitivamente liquidada.

Quando pouco depois Alida conduzia a pobre ninfa, recém banhada, para o magnífico salão, sob o olhar severo de Senthil, ela se perguntava mais uma vez se não era preferível o destino de Tesfaya a uma existência ao lado daquele vampiro ambicioso.

Por um instante Nuriya pensou se deveria mostrar resistência a Alida, que havia lhe apontado rudemente o vestido que estava preparado para ela e depois a arrastara através de corredores escuros. Mas seus sentidos lhe revelavam que guardas vampiros estavam escondidos na escuridão, e eles teriam agido imediatamente. Assim, decidiu aguardar um momento mais propício para a fuga. Além disso, por alguma razão desconhecida parecia que a vampira tinha ciúmes dela. Senthil com certeza não era o tipo de homem que a atraía. Sentia náuseas só de pensar nas suas mãos sobre o seu corpo.

– Não sei por que estamos tendo tanto trabalho com você, mas acredite, docinho, daqui você não sairá! – Sua guardiã passou uma corda em volta dos punhos de Nuriya, parou e depois apertou um pouco mais o laço. Nuriya sentia o granito frio de uma coluna nas costas e com os dentes cerrados notou como Alida examinava as cordas uma última vez. Finalmente a vampira se retirou, gargalhando maldosamente.

Naquele meio tempo, os olhos de Nuriya haviam se acostumado à escuridão. Ela sabia que um mortal comum não conseguiria ver muita algo naquela situação. O mais discretamente possível, olhava à sua volta.

No meio do aposento, diretamente sob uma grande cúpula, estavam desenhados os contornos de um pentagrama. No centro dele, em pé, havia uma cruz de ferro. Cinco candelabros enormes erguiam-se a partir do chão nas pontas do desenho mágico. Vultos trajando roupas escuras aproximaram-se para acender as velas. Pensou reconhecer seus dois guardiões entre eles, mas os homens se recolheram nas sombras e, enquanto seus olhos ainda os seguiam, Senthil apareceu repentinamente à sua frente.

Um único olhar foi suficiente para que um calafrio de mal-estar passasse pelo corpo de Nuriya. Com certeza o maldoso vampiro não planejava nada de bom. Sorrindo, passou a mão sobre o seu decote profundo.

– Pena eu não ter tempo agora para me preocupar com você – sussurrou o seu sequestrador com voz rouca, e virou-se para a entrada pela qual estavam trazendo uma mulher que Nuriya tinha a impressão de conhecer. Era a lutadora de pele morena que observara na companhia de Kieran na noite de sua caçada secreta?

Senthil foi ao encontro da prisioneira e dispensou o trabalho dos guardas que a acompanharam. Os movimentos da mulher eram lentos, quase como se estivesse em transe. Sem mostrar resistência, seguiu o vampiro até o centro do aposento e, ao seu sinal, parou. Então Nuriya percebeu que seus olhos estavam fechados e um grito de horror escapou de seus lábios ao ver as feridas profundas no corpo esguio, parcamente coberto por uma camisa esfarrapada.

Senthil parecia tê-la ouvido, porque riu:

– Olhe bem para ela, fada! É isso o que acontece quando não me obedecem! Alida já aprendeu sua lição há um bom tempo atrás, não é mesmo?

Dizendo isso, apalpou o traseiro de Alida, que havia serpenteado até seu lado. O vampiro a tomou pelo braço, apertou-a bem contra seu corpo, e enquanto seus dentes perfuravam o seu pescoço para que ele pudesse se satisfazer com seu sangue, olhava triunfante para Nuriya.

Ela sustentou o olhar e se esforçou para assumir uma expressão de indiferença. Mesmo quando imagens das fantasias de tortura e de estupro disparavam sem cessar por sua mente. Ela estava grata por suas cordas, que a impediam de fechar os ouvidos para se proteger dos gritos das pessoas que estavam sendo maltratadas, não dando a ele, assim, o prazer de alegrar-se com o seu pavor.

Por fim o vampiro soltou sua assistente com um grunhido e examinou Nuriya com os olhos semicerrados. Via-se claramente que ele esperava outra reação. Talvez lágrimas, ou até mesmo súplicas para poupá-la. Os segundos passavam e, quando ele afastou Alida de si, Nuriya teve receio de ter revelado demais de suas habilidades ocultas.

– Chegou a hora. Vá e busque a espada!

A mulher lhe lançou um olhar triunfante e apressou-se em executar a ordem.

E ela ainda se orgulha por ser tratada como lixo, pensou Nuriya perplexa.

Alida voltou da escuridão com uma caixa preta de madeira nobre, que parecia pesada. Com reverência, depositou sua carga numa espécie de altar e deu um passo para trás. Senthil ergueu cautelosamente a tampa, afastou um pano escuro e tomou em suas mãos a espada mais poderosa que Nuriya já tinha visto. Ele rodopiou e num piscar de olhos estava junto dela, com o metal fatal pressionado contra seu pescoço.

Ao ver o sulco no centro da lâmina, lembrou-se de que ele servia para permitir que o sangue das vítimas escorresse melhor. Um pensamento bem desagradável...

Senthil constatou satisfeito um lampejo de medo no olhar de sua prisioneira, que até agora estava indiferente demais para o seu gosto:

– Bem. Parece que você finalmente está percebendo a dimensão do perigo em que se encontra. Isto aqui não é um conto de fadas, meu docinho! Tampouco virá um nobre cavaleiro para salvá-la!

Nuriya tentava falar com calma, pois temia algum tipo de ferimentom, caso fizesse algum movimento errado.

– A quem você está se referindo? Ao vingador? É sua tarefa me proteger, e ele o fará!

– Sua tarefa? – rebateu Senthil, com os olhos a faiscar. – Não tente me enganar! Você está apaixonada por Kieran e sabe que ele faria tudo para salvá-la das "garras do maligno" – e ao pronunciar essas palavras sua boca se contorceu em um sorriso de desdém.

Nuriya pensava rápido. Percebeu que ele desconfiava de sua paixão por Kieran e com certeza tentaria aproveitar-se disso.

– Lógico que eu gosto do vingador! Ele tem boa aparência e pertence aos seres mais poderosos do mundo das sombras.

O ronco irado de seu sequestrador fez com que Nuriya se tornasse atrevida, e ela ainda acrescentou com um sorriso arrogante:

– Além disso, ele é vampiro de nascença! Qual fada não sonharia em ter filhos com um vampiro desses?

Senthil abaixou a espada.

– Parece que este é o objetivo máximo da vida de todas as ninfas! Copular com um vampiro de nascença e produzir uma corja de pequenos bastardos!

– Como se você pensasse em outra coisa! – respondeu a ninfa, e seus olhos desceram de forma lenta e provocante do rosto de Senthil ao seu peito para, em seguida, parar um instante para examinar sua virilha. – Pena não lhe ter sido concedida a sorte de ter herdeiros legítimos.

Senthil parecia querer estrangulá-la. Mas então cuspiu na direção de Nuriya e foi até Tesfaya, que ainda estava imóvel, encostada na cruz colocada bem no centro do pentagrama.

– Tragam-no para dentro! – Por sobre os ombros Senthil sibilou para Nuriya – Não creio que o vingador ainda possa lhe proporcionar muito prazer depois que eu acabar com a raça dele!

Então Nuriya viu algo ainda mais terrível. Sem poder fazer nada, precisou assistir como o corpo inerte de Kieran era trazido para dentro por quatro guardas. Os braços e as pernas estavam presos a ferros e sua cabeça rolava de um lado para outro, enquanto o endireitavam e o prendiam com correntes diante dela.

Kieran? Ela esqueceu toda precaução e ousou dar uma olhada rápida em seus pensamentos. Mas neles só havia névoa e dor. Pelo menos ele ainda estava vivo. Aterrorizada, ela retirou-se rapidamente e juntou todas as forças de que dispunha para fazer sua voz soar o mais indiferente que conseguiu:

– Que pena! Agora eu precisarei procurar por outro.

Senthil, que observara o tempo toda a expressão de Nuriya para poder se deliciar com sua dor, teve vontade de gritar de ódio e decepção. A sem-

vergonha não tinha sequer estremecido. Ela precisava ser muito tola se ainda não tivesse reconhecido a seriedade da situação em que se encontrava. Ele sempre soube que todas essas fadas eram um pacote de frieza!

Com um estalar de dedos acordou Tesfaya de seu transe. Ela soltou um grito de horror quando percebeu onde se encontrava. Mas parecia que não conseguia se mexer o suficiente para tentar uma fuga, como se seus pés houvessem se fundido com o chão.

Quando Senthil começou a circundar a prisioneira, murmurando palavras mágicas, Nuriya pensou ter ouvido um leve farfalhar atrás de si.

Sou eu, Erik. Não se mexa. Estou quase terminando de afrouxar as cordas!

A pressão da corda áspera no pulso de Nuriya cedeu. Com cuidado mexeu os dedos já completamente gelados, até que começaram a formigar e ela voltou a ter alguma sensação neles. As cordas agora estavam suficientemente frouxas para que, na ocasião oportuna, pudessem ser arrancadas na hora da fuga.

Graças aos deuses, Erik! Você veio com Kieran? O que fizeram com ele?

Senthil o sedou com alguma espécie de veneno. Parece que ele possui algum conhecimento mágico que se pensava não existir mais. Nunca vi uma coisa dessas. Mas fique quieta, ele está olhando para nós!

O vampiro examinou a escuridão atrás de Nuriya e deu instruções numa língua desconhecida que fez com que vultos cobertos por panos escuros saíssem das sombras. Com muito medo de que Erik pudesse ser descoberto, ela soltou um gemido que, naquele exato momento, provocou um sorriso nos lábios de Senthil.

Ele virou-se novamente. Alguém trazia prisioneiros que se deixavam posicionar sem reação nas cinco pontas do pentagrama. Seus guardas tomaram posição atrás deles.

Cantos monótonos preenchiam a sala e Alida ajudou-o a vestir uma capa majestosa de cor púrpura. Ela própria tinha trocado seu traje preto simples por um vestido de veludo vermelho escuro. Quase não se viam mais as marcas feias das mordidas em seu pescoço. Insinuante, a vampira deslizou através do aposento, parou diretamente na frente de Tesfaya e sacou um punhal. Sua ex-companheira a olhava apavorada.

– O que vocês vão fazer?

– Por fim você terá a oportunidade de ajudar o vingador! – Senthil riu. – Imagino que o pobre coitado esteja precisando de um pouco de sangue!

Com certa ternura Alida tomou a mão de Tesfaya e sussurrou:

– Sinto muito! Porque tentou fugir?

– Alida...

– Shhh! Fique quietinha, eu não vou machucá-la! – falou em seu ouvido, e deslizava quase que carinhosamente com a lateral da lâmina sobre os braços nus da prisioneira. – Ainda se lembra do quanto sempre gostamos deste jogo? Um pequeno corte, um pouco de sangue e o metal frio sobre sua pele aveludada...

As palavras pareceram acalmá-la. Seu peito se erguia e abaixava compassadamente, e fechou os olhos relaxada. Enquanto Tesfaya jogava sua cabeça para trás e soltava gemidos de satisfação, Alida lançou um olhar triunfante na direção de Senthil e deu o golpe. Com um movimento rápido, ela

abriu a artéria do antebraço de sua companheira e recolhia em um jarro o sangue que jorrava.

Perplexa, Tesfaya olhava para a grande ferida. Sua boca se abriu como se estivesse em câmera lenta para soltar um grito estridente. Alida saltou para fora do círculo mágico, segurando firmemente o recipiente cheio; ao mesmo tempo, os cinco prisioneiros caíam no chão com a garganta cortada. Nesse momento, Senthil ergueu rapidamente sua espada e com um único giro cortou a cabeça de Tesfaya.

O corpo decapitado desmoronou e o sangue da vampira jorrou no pentagrama, preenchendo os contornos esculpidos no chão de pedra e se misturando com a energia vital de outros sacrifícios ali realizados.

Assim que a forma do símbolo mágico foi completamente preenchida, a cruz de ferro brilhou. Faíscas saltavam como se alguém soltasse fogos de artifício. Passados alguns segundos, o feitiço acabou.

Restava apenas uma sombra impenetrável que vagava aparentemente indecisa sobre o chão, dirigindo-se ora para cá, ora para lá, mas que não conseguia transpor os limites do pentagrama. O que quer que houvesse estado no meio do salão, por fim imergiu com um gemido surdo no chão. Ao ir embora, levou consigo o sangue do sacrifício, e de Tesfaya não restava nada além de um montinho de cinzas. Bem no centro havia um pequeno frasco.

Nuriya, que constatou ter sido testemunha de um ritual demoníaco e tremia de medo, sentiu a respiração quente de Senthil em sua orelha. Ele segurava o frasco de vidro em sua mão.

– Traga o cálice!

Alida apressou-se até o altar para buscar uma vasilha de ouro incrustada com inúmeras pedras preciosas, de aparência muito antiga. Cuidadosamente a encheu com o sangue de Tesfaya e acenou com um gesto majestoso para um guarda, que se aproximou e a seguiu, segurando o cálice com as duas mãos. Senthil retorceu a boca com desdém, como se estivesse irritado com o comportamento dele.

Mas o horror agora explícito no rosto de Nuriya aparentemente o reanimava, pois ele riu:

– Esta bebida mágica amarrará as energias de Kieran, e umas poucas gotas do sangue dele serão suficientes para me tornar senhor de todas as fadas e vampiros. Pois nas minhas artérias correrá o sangue de um semideus, e o vingador passará para a história. Observe atentamente!

O vampiro fez um gesto e as velas enormes que estavam nos candelabros à direita e à esquerda de Kieran se acenderam. Com cuidado, ele pingou o líquido esverdeado do frasco dentro do cálice e o misturou com o sangue de Tesfaya que estava nele. Com um puxão, Alida tirou a capa dos ombros de Kieran, e, chocada, Nuriya viu que ele fora torturado. Seu rosto estava deformado por inúmeras feridas, quase não se via o olho direito, perdido sob um grande inchaço, e o sangue escorria sem parar de feridas profundas que cobriam todo o seu corpo.

Ele não está conseguindo se recuperar!

Depois de ter sido aprisionado, Kieran esteve dopado por apenas um curto período. Mas antes haver conseguido abrir os selos mágicos de suas algemas, os guardas de Senthil tinham voltado e aproveitado a oportunidade para vingar-se brutalmente pela morte de seus companheiros.

Senthil ficou muito furioso quando descobriu que Kieran perdera ainda mais sangue. Em hipótese alguma, o vingador deveria morrer antes da hora!

Por isso ordenou por entre os dentes que o suprissem com sangue, e por via das dúvidas deu-lhe em seguida outra injeção do sedativo. Mas o vilão não percebeu que daquela vez ela não fez efeito. O corpo de Kieran iniciara o processo de autocura, mas o vingador decidiu deixar as feridas superficiais continuarem sangrando, enquanto simulava uma profunda inconsciência.

Com isto ele esperava conseguir chegar perto de Nuriya. Senthil jamais perderia a oportunidade de se deliciar com o seu desespero quando ela visse que possuía em seu poder sua única esperança de salvação.

E pouco depois os sicários realmente o carregaram até a sala do templo para acorrentá-lo lá. A dor de Nuriya, quando viu o seu rosto desfigurado, atingiu Kieran como uma facada. Como ele gostaria de enviar pensamentos tranquilizadores à sua amada, mas em vez disso manteve o olhar fixo, como se não a estivesse vendo.

– Aí você tem o seu vingador. Ele nem mesmo a reconhece!

Até aquele momento, Nuriya nunca havia encontrado um vampiro que mostrasse tão abertamente o seu humor e seus sentimentos como Senthil. Talvez fosse esta a chance pela qual esperara. Talvez Erik conseguisse salvar Kieran se ela conseguisse distraí-lo.

– Até agora sempre pensei que homens preferissem a guerra declarada, e apenas mulheres tivessem uma queda para a alquimia de venenos. – A voz de Nuriya penetrou até o último canto do templo e os vampiros olhavam curiosos para o seu líder. Como ele reagiria a essa ofensa inédita?

Repentinamente Senthil surgiu diante dela.

– O que você está dizendo aí?

Nuriya sorriu friamente:

– Mas talvez você nem seja um homem de verdade...

Ele ficou pálido, ergueu inesperadamente o braço e bateu violentamente em seu rosto. A cabeça de Nuriya voou para trás e ouviu-se um ruído desagradável quando o seu maxilar se estilhaçou.

Em vez de se derreter em lágrimas, como Senthil esperava, ela olhou por um momento para o seu algoz através dos olhos semicerrados. Precisava desse tempo para juntar suas forças. Então se libertou com uma velocidade espantosa de suas cordas.

Ninguém antes havia batido nela. No momento em que o punho dele estilhaçou o seu maxilar, Nuriya perdeu todos os sentimentos. Era como se alguém abrisse uma porta secreta dentro dela e de repente toda a sua magia fosse liberada. Senthil queria matar Kieran e, com a ajuda de seu sangue, conquistar o domínio sobre ela? Jamais!

Feito um relâmpago, aproximou-se dele. Esperava por uma chance. O vampiro poderia ser fisicamente superior, mas jurou que isso não lhe traria

vantagem. Ela não podia avaliar sua magia, mas não iria lhe dar oportunidade para conseguir usá-la. Seus capangas pareciam surpresos demais para tentar interferir. Eles recuaram para as sombras, para lá aguardarem pelas ordens do líder.

Senthil atacou de forma rápida e violenta. Seu punho a atingiu novamente no queixo. Nuriya absorveu a força desse movimento, deu um salto para trás e aproveitou a energia dele para um poderoso contragolpe. Atingido em cheio o vampiro cambaleou para trás, sacudiu-se um pouco atordoado e furioso atacou novamente.

Mas não importava o que fizesse, parecia sempre voltar-se contra ele. Todo golpe, por melhor que fosse, encontrava pouca resistência, mas dava à sua adversária energia suficiente para feri-lo gravemente.

Pelo canto dos olhos, Nuriya observou como Erik nocauteou Alida com um golpe certeiro quando esta tentava impedi-lo de chegar até Kieran. Então se voltou novamente para seu adversário, que exigia sua completa atenção.

Com um sorriso malicioso, Senthil lembrou-se finalmente das armas, sem as quais nunca andava. As duas facas de arremesso voaram em um intervalo de segundos para cima de Nuriya e... erraram o alvo. Com habilidade ela apanhou as lâminas mortais e, antes de Senthil compreender o que estava acontecendo, uma das facas voou rente à sua orelha e a outra se enterrou dolorosamente em seu peito.

Há séculos ele não conhecia mais a sensação do aço liso penetrando através de sua pele. Surpreso, olhou para o corpo estranho. Com uma risada terrível pegou o cabo e deixou o metal cair tilintando no chão.

– Chega de brincadeira!

Senthil pulou sobre o altar e apanhou a espada que estava lá. Nuriya instintivamente ergueu os braços, apesar de saber que não poderia fazer nada contra aquela arma fatal. De repente surgiu em sua mão uma espada aparentemente mágica. Senthil soltou um ruído de espanto e o seu golpe errou o alvo. Ele lançou um rápido olhar para Kieran. Será que ele estava menos enfraquecido do que imaginava e lançara sua poderosa arma para aquela prostituta?

– Isto não a ajudará. Vocês dois morrerão! – resmungou por entre os dentes e atacou novamente.

Nuriya não tinha muita experiência em lutas com espadas, mas ela se esforçava de todas as formas para rechaçar os furiosos ataques. A arma em sua mão era leve e parecia adivinhar todos os movimentos do inimigo. Mas aos poucos as forças de Nuriya estavam acabando e, com uma tentativa desesperada, Senthil conseguiu desarmá-la.

Ele se atirou sobre Nuriya, e dessa vez havia sido tão rápido que conseguiu pegar a fada pela sua vasta cabeleira. Forçou-a, então, a ficar de joelhos diante dele.

– Exatamente a posição em que eu te quero! – ele riu e apertou a cabeça da ninfa entre suas pernas.

Ela tinha subestimado o seu adversário e agora estava ajoelhada naquela posição degradante, sem saber como se libertar. Teve então uma ideia. Mesmo

como mortal ela sabia se defender contra homens abusados. Porque não funcionaria também agora? Ela fechou os olhos por um instante e mordeu com força. Com um grito horrível o vampiro deu um pulo para trás e se curvou de dor.

Mas o seu trinfo não durou muito. Senthil ergueu-se vagarosamente. Ódio e loucura pareciam travar uma luta em suas feições.

Quando a magia do vampiro de dois mil anos de idade tomou conta de Nuriya, ela quase enlouqueceu. Uma onda após outra a derrubava, até que estava deitada quase inconsciente no chão. Seu coração batia loucamente e, aflita, ela tentava se erguer.

Gatinha, eu estou com você!

Kieran! Ela ouvia nitidamente sua voz na sua mente.

Não pergunte nada agora, e faça exatamente o que eu lhe disser! E nem esperou que concordasse. *Você vê as linhas brancas que se cruzam no centro da sala?*

Em pânico Nuriya olhava para o pentagrama. *Não há nada aí!*

Elas estão sob as pedras, olhe bem! Sua voz soava calma e segura.

Mais uma vez Nuriya juntou todas suas forças para resistir aos ataques mágicos de Senthil, enquanto o vampiro se aproximava ameaçadoramente. Então ela conseguiu ver as linhas que estavam aproximadamente a um metro sob o chão. Eram duas cobras que se cruzavam, como se segurassem naquele ponto a cruz de ferro.

Estou vendo! E a esperança parecia unir-se às suas ondas mentais.

Agora abrirei um portal para a linha do dragão, e vou transferir a energia para você. Não reaja!

Imediatamente ela sentiu um fogo envolver seu corpo com pequenas labaredas brancas. Cada labareda era saudada pela pele de Nuriya com um minúsculo relâmpago, até que as forças atingiram tal volume que a fizeram ter medo de explodir.

Você está indo muito bem. Agora precisa atá-las!

Nuriya pensou ver o sorriso de Kieran ao pronunciar tais palavras, e de repente descobriu o que precisava fazer. Começou a modelar as forças da linha do dragão até que formassem uma bola envolta por um fogo-fátuo que dançava loucamente à sua volta, expelindo raios.

Estático, Senthil a observava atentamente. Os acontecimentos se desenrolavam diante de seus olhos como se estivessem em câmera lenta. Parecendo uma deusa da vingança, a fada ergueu o braço e, sem se mover, a luz branca deixou sua mão estendida.

Quando a bola de energia atingiu Senthil, o vampiro, perplexo, olhou por um momento para o buraco em seu peito que se tornava cada vez maior, até devorá-lo completamente antes que pudesse abrir a boca para emitir qualquer grito de dor.

– Atrás de você!

Nuriya, que agora podia novamente se mover, ergueu-se de um salto, virou-se, e viu Alida indo em sua direção com a espada de Senthil. Ela não teve dificuldades para arrancar a arma da mão da atacante, com um chute certeiro. Outro chute fez com que Alida caísse sem vida no chão.

Naquele meio tempo, Kieran havia se soltado de suas amarras. Ele murmurou alguma coisa, e a espada mágica que ainda há pouco estava no chão apareceu em sua mão. Rápido como um raio, decapitou dois dos guardas que pareciam ter despertado novamente. Os demais sicários eram espertos o suficiente para não se envolverem numa luta, e começaram a se retirar o mais discretamente possível.

O vingador ergueu a mão:

– Parem!

Ninguém se moveu.

– Eu sei que a maioria de vocês é jovem e que foram transformados para colaborar com os planos perversos de Senthil. Não vou matá-los, pois vocês só obedeceram a ordens. Mas se algum de vocês tentar boicotar novamente o pacto de Vênus ou se aproximar demais da escolhida, não haverá misericórdia!

Nuriya conseguia ouvir a exaustão na voz de Kieran quando ele finalmente dispensou os ex-seguidores de Senthil:

– E agora sumam!

– E o que faremos com ela?

Erik apontava para Alida que começava a se mexer novamente.

– Deixe-a ir. Por hoje já rolaram muitas cabeças.

O lobisomem observava com raiva como a ajudante de Senthil sumia calada na escuridão junto com os demais sicários sobreviventes. Se dependesse dele, todos teriam se tornado inofensivos. Mas vingança e castigo cabiam a um vingador. O trabalho de Erik estava concluído. Ele acenou com a cabeça para Nuriya e abriu um portal para o mundo intermediário. Os dois conseguiriam se virar muito bem sem sua colaboração.

Quando Kieran finalmente se virou para ela, Nuriya perguntou-se, preocupada, como a história continuaria. Mas o receio de que ele voltasse a ser o vingador frio que havia sido até então foi como que levado pelo vento, quando viu o sorriso caloroso com que ele lhe estendeu a mão e a puxou em seus braços.

– Venha, fadinha! É hora de irmos para casa!

Chegando à mansão de Kieran, na cidade, olharam admirados em volta. Não havia ninguém para recepcioná-los. Kieran achava muito tentadora a ideia de estar a sós com Nuriya, mas quando viu a preocupação em seu rosto, disse:

– Provavelmente já souberam como tudo terminou e estão esperando na casa de vocês. Vamos conferir?

Nuriya estava prestes a concordar aliviada quando viu o bilhete de Donates, escrito com uma letra antiquada: Parabéns! Vamos nos ver amanhã na Festa de Vênus no Hellfire!

Kieran estava um pouco ressentido porque a irmã de Nuriya e mesmo os Winterfelds não perderam tempo em deixar sua casa depois da vitória. Mas um solitário como ele não podia esperar encontrar amigos de uma hora para outra.

Nuriya parecia ter escutado seu pensamento. Depositou sua mão no seu braço e disse sorrindo:

– Acho que ainda nem agradeci pela minha salvação!

Nisso ela se colocou na ponta dos pés para dar-lhe um leve beijo que mal tocou seus lábios. O seu toque abriu a alma de Kieran. Com um gemido, ele puxou a escolhida para si e a beijou tão selvagem e desesperado como alguém que está se afogando tenta com suas últimas forças alcançar a praia. Nas últimas horas, ele percebeu que sua existência sem Nuriya não fazia sentido. Ela era a luz na sua escuridão, sua única esperança de harmonia e felicidade. Era sua alma gêmea e ele só podia rezar para que este maravilhoso ser não o rejeitasse, e sim desse uma chance para seu futuro comum. Para sua grande alegria, ela se encostou bem nele e correspondeu apaixonadamente ao beijo.

Minha amada, por favor me perdoe pelo que fiz!

Não há nada a perdoar! Somos almas gêmeas, já se esqueceu? Sua risada rouca deslizou como veludo sobre a pele sensível do vampiro e soou como uma promessa aos seus ouvidos. Ele envolveu o seu rosto com as duas mãos e olhou fundo nos seus olhos verdes brilhantes.

– Eu te amo! – sussurrou. – Eu te amo desde a primeira vez em que te vi.

Ao pronunciar essas palavras, soube que elas representavam a verdade. Ele não apenas a havia desejado desde o princípio, mas amado – e a cada dia aquele amor crescia. Eles eram almas gêmeas, destinados um ao outro. Ele o sentia em cada fibra de seu corpo. Aquela noite precisava acontecer: o terceiro selo precisava ser quebrado. Não havia mais nada que pudesse impedi-los de executar juntos o ritual. Foi por isso que Donates providenciou para que ficassem sozinhos. Kieran estava agradecido a este amigo esperto pelo seu cuidado.

Ele queria tornar Nuriya sua e amarrar-se para sempre a ela. Se dependesse de seu corpo, tudo se daria naquele exato momento. E as reações de Nuriya a seus beijos lhe davam esperanças de que ela não se oporia.

Mas o ritual era único e ele pretendia tornar cada segundo um acontecimento inesquecível para Nuriya. Por isso ele ergueu subitamente a amada em seus braços e desceu as escadas que levavam ao seu quarto sem interromper o beijo.

– Seu homem das cavernas! Não vá tornar isto um hábito! – protestou Nuriya, rindo enquanto se deixava cair junto com ele sobre a cama.

– Ah! – exclamou depois de outro beijo apaixonado, gozando do calor do corpo de Kieran, que se pressionava firme e dominante contra suas curvas macias. Um corpo que lhe prometia realização sexual, feito apenas para satisfazê-la e realizar seus desejos secretos.

Como se ele adivinhasse seus pensamentos, sua boca se transformou no sorriso insinuante de uma fera, inclinando-se para acariciar seu pescoço e depois a pele macia de seu colo, ao mesmo tempo que desabotoava torturantemente devagar os botões que restavam de seu vestido.

Como era maravilhoso o seu perfume! Ele jurou desfrutar dessa noite até o último bocado daquele verdadeiro manjar dos deuses e nunca mais tocar em outra guloseima, por mais deliciosa que fosse. Ao finalmente ver Nuriya nua diante de si, os cabelos ruivos deslizando como um tapete sedoso sobre os travesseiros e seus avantajados e empinados seios, cheios de desejo, a apontar em sua direção, mal podia crer que estava prestes a tocá-la e a amá-la.

– Você é tão linda! – a voz de Kieran soava áspera de desejo e isso era mais do que Nuriya podia suportar. Ela se atirou sobre o seu amado e destruiu todos os seus planos de uma conquista cuidadosa. Impacientemente, ela puxava sua camisa, até que, rindo, ele a ajudou a tirá-la por cima de seus ombros largos. Minutos depois, foi a vez da calça, que voou para fora da cama, desenhando um grande arco.

Nuriya arregalou surpresa os olhos quando viu sua poderosa ereção, e inesperadamente ela o empurrou com força contra os travesseiros e cedeu ao desejo pulsante de finalmente senti-lo totalmente dentro de si.

Lisonjeado, Kieran gozava da disposição de sua gata selvagem, deslizando profundamente para dentro de seu corpo aveludado. Ele nunca havia se sentido mais em casa que naquele momento. A face de Nuriya ardia e a paixão a tornava ainda mais sedutora, enquanto os movimentos circulares de seus quadris quase o levavam à loucura. Ele estendeu a mão em sua direção para pressionar os pequenos mamilos eretos, mas em vez da esperada distração isso apenas o deixou ainda mais excitado.

Nuriya gemeu quando Kieran começou a acariciar seus fartos seios, que chegavam quase a doer de tão tensos que ficaram ao toque de suas mãos ásperas.

Sentiram como seus corpos se preparavam para um clímax poderoso, e diminuíram o ritmo. O som de decepção que Kieran deixou escapar parecia um rosnar mal sucedido, e Nuriya respondeu a seu olhar de dúvida com um sorriso maroto. Devagar, inclinou-se sobre o vingador para lhe tocar os lábios sensuais, observando fascinada o rápido pulso em seu pescoço. Seus dentes, que já aguardavam doloridos no maxilar para entrar em ação, deslizaram para fora. O aroma salgado da pele de Kieran fez com que sua boca se enchesse de água e, soltando um urro, ela o mordeu para finalmente beber seu precioso sangue.

Sua energia se uniu com a dela quando aquele denso néctar correu por sua garganta. Nuriya não estava preparada para a intensidade do orgasmo, que a derrubou como uma grande onda. Ela gritou e deixou-se levar por um prazer nunca antes sentido.

E com isso aconteceu algo extraordinário. Era como se a última peça de um quebra-cabeças houvesse se encaixado e algo único surgisse. Eles quebraram o último selo e agora estavam unidos por toda a eternidade.

– Oh, Kieran! – sussurrou Nuriya, e piscava como uma gata satisfeita que havia acabado de lamber às escondidas uma grande vasilha de creme.

Isso foi demais para o seu autocontrole. O vingador segurou os seus quadris e a penetrou cada vez mais rápido e mais fundo, até que finalmente gemeu aliviado, e a torrente quente de sua paixão era bombeada para dentro do ventre da ninfa.

Nuriya sentia dentro de si o eco de sua satisfação e observava como, a cada onda de prazer, a tensão em seu rosto diminuía, até que finalmente se deitou imóvel no travesseiro revirado.

– Não se atreva a dormir agora! – provocou, indignada, o amante. – Ei! O que você está pensando? – continuou, sacudindo-o com força.

Vagarosamente Kieran abriu seus olhos e olhou para ela por baixo de seus longos cílios, enquanto um sorriso sensual se formava em seus lábios.

– Você é a criatura mais surpreendente que eu conheci! – murmurou sonolento.

Mas antes que Nuriya pudesse avaliar o que ele queria dizer com isso, Kieran já a havia virado de costas e sussurrava bem perto de seu ouvido:

– Quer dizer que você quer mais? Tome cuidado com o que pede, gatinha. Seu desejo pode se tornar realidade!

Nuriya notou admirada que seu corpo reagia à promessa que pairava junto com essas palavras de advertência com uma intensidade que nunca acreditara ser possível.

Desta vez Kieran a amava de forma quase contemplativa, e, enquanto caminhavam juntos para o clímax, Nuriya pensou o quão maravilhoso seria se naquela noite pudesse conceber um filho seu.

Quando bem mais tarde a fada se aconchegava feliz entre os braços de Kieran, ele passava carinhosamente a mão sobre seus cabelos e desejava que o destino pudesse lhe atender aquele desejo.

– Eu logo soube que os dois se completavam! Sin ficará encantado.

Uma sonora gargalhada acordou os amantes de seu sono, logo nas primeiras horas da manhã.

– Uma coisinha adorável. Deve ser de família. – Nuriya ouviu uma voz masculina grave responder.

– Bajulador! – A mulher soava realmente feliz.

Quando Nuriya ouviu Kieran rosnar a seu lado e percebeu que ele se colocava de forma protetora na sua frente, conscientizou-se de que não estava sonhando. Assustada, abriu os olhos.

Duas pessoas estranhas estavam no meio do quarto e observavam o casal com um sorriso brando. O homem era mais ou menos da altura de Kieran e parecia ser pelo menos tão forte quanto o vingador. Os traços de seu rosto eram de uma perfeição extraterrena, que estranhamente a fazia ficar com medo.

Mas bastou um olhar nos olhos verde-mar de sua acompanhante para despertar em Nuriya a lembrança dolorosa de sua amada mãe. Fadas! Havia fadas ou elfos em seu quarto, ou alguma forma de seres luminosos, e sabe-se lá há quanto tempo!

– Você! – resmungou Kieran quando reconheceu a mulher. – Ela já se decidiu, você não tem mais direitos sobre nós!

Furioso, ele levantou e olhou ameaçadoramente para os intrusos.

– Ah, agora eu sei o que ela viu em você!

A mulher lançou um olhar de cobiça sobre a masculinidade de Kieran. Seu acompanhante resmungou alguma coisa parecida com "na melhor das hipóteses mediano", e a expressão de seu rosto tornou-se visivelmente mais fria.

Nuriya enrolou-se rapidamente no lençol e estava agora em pé ao lado de Kieran.

– Por acaso vocês estavam aqui o tempo todo? E quem são vocês, afinal? – perguntou confusa.

– Esta é sua rainha, querida fadinha! – respondeu o estranho no lugar de Kieran. – E seria bom você se portar de forma mais respeitosa!

– Papo furado! – A rainha estendeu suas mãos para abraçar Nuriya. Sem hesitar, a ninfa atendeu ao convite.

Kieran a segurou e ela não conseguiu se soltar de sua mão forte.

– O que deseja de nós?

Por um breve momento, um lampejo de mau humor passou pelo rosto frio da rainha, mas então ela sorriu:

– Sossegue, vingador! Nós viemos para lhes dar nossa bênção. Demorou muito até que vocês dois finalmente aceitassem seu destino em comum.

O elfo ao seu lado resmungou:

– E isso me custou uma pequena fortuna!

– Você por acaso apostou de novo? – A rainha olhou aborrecida para ele.

– Anvea me deu uma dica certa! – defendeu-se magoado.

– Minha nossa! Você foi acreditar justamente nessa fada infeliz que só faz intrigas? – fungou indignada. – Será que estou rodeada por burros?

– Pare com isso!

Ele pôs as mãos sobre a cabeça como se esperasse encontrar algo além de um par de orelhas pontudas. Aliviado, abaixou a mão e continuou:

– Por quê? O vingador acreditou todo este tempo que essa maldição boba estivesse sobre ele porque sua mulher...

– Basta!

– E ele transformou sua sobr... – apressadamente se corrigiu – a ninfa contra sua vontade!

– Basta, eu disse! – e a fada rainha olhou furiosa para ele. O elfo emudeceu, demonstrando um visível mau humor.

– Lamento interromper essa discussão – interveio Kieran com voz fria – mas creio que você nos deve algumas explicações!

– Ah, quanto a mim não há problema! Se você faz questão. De qualquer forma, uma hora ou outra vocês saberão, já que determinadas pessoas... – e lançou um olhar aniquilador para seu acompanhante – não conseguem controlar a língua.

Ela se sentou majestosamente em uma poltrona que o elfo trouxera apressadamente.

Ela fez sinal para que Kieran e Nuriya se sentassem também, mas eles recusaram.

– Como quiserem! Eu lamento a morte de sua mulher Maire. Ela jamais deveria ter conhecido você, e na verdade foi a ambição da mãe dela que levou a pobre coitada ao suicídio. A mãe não tinha o direito nem o poder para amaldiçoar você, e por isso foi adequadamente castigada.

– Eu era mortal e não tinha noção do meu destino quando casamos – tentou explicar Kieran quando sentiu o olhar interrogativo de Nuriya sobre ele. Ela tomou sua mão e a apertou para tranquilizá-lo.

– Você não precisa me explicar nada. Isto foi em outra vida!

A rainha escorregava um pouco desconcertada de um lado para outro na sua poltrona, o que lhe dava uma aparência estranha, pois sua pele passava

constantemente de seu tom de alabastro para outro verde aveludado, e de novo para a cor de alabastro. Os dois vampiros observavam fascinados o jogo de cores, que lhes parecia como uma troca constante das estações do ano.

– Foi uma época difícil, e não é sem razão que muitas pessoas também a chamam de "era da escuridão". E talvez por isso eu tenha me esquecido de contar a você

– Esquecido? – rosnou Kieran. Mas então se calou quando se conscientizou de que não poderia esperar outras desculpas daquela poderosa fada.

A rainha se levantou.

– Prometi à minha irmã cuidar de suas três filhas. Penso que isso responde à sua pergunta, pois eu precisava ter certeza de que vocês eram de fato almas gêmeas.

Ela ergueu sua mão e disse:

– De mim, você não saberá mais nada, Kieran.

Era a primeira vez que ela pronunciava o seu nome, e o vingador sabia que com isso ela aceitava a sua ligação com sua família real.

– Nuriya, mesmo que tenha decidido viver no reino da escuridão daqui para frente, você e suas irmãs sempre serão bem-vindas em meu reino.

O amuleto de Vênus começou repentinamente a brilhar em suas mãos. Nuriya havia sentido falta dele durante o sequestro e estava feliz por ter de volta a valiosa joia. A fada balançou a cabeça:

– Você não precisa mais disso. Com a ajuda de Kieran, aprenderá rapidamente a dominar suas forças. Este amuleto ficará comigo até que nasça novamente uma ninfa destinada a selar o Pacto de Vênus para nós.

Ela abraçou Nuriya, tremeluziu um pouco e desapareceu.

Você escolheu bem, pequena sobrinha! – suas palavras de despedida ecoavam na mente de Nuriya, e ela, depois que o elfo também desapareceu, após lançar um último olhar hostil para Kieran, que ainda estava nu, deixou-se cair aliviada na cama.

– Você viu, ele está com ciúmes de você! – sorriu e olhou satisfeita para seu amado. – Não posso nem imaginar o porquê! – acrescentou marota e riu feliz ao notar o olhar indignado de Kieran.

– Vou lhe mostrar por que esta beldade tem toda razão de estar com inveja.

Ele deixou-se cair ao lado dela e imediatamente começou a comprovar a sua afirmação.

Kieran ainda estava dormindo quando Nuriya acordou tarde na noite seguinte. Ela aproveitou a oportunidade para estudar o homem deitado ao seu lado sem ser perturbada. Estranhamente seus traços lhe eram familiares, como se já o conhecesse a vida inteira. O que ainda era muito pouco, se comparada à vida dele.

O vampiro estava deitado de costas, completamente relaxado; ele havia colocado um braço por trás da cabeça, e o outro descansava em sinal de posse sobre a coxa de Nuriya. Com cuidado ela afastou sua mão para o lado e ergueu-se para poder observá-lo melhor.

Das feridas profundas que os guardas de Senthil haviam lhe causado só podiam se ver algumas poucas cicatrizes quase invisíveis.

Constatou admirada que ele tinha pés bonitos. Normalmente Nuriya achava pés masculinos feios, mas agora tinha vontade de esticar seus dedos para tocá-los. Será que vampiros tinham cócegas? Ela não sabia ao certo, e por isso resistiu à tentação e, em vez disso, continuou sua contemplação. As pernas de Kieran eram longas e musculosas, as articulações fortes, sem parecerem poderosas demais. Seu corpo era de uma perfeição que um mortal jamais alcançaria. Pensou nos homens na academia que frequentou por algum tempo. Ela nunca entendeu o que poderia ser atraente naquelas montanhas de músculos. Kieran, por sua vez, irradiava poder, charme, inteligência, mas ao mesmo tempo força e determinação. Sua masculinidade imponente era muito natural e tudo nele, desde a voz grave até cada um de seus movimentos sensuais, era como uma promessa erótica.

– Vou precisar cuidar muito de você! – sussurrou. As pálpebras de Kieran tremeram e Nuriya desejou ter um pouco mais de tempo para absorver cada detalhe e gravá-los para sempre em sua alma.

Ele lhe fez este favor, como se desejasse realmente agradá-la: suspirou dormindo e continuou a respirar calmamente. Nuriya estava feliz porque as descrições de vampiros de seus livros não estavam corretas, e ao menos este aqui não ficaria deitado ao seu lado durante o dia, frio como se estivesse morto. Felizmente parecia também não fazer questão de caixões.

Deslizou o olhar sobre seu rosto, analisou os ossos salientes de sua face, os olhos afastados com os cílios escuros inacreditavelmente longos e o cabelo preto espesso. Seu nariz não era totalmente reto e a covinha, que ela havia descoberto quando ontem o viu rir livremente pela primeira vez, geralmente não era considerada muito masculina. O rosto não era perfeito como o do elfo misterioso, mas era exatamente essa falta de perfeição que o tornava tão irresistível à maioria dos seres que o viam. Isso caso não fugissem em pânico ao se depararem com a visão sinistra de mercúrio borbulhante que rodeava suas pupilas extremamente pretas. Sem sombra de dúvidas, Kieran era um dos guerreiros mais temidos do conselho, mas provavelmente ninguém o havia visto dormir assim tão tranquilo como ela. Ele tinha aparência de cansado e ela não se lembrava quando fora a última vez que Kieran tomou sangue, não considerando os poucos goles da última noite.

Com o máximo cuidado, ela retirou uma embalagem de sangue da geladeira ao lado de sua cama, abriu e primeiro ela mesma tomou um grande gole. Era espantosa a rapidez com que tinha se acostumado a essa forma de alimentação. E se refletisse um pouco, beber sangue da forma como eles o faziam não era mais repugnante do que um filé suculento na frigideira. Pelo menos seus doadores normalmente sobreviviam, e sentiam-se até mesmo bem animados.

Então teve uma ideia, e com um sorriso travesso deixou pingar algumas gotas de sangue sobre a barriga dele, para imediatamente lambê-las.

Kieran havia observado curioso a inspeção de Nuriya através de olhos semicerrados. Seu sorriso malicioso não lhe passara despercebido e aguardava ansioso o que ela pretendia fazer. Quando de repente sentiu sua língua atrevida em sua barriga precisou invocar todo o autocontrole de um vingador para

esconder qualquer reação delatora de seu corpo. Isso foi se tornando cada vez mais difícil e um leve tremor de sua barriga anunciou uma gargalhada que o sacudiu tanto que não lhe restou opção a não ser abrir mão de seu disfarce.

Ele esticou a mão, o ar vibrou por um instante, mas Kieran pegou o vazio. Quase no mesmo momento a cabeça de Nuriya apareceu na porta do banheiro e sorriu:

– Venha, preguiçoso! Já é tarde. Estão esperando por nós!

Por um instante Kieran se deixou cair de volta no travesseiro.

– Que furacão! – riu baixinho. Normalmente seus conhecidos evitavam cruzar o seu caminho logo depois dele ter acordado. Ele era tudo, menos um tipo matutino, ou melhor noturno. Mas conseguiria se acostumar ao método de despertar de Nuriya. Um pouco depois foram juntos para debaixo do chuveiro e não se esforçou mais em esconder seu desejo.

– Que tipo de energia era aquela sob o castelo de Senthil? – perguntou Nuriya a caminho do Clube Hellfire.

– Lá se cruzavam as chamadas linhas do dragão. Fluxos de energia que envolvem o universo como uma teia. Alguns mortais conseguem senti-las e frequentemente constroem seus templos ou igrejas sobre um desses cruzamentos.

– E porque Senthil não aproveitou essa energia?

– Porque não podia. Provavelmente ele nem conseguia senti-la, quanto mais vê-la. Somente filhos da mãe terra, vocês fadas por exemplo, são capazes disso. Entretanto só poucos conseguem aproveitar e dominar essa energia sem sofrer algum dano.

– Você as viu.

Isso foi uma constatação.

– Você quer saber todos os detalhes, né? Para ser sincero, não sei por que consigo ver as linhas do dragão, mas já conseguia vê-las quando criança. Levei um susto enorme quando um dia tentei tocar a luz e ela passou por dentro de mim. Mas essa habilidade não me ajuda em nada porque, apesar de eu conseguir conduzi-la, não consigo atá-la.

– E como você sabia que eu conseguia?

– Descobri isso por acaso. Você se lembra do nosso passeio à minha terra natal?

– O carvalho? – Nuriya corou um pouco ao se lembrar da espontaneidade com que viveu seu desejo naquela ocasião.

Eu gostei! A voz de Kieran era como um toque suave em suas lembranças. Continuou em voz alta:

– Exatamente! Algumas plantas se desenvolvem especialmente bem sobre essas linhas energéticas. A linha sob a árvore era muito pequena, e eu quase não a enxerguei. Mas quando você se encostou nela, começou a crescer e, sem saber, você incorporou energias dela. – Kieran riu – Foi um belo formigamento, acredite! Veja lá do outro lado! Consegue ver a linha do dragão que passa sob a igreja?

– Ah, seu canalha! Estou vendo que você só quer repetir a dose agora mesmo.

Ele parou para beijá-la.

– E você não? – sussurrou em seu ouvido.

– Aqui? – Nuriya começou a gostar da ideia.

Kieran olhou em volta. Em todos os lugares, pessoas se deslocavam, e um cinema acabara de abrir as portas para deixar sair os frequentadores de uma sessão noturna.

– Ah, não, melhor não. Venha, estamos sendo aguardados!

No Hellfire, eles foram imediatamente rodeados por seus amigos. Selena se atirou no pescoço de sua irmã.

– Erik me contou tudo. Estou tão feliz que vocês conseguiram escapar! – Então abaixou a voz e resmungou:

– E então? Vocês estão juntos agora?

Nuriya prometeu baixinho lhe contar todos os detalhes mais tarde, e acenou alegre para os demais, que conversavam animadamente. Ela ouviu Kieran rir. Tudo parecia tão normal que ela se questionava se havia apenas sonhado sua terrível aventura.

Nuriya, está tudo bem?

Eu te amo!

Seus olhares se encontraram e o seu sorriso aqueceu sua alma.

Fim !

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=122800260

ESTE LIVRO É UMA DIGITALIZAÇÃO FEITA DE LEITOR PARA LEITOR.

NÃO POSSUI FINS LUCRATIVOS.

Prestigie o autor comprando o livro ;)